

JEFF LINDSAY



**DEXTER  
ESTÁ MORTO**

O ÚLTIMO  
ROMANCE DO  
PERSONAGEM  
QUE INSPIROU  
A SÉRIE NA TV

 Planeta

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**DEXTER**  
**ESTÁ MORTO**



JEFF LINDSAY

DEXTER  
ESTÁ MORTO

*Tradução*  
Cassius Medauar



Copyright © Jeff Lindsay, 2015  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015  
Todos os direitos reservados.  
TÍTULO ORIGINAL: *Dexter is dead*

PREPARAÇÃO: Magno Paganelli  
REVISÃO: Paula Nogueira e Maurício Katayama  
DIAGRAMAÇÃO: Maurélio Barbosa | designioseditoriais.com.br  
CAPA: Adaptada do projeto gráfico original  
IMAGENS DE CAPA: WithayaP/Shutterstock, Jamen Percy/Shutterstock,  
Schab/Shutterstock, Tsurukame Design/Shutterstock  
ADAPTAÇÃO PARA EBOOK: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ 2015

L721d

Lindsay, Jeff

Dexter está morto / Jeff Lindsay ; [tradução Cassius Medauar]. - 1. ed. -  
São Paulo : Planeta, 2015.

Tradução de: Dexter is dead

ISBN 978-85-422-0599-2

I. Ficção americana. I. Medauar, Cassius. II. Título.

15-26551

CDD: 813

CDU:

821.111(73)-3

2015

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21<sup>o</sup> andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-100 – São Paulo – SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

## *Dedicatória*

Este livro é dedicado aos Dex-heads — todas as pessoas do mundo que arrumaram um lugar em seus corações para o “meu monstro” e, dessa maneira, me fizeram sentir especial por alguns anos. Isso nunca teria acontecido sem vocês. Obrigado.

É dedicado também a estes três espíritos especiais: Ursinho, Porquinho e Fadinha, que são minha razão de viver (e envelhecer).

E, acima de tudo, à Hilary, que é tudo para mim.

## SUMÁRIO

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

## AGRADECIMENTOS



Gostaria de agradecer a Samantha Steinberg por sua ajuda constante. Ela proveu informações valiosas e alguma inspiração genuína da vida real para alguns momentos narrativos neste livro. Ela também me colocou no Centro Correccional Turner Guilford Knight de um jeito *bom*.

No Centro Correccional, estou em débito com a capitã Richardson, que conseguiu abrir espaços em sua agitada agenda para falar comigo, responder minhas perguntas e sugerir coisas que eu deveria ver. O sargento Faure também foi generoso com seu tempo e conhecimento. E ao oficial Rondon, que me guiou pelo lugar, um agradecimento especial. Ele foi incrivelmente útil, sério e completamente profissional. Sem a ajuda dessas pessoas, eu não poderia ter escrito o que escrevi. Eles são pessoas muito boas, que fazem um trabalho muito difícil e o fazem bem.

Meus agradecimentos também a Alexander J. Perkins, do escritório de advocacia Perkins Law Offices de Miami, que me ajudou com algumas questões legais neste livro, e a Julius por seus conselhos sobre música, guerra e conceitos zen.

Minha gratidão também ao meu editor, Jason Kaufman, por impulsionar a coisa toda...

... e ao meu agente e amigo, Nick Ellison, que fez tudo acontecer. Obrigado, São Nick

## CAPÍTULO 1



### **NÃO ERA PRA ACONTECER ASSIM.**

Um lampejo de aço, seguido de uma enxurrada de tiros, um coro de gemidos estrangulados e suspiros angustiados, misturando-se com o lamento distante de sirenes. Esse seria um final dramático apropriado, com uma boa contagem de corpos, uma luta fútil contra a desgraça iminente, até mesmo com uma pitada de traição, absolutamente. E então o golpe fatal, uns poucos momentos de angústia, um último suspiro cheio de remorso por coisas inacabadas e, corta! Esse seria um final apropriado para uma vida de prazer perverso.

Mas não foi assim.

Não com Dexter em Durance, terrivelmente errado, caluniado, acusado injustamente de fazer coisas terríveis que ele nem sequer teve a chance de fazer. Não *desta* vez, pelo menos. *Esta* vez, esta catastrófica vez, com homicídios múltiplos, Dexter é tão inocente quanto a mais pura neve — talvez como a areia de South Beach fosse uma metáfora melhor. Embora, verdade seja dita, nada em South Beach é inocente, não mais do que Dexter, cujo catálogo de obras ímpias lunáticas é, para ser justo, bastante extenso. Ele só não inclui qualquer coisa de eventos atuais, uma pena. Não *desta* vez.

E não desse jeito. Não trancado em uma pequena e fétida cela no Centro Correccional Turner Guilford Knight — e no piso superior desse lugar, o purgatório especial reservado para os monstros mais hediondos e impenitentes. Todas as liberdades primárias arrancadas. Cada momento, acordando e dormindo, sob o controle. Todo o mundo de Dexter reduzido a essa pequena cela, não mais do que uma porta de aço espessa e paredes de blocos de concreto ainda mais espessas, interrompidas apenas por uma fenda fina que permite a entrada

de luz, mas não dá nenhuma vista. Uma estreita prateleira de metal com uma coisa fina e surrada sobre ela, sarcasticamente chamada de “cama”. Uma pia, uma privada, uma prateleira. O Mundo de Dexter.

E não mais que isso, nenhuma conexão com o exterior além do pequeno espaço da porta que entrega refeições “oficialmente nutritivas”. Sem internet, sem televisão, sem rádio, nada que possa distraí-lo da contemplação de tantos pecados não cometidos – claro que eu podia solicitar material de leitura, mas descobri, por meio de uma experiência amarga, que os livros mais populares da biblioteca são os “não permitido” e os “não tem”.

Deplorável, lamentável e até mesmo lastimável. Pobre e triste Dexter, jogado na estéril pilha da sucata institucional.

Porém, claro, quem poderia ter compaixão por um monstro como eu? Ou como todos nós devemos dizer nestes dias de consciência alimentados por ações judiciais, *suposto* monstro. E eles supuseram isso. Os policiais, os tribunais, o próprio sistema correcional e minha querida irmã, Deborah. Até mesmo eu, se pressionado, vou supor que eu sou, de fato, um monstro. E de fato, sem nenhuma suposição, fugi do local onde estava o corpo assassinado de Jackie Forrest, famosa atriz e coincidentemente conhecida por ser minha amante. Fui então descoberto *in flagrante sangue*, com os corpos da minha esposa, Rita, e de Robert, o famoso ator, para não mencionar a muito viva Astor, mas com pouca roupa, minha enteada de 12 anos. Foi ela quem matou o “famoso ator” Robert Chase, que a vestiu com uma lingerie e, em seguida, matou Rita. Pobre trapalhão que eu sou. Falhei ao tentar fazer as coisas direito e acabei despencando no profundo, escuro e possivelmente permanente poço sem fim do errado — e quase me tornei a próxima vítima de Robert.

Minha história é simples, direta e indiscutível. Descobri que Robert era um pedófilo e tinha pegado Astor. Enquanto o procurava, ele matou Jackie. E, como uma última ironia, fechando com chave de ouro, Rita — minha impotente, infeliz e incorrigível Rita, Rainha dos Monólogos Desmiolados, querida e boba Rita, que não conseguia encontrar suas próprias chaves do carro mesmo se elas estivessem soldadas em seu punho — o encontrou primeiro que eu. E foi em meio à nossa briga, enquanto ele me batia e planejava uma fuga romântica com seu verdadeiro amor, Astor, que Robert acabou acertando um golpe na cabeça de Rita que a matou. Astor, enquanto eu estava caído e sem esperanças, enfiou uma

faca em Robert e me libertou, terminando assim com essa aventura louca do Demente Dexter, Extraordinário Trapalhão.

Se existe mesmo um Deus, o que é, para dizer o mínimo, extremamente passível de debate, ele tem um terrível senso de humor. Porque o detetive encarregado de decifrar a carnificina era o detetive Anderson, um homem que viveu sua vida sem fazer amizade com a inteligência, a sagacidade ou a competência. E, possivelmente, porque eu sou muito generosamente dotado de todos os três, e, adicionalmente, porque ele sabia que eu era íntimo da srta. Forrest — uma coisa que ele só poderia babar e sonhar a respeito —, é que o detetive Anderson me odiava em absoluto e com toda a certeza. Detesta, despreza, repugna e abomina o ar que eu respiro. E assim minha história simples e rapidamente se tornou um *álibi*, que nunca é uma coisa boa. E ainda mais rápido, deixei de estar sob suspeita para me tornar um suspeito, e então... detetive Anderson deu uma rápida olhada na cena do crime e formou uma simples conclusão, sem dúvida, o único tipo que ele *consegue* formar. “Aha!”, disse ele, “Dexter é o culpado”. “A justiça está feita.” Ou algo provavelmente muito mais simples e menos elegante, mas que acabou resultando em minha promoção de suspeito a perpetrador.

E eu, ainda me recuperando da morte de Jackie, da minha passagem para uma vida nova e melhor, da morte de Rita e seu livro de deliciosas receitas, da visão de Astor com uma lingerie de seda e da destruição de toda a ordem e da segurança que eram o Mundo de Dexter, passado, presente e futuro, encontro-me algemado com as mãos atrás das costas e acorrentado ao chão de um carro-patrolha, o que me leva ao Centro Correcional Turner Guilford Knight.

Sem uma palavra gentil ou um olhar simpático de alguém, sou conduzido, ainda envolto com correntes de aço frio, para dentro do edifício enorme de concreto enfeitado com arame farpado, e para um lugar que poderia ser a espera da estação de metrô com destino ao inferno. A sala está cheia a ponto de transbordar com personagens desesperados: assassinos, estupradores e bandidos, ou seja, o meu tipo de pessoa! Mas não tive nenhum momento para me sentar e conversar com os meus colegas e supostos monstros, sem chance para “ei, cara, como está?”. Em vez disso, sou empurrado direto para a sala ao lado, onde sou fotografado, tiram minhas impressões digitais, despojado, e ganho um lindo macacão laranja. É folgado, como pede a moda, e na cor vibrante da primavera.

O aroma, no entanto, tem uma mensagem menos alegre, florescendo em algum lugar entre inseticidas e essência de limão de alguma velha lavanderia chinesa. Mas não tenho nenhuma escolha de cor, nem de odor, então uso com orgulho o laranja, que, afinal, é uma das cores da marca registrada de minha *alma mater*, a Universidade de Miami.

E então, ainda enfeitado com algemas, sou trazido aqui, para meu novo lar, o nono andar, e depositado sem cerimônia em meu presente recanto arrumado.

E aqui estou no TGK. A casa de ópera, o teatro de espetáculos, o salão nobre. Um pequeno dente na gigantesca engrenagem correcional, que em si é apenas uma pequena peça da máquina enorme e friamente incompetente que é a Justiça. Dexter agora está sendo reformado. O que é, eu me pergunto, que eles esperam reformar? Sou o que sou, irremediável, irreparável, implacável — bem como a maioria dos meus colegas facínoras aqui no nono andar. Somos monstros, marcados desde o nascimento com desejos proibidos, e esse tipo de gente não pode ser mais corrigida assim como não se pode “corrigir” a necessidade de respirar. Pássaros têm de piar, peixes têm de nadar e Dexter tem de encontrar e esquarterar os maléficos e escorregadios predadores. Embora isso possa parecer tão incorreto, é irreversível.

Mas estou no sistema reformatório agora, sujeito a seus caprichos de horário e dureza institucional. Não sou mais do que um erro incorrigível esperando para ser corrigido, enquanto os formulários são preenchidos, arquivados e esquecidos. Entretanto isso pode demorar bastante tempo. Entre parênteses, *parece* que está levando um bom tempo. Há algum pequeno pedaço de conhecimento jurídico chacoalhando ao redor do meu pobre cérebro atrofiado, que murmura algo a respeito de julgamento célere — e eu ainda nem fui indiciado. Certeza de que isso não é irregular? Porém, não me foi oferecida nenhuma companhia além dos meus guardas, e eles não são muito falantes. Também não tenho a menor oportunidade de encontrar alguém que possa responder às minhas polidas questões a respeito do processo. Então sou forçado a confiar no sistema, que eu sei muito bem que não é confiável.

E nesse meio tempo? Eu espero.

A vida é, no mínimo, simples e ordinária. Sou acordado às 4h30 da manhã por um animado sino. Logo depois, o espaço na minha porta da cela, selado por uma aba de aço que é mantida fechada por uma mola muito forte, abre com

relutância e minha bandeja de café da manhã me chega através da língua de metal. Ah, iguarias deliciosas! Cereal institucional, torradas, café, suco. Quase comestível, e tem perto do suficiente! Que bênção.

O almoço é entregue da mesma forma, às 10h30. É um ato ainda maior de abnegação *gourmet*: um sanduíche contendo uma substância parecida com queijo, cuidadosamente escondida sob um pedaço de material verde suave e macio que claramente é alface sintética reciclada. Ladeando esse banquete, na bandeja, uma limonada, uma maçã e um biscoito.

De tarde, sob o olhar atento de meu carcereiro, Lazlo, permitem que eu tenha uma hora solitária de exercícios no pátio. Não é realmente um pátio; não há árvores, nenhuma grama, não há cadeiras ou brinquedos. É, na verdade, um piso de concreto em forma de cunha cuja única virtude é ser a céu aberto e conter uma cesta de basquete sem rede. Claro que nessa época do ano está sempre chovendo à tarde, então até mesmo essa pequena beneficência é um pouco de dois gumes. Eu também descobri que, uma vez que esteja no pátio, tenho que ficar lá por toda a hora, ou voltar à minha cela. Aprendi a curtir a chuva. E, todo molhado, eu volto para a minha cela. Jantar às 17h. Luzes se apagam às 22h. Uma vida simples de confortos modestos. Até agora, as grandes recompensas colhidas da solidão e da simplicidade, como prometido por Thoreau, não vieram, mas talvez vão surgir com o tempo. E tempo é a única coisa que eu tenho em abundância.

Dez dias na cadeia. Eu espero. Para um homem menor, o feitiço infinito do nada opressivo pode parecer sufocante, até mesmo destruidor da alma. Mas, claro, Dexter não tem alma. E então eu encontro um grande negócio para fazer. Conto os blocos de concreto da minha parede. Arrumo minha pasta de dente. Tento jogos mentais de xadrez e quando eu não lembro onde as peças estão, mudo para damas e, em seguida, quando isso falha, baralho. Sempre ganho.

Eu passeio pela minha cela. É grande o bastante para permitir quase dois passos inteiros. Quando me canso disso, faço flexões. Faço um pouco de tai chi, batendo meus punhos nas paredes a cada movimento.

E eu espero. De minha leitura ampla, eu sei que o maior perigo de encarceramento solitário é a tentação de sucumbir ao peso terrível do tédio, afundar na felicidade livre de estresse de insanidade. Eu sei que se isso acontecer comigo nunca vou sair, nunca mais retomarei a minha vida normal, segura e

saudável de feliz escravo do salário de dia e ainda mais feliz de cavaleiro da faca de noite. Preciso me segurar, manter um controle firme sobre o que se passa por sanidade neste vale de lágrimas, focar na crença absurda e sem fundamento de que a inocência ainda conta para alguma coisa e eu sou verdadeiramente inocente... falando relativamente. *Neste* caso, pelo menos.

Tenho uma noção, baseado na minha vasta experiência com aquela velha vagabunda chamada Justiça, de que a verdadeira inocência tem quase tanta influência sobre o meu destino quanto a lista de titulares do Miami Marlins. Mas eu me agarro à esperança de qualquer maneira, porque qualquer outra coisa é impensável. Como posso enfrentar mais uma hora sequer disso se eu não acreditar que, eventualmente, vai acabar — comigo do lado de fora? Até mesmo o simples pensamento de intermináveis sanduíches de algo parecido com queijo não me conforta. Devo acreditar, cegamente, injustificadamente, mesmo estupidamente, que um dia a verdade vai aparecer, a justiça prevalecerá e Dexter estará livre para correr rindo pelo pôr do sol. E, claro, sorrindo para o luar, deslizando suavemente através da escuridão de veludo com uma faca e uma necessidade...

Eu tremo. Não devo colocar o carro na frente dos bois. Devo evitar esses pensamentos, fantasias de liberdade que roubem o meu foco do presente momento e o que fazer a respeito disso. Preciso ficar aqui mentalmente, bem como fisicamente, bem aqui na minha pequena cela confortável, e me concentrar em sair.

Uma vez mais vasculho minha contabilidade mental e somos os números borrados e incertos. Por um lado, eu sou realmente inocente. Não fiz nada. Nem mesmo uma parte. Não eu.

Por outro lado, parece que eu fiz tudo.

E, pior ainda, toda a força policial de Miami gostaria de ver alguém como eu condenado por esses crimes. Eles prometeram publicamente proteger nossos dois atores famosos, e falharam ainda mais publicamente. E se o assassino for alguém plausível infiltrado — eu, de novo — eles não ficam tão mal. Portanto, se o oficial encarregado está disposto a distorcer as coisas um pouco, ele quase certamente o fará.

Pior ainda: o detetive Anderson está no comando da operação. E ele não vai apenas distorcer as coisas; ele vai destroçá-las, martelá-las na forma que ele

quer, e servi-las no testemunho sob juramento. Ele, na verdade, já fez isso, e devo dizer que a legião de lindos cortes de cabelo, que é a mídia, está comprando tudo aquilo, pela razão de que é *simples*, tanto quanto poderia ser, que é possivelmente ainda mais simples do que Anderson, um pensamento capaz de induzir estremecimento. Eles se lançaram para agarrar a minha culpa com os punhos gananciosos, e a foto do Dexter preso, de acordo com Lazlo, tem enfeitado as primeiras páginas e adornado o noticiário da noite por mais de uma semana. A imagem me mostra envolto em algemas, cabeça baixa, rosto em uma máscara de indiferença atordoada, e devo dizer que pareço extremamente culpado, até mesmo para mim. E eu não preciso salientar que, ao contrário dos clichês morais, aparências não enganam, não na presente era de certeza instantânea. Sou culpado porque pareço culpado. E pareço assim porque o detetive Anderson assim o deseja.

Anderson me quer morto, o bastante para cometer perjúrio alegremente apenas para me levar a metade do caminho até aqui. Mesmo se ele não me detestasse, faria isso porque tem um ódio profissional pela minha irmã, sargento Deborah, que ele vê, com toda a razão, como uma rival, já que é quem deve, eventualmente, superá-lo por uma margem considerável. Mas se o irmão dela — *c'est moi!* — for um assassino condenado, isso quase certamente inviabilizaria a poderosa ascensão do plano de carreira da Deb, e, conseqüentemente, avançaria com a dele.

Faço as contas. De um lado: Anderson, toda a força policial, a mídia, e provavelmente o próprio papa.

Do outro lado, minha inocência.

Isso não dá uma soma muito encorajadora.

Porém é certo que há mais. Certamente nunca poderia terminar dessa forma. Em algum lugar, de alguma forma, não é absolutamente essencial para os diretores imutáveis do equilíbrio, justiça e saúde financeira que uma pequena carta na manga, porém poderosa, exista? Não é verdade que alguma força desconhecida, mas potente, vai surgir e acertar as coisas? De alguma forma, em algum lugar, não há *nada*?

Há, sim.

Desconhecida pelas forças do mal e da indiferença, que moem as esperanças de maneira tão violenta e eficiente, há uma força igual e em

oposição que, mesmo agora, vai conseguir reunir todo o seu potencial para produzir um poderoso raio da verdade que irá derrubar toda a podridão e libertar Dexter.

Deborah. Minha irmã.

Ela virá e me salvará. Ela *precisa* fazer isso.

Este, devo confessar, é o meu primeiro pensamento feliz. Deborah é minha esperança vã, o pequeno raio de sol escorrendo para a noite escura e triste da detenção de Dexter. Deborah virá. Precisa vir. E vai me ajudar, sou o único parente dela que está vivo, o último dos Morgans. Juntos vamos encontrar um jeito de provar minha inocência e me tirar dessa, desse confinamento que esmaga a minha alma. Ela vai chegar como os ventos de abril abrindo as portas. Deborah virá e acabará com a Vila do Confinamento de Dexter. Ponha de lado, por um momento, em sua memória, as últimas palavras de Deborah para mim. Palavras que estavam longe de me apoiar, e que alguns poderiam dizer serem bem conclusivas e definitivas. Elas foram ditas no calor de um momento desagradável e não eram para ser consideradas em nenhum sentido permanente. Em vez delas, lembre-se dos profundos e permanentes laços de família que nos unem imutavelmente. Deborah virá.

O fato de ela não ter vindo até agora, de não ter se comunicado comigo, não deve me incomodar. É quase certamente um movimento estratégico, criando uma aparência de indiferença para acalmar os nossos inimigos em complacência. Quando for a hora certa, ela virá, não posso duvidar disso. Claro que ela virá, é minha irmã. Isso implica que sou seu irmão, e isso é exatamente o tipo de coisa que alguém faz pela família. Eu faria isso por ela, de bom grado e até mesmo alegremente, e eu sei que é um fato escrito em pedra que ela fará isso por mim. Sem sequer um momento de dúvida, eu sei disso. Deborah virá.

Eventualmente. Mais cedo ou mais tarde. Quero dizer, onde ela *está*?

Os dias passam e se tornam inevitáveis semanas — duas agora — e ela ainda não veio. Ela ainda não telefonou, nem escreveu. Nenhuma mensagem secreta escrita em manteiga e colocada no meu sanduíche. Nada mesmo, e ainda estou aqui, na minha cela ultrassegura, meu pequeno reino de solidão. Leio, pondero e me exercito. E o que eu exercito mais é o meu muito justificado senso saudável de amargura. Cadê a Deborah? Onde está a Justiça? Ambas são tão elusivas quanto o conceito do homem honesto de Diógenes. Pondero que eu,

acima de tudo, devia ter uma reduzida esperança de uma verdadeira Justiça — que, se me libertar como deveria, fará claramente uma injustiça ultrajante deixando-me solto para retomar meu amado passatempo. É irônico, como muito da minha presente circunstância.

Mas das muitas ironias em meus presentes e desagradáveis contratempos, talvez a pior de todas é que eu, Dexter, o monstro, Dexter, o definitivo estranho, Dexter, o inumano, também estou reduzido ao extremo do último lamento humano:

Por que eu?

## CAPÍTULO 2



**OS DIAS SE SUCEDEM SEM DISTINÇÃO. A ROTINA MAÇANTE CAMINHA** pensosamente na sequência da rotina maçante. Nada, em resumo, acontece que já não tenha acontecido ontem e anteontem, e com certeza acontecerá de novo no dia seguinte, e no próximo, e no próximo, *ad infinitum*. Sem visitantes, sem correspondência, sem ligações, nenhum sinal de que Dexter ainda tem qualquer tipo de existência fora de um presente desagradável, interminável e imutável.

E, ainda assim, tenho esperança. Isso não pode continuar eternamente, pode? Algo deve acontecer algum dia. Não é possível que eu deveria ser um elemento permanente aqui, no nono andar do TGK, sempre repetindo os mesmos pequenos rituais sem sentido de rotina. Alguém vai perceber que uma monstruosa injustiça foi cometida, e a máquina irá me cuspir. Ou talvez o próprio Anderson, tomado pela vergonha, vai realizar um *mea culpa* público e me libertar. Claro que é mais fácil eu conseguir passar pelas paredes de concreto com minha escova de dentes, mas com certeza deve haver *alguma coisa*. E se nada mais funcionar, mais cedo ou mais tarde, em algum dia brilhante, Deborah virá.

Claro que virá. Mantenho essa certeza na minha mente, colocando na minha cabeça a condição de Verdade Eterna e Imutável, algo tão certo quanto a Lei da Gravidade. Deborah virá. Nesse meio tempo, ao menos me consola saber que TGK não é uma prisão. É apenas um centro de detenção, direcionado para abrigar temporariamente os provisoriamente ímpios até que sejam promovidos em definitivo a inimigos da sociedade. Não podem me manter aqui para sempre.

Menciono isso de passagem para o meu carcereiro, Lazlo, conforme ele me acompanha ao meu tempo diário de sentar no pátio e desfrutar da chuva. Digo

que não podem me manter aqui para sempre. Lazlo ri, não com crueldade, devo dizer, mas com certa ironia, um divertimento institucional.

— O cara na cela perto de você? — ele diz. — Sabe quem ele é?

— Não nos conhecemos ainda — admito. Na verdade, não vi nenhum dos ocupantes das outras celas.

— Você se lembra, acho que foi em 1983? — Lazlo diz.

— Não muito — respondo.

— Um cara que levou seu carro até um shopping e abriu fogo com uma arma automática? Matou 14 pessoas — ele diz.

Eu me lembro disso. Todo mundo em Miami, não importa a idade, lembra.

— Lembro.

Lazlo acenou com a cabeça para a cela perto de mim.

— É ele — diz. — Ainda esperando o julgamento.

Pisco.

— Oh — digo. — Podem fazer isso comigo?

— Parece que sim — ele dá de ombros.

— Como?

— É tudo política — diz ele. — As pessoas certas pressionadas no lugar certo e... — ele faz um gesto meio italiano de “o que se pode fazer”, que tenho certeza já ter visto em algum episódio de *Família Soprano*.

— Acho que preciso do meu advogado — digo a ele.

Ele balança a cabeça com tristeza.

— Eu me aposento em um ano e meio — ele diz. E com essa falácia lógica de um *non sequitur* aparente, nossa conversa acaba e eu sou mais uma vez colocado com firmeza na minha cela.

E conforme eu arrumava mais uma vez a minha escova de dentes, reconsiderarei: talvez possam *mesmo* me manter aqui para sempre. Isso evitaria todo o incômodo, o inconveniente e também os custos de um julgamento, que, por sua vez, viria com o risco de liberdade para Dexter. Isso seria certamente a solução mais arrumada para Anderson e para o departamento. E mais tarde, quando me sento na parte da tarde sob a chuva mais uma vez, eu pondero. Para sempre parece ser um tempo muito longo.

Porém tudo deve terminar, até mesmo a eternidade. E em um ótimo dia institucional cinza, indistinguível de todos os outros, minha interminável rotina

acaba também.

Conforme eu me sento em minha cela, alfabetizando minha barra de sabão, ouço os sons metálicos da abertura da minha porta. Olho para cima, são 11h34 da manhã, muito cedo para minha chuveirada natural no pátio. Isso faz com que este seja um evento único, e meu pequeno coração ansioso dá pancadinhas de ansiedade. O que pode ser? Certamente deve ser um indulto, um salvo conduto de último minuto do governador — ou talvez seja, finalmente, a Deborah em triunfo segurando meus documentos de liberação.

O tempo desacelera; a porta balança para dentro em um ritmo preguiçoso que desafia a possibilidade, até que por fim para na posição aberta por completo revelando-me Lazlo.

— Seu advogado está aqui — ele diz.

Isso me dá uma pausa. Não sabia que tinha um advogado, o que é bom para ele, já que eu o processaria por negligência. E eu certamente não tive a chance de obter um, também. Será que o meu pequeno comentário para Lazlo causou a ele um incômodo grande o bastante a respeito da injustiça da Justiça que *ele* arranjou isso?

Lazlo não me dá nenhuma indicação e nenhuma chance para perguntar.

— Venha — diz ele, e eu não preciso de mais insistência. Fico de pé e deixo que Lazlo me conduza em uma viagem longa e maravilhosa por cinco metros. Parece uma expedição interminável, se comparada com minha pequena cela, e também porque eu me convenci de que a liberdade me esperava. E assim marchei eternamente pelo chão e cheguei finalmente à grande e grossa placa de vidro à prova de balas que é minha janela para o mundo. Do lado oposto está sentado um homem com um terno cinza bem barato. Ele tem uns trinta anos, careca, usa óculos e parece cansado, atormentado e incomodado além da conta. Ele está mirando alguns papéis que parecem de caráter oficial, folheando-os apressadamente e franzindo a testa, como se fosse a primeira vez na vida que estivesse vendo aquelas coisas. Ele é, resumindo, a imagem do defensor público sobrecarregado, um homem que está envolvido em princípio, mas tem dificuldades para manter o interesse em detalhes. Já que eu *estou* de fato nos detalhes desse caso, sua aparência não me dá confiança.

— Sente-se — Lazlo diz, não sem delicadeza.

Sento-me na cadeira indicada e ansiosamente tiro do gancho o telefone retrô

que está pendurado do lado da janela.

Meu advogado não tira os olhos dos papéis. Ele continua a folheá-los até que, por fim, chega a uma página que parece surpreendê-lo. Ele franze o cenho com força, olha para mim e fala. Claro que não escuto o que ele fala já que ele não pegou o telefone, mas pelo menos posso ver seus lábios se movendo.

Seguro o meu fone e levanto as sobrancelhas polidamente. *Viu? Comunicação elétrica. Uma maravilha! Você devia tentar um dia desses... quem sabe agora?*

Meu advogado parece um pouco assustado. Ele deixa cair o maço de papel e pega o telefone, e quase imediatamente eu ouço a sua voz.

— Uh, Dieter — ele diz.

— Dexter — conto a ele. — Com “X”.

— Meu nome é Bernie Feldman; sou o advogado apontado para você.

— Prazer em conhecê-lo — digo.

— Certo, preste atenção — ele diz, sem necessidade, já que não estou fazendo nada além de escutá-lo. — Vamos passar o que vai acontecer em sua acusação formal.

— Quando será isso? — Pergunto a ele com interesse. Descubro, de repente, que estou estupidamente ansioso pela acusação formal. Pelo menos vai me tirar da minha cela por algumas horas.

— A lei diz que deveria acontecer 48 horas após sua prisão — ele diz sem paciência.

— Estou aqui há duas semanas e meia — conto a ele.

Ele franze o cenho mais uma vez, enfia o telefone entre a orelha e o ombro e olha para os papéis. Balança a cabeça.

— Isso não é possível — diz ele, escavando nos pedaços de papel. Ou assumo pelo movimento da sua boca que ele diz isso. Não o escuto dizer, já que o movimento da sua cabeça faz com que o telefone caia do seu ombro e fique dependurado, colidindo com a parede de concreto com um estrondo que me deixa meio surdo de um ouvido.

Troco de orelha. Meu advogado pega o fone.

— De acordo com isso — Bernie diz — você foi preso na noite passada.

— Bernie — eu digo. O uso do seu nome parece ofendê-lo e, de novo, vira as páginas que tem à sua frente e continua a olhar os papéis. — Bernie, olhe para

mim — digo, e admito que estou satisfeito com o som vagamente sinistro que produzo. Bernie olha para cima finalmente. — Você já viu minha cara antes? — Pergunto. — No jornal, na TV?

Bernie me encara.

— Sim, claro — ele diz. — Mas... foi há umas duas semanas, não?

— Duas semanas e *meia* — digo de novo. — Estou aqui desde então.

— Mas isso é... Não vejo como... — Uma vez mais ele repassa as páginas reunidas, e uma vez mais o fone cai do seu ombro e bate contra a parede. Agora eu estou meio surdo de ambos os ouvidos. Quando Bernie colocou o telefone na orelha de novo, o som de apito tinha baixado para um pouco menos que um nível sinfônico, o bastante para que pudesse ouvi-lo.

— Desculpe — diz ele. — Há algum problema com a papelada. Está completamente... Você foi avaliado psicologicamente?

— Não creio.

— Ah — diz ele, que parece aliviado. — Certo, bem, acho que devemos configurar isso em qualquer caso, ok? Porque matar todas aquelas pessoas daquele jeito...

— Eu não os matei, Bernie — conto a ele. — Sou inocente.

Ele faz um gesto com a mão, afastando a ideia.

— E o lance pedófilo, sabe. Isso pode ser reclassificado como doença mental? Podemos trabalhar com isso.

Abro minha boca em protesto que sou inocente da acusação de pedofilia também, mas Bernie derruba seu fone mais uma vez e escolho salvar minha audição em vez disso, puxando o telefone para longe da minha orelha e esperando pacientemente até que ele pegue o dele de volta.

— Então, de qualquer forma, a acusação tem que acontecer dentro de 48 horas. A lei. Então deveria ter sido... — Ele franze a testa novamente, e pega uma pilha de papéis grampeados. — Exceto, droga, não vi isso antes. — Seus lábios se movem conforme ele lê, vira rapidamente três páginas até o fim, fazendo uma expressão carrancuda. — Não tinha visto isso — repete. — Droga.

— O que é isso? — pergunto.

Ele balança a cabeça, mas milagrosamente mantém seu punho no telefone.

— Não entendo — ele murmura. — Isso não faz sentido... — Bernie folheia toda a pilha de papéis uma vez mais, aparentemente sem encontrar algo que

gostasse. — Bem, droga, isso muda tudo — ele diz bruscamente.

— De uma forma boa? — pergunto com esperança.

— Isso tudo... Essa papelada... — Ele balança a cabeça.

Desta vez eu estou pronto e, com os reflexos rápidos pelos quais sou justamente famoso, seguro o fone longe da minha orelha conforme Bernie derruba o seu telefone de novo. Mesmo a uma distância segura, escuto o barulho.

Devolvo o telefone para minha orelha e observo conforme Bernie manipula a pilha de papéis, tentando em vão arrumá-los para algum estado que se assemelhe a organização.

— Tá bom — ele diz. — Vou dar uma olhada nisso. Eu volto — ele promete, sem evitar parecer vagamente sinistro.

— Obrigado — digo, já que as boas maneiras devem prevalecer mesmo nas mais sombrias circunstâncias. Porém Bernie já tinha ido embora.

Largo o telefone e me viro. Meu companheiro fiel, Lazlo, está bem ali, e indica para mim com a cabeça para que eu me levante.

— Vamos, Dex — ele diz. Eu me levanto, ainda em uma espécie de névoa, e Lazlo me leva de volta ao meu pequeno recanto confortável. Sento-me na minha cama e pela primeira vez eu não sinto a dureza sob o “colchão” lamentavelmente fino. Há muito a ponderar: acusação em 48 horas após a prisão, para começar. Isso soa um alarme, que invoca uma memória fraca de uma aula de Justiça Criminal há muito tempo na universidade. Eu acredito que é um dos meus direitos mais básicos, junto com a inocência até que se prove o contrário, e o fato de que Anderson conseguiu manobrar para evitar ambos é bastante problemático. Claramente as coisas são muito piores do que eu esperava.

Penso no meu vizinho, aqui desde 1983. Eu me pergunto se o pai do detetive Anderson o prendeu. E também se uma versão de barba branca do Dexter estará sentada aqui em trinta anos, ouvindo alguma versão futura do Lazlo, talvez até mesmo uma versão robótica, contando alguma notícia boba para o pobre, velho e débil de raciocínio Dexter, que está ali desde então, ainda esperando a acusação. Será que, nessa época, ainda terei algum dente? Não que eu precise deles para comer sanduíches de coisas parecidas com queijo. Mas é bom ter dentes, de qualquer forma. Eles melhoram o seu sorriso, não importa o quão falso ele seja. E sem dentes todo o dinheiro que eu gastei com pasta de dentes ao longo dos anos

terá sido um enorme desperdício.

Eu me comprometo a manter os dentes. Em todo caso, estou mais preocupado neste momento sobre como manter minha sanidade. A realidade da minha situação não é nem um pouco encorajadora. Estou preso num verdadeiro pesadelo, confinado a um pequeno e inescapável espaço, com absolutamente nenhum controle de nada, exceto, possivelmente, a minha respiração. Mesmo isso, tenho certeza, estaria fora do meu controle se eu decidisse parar. Suicídio é ativamente desencorajado aqui por alguma razão, apesar de o fato ajudar a reduzir a superlotação, poupar dinheiro e diminuir a carga de trabalho para Lazlo e seus colegas.

Sem saída, sem controle sobre meu próprio destino, sem fim para tudo isso — e agora, com um floreio surreal de crueldade burocrática, meu advogado indicado me informou que meus papéis não estão em ordem, sem me dizer o que isso significa. Naturalmente assumi que as implicações são nefastas. Eu sei muito bem que as coisas sempre podem piorar, a cozinha pode ficar sem imitação de queijo, mas de verdade, não há um ponto no qual até mesmo um Deus hipotético chega ao limite? Não importa o quão furioso ele esteja com Dexter por violar algumas regras básicas do playground, não há matéria fecal espalhada o bastante?

Aparentemente não.

Bem, no dia seguinte, as coisas de fato pioraram.

Uma vez mais eu estava em minha cela, muito ocupado com uma atividade produtiva e laboriosa: uma soneca, para ser honesto. Comecei a sentir uma necessidade de sonecas, e meu almoço tem incentivado o sentimento. As iguarias deliciosas de hoje incluem um sanduíche de provavelmente frango, gelatina, e um líquido vermelho cujo sabor pode ter sido destinado a evocar algum tipo de associação com uma fruta não especificada. A experiência foi desgastante e eu precisei me esticar na minha cama quase imediatamente para me recuperar.

Depois de um tempo, ouço mais uma vez os sons metálicos e pesados produzidos pela abertura da minha porta. E me sento, pois Lazlo está lá. Mas dessa vez traz um monte de algemas.

— Em pé — ele diz

— Minha acusação? — pergunto com esperança.

Ele nega com a cabeça.

— Detetive para ver você — ele diz — Vire-se.

Sigo suas instruções bruscas e em pouco tempo estou bem preso. Uma vez mais permiti que o pequeno pássaro branco chamado esperança começasse a se movimentar em seu poleiro e começasse a voar através da escuridão do céu interior de Dexter. “Detetive” pode significar muitas coisas, mas uma delas é Deborah, e eu não consigo parar de pensar que ela finalmente chegou.

Lazlo me leva para fora da cela, porém dessa vez não para ficar em frente a uma grande e grossa placa de vidro à prova de balas, onde Bernie estourou meus tímpanos. Passamos por ela e por todo um caminho até uma porta que nos leva para fora, saindo do pavilhão das celas. Lazlo precisa usar seu rádio e seu cartão de identificação, e, em seguida, acenar para uma guarda que controla as portas. Ela fica sentada no centro do pavilhão de células, em uma cabine com paredes de vidro. Há uma fileira de janelas grossas em torno das celas e então um espaço profundo antes da segunda fileira de janelas que rodeia a cabine de dois andares, que é como o interior de uma torre de controle de aeroporto, que se ergue no meio do espaço, de forma isolada, completamente inacessível a partir daqui a não ser que alguém tenha uma bazuca e uma boa escada — e ter essas coisas é extremamente desencorajado por aqui.

A mulher na cabine olha para o aceno de Lazlo, checa as telas de computador dela e, um momento depois, a porta faz um “click” enquanto se abre. Nós entramos em uma sala do tamanho de um grande armário e a porta se fecha atrás de nós. Dois passos à frente e nos deparamos com outra porta. Lazlo acena para câmera sobre a porta, e logo depois ela se abre e estamos num hall. Mais cinco passos até o elevador, e cruzar um espaço tão vasto é vertiginoso depois do confinamento da minha cela. Porém, de alguma forma consegui, e, em apenas um momento ou dois, já estávamos no elevador. A porta se fecha e estou de volta a quatro paredes justas, relaxando no conforto do maior espaço em que já estive até agora, durante esse meu confinamento. Respiro profundamente, curtindo a segurança e o espaço.

As portas se abrem e Lazlo me leva para fora. Para a minha surpresa, estamos no térreo. À minha frente posso ver o que parece ser o lobby. Para além de um par de guardas armados há uma multidão de pessoas se amontoando. Eles estavam sem algemas e usando roupas normais, claramente esperando por algo... Entrar? Sinto-me privilegiado, não sabia que vivia em tão honorável

morada. Nós até temos uma lista de espera.

Porém eu não tenho a chance de contar a eles o quão boa são as acomodações e o quão *gourmet* são as refeições. Lazlo me afasta do *lobby* em direção a um corredor, passando por muitos guardas e alguns poucos colegas em roupas laranja diligentemente varrendo e lavando. Eles se movem rapidamente para fora do nosso caminho, como se tivessem medo que eu pudesse infectá-los com a febre do crime.

Parece bem uma viagem para Dexter, o caseiro dedicado. Um longo caminho a percorrer, e tudo para ver um detetive — que deve ser, com certeza, minha irmã. Meu coração palpita com expectativa; não posso evitar. Eu tenho esperado muito tempo por Deborah chegar e atacar os grilhões vis de meus membros delicados como flores. E agora ela está aqui, afinal; só pode ter levado tanto tempo porque ela baniu as acusações absurdas contra mim e ajeitou tudo. Eu não serei meramente socorrido, mas libertado finalmente.

E assim eu luto para evitar que minhas esperanças subam muito e me afoguem, mas não sou muito bem-sucedido. Estou quase cantando quando chegamos ao nosso destino, e não é bem um lugar que fale a favor da liberdade. É uma pequena sala nas profundezas do edifício, com janelas em três paredes. Uma mesa e cadeiras são visíveis lá dentro; é claramente uma sala de interrogatório, apenas o lugar para um detetive encontrar-se com um suspeito, e não um lugar onde um vingador furioso pode estar para cortar os meus grilhões.

Visível através da janela está uma forma mais ou menos humana que não tem semelhança nenhuma com um vingador furioso, embora pareça um pouco mal-humorado. Essa forma tem ainda menos semelhança com Deborah, com liberdade e, em especial, com esperança. É, na verdade, a própria encarnação do exato oposto de todas essas coisas.

Resumindo, é o detetive Anderson. Ele me olha através do vidro e sorri. Não é um sorriso que provoca em mim qualquer um dos melhores sentimentos. Em vez disso é um sorriso que diz para mim, de um modo bem claro, “é hora de toda a esperança morrer”.

Esperança recolhida.

### CAPÍTULO 3



**LAZLO SEGURA MEU BRAÇO CONFORME ABRE A PORTA, TALVEZ COM** medo de que a visão de Anderson vá transformar meus joelhos em gelatina e me deixar incapaz de manter uma postura ereta. Ele para no batente da porta, por necessidade, assim como eu.

— Espere do lado de fora — Anderson diz, ainda sorrindo pra mim.

Lazlo não se mexe.

— Você, sozinho com ele? — Pergunta.

— Vê mais alguém aqui? — Anderson zomba.

— Deveriam ser dois de vocês — Lazlo diz, teimosamente se recusando a se mover.

— Não tenho medo desse desgraçado — Anderson diz.

— É o regulamento — Lazlo diz — *Dois* de vocês.

— Escute só, estúpido — Anderson responde. — Meu regulamento diz que eu sou um tira e que você é um palhaço do sistema correcional. Espere do lado de fora.

Lazlo balança a cabeça e olha para mim.

— Dezessete meses e eu me aposento — diz. Ele olha para Anderson e balança a cabeça de novo, então se vira para ir, fechando a porta atrás dele.

— Bem, desgraçado — o detetive Anderson fala em alegre saudação quando estamos finalmente sozinhos. — Gostou daqui?

— É muito agradável — digo a ele. — Você deveria vir pra cá algum dia.

Seu sorriso se transforma em um de escárnio, uma expressão que é muito mais natural para ele.

— Não acho que isso vá acontecer — ele diz.

— Fique à vontade — digo. Eu me movo a uma cadeira e Anderson faz uma

careta.

— Não mandei você se sentar — ele diz.

— Isso é verdade — digo —, o que é incomum pra você. — Sento-me. Por um momento ele pondera se deve se levantar e me arrancar da cadeira. Sorrio com paciência para ele e olho de relance para a janela, onde Lazlo está parado. Ele nos observa e fala no rádio. Anderson decide não me arrancar e despenca para trás em sua cadeira.

— O que seu advogado disse? — ele me pergunta.

É uma pergunta surpreendentemente ilegal, mesmo vinda de um pulha maligno como o Anderson.

— Por que você quer saber? — Digo.

— Apenas responda, desgraçado — ele diz com forte autoridade.

— Não acho que devo. Isso é informação privilegiada.

— Não para mim.

— Especialmente para você. Mas talvez você tenha faltado no dia que ensinaram isso na escola — sorrio. — Ou é mais provável que você nunca tenha frequentado a escola. Isso explicaria muito.

— Espertalhão.

— Ser um imbecil é melhor? Quero dizer, pela sua experiência?

Ele, pelo menos, perdeu seu sorriso irritante, mas foi substituído por um rubor bastante alarmante e uma carranca zangada. Isto claramente não está indo do jeito que ele tinha fantasiado. Como alguém com uma recente experiência profissional de atuação, questiono-me rapidamente se devo ajoelhar e implorar, apenas para agir dentro do roteiro dele. Mas me decido contra isso; meu personagem simplesmente não *faria* isso.

— Você está no meio de um monte de merda — ele rosna. — Se é tão espertinho, deveria cooperar um pouco.

— Detetive, eu *estou* cooperando — digo. — Porém você deve me dar *algo* com o que cooperar. E espero que algo legal, e não muito estúpido. Por mais improvável que isso possa parecer vindo de você.

Anderson suspira e balança sua cabeça.

— Maldito espertalhão — diz. — Você sabe por que estou aqui?

Eu sabia; ele estava ali para se regozijar. Mas já que era provável que ele não conhecesse essa palavra, decidi evitá-la.

— Você está aqui porque sabe que eu sou inocente — digo em vez disso. — E está esperando que eu tenha pegado o *verdadeiro* assassino, porque você sabe que mesmo trancado aqui eu tenho uma melhor chance de resolver um crime do que você.

— Eu o resolvi — ele responde, levantando um enorme dedo de carne e o espetando na minha direção. — *Você é o culpado.*

Olhei para Anderson. Seu rosto estava cheio de ódio, maldade e desprezo por mim, e, acima de tudo, de uma estupidez impenetrável. Era possível que ele pensasse mesmo que eu era o culpado ou tinha se convencido disso. Eu achava que não.

— Se você falar isso o bastante, pode realmente acreditar — digo.

— Eu não tenho que acreditar — ele rosna. — Só preciso fazer um juiz acreditar.

— Boa sorte — respondo, mesmo que ele aparentemente esteja tendo muita sorte até agora, mesmo sem meus votos.

Anderson respira profundamente mais uma vez, deixando seu rosto relaxar para um cenho mais de incompreensão natural.

— Preciso saber o que seu advogado disse — ele diz mais uma vez.

— Melhor perguntar a ele — digo. — Seu nome é Bernie — adiciono, prestativo.

Antes que Anderson pudesse fazer muito mais do que bater seus dedos no tampo da mesa, a porta se abre.

— Acabou o tempo — Lazlo diz. — O prisioneiro precisa ir.

— Ainda não terminei com ele — Anderson diz sem olhar para cima.

— Terminou, sim — Lazlo diz com firmeza.

— Quem disse?

— Eu — diz uma nova voz, e agora Anderson olha para cima.

Uma mulher entra por trás de Lazlo. Ela é alta, afro-americana, cuja boa aparência parece ser um tanto severa. Ela também está usando um uniforme e o uniforme dela é problema para Anderson, porque é bem claro que mostra que ela tem patente de capitão, e ela está olhando diretamente para o detetive Anderson com uma expressão que está muito aquém da cooperação amigável.

— Não sei o que você acha que está fazendo aqui, detetive — ela diz —, mas você terminou. Saia.

Anderson abre a boca para falar alguma coisa, e então a capitã chega mais perto e diz baixinho:

— Agora.

O detetive fecha a boca tão rápido que eu posso ouvir seus dentes baterem. Ele se levanta, olha para mim e sorri. Anderson muito obedientemente fica vermelho novamente, então se vira e vai em direção à porta, que Lazlo está segurando aberta para ele, com polidez.

Estou à beira de agradecer à capitã, talvez oferecer um aperto de mão caloroso, até mesmo um abraço, quando ela fixa os pujantes olhos castanhos em mim, e sua expressão não deixa dúvida de que nenhuma reação de gratidão da minha parte, embora sincera, seria bem-vinda, e um abraço está claramente fora de cogitação.

A capitã se vira e encara Lazlo.

— Eu não preciso de nenhuma papelada agora — ela diz, e Lazlo solta um suspiro de alívio. — Mas, se esse idiota voltar, quero saber a respeito.

— Ok, capitã — Lazlo diz.

Ela assente com a cabeça e vai em direção à porta, a qual Lazlo segura de forma ainda mais polida para ela.

Quando a oficial desaparece em uma curva no corredor, Lazlo olha para mim e diz — Vamos, Dex.

Eu me levanto.

— Acho que devo dizer obrigado...? — Falo, em uma tentativa.

Lazlo balança a cabeça.

— Esquece — ele diz. — Não fiz isso por você. Não posso *suportar* um policial cuzão. Vamos. — Ele encerra o diálogo e, com suas mãos no meu cotovelo, me conduz e vou junto cambaleando, pelo saguão, para dentro do elevador, até o nono andar, pela passagem de ar e de volta mais uma vez para o diminuto mundo da minha cela. A porta se fecha atrás de mim deixando a certeza absoluta de que eu sou Dexter, o viajante no tempo que, de novo, gira silenciosamente pelo vazio sem fim em minha pequena cápsula de aço e concreto.

Eu me estico na minha cama, mas dessa vez não tiro uma soneca. Agora tenho coisas a ponderar. E pondero.

Primeiro, e mais interessante: graças à capitã, agora eu sabia que Anderson

estava “querendo aprontar”. Isso foi altamente significativo. Eu sabia, claro, que ele estava tomando atalhos — muitos deles de forma bastante selvagem. E eu tinha certeza de que ele estava ocultando a verdade, plantando evidências, colorindo eventos. Todas essas coisas são padrão, parte e parcela do trabalho policial malfeito, que era, afinal, o único que Anderson sabia fazer.

Mas se ele estava “querendo aprontar” em qualquer meio oficial, e a capitã tinha indicado que sim, então talvez houvesse uma pequena abertura explorável para o Dexter mexer, expandir e transformar em uma saída para a liberdade.

Acrescentei isso ao que o querido Bernie, meu advogado, tinha dito: a papelada não estava certa. Em vez de ver isso com preocupação, como uma evidência que eles poderiam me manter aqui para sempre, comecei a ver isso como mais munição à minha bateria anti-Anderson. Ele tinha cometido trapaça com a *papelada* e se há algo com o que o sistema é comprometido é com papéis; isso é uma coisa que se transubstancia em relíquias sagradas. Violar qualquer papel oficial, e doravante consagrado, é um Pecado Capital, e pode muito bem resultar na ruína sumária de Anderson, *se* eu puder provar — e fizer com que a pessoa certa veja isso. Um grande “se”, mas vital. Porque Anderson não estava me mantendo aqui: a *papelada* estava. E se a papelada estiver violada...

Lemos todos os dias sobre algum criminoso vil de ações sombrias sendo solto por causa de algum procedimento ter sido negligenciado. Desta vez, por que o criminoso vil não podia ser eu?

E se o procedimento não tiver sido meramente negligenciado, mas deliberadamente falsificado, e se eu puder provar... Era pelo menos possível que as consequências para Anderson poderiam ir muito além de bronca administrativa, suspensão, até mesmo corte de pagamento. Ele pode até mesmo ser mandado para cá, talvez para a própria cela que eu tiver desocupado. A enorme poética e a beleza equilibrada dessa possibilidade eram estonteantes, e eu as contemplei por um bom tempo. Trocar de lugar com Anderson. Por que não?

Claro, primeiro eu tinha de encontrar alguns detalhes relevantes. E então dar um jeito de levá-los à atenção das autoridades apropriadas — talvez um juiz. Poderia ser o juiz da minha acusação, quando isso acontecer algum dia — se acontecer. Se Anderson me mantiver aqui permanentemente sem acusação, como parecia que ele estava fazendo até agora, eu não podia esperar. Para sempre era muito tempo. Eu tinha que encontrar alguém do lado de fora para

levar a informação a um juiz ou até mesmo para o capitão Matthews. Alguém, sim — mas quem? Só podia ser a Deborah, claro. Ninguém mais tinha a capacidade, os *cojones* e a determinação de ir atrás disso até a sua feliz conclusão. Seria Deborah, e finalmente eu tinha algo útil para entregar a ela quando ela viesse.

O que ela faria. Em breve. Quero dizer, eventualmente ela teria de vir. Não tinha?



Sim, ela tinha, sim.

Eventualmente.

Passara um total de dois dias após minha conversa alegre com Anderson, quando uma vez mais ouvi o som metálico que significava que minha porta estava se abrindo. De novo era uma hora inapropriada para a porta se abrir, 11h07, e era perto o suficiente do horário que Bernie tinha me visitado antes, tanto que assumi que era ele, retornando com papéis ordenados de forma satisfatória e talvez até mesmo com uma data no tribunal. Recusei-me a pensar que poderia ser algo mais do que isso, como um perdão do governador ou o papa vindo para lavar os meus pés. Eu tinha permitido que a pombinha da esperança tivesse demasiada margem de manobra, e cada uma das vezes que a libertei ela voou em torno da sala e defecou sobre a minha cabeça. Não deixaria que voasse de novo.

Então, com o meu rosto transfigurado na expressão do “prisioneiro de *ennui*”,<sup>[1]</sup> uma cara que eu estava ficando bem craque em fazer, permiti a Lazlo me conduzir até a grossa janela de vidro à prova de balas, com os seus receptores de telefone em cada lado, com suas cadeiras de frente uma para a outra através do vidro, e, então, vi Deborah sentada no assento do lado oposto.

Deborah. Finalmente.

Lancei-me na cadeira e dei uma guinada para o telefone com ânsia patética, e, do outro lado do vidro, Deborah observou a minha patética performance com um rosto que parecia esculpido em pedra, e, então, com uma

calma lenta e deliberada, pegou o seu fone.

— Deborah! — Eu disse com um sorriso brilhante e esperançoso no rosto, um sorriso que eu realmente *senti* para variar.

Deborah apenas aquiesceu para mim. A expressão não mudou, nem mesmo um tique.

— Pensei que você não viria — eu disse, ainda empolgado como um cachorrinho e transbordando de animação.

— Eu também — ela disse, e embora eu achasse que não fosse possível o rosto dela ficar mais duro, ficou.

Comecei a sentir alguns breves pensamentos sombrios se formando como uma nuvem sobre a minha felicidade radiante.

— Mas — eu disse, esperando para colocar as coisas de volta em pé de otimismo — você está aqui. Você veio.

Deborah não disse nada. Olhou para mim, mas seu rosto não suavizou.

— Quero dizer, você está aqui, não? — Eu disse, sem muita certeza do que eu estava falando, nem o que eu queria dizer.

Deborah se mexeu por fim. Acenou com a cabeça, um leve aceno de cerca de um centímetro, e depois se recom pôs.

— Sim, estou aqui — ela disse. Não parecia que ela estava animada por estar em sua localização atual.

Porém ela estava, de fato, *aqui*, e isso era tudo que importava. Eu prontamente me lancei a contar a ela sobre minhas descobertas, suposições e conjecturas a respeito do importante Caso do Dexter Detido.

— Acho que tenho uma grande pista — eu disse. — Enfim, é pelo menos algo para investigar. Anderson esteve aqui, e, pelo que ele disse, e o que meu advogado disse, parece uma boa aposta que...

Parei abruptamente ao perceber que Deborah não estava nem prestando atenção às minhas divagações animadas. Com seu rosto ainda camuflado pela máscara de granito da indiferença, ela tinha largado o telefone e se virado, para longe da janela, para longe de qualquer possível vislumbre ofensivo do pobre eu.

— Deborah...? — Eu disse, bastante estupidamente, já que podia ver o telefone lá caído, a metros de distância da orelha dela.

Ela se voltou para me encarar, quase como se ela tivesse me ouvido, e esperou um momento. Um intervalo preenchido com não mais do que uma

encarada sem piscar daquela cara dura, que tinha se tornado monotonamente hostil. Então ela pegou o fone de novo.

— Não estou aqui para escutar suas besteiras — ela disse.

— Mas o quê... Mas então... Por quê? — Eu disse, e em minha defesa tenho que dizer que seu comentário tinha me tornado ainda mais estúpido do que eu estava. Era um verdadeiro milagre da sagacidade, na verdade, que eu conseguisse sequer falar.

— Preciso que você assine uns papéis — ela disse. Ela segurou um monte de documentos que pareciam oficiais, e apesar das maciças evidências em contrário, realmente senti uma pequena onda de alívio. Afinal, que documentos ela possivelmente se preocuparia em trazer aqui, a não ser os que lidavam com o meu caso? E uma vez que o significado verdadeiro e oculto do “meu caso” de fato significa “minha soltura”, um pequeno raio de sol saiu de trás das nuvens escuras recém-formadas.

— Claro — eu disse. — Eu ficaria feliz... Você sabe que eu... O que são eles? — Eu disse, na ânsia patética de agradar mais uma vez.

— Custódia — ela disse, cuspidando a palavra para fora como se ao mastigar mais uma sílaba dela pudesse quebrar sua mandíbula.

Eu podia apenas piscar em surpresa. Custódia? Ela realmente ia me levar para a casa dela, assumir o papel de tutora legal para o Dexter em desgraça, até o momento em que o meu bom nome fosse reestabelecido? Isso ia muito além do que eu esperava, parecia muito com o perdão inapelável, se não um que não fosse legal vindo da Deborah.

— Custódia — repeti sem expressão. — Bem, claro, isso é, quero dizer, obrigado! Não achei que você faria isso.

— Custódia para os seus *filhos* — ela disse, cuspidando novamente as palavras. — Para que eles não sejam mandados para um orfanato — e ela olhou para mim como se tivesse sido meu plano, todo o meu propósito na vida, mandar crianças para orfanatos.

Fosse pela sua cara ou por suas palavras, eu me senti tão completamente esvaziado que eu me perguntava se algum dia iria respirar novamente.

— Oh — eu disse. — Naturalmente.

O rosto de Deborah mudou de expressão por fim, o que foi muito bom. No lado negativo, entretanto, foi alterado para um sorriso de escárnio.

— Você não pensou nem um minuto nas crianças, não é mesmo?

Pode não ser a melhor defesa do meu caráter, mas na verdade, eu não tinha mesmo pensado nas crianças. Cody, Astor e, claro, Lily Anne. Devem ter sido recolhidos de alguma forma quando fui preso. E naturalmente, Deborah, como a parente mais próxima deles, fora acionada — até porque meu irmão Brian estaria totalmente fora de questão. Honestamente, eu não tinha dedicado nem mesmo uma célula de massa cinzenta para pensar nas crianças. Em minha defesa, entretanto, gostaria de salientar que eu tinha outras coisas em que pensar: por exemplo, eu estava encarcerado. Por homicídios múltiplos, lembra? E injustamente.

— Bem — eu disse —, eu estive, bem... na cadeia?

— Foi o que eu pensei — ela disse. — Nem a porra de um pensamento.

Por um momento eu estava muito chocado para responder. Aqui estava eu em grilhões bastante literais, com razão para acreditar que em breve seria uma condição permanente, e ela estava me culpando por não pensar nas crianças, que, era imperativo dizer, estavam perfeitamente livres para andar por aí, se sentar, se balançar, comer pizza ou fazer o que quer que quisessem fazer. Era uma monstruosa injustiça, se aproximando até da injustiça de minha prisão, mas ali estava, e, por fim, meu juízo voltou e trouxe consigo uma grande dose de indignação.

— Deborah, isso é completamente injusto — eu disse. — Eu tenho estado aqui sem nenhum tipo de... — e eu caía mais uma vez para um balbuciar fraco, porque uma vez mais Deborah segurava o fone longe da sua cabeça e me esperava parar de falar.

Quando fiz isso, ela deixou o fone pendurado por mais um minuto antes de finalmente o pegar.

— Os papéis me dão total custódia das crianças — ela disse. — Vou deixá-los com o guarda — Ela balançou os papéis. — É pra você assiná-los.

Ela começou a se levantar e o pânico me inundou. Minha última, minha única esperança estava partindo.

— Deborah, espere! — Eu a chamei.

Deborah parou em uma posição estranha, um tipo de agachamento entre ficar de pé e sentada, e pareceu, para o meu cérebro febril, que ela ficou assim por um tempo muito longo, como se quisesse muito partir, mas alguma obrigação

estúpida a tivesse congelado no lugar numa posição de muito mau gosto que a impedia de fugir. Ambos pensamos que ela ia partir de qualquer jeito. Mas então, para o meu alívio idiota, ela se sentou e pegou o telefone de novo.

— Que foi — ela disse, com uma voz tão morta quanto poderia ser vinda de uma boca humana viva.

Uma vez mais só podia piscar estupidamente. Esse “que foi” me pareceu dolorosamente óbvio, tão patentemente claro que eu não poderia pensar em alguma maneira de falar que não insultasse sua inteligência. Falei mesmo assim: — Preciso de sua ajuda.

E só para provar que ela poderia insultar minha inteligência de volta, ela disse: — Para o quê?

— Para sair daqui — eu disse. — Para encontrar um jeito de provar que... que...

— Que você é inocente? — Ela rosnou. — Besteira.

— Mas eu *sou* inocente!

— O diabo que é — ela disse, parecendo e soando com raiva pela primeira vez, mas pelo menos ela estava finalmente mostrando um pouco de emoção. — *Você* deixou Jackie sozinha, *você* abandonou Rita e deixou que ela fosse morta, e *você* entregou Astor para um homicida *pedófilo*!

Eu podia ver os nós dos dedos de sua mão, que segurava o telefone, ficando brancos. Ela respirou profundamente, e seu rosto se acomodou em fria indiferença.

— Mostre pra mim a parte inocente, Dexter. Porque eu não consigo ver.

— Mas... mas, Debs — choraminguei. — Eu não matei ninguém.

— *Desta vez!* — Ela retrucou.

— Bem, mas... mas — gaguejei —, mas é por isso que estou aqui. Por causa *desta vez*. E não fiz...

— *Desta vez* — ela repetiu com suavidade. Mas mesmo embora sua voz tivesse suavizado, seus olhos estavam duros e brilhantes. Ela inclinou-se para a janela. — Quantas outras vezes *você* matou alguém, Dexter? E quantas outras vezes mais *você* mataria se sáísse?

Era uma questão justa, e a resposta com certeza prejudicaria o meu apelo inocente, então eu sabiamente não disse nada, e Deborah continuou.

— Tenho pensado a respeito disso — ela disse. — Não posso evitar. Eu sei

que você *diz* que o papai preparou tudo para você — Ela desviou o olhar mais uma vez. — Eu não posso mais fazer isso. Pensei que poderia viver com isso, fechar os olhos e apenas...

Ela olhou de volta para mim, e não havia mais suavidade em lugar algum.

— Mas agora isso. Eu não tenho ideia de quem você é mais. Talvez eu nunca tenha sabido, e você podia estar mentindo o tempo todo a respeito do papai... Quero dizer, ele era um policial, e um veterano da *Marinha!* O que *ele* teria dito, Dexter? O que ele diria da merda que você acabou de fazer?

Ela olhou para mim, e percebi que ela queria mesmo uma resposta, mas a única coisa que eu pensei em dizer foi:

— *Semper fi* ...

Deborah olhou para mim um pouco mais. Então ela se recostou de novo na cadeira.

— Eu acordo de noite e penso a respeito de todas as pessoas que você matou. E penso em todas as pessoas que você vai matar se sair daqui. E, se eu ajudá-lo a sair, seria como se eu os matasse também — ela disse.

— Eu pensei que você estava bem com isso, quero dizer, papai realmente ajeitou tudo, e...

Mais uma vez, sua expressão era suficientemente ameaçadora para me fazer parar.

— Não posso mais fazer isso — ela falou. — É errado. Vai contra tudo o que eu sempre... — O volume da sua voz estava aumentando e ela se controlou, parou e seguiu com calma. — Você pertence a esse lugar — ela disse com naturalidade. — O mundo é um lugar melhor e mais seguro com você preso.

Era difícil argumentar contra isso, com a lógica dela, mas teria sido bastante contraproducente não tentar.

— Debs — eu disse. — Estou aqui por algo que você *sabe* que eu não fiz. Você não pode me deixar assim, você é melhor que isso.

— Guarde isso pra você — ela disse. — Eu não sou defensora dos fracos e oprimidos. E, se fosse, escolheria salvar alguém que *mereça*.

— Não tenho mais ninguém — eu disse, tentando muito não parecer chorão.

— Não, não tem — ela disse. — Você deixou todo mundo ser morto.

— Isso não...

— E você não tem a mim, também — ela falou. — Você está sozinho.

— Você não pode estar falando sério.

— Pode ter certeza de que estou — ela disse. — Se eu ajudo você a sair, não faço nada a não ser libertar um criminoso, e, incidentalmente, a matar minha carreira também.

— Oh, bem — falei. E eu estava tão desequilibrado por sua atitude que afundei no sarcasmo. — Claro, se o problema é a sua *carreira*... qual é a importância da minha vida ante a sua *carreira*?

Ela rilhou os dentes de uma forma audível, e suas narinas se abriram e ficaram brancas, que eu sabia, da nossa infância, que significa que ela estava prestes a perder a cabeça.

— Se eu puder salvar minha carreira, manter um assassino na cadeia e ajudar o departamento ao mesmo tempo...

— Você não está ajudando o departamento — eu disse, e eu também estava ficando rabugento. — Você não está ajudando ninguém a não ser Anderson. E você está fazendo isso ao abandonar seu irmão!

— *Adotado* — ela cuspiu. — Não meu irmão de verdade.

Por um tempo muito grande essas palavras ficaram pairando entre nós. Da minha parte, senti-me como se tivesse sido golpeado com um machado. Para ela ter pensado isso, e se permitido falar isso, ia muito além de qualquer decoro possível, e eu não podia acreditar que realmente tinha dito aquilo. Teria eu imaginado isso? Deborah nunca teria dito... quero dizer, *teria*?

Deborah passou um longo tempo na eternidade rangendo os dentes para mim. Houve um pequeno *flash*, algo rápido em seus olhos, um pensamento sutil e fugaz que era quase perceptível, como se ela tivesse dizendo que aquilo não era uma coisa que deveria ser pronunciada, como se ela também não acreditasse que tinha dito aquilo. Mas esse pensamento foi embora, mais rápido que uma bala, e ela se acomodou em sua cadeira e ficou confortável, acenando de leve com a cabeça, como se estivesse realmente muito feliz por finalmente ter dito algo que estava entalado em sua garganta há um tempo. E então, só para ter certeza de que eu estava completa e totalmente esmagado, ela repetiu.

— *Adotado* — ela disse com um veneno realmente concreto. — Você nunca foi mesmo meu irmão.

Ela me mirou por mais uma eternidade ou duas, e então se levantou, reuniu seus papéis e foi embora.



## CAPÍTULO 4



**NÃO SEI POR QUANTO TEMPO FIQUEI SENTADO ALI. PARECE TER SIDO** um longo período. Porém, em algum ponto, notei que a mão de Lazlo estava sobre meu ombro e ele estava pedindo que eu me levantasse. Eu o deixei me levar de volta para a cela e me prender lá dentro, mas realmente não vi ou ouvi qualquer coisa que aconteceu ao longo do caminho. Só havia espaço para uma coisa no meu pobre e sofrido cérebro, uma coisa que tocava em repetição interminável: *Você nunca foi mesmo meu irmão.*

Ela disse isso. Deborah tinha realmente dito essas palavras, e parecia perfeitamente satisfeita consigo mesma após ter falado isso. E ainda, no topo dessa sequência enlouquecedora, ela as repetiu, para o caso de eu não ter ouvido da primeira vez. Porém, eu tinha ouvido. Ouvi de novo e de novo até que não pudesse ouvir mais nada a não ser aquilo.

*Você nunca foi mesmo meu irmão.*

Eu sei bastante sobre mim mesmo. Sei que eu nunca vou, por exemplo, mudar. Sempre serei Dexter, o monstro, com aparência humana, mas andando pela vida sempre com um pé na escuridão perpétua. E também não sou capaz de sentir verdadeiras emoções humanas. Isso é um fato, e eu também não posso mudar. Não tenho sentimentos. Não sou capaz.

Então o que são essas *coisas* terríveis surgindo através de mim, quebrando as paredes lisas e firmes que me mantêm em perfeita e fria indiferença? Esse nó no estômago, a sensação de tudo ao meu redor e em mim estar doente, morto, podre e vazio? O que poderia ser? Certamente *parecem* sentimentos.

*Você nunca foi mesmo meu irmão.*

Por bem pouco eu podia entender a decisão de Deborah de não me ajudar. A sua carreira era tudo para ela, e era verdade, afinal, tudo que ela tinha dito. Eu

era e seria tudo aquilo, inegavelmente, imutavelmente e avidamente. Faz certo sentido para ela pensar assim, e embora eu não pudesse jamais endossar aquilo como um plano de ação, eu poderia, ao menos, compreender o processo mental que a levou até ali.

Mas aquela outra coisa, a rejeição absoluta de toda a nossa vida em conjunto, a negação completa dos laços familiares, voltando no tempo até mamãe e a casa em Grove, e incluindo até mesmo São Harry e seu Plano. Pegar trinta anos de vida e arremessá-los para longe, como um animal atropelado na estrada...

... e então jogar na minha cara, não uma, mas *duas* vezes, de uma maneira fria e, preciso dizer, *cruel*... isso eu não entendia. Isto tinha sido tão mais além do que mera autopreservação, tão pra dentro do mundo surreal da Fraqueza Emocional Humana, um reino que estava fechado para sempre para alguém como eu — me refiro à parte da emoção — que eu não poderia nem começar a entender isso. Não conseguia imaginar um conjunto de circunstâncias que me levariam a negar Deborah de uma maneira tão completa, absoluta e inflexível. Era impensável, não importa o quanto eu pensasse nisso.

*Você nunca foi mesmo meu irmão.*

Essa sentença de morte ainda ressoava em meus ouvidos quando as luzes se apagaram à noite.



E ainda estava lá na manhã seguinte, 4h30, quando o meu alarme barulhento, alto, brilhante e desnecessário tocou. Eu não precisava ser acordado. Eu não tinha dormido. Não tinha realizado quaisquer outras funções mais primárias de qualquer tipo. Eu tinha, na verdade, ficado deitado em minha cama e escutado repetidamente a voz de Deborah me expulsando de toda a minha vida e me deixando sozinho na eterna escuridão.

Veio o café da manhã, entregue com alegre e invisível competência pela abertura em minha porta. Tenho quase certeza de que me alimentei, já que a bandeja estava vazia quando a devolvi para a abertura. Mas não me lembro do

que comi. Pode ter sido qualquer coisa: vômito de sapo cozido, narinas de gambá fritas, dedos humanos, qualquer coisa mesmo. Eu não teria notado.

As coisas mudaram. Não importa o quanto lutemos, nada permanece imutável. Todas as coisas, como você já deve ter notado, mudam, e até terminam. Em algum ponto, até mesmo as maiores desgraças começam a evanescer. A vida, ou o que se passa por vida, caminha penosamente em seus próprios passos cansados e intermináveis, e de alguma forma vamos juntos, se tivermos sorte. Eventualmente, outros pequenos pensamentos começam a gotejar dentro do Poço do Desespero onde me encontro e, devo dizer, onde eu chafurdava. E era esse ato de chafurdar, de começar a gostar demais do meu sofrimento, que finalmente me trouxe de volta para algo semelhante à consciência. Eu me conscientizei de que tinha iniciado meu próprio ciclo, em perfeita harmonia com as duas palavras de Deborah. Era uma melodia simples, uma versão alegre da velha melodia conhecida “pobre de mim”. E quando eu percebi que estava fazendo isso, fiquei autoconsciente e, daí, consciente.

E assim, finalmente, pouco antes de um almoço delicioso composto por um sanduíche marrom estranho, Dexter voltou dos mortos. Eu me sentei, fiquei em pé e fiz alguns movimentos de alongamento. Então, ainda consciente do desgraçado totalmente miserável e sem amigos que eu era, comecei a pensar. Meu famoso cérebro era o último trunfo que eu tinha; usá-lo para tocar uma musiquinha cruel repetidas vezes não era a melhor forma de otimizar essa peça rara e valiosa de maquinário.

Então pensei: “Muito bem, estou na cadeia. Anderson articulou para me manter aqui sem o processo correto. Deborah me abandonou. Meu advogado parecia ser um principiante bocó e afobado. Mas era mesmo o fim do mundo? Decerto que não! Eu ainda tenho a mim, e há muita coisa que se pode fazer com um recurso tão valioso assim”. E, pensando isso, senti-me um pouco melhor, embora não tivesse pensado em nada específico que pudesse me tirar do TGK. Porém eu pensaria nisso também e, mais cedo ou mais tarde, conseguiria arquitetar algum plano diabolicamente inteligente de ação.

No entanto, não cheguei a qualquer conclusão nos dias seguintes, não importando o quanto colocasse meu cérebro alazão a galopar. Se eu pudesse apenas me apossar da evidência forense dos assassinatos múltiplos de que fui acusado, sabia que poderia montar um caso convincente para a minha inocência.

Uma parte significativa do meu trabalho era testemunhar no tribunal, e essa dura experiência tinha me ensinado como fazer fatos áridos ganharem vida para juizes e júris. Costumava ser divertido, já que eu só precisava dramatizar as coisas um pouco. Ao longo dos anos, tinha me tornado muito bom em tomar uma série de fatos um tanto pegajosos e botá-los para cantar e dançar em um tribunal. Claro, era provável que Anderson estivesse colocando seus dedos enormes e sujos nas evidências forenses, também. Mas era tão provável quanto que ele tivesse deixado passar algo importante, ou deixado gigantescas marcas de impressões digitais em tudo que eu pudesse pinçar da própria fabricação de evidências dele. Qualquer que fosse o caso, eu estava absolutamente certo de que poderia encontrar algo para trabalhar. Se ao menos eu pudesse voltar ao meu laboratório...

Isso é, se ainda for *meu*. Isso era outra coisa que ainda não tinha pensado a respeito. Eu tinha sido demitido, suspenso, esquecido provisoriamente ou o quê? Não sabia, e isso poderia fazer toda a diferença.

Havia, porém, Vince Masuoka, o mais perto que eu tinha de um amigo. Ele ainda estaria lá no trabalho, e com certeza me ajudaria, não? Eu pensei sobre o que sabia sobre ele, que era surpreendentemente pouco, considerando que havíamos trabalhado juntos em harmonia perfeita por tantos anos. Eu sabia onde ele morava — ele tinha organizado minha despedida de solteiro em sua pequena casa. Sabia que ele se vestia de Carmen Miranda no Halloween. Sabia que gostava de baladas, e tinha até me convidado a me juntar a ele algumas vezes. Eu sempre pulava fora, alegando obrigações familiares. E sabia que sua risada era tão falsa quanto a minha, embora nem chegasse perto de ser tão convincente. Era uma das coisas que me deixava confortável com Vince: ele também estava tão perdido em como se encaixar no resto do mundo quanto eu.

Mas, além disso, o que eu sabia de verdade sobre Vince Masuoka? Não parecia muito, quando eu juntava tudo dessa forma. Alguns poucos factoides que eu poderia muito bem ter lido em algum lugar, e ainda assim *ele* era meu amigo mais próximo. Não era assim para os seres humanos, também? Será que alguém *conhece* mesmo outra pessoa, não importando o *quão* bem “conhecem” essa pessoa? Parece impossível saber.

Falando assim parecia uma distração estúpida. Não importava o *quão* bem eu conhecia Vince. Só importava que ele iria me ajudar. *Tinha* de me ajudar. Ele

era tudo que havia me restado. Ele era, oficialmente, meu amigo, e quando a família o abandona de forma tão dramática e em apuros, amigos são tudo o que resta. Meu amigo Vince me ajudaria.

Então meu próximo gigantesco trabalho mental passou a ser encontrar uma maneira de como mandar uma mensagem para ele. Eu tinha que assumir que Anderson matinha uma vigilância constante sobre quaisquer tentativas que eu pudesse fazer para me comunicar com qualquer um. Então eu não poderia chegar em Vince e dizer diretamente o que precisava que ele fizesse. Anderson apenas reprimiria, e se não fizesse isso saberia o que eu estava tentando fazer, e se preveniria. Dentre seus muitos encantos, Anderson era um valentão, e ele certamente pressionaria Vince, e pressionaria muito mais forte do que o pobre Vince poderia suportar. Eu tinha que achar uma maneira de avisar Vince que precisava de ajuda, e ao mesmo tempo manter Anderson fora de cena.

Eu realmente não gosto de me vangloriar, mas muita gente concordaria se eu admitisse que sou diabolicamente inteligente. Não peço crédito por isso; nasci assim. Algo tão básico como uma mensagem que Vince entenderia e Anderson não, não deveria ser um mistério para mim. Ponderei isso com confiança, certo de que algum estratagema brilhante e tortuoso iria aparecer em meu cérebro ocupado. Deveria ter sido o trabalho de alguns minutos confortáveis.

Um dia depois eu ainda estava pensando no assunto. Pode ter sido a dieta do TGK, embora nutritiva e completa, não continha peixe o suficiente para manter o meu cérebro funcionando nos níveis mais altos. Então não tinha pensado em nada. E eu estava ainda mais vazio de inspiração quando, mais uma vez, pouco tempo depois da minha refeição deliciosa do meio-dia, escutei a engrenagem da porta se mexendo. Uma vez mais ela se escancarou e Lazlo apareceu.

— Seu advogado está aqui.

Era quase certo que era minha imaginação, mas ele pareceu colocar mais respeito nessas palavras do que tinha feito antes.

Eu marchei para fora da minha cela e em direção à grossa janela, para encarar uma vez mais Bernie e seus fabulosos documentos voadores — e, então, parei apenas na metade do caminho. Porque Bernie não estava à vista. Em vez disso, outro homem sentava-se em seu lugar na cadeira do outro lado do vidro. Ele era diferente de todos os que eu já tinha visto. Tudo nele irradiava calma, poder e dinheiro. Ele era bronzeado onde Bernie era pálido, relaxado e confiante

em vez de incomodado, atormentado e esgotado, e ainda estava vestindo um terno que era tão diferente da coisa pobre e puída que mal cabia em Bernie que não poderia ser classificado como o mesmo tipo de peça de vestuário.

O terno desse homem tinha vida própria. Cintilava com vitalidade e sagacidade, e parece brilhar com a mesma saúde perfeita que o homem que o está vestindo. Era do tipo que alfaiates sonhavam fazer quando ouviam que a realeza estava na cidade.

Eu sinto a mão de Lazlo no meu ombro, e dirijo para ele um olhar interrogativo. Ele apenas aquiesce e me empurra em direção à janela.

E então eu me sento, certo de que algum grande e cômico engano estava se desenrolando, mas estava disposto a encarar aquilo, já que no mínimo ia quebrar o tédio. Olho para o homem através do vidro; ele assente para mim e me dá um rápido e profissional sorriso. Ele está segurando uma pasta bonita de couro italiano, preenchida com papéis ordenadamente alinhados. Com sua outra mão, ele pega o fone, segura de modo que eu o veja, e levanta uma sobrancelha.

Eu pego o telefone do meu lado.

— Sr. Morgan — ele diz bruscamente, e sem sequer olhar para os papéis. Talvez ele não quisesse sujar a pasta de couro.

— Sim. Quero dizer, esse sou eu, mas...?

Ele assente mais uma vez, e me dá um sorriso que parece amistoso, mas eu posso dizer que é tão frio e falso como o meu próprio.

— Sou Frank Kraunauer.

Eu pisco. Esse é um nome que conheço dos jornais. É um nome que é dito, se for dito, apenas em sussurros reverentes. O advogado-celebridade Frank Kraunauer consegue soltar outro cliente horrivelmente culpado enquanto toma champanhe em seu iate. É claro que o demônio desumano era culpado, mas ele tinha *Frank Kraunauer* o defendendo. Assassinos e chefões do crime se alegam em sua presença, já que Kraunauer só precisa abrir a boca para que seus grilhões enfraqueçam e morram. Ele era o goleador dos tribunais, a cada chute um criminoso era mandado para as ruas.

E ele agora, por alguma razão, estava aqui para me ver?

Kraunauer me dá alguns segundos para absorver o incrível prestígio de seu nome, e então continua.

— Eu fui apontado para representá-lo. Claro que você pode continuar com

seu atual advogado, sr. Feldman? — Ele deixa seu sorriso se alargar conforme diz isso, claramente divertindo-se com a ideia de que ninguém seria ingênuo o suficiente para preferir Bernie a ele.

Pessoalmente, não estou animado. Estou assustado, confuso e, devo dizer, também estou um pouco suspeito.

— Eu não sei — digo com cuidado. — Quem indicou você?

Ele assente com paciência, dando a impressão de um homem que aprecia precaução em potenciais clientes.

— O acerto foi um pouco incomum — admite o homem que defende traficantes de drogas no atacado, e provavelmente estava acostumado a ser pago com malas cheias de moedas encharcadas de sangue. — Mas eu fui instruído a dizer a você que fui abordado pelo sr. Herman O. Atwater. — Inclina a cabeça para um lado, parecendo simultaneamente divertido e ainda incrivelmente autoconfiante e competente. Naturalmente que seu terno ajudava muito. — Você conhece o sr. Atwater? — perguntou, levantando uma sobrancelha perfeitamente aparada.

Foi uma performance que valeu a pena ver e até mesmo aplaudir. Mas Dexter não está deslumbrado; o cérebro de Dexter está, pelo menos, girando em sua taxa favorita de nove milhões de rotações por minuto. Em primeiro e mais óbvio lugar, não conheço ninguém chamado Herman O. Atwater, e nunca conheci. Segundo, desafia a credibilidade pensar que um completo estranho iria contratar o mais brilhante, e em consequência *mais caro*, advogado de Miami para mim. Portanto, o nome deve ter sido inventado por algum motivo.

Mas por quê? O único motivo possível para um nome falso é preservar o anonimato, o que significa que o sr. Atwater não quer que ninguém saiba que ele está envolvido comigo...

Mas espere: ele certamente ia querer que *eu* soubesse quem ele é. Ou *ela*. Só alguém muito próximo de mim aceitaria pagar os honorários de Kraunauer, cujos preços eram lendários. Mas ninguém é próximo de mim de verdade, pelo menos entre os vivos. Não poderiam ser meus amigos já que, além de Vince, eu não tinha mais nenhum. E eu tinha acabado de saber, de um jeito um tanto amargo, que Deborah não faria isso. Naquele dia ela tinha deixado bem clara a sua posição, e eu não podia acreditar que a tinha mudado tão drasticamente.

Se eu eliminar os amigos e a família, então quem restava? Em todo o

mundo, não havia mais ninguém que realmente daria a mínima se eu estivesse vivo ou morto, embora parecesse que a lista de pessoas que me queriam morto parecesse estar aumentando nos últimos tempos. Então, não é um estranho, não é um amigo, não é família, o que resta...

Pisco de novo. Um pequeno raio de luz entrou no turbilhão escuro e tempestuoso que é o cérebro do Dexter.

Eu estava tentando muito chegar a algo inteligente. Alguém tinha acabado de me superar. Tinha, na verdade, dado diversas voltas de vantagem sobre mim enquanto eu ainda estava na linha de partida, esperando pelo disparo de largada. E, em uma onda de alívio calorosa e maravilhosa, senti minhas faculdades mentais se reanimando, voltando à vida afinal, e, então, eu soube quem era.

Herman O. Atwater.

O “O” não era de Oscar, nem Oliver, nem mesmo Oliphant. Não era de nada, na verdade. Ele se *conectava*. Com *Herman*. Como em *hermano*. *Hermano*. O que qualquer residente da cidade de Miami sabe que é a palavra em espanhol para *irmão*.

*Atwater* era simplesmente o argumento decisivo, a pista final, uma dica tão completamente privada e pessoal que ninguém mais no mundo poderia saber o que significava. Também não era um nome, mas uma localização: *at the water*, que, em inglês, significava “na água”, o lugar mais significativa da minha vida. *Na água*, em um contêiner, onde eu fui arrancado da vida normal e renasci em sangue. Na água, onde o pobre e traumatizado Dexter de 4 anos fora encontrado, após três dias sentado em cima de uma piscina formada com o sangue de sua mãe, completamente sozinho no mundo, exceto pela cabeça decepada de mamãe — e um outro parente vivo, embora tão morto por dentro quanto eu.

Um pequeno e frio contêiner *na água*, abandonado na terrível zona vermelha e pegajosa com apenas nós três: mamãe, eu e meu *hermano*. Meus parentes de sangue.

Meu irmão, nascido de novo como eu, à beira da água. *Hermano Atwater*.

Brian.

Eu não tinha sido abandonado por *toda* a minha família afinal. Minha verdadeira família tinha vindo. Meu irmão, Brian, tinha contratado o melhor advogado da cidade para mim.

Se tivesse demorado tanto para esses pensamentos se formarem na minha cabeça quanto demorou para eu os colocar para fora, tenho certeza de que Kraunauer teria dito que precisava sair para uma importante consulta com a sua manicure. Mas quando o cérebro de Dexter funciona a todo o vapor é como um trem-bala, tamanha sagacidade, mais rápido que um piscar de um olho. Assim, não passou tempo algum entre essas conjecturas e a minha resposta.

— Claro — eu disse no fone, sorridente. — Querido Herman. Que atencioso da parte dele.

— Você conhece o sr. Atwater? — Ele repetiu.

— Naturalmente — falei.

— E é seu desejo que eu o represente neste caso? Em vez do sr. Feldman? — Ele perguntou com seu pequeno sorriso de superioridade.

O sorriso que dei em retribuição era bem mais largo, e um tanto mais real.

— Com certeza.

Ele acenou com a cabeça, duas vezes, e abriu a bela pasta de couro, tudo de um modo que dizia: *Claro que sim, e agora vamos aos negócios*. Ele olhou para as páginas e balançou a cabeça.

— Temo que tenham acontecido algumas... *singulares*... — ele parou e olhou para mim. — Irregularidades?

Eu não tinha certeza do que isso queria dizer, mas a recente experiência me dizia que provavelmente não era positivo.

— Irregular como? — Perguntei, sem ter muita certeza de que queria ouvir a resposta. — Isso pode significar coisa *boa*?

— *Boa* — ele falou, como se fosse uma palavra suja. — Não, se você se preocupa com a lei — Ele sacudiu a cabeça em desaprovação, esforçando-se para mostrar um único de seus dentes brilhantes, como um lobo que tenta, mas mal consegue esconder as suas presas. E, segurando a papelada, diz: — Temo que não posso chamar nenhuma dessas coisas de *boas*.

— Oh — eu disse, não muito certo de como me sentir a respeito. — Então, o que isso quer dizer? Para mim...?

Kraunauer sorriu, e agora todas as presas de lobo estavam bem visíveis.

— Vamos colocar nos seguintes termos. Se você estiver aqui sentado no TGK amanhã a essa hora, quer dizer que estou morto.

Ele fechou a pasta e, agora, seu sorriso se revelou muito mais amplo.

— E eu não planejo morrer tão cedo, sr. Morgan.

## CAPÍTULO 5



**DEVE HAVER MESMO, EM ALGUM LUGAR, UMA DIVINDADE MALÉVOLA** que olha com carinho pelos malvados. Porque Kraunauer não morreu, e ele cumpriu sua palavra — e foi além, na verdade, se considerada a terrível inflação no mercado de ouro ultimamente. Nem mesmo ouro teria soltado Dexter da noite para o dia, mas Kraunauer conseguiu. Bem cedo na manhã seguinte, bem antes de eu ter outra chance no êxtase epicurista do almoço do TGK, eu já estava piscando sob a luz do sol, no estacionamento da frente do prédio e me perguntando o que aconteceria a seguir.

Eles devolveram as minhas roupas e tudo o mais que tinham tirado de mim em minha chegada — além de uma pasta espessa de papelada que eu assumi que dava detalhes de minha libertação e ameaças terríveis que lidavam com um reencarceramento. Empacotei tudo e me troquei com gratidão. Para ser bem honesto, tinha ficado um pouquinho cansado do alegre macacão laranja, e era muito bom usar minhas roupas próprias e relativamente discretas. Por outro lado, minhas calças ainda tinham algumas manchas de sangue, sequelas da agitada noite da carnificina do homicídio múltiplo que aconteceu logo antes da minha prisão, e o macacão, pelo menos, sempre esteve cem por cento livre de manchas de sangue. Mas uma vida de sucesso é uma série de trocas, e eu não derramei nenhuma lágrima pela perda do meu macacão. Também recuperei minha carteira, meu celular e até o meu cinto. O cinto era a verdadeira cereja do bolo; fiquei verdadeiramente eufórico ao saber que, agora, poderia me enforcar se quisesse. Eu não faria isso, claro, mas poderia considerar em breve, se eu não conseguisse pensar em uma maneira de chegar em casa. Eu teria ido em um carro da polícia. Infelizmente, não tinha nenhum me esperando para me dar uma carona. E, para falar a verdade, eu já tinha tido o bastante de polícia por um

tempo. Caminhar seria mais preferível, e era bom para mim. Uma boa e rápida caminhada de 24 quilômetros até a minha casa colocaria o meu corpo em movimento, um sorriso na minha cara e uma música no meu coração.

Por outro lado, eu estava em Miami, o que significava que o que é quente fica ainda mais quente. Seria uma pena sair da cadeia para morrer de insolação. Talvez se eu esperasse tempo o bastante, um táxi apareceria. E se esperasse um pouco mais, construiriam uma linha de trem até a porta da minha casa.

Havia algumas outras poucas opções. Embora tivessem devolvido o meu telefone, ele estava completamente morto após sua infeliz prisão. Então eu fiquei do lado de fora da porta da frente, olhando estupidamente ao meu redor. Eu tinha entrado pela parte de trás, no lado oposto do edifício. A vista da frente do TGK era bem mais agradável; subindo por trás de mim estava a fachada cinzenta e deliciosamente sinistra do edifício, ao meu redor, em um momento de design instigante, erguia-se uma cerca alta de arame farpado. Carros estavam estacionados por absolutamente toda parte e em qualquer lugar que pudessem estar, até mesmo em espaços que não eram espaços de verdade. Os veículos estacionados se acumulavam em torno de três lados do edifício e transbordavam no grande lote atrás. Eles estavam amontoados sob árvores, em canteiros centrais, e em pontos onde era proibido estacionar por ser rota de saída de incêndio. Em qualquer outro lugar na cidade tal abandono louco de veículos certamente seria recompensado com reboque e multas. Isso levava à reflexão da ironia de que aqui, na própria *cadeia*, onde a maioria dos nefastos infratores reincidentes e também infratores de trânsito estavam presos, não havia fiscalização de estacionamento.

Também trazia a reflexão sobre uma nova ironia: que, com tantos veículos largados e sem uso, nem um só deles estava disponível para que o pobre e liberado Dexter pudesse pegar uma carona. Não parecia justo. Mas, claro, nada na vida é justo, exceto em alguns jogos de tabuleiro antiquados.

Ah, bem. Liberdade é uma faca de dois gumes, pois carrega consigo o fardo terrível da autossuficiência. E agora eu sei, a partir da dura experiência, que meu espírito ansiava por respirar ar livre, e eu deveria estar disposto a pagar o preço.

E eu estava. Mas na verdade, se pagar o preço significava ir caminhando para casa, eu preferia ter colocado a liberdade no cartão de crédito.

Então eu fiquei lá piscando na luz do sol brilhante e desejando que tivesse

óculos de sol. E meu carro. E, diabos, um sanduíche cubano e uma cerveja. Eu tinha estado ali por uns bons três minutos antes de perceber uma buzina soar nas proximidades, em intervalos regulares. O som veio da minha direita. Por não mais do que mera curiosidade, olhei nessa direção.

A cerca de 15 metros, o estacionamento lotado se dobrava para a direita. Logo além, do outro lado da cerca de arame farpado, havia um grande terreno baldio, também transbordando de carros.

Em pé, meio escondido pela porta aberta de um dos carros, com um dos braços esticados sobre a buzina do seu veículo, estava um homem de camiseta e bermuda, boné de beisebol e grandes óculos escuros. Ele levantou a outra mão e acenou, apertou a buzina uma vez mais, e conforme eu percebi com um susto que ele estava acenando para mim, também me dei conta de quem ele era, apesar da sua fantasia de turista. Era meu irmão, Brian.

As leis do nosso universo não são muito indulgentes quando se trata de coincidências inacreditáveis. Ver Brian aqui, logo depois de ele me dar um cartão de saída da prisão na pessoa do sr. Frank Kraunauer, não poderia ser obra do acaso. E então, quase sem parar, deduzi que Brian tinha vindo para me pegar, e que eu deveria me aproveitar disso. Então, caminhei rapidamente até a cerca que separava o carro do centro de detenção.

Brian me viu caminhar em direção a ele, e seu terrível sorriso falso é quase deslumbrante demais para se suportar na luz brilhante do dia. Quando estava a três metros de distância, ele levantou a mão e apontou para a minha direita.

— Tem um buraco na cerca — disse, agitando seu indicador. — Logo ali.

Existia realmente um buraco na cerca, a poucos metros de distância. Parecia desgastado e era grande o suficiente para que eu passasse com conforto. Em pouco tempo eu estava parado na lama do lado do jipe verde do meu irmão e estava mostrando a maioria dos meus dentes para ele.

— Brian — eu disse.

— Em pessoa — respondeu. Ele gesticula para o lado do passageiro. — Posso oferecer uma carona, irmão?

— Você pode — digo. — E vou aceitar com gratidão.

Brian se sentou no banco do motorista, enquanto eu dava a volta no carro, e ele já tinha dado a partida e ligado o ar-condicionado quando eu subi.

— Também preciso agradecer pelo esplêndido presente — eu disse

enquanto apertava o cinto de segurança. — Frank Kraunauer foi uma ótima surpresa.

— Oh, bem — Brian diz com modéstia. — Não foi nada demais.

— Foi muita coisa — digo. — Estou livre.

— Sim — diz Brian. — Mas não em definitivo...

Assenti com a cabeça.

— Provavelmente não. Isso seria demais para se esperar, não seria?

— Temo que sim — diz Brian. — Ah, esse mundo perverso.

— Kraunauer fez o juiz me liberar, já que a papelada estava uma bagunça completa, mas o procurador do Estado com certeza vai tentar de novo. Ele realmente quer esse caso.

— E, por conseguinte, você? — ele disse.

— E a mim — digo. — Mas estou livre agora — Fiz reverência, tanto quanto era possível usando o cinto de segurança. — Então, obrigado.

— Bem, afinal — Brian diz, manobrando o carro pra longe da cerca —, pra que serve a família?

Pensei em algo um tanto infeliz com a minha outra família, tendo Deborah em mente.

— Às vezes me pergunto — digo.

— Em todo caso — Brian diz, acelerando o carro e fazendo-o pular pela lama do terreno baldio, em direção à rua —, parecia pouco para se fazer. Você faria o mesmo por mim, não faria?

— Bem — engasgo. — Certamente faria *agora*. Entretanto, não sei se conseguiria pagar pelo Kraunauer.

— Oh, isso — ele diz com desdém, agitando a mão. — Tive um ganho inesperado. E é só dinheiro.

— Ainda assim — digo —, estou bem agradecido. Aquele lugar é bem claustrofóbico — digo, e me lembro da minha cela de concreto e de meu “colchão”.

— É mesmo, não? — Diz Brian.

Ele chegou até a rua, e enquanto se dirigia para a avenida NW 72<sup>nd</sup> observei seu perfil, tão parecido com o meu. Imaginei se ele realmente passou um tempo no TKG. Existia um monte de coisas que eu não sabia sobre Brian, especialmente sobre seu passado. Fomos separados quando éramos jovens: eu fui

com Harry e Doris seguir minha vida como um Morgan, ou como um falso-Morgan, como havia me tornado. Brian não teve um caminho tão fácil, cresceu em uma série de orfanatos, reformatórios e, possivelmente, em cadeias. Ele nunca deu detalhes sobre essa época, e eu nunca perguntei. Mas não me parecia improvável que ele soubesse muito bem como era a vida dentro da cadeia.

Ele se virou e me viu olhando para ele, e levantou uma sobrancelha.

— Bem — Brian disse alegremente —, e agora?

Pode parecer estúpido, o que não é surpresa, considerando o meu comportamento recente, mas eu não tinha resposta. Eu estive tão focado em sair que não tive nenhum pensamento além desse.

— Eu não sei.

— A propósito — diz Brian —, pensei que você talvez quisesse deitar e descansar por um momento — Ele se virou para mim e levantou suas sobrancelhas. — Certo? Então eu tomei a liberdade de reservar pra você um calmo quarto de hotel.

Pisquei.

— É muito gentil de sua parte, meu irmão.

— Oh, sem problema nenhum — ele disse alegremente. — E coloquei num bom cartão de crédito anônimo.

Eu pensei sobre isso por um momento. Brian estava absolutamente certo em dizer que eu precisava ficar debaixo dos panos por um tempo, até eu saber em que direção o vento estaria soprando. Mas, curiosamente, embora eu não estivesse sentindo falta de casa, eu precisava ver algumas coisas e lugares familiares, apenas para limpar a cela da memória e me sentir realmente livre de novo.

— Você pode me levar para a minha casa? — Pergunto. — Gostaria de tomar um banho, mudar de roupa. E talvez sentar num sofá de verdade por um tempinho.

— É claro. E depois disso?

Eu balancei a cabeça.

— Eu não sei. Há muita coisa que eu não sei.

— Sobre? — Devolveu ele, imediatamente.

Suspirei pesadamente, sentindo o peso da liberdade sobre meus ombros. Parecia tão simples quando a vida não era mais do que minha cela, o pátio e

adivinhar o que vinha no sanduíche. Agora...

— Acho que tudo — eu disse. — Só sei que o detetive Anderson me odeia, e ele fará de tudo para continuar me perseguindo. E, aparentemente — eu disse, afastando-me para olhar com tristeza para fora da janela —, Deborah me odeia tanto quanto.

— Como eu imaginei — ele disse com neutralidade. Brian evitava Deborah com muito cuidado, e era realmente a única coisa inteligente a fazer desde que ela o tinha visto naquela noite, há alguns anos, quando Brian a sequestrou, amarrou em um depósito, e me encorajou a matá-la. Esse tipo de encontro pode tornar um pouco estranho um relacionamento. Deborah pensava que Brian estava morto — se é que ela pensava nele. Como um monstro sensível, Brian preferia não acabar com essa ilusão.

— De qualquer forma — eu disse —, não tenho certeza de qual é o meu *status* no trabalho, mas preciso falar com meu amigo Vince e tentar ver com ele quais são as evidências contra mim.

— Vince é o camarada asiático? — Brian perguntou, e eu assenti. — Sim, você o mencionou antes. — Ele nos levou em direção à via expressa Palmetto Expressway, em direção ao leste.

— Mesmo que eu tenha sido suspenso ou demitido, acho que Vince vai ajudar — eu disse.

— Aham — Brian concordou, e pareceu muito falso, do jeito que parece quando isso é escrito. — Acontece que eu fui visitar o querido Vince.

Olhei para ele com surpresa. Para Brian, chegar perto de um carro-patrolha era um risco. Ir até um quartel de polícia era uma insanidade inimaginável.

— Sério? — Eu disse. — Você foi lá dentro? No laboratório?

Ele mostrou os dentes de novo.

— Não — respondeu. — Esperei que Vince saísse para almoçar. Segui-o até um bistrô próximo da Eighth Street, Chez Octavio's?

Assenti. Eu conhecia o Octavio's, não tinha nada de francês para justificar o "Chez". Estava mais para *basura*<sup>[1]</sup>, e era provável que servisse a pior comida cubana da cidade. Mas era bem barato, do jeito que Vince gostava.

— O que você descobriu? — Perguntei.

— Algumas coisas muito interessantes — Brian disse, acenando alegremente para um grande caminhão-tanque que desviou na frente dele sem

motivo. — Para começar, Vincent Masuoka é mesmo seu amigo — Ele disparou para mim seu terrível sorriso falso. — Até certo ponto.

— Todo mundo tem um limite, acho — eu disse.

— Bem verdade. O de Vince, entretanto, é bem além do que você pode imaginar. — Ele parou para buzinar conforme uma picape com três cachorrões serpenteava através de duas pistas, aparentemente com o único propósito de ficar na nossa frente e nos atrasar. Brian desviou para a pista da direita e passou. Os cães nos observaram com uma apatia matinal conforme passávamos.

— Em todo caso — Brian continuou —, Vince aguentou uma grande pressão do detetive Anderson.

— Pressão pelo quê?

Brian sorriu de novo.

— Oh, praticamente nada — ele disse com alegria. — Algumas pequenas bagatelas, como suprimir evidências, falsificar relatórios, mentir sob juramento... O tipo de tarefa diária que se faz de olhos fechados.

— E Vince se recusou? — Perguntei, maravilhando-me um pouco. Vince não era pródigo, e chamá-lo de tímido é algo compreensível.

— Sim, ele se recusou — Brian disse, assentindo. — O que levou a uma visita de um Anderson furioso, em carne e osso. Que contou o que se passou a seu supervisor, que ofereceu remover Vince do caso, se ele não quisesse colaborar. E então — ele disse, de uma maneira bem dramática — ele fez o impensável.

— Sério? — Eu disse, tentando pensar no que poderia constituir um comportamento impensável para Vince, e não consegui. — O quê?

— Foi até o escritório do procurador do Estado e contou tudo — Brian disse com solenidade. — Com evidências documentadas, relatórios e tal, tudo grosseiramente adulterado pelas mãos de Anderson.

— Bem — eu disse —, isso é impensável. — E é evidente que eu não me referia aos documentos adulterados toscamente por Anderson. Eu já tinha assumido isso. Mas, primeiro de tudo, alguém do departamento reportar outra pessoa de lá para a Procuradoria do Estado era completamente fora do código de conduta. Segundo, essa pessoa ser Vince, um conhecido patife... quase desafiava a imaginação — O que aconteceu? Foi por isso que Kraunauer me tirou tão rápido da cadeia?

— Oh, não, querido irmão — Brian chiou. — Afaste tais noções ingênuas da sua cabeça. O mundo não é nem de perto tão simples.

— Nem dá repostas diretas e conclusivas — eu disse. — O que o procurador do Estado disse?

— Tem um jeito mais moderno de dizer “vá ver se eu estou na esquina”? — Brian perguntou pensativo. — Não sei se é uma expressão ainda usada.

— O procurador do Estado disse *isso*?

— Algo similar — Brian respondeu.

O carro deu um solavanco. Nos movemos pela superfície da rua, e ele olhou para mim.

— Está desiludido, irmão?

— Minhas ilusões não costumam envolver o procurador do Estado — eu disse.

— Bem, parece improvável que um mero detetive pressione o procurador do Estado. Porém, acho que coisas estranhas aconteceram.

— Tenho certeza de que sim. Mas não acho que isso tenha acontecido.

Brian olhou para mim e levantou uma sobrancelha.

— Nem mesmo um bandido limitado e monocelha como Anderson tentaria intimidar o procurador do Estado — eu disse. — Mas...

Pensei a respeito: um trabalhador honesto leva uma denúncia ao departamento da Procuradoria-Geral de autêntica prevaricação, malversação e falsificação. E o departamento, como era de esperar, não parabeniza o denunciante com um aperto de mão sincero e, em seguida, entra em ação indignado contra o autor do crime hediondo. Em vez disso, disseram para Vince ir embora e deixá-los em paz, ir ver se eles estavam na esquina. Ou seja, as coisas estão indo no caminho contrário das nossas expectativas, pelo menos das que o departamento de Procuradoria-Geral deveria realizar. Mas, claro, como eu sabia muito bem, nada no nosso sistema judiciário é como *deveria* ser. Acho que o mesmo pode ser dito da maioria das coisas da vida; quando foi a última vez que você encontrou um garçom que era de fato um *garçom* e não um frustrado ator/escritor/dançarino matando o tempo até estourar nas paradas? Porém, é evidente que, com a Justiça, onde tantas vidas destróçadas estão na balança, os riscos sejam muito maiores, e, por isso, realmente esperamos pelo melhor.

Ah, bem. Mas esperança é para pessoas que não conseguem ver a verdade.

Assim como acontecera agora, eu acho que percebi a verdade.

— Ahá! — Eu disse. — Isso não soa muito brega?

— Não mais do que “vai ver se eu estou na esquina” — Brian disse. — Então me diga.

— Em primeiro lugar, meu caso é um olho roxo bem público para o departamento.

— Internacional — Brian corrigiu. — Estava sendo amplamente noticiado no México, também.

— Então eles precisam ter isso resolvido — eu disse. — Precisam resolver condenando alguém como eu.

— Bem, então, quem melhor do que você?

— Ninguém — eu disse. — Mas há mais. Imagine que você é um advogado.

— Por favor — Brian disse com um estremecimento muito real —, tenho alguns princípios.

— E agora imagine que um dos seus clientes — ou muitos deles — foram condenados com provas fornecidas pelo detetive Anderson.

— Oh — Brian disse.

— Sim — eu disse. — Quando você descobre que Anderson adulterou evidências uma vez...

— Então você pode persuadir com facilidade um juiz de que ele adulterou evidências *duas vezes* — Brian disse.

Assenti.

— Ou mais. Talvez todas as vezes, em cada um dos casos. E o detetive Anderson tem um grande número de casos — eu disse. — A maioria dos detetives tem.

— E, subitamente, as ruas são inundadas com criminosos soltos — Brian conclui.

— Isso — eu disse. — O que muitas pessoas preferem evitar.

— Ah, bem, vivemos em tempos perversos.

— E tempos muito atribulados, também — eu completei. — E de repente toda condenação dos últimos cinco anos é derrubada. E? — Agora era minha vez de fazer uma pausa dramática.

— Oh, cara, tem *mais*? — Brian disse em terror zombeteiro.

— Apenas uma coisa — eu disse. — O procurador do Estado é *eleito* na

Flórida.

— Oh, bravo! — Brian disse com verdadeira alegria. — Que maravilhosa estupidez!

— É mesmo, não é? — Eu disse. — A qualidade da misericórdia não é forçada, mas é controlada por alguém que conseguiu o seu trabalho ao se acovitar com o menor denominador comum possível.

— E eles devem apresentar uma marca impressionante de condenações para que ele seja *reeleito* — Brian disse.

— Sim.

— Então o quadro está completo — ele conclui, enquanto nos guiava, por uma rampa de acesso, à avenida I-95, lado sul.

— Quase — eu disse.

— Nossa Senhora, há *mais*? — Disse Brian com o mesmo terror zombeteiro.

— É bem provável — eu disse.

— Conte.

— Bem — eu disse devagar —, é apenas uma especulação, mas e se fosse *eu*...?

— Oh, cara — Brian disse. Pela primeira vez ele franziu o cenho. — Pobre Vince, você acha que fariam isso?

Dei de ombros.

— Como eu disse. Especulação. Eles podem não chegar a *matá-lo*.

— Mas, em todo caso — Brian disse —, desgraça, desonra, descrédito e demissão.

— Quase com certeza — eu disse.

— E não podemos permitir isso — Brian respondeu. — Já que ele é nosso *ás* na manga, e precisamos dele vivo e, bem, com uma credibilidade alta.

Olhei para o meu irmão com alguma afeição. Ele tinha ido direto ao ponto da praticidade, sem hesitar sobre a amizade, gratidão ou honra. Era bom estar perto de alguém que pensava tão parecido comigo.

— Precisamente — eu disse.

— E se algum terrível acidente acontecesse com Anderson...? — Ele sugeriu.

— Admito que é tentador. Mas seria demasiado conveniente para mim.

— Mas você teria um ótimo *álibi* — ele disse, de uma forma pouco sedutora

demais, acho. — Ninguém jamais poderia implicá-lo.

Balancei minha cabeça.

— Deborah saberia — eu disse. — Ela já indicou que poderia me entregar algum dia.

— Humm — ele murmurou, e eu já sabia o que ele sugeriria, antes mesmo de falar. — Então, poderiam acontecer *dois* acidentes terríveis...

Abri a boca para dizer para ele esquecer essa ideia, deixar para lá, colocar esse pensamento permanentemente fora da sua mente. Não Deborah, nunca a minha irmã, não importa o que poderia acontecer. Estava fora de questão, fora do menu, não era nem remotamente possível... e, então, eu parei, fechei a boca e ponderei. Tinha sido um impensado e puro reflexo negar o pensamento de envolver Deborah em um acidente, e como tantas negações de reflexo impensado, ele realmente não carregava o peso do pensamento lógico. Eu nunca teria considerado isso antes, nem mesmo por um momento; família, lealdade e obrigação, tudo isso socado na minha cabeça por Harry, durante tantos anos de aceitação e prática, tornou isso impossível. Deborah era impensável e intocável. Ela significava aconchego familiar, amiga e parente, tão parte de mim quanto meu braço.

Mas e agora?

Agora, após ela ter me desdenhado tão completamente, me dispensado e me deserdado? Rejeitou-me completamente e a tudo o que eu sou. Era mesmo impensável mandar Debs na Longa Viagem Sombria *agora*, quando ela já tinha sugerido que não achava nem um pouco impensável fazer exatamente isso *comigo*?

Eu senti um pequeno ronronar, manhoso, deslizando dentro de mim, onde o passageiro dormia, aninhado em teias e sombras, e o ouvi sussurrar para mim o que eu percebi que já sabia.

Não era nem um pouco impensável.

Era, de fato, bem plausível.

E mais: seria um perfeito cenário pintado com a pátina da verdadeira Justiça, bem ao modo do Velho Testamento. Debs não estava querendo me ver morto? Então, faria total sentido, pensando em “olho por olho, dente por dente”, eu querer vê-la morta primeiro.

Lembrei-me das palavras dela: “*você nunca foi mesmo meu irmão*”. Elas

ainda doíam, e senti uma raiva que queimava lentamente as bordas da minha estrutura, construída sobre as bases de Harry. Eu nunca tinha sido o irmão dela de verdade? Certo. Isso significava que *ela* nunca tinha sido minha irmã de verdade também. Agora e para sempre não éramos mais parentes, irmãos, sequer relacionados.

E *isso* significava...

Percebi que Brian estava cantarolando alegremente, de maneira tão desafinada que eu nem conseguia reconhecer a melodia. Ele ficaria tão feliz, e talvez mais feliz, se eu desse a ele a permissão para se livrar de Debs. Ele não entendia minhas objeções anteriores, e com certeza ele mesmo não sentia nenhuma hesitação. Afinal, ele nunca tinha pensado que era relacionado a Deborah; essa tinha sido minha trágica falácia. E mesmo que ele, como qualquer outro réptil, não fosse mais capaz de sentimentos humanos, era o Brian quem tinha vindo me ajudar, depois que Debs se recusou com uma grande aversão hipócrita. A grande ilusão da minha ligação com Deborah tinha sido exposta, rejeitada, removida na briga diante da primeira dificuldade real. E, ao contrário disso, laços de sangue tinham se provado reais.

E ainda assim...

Eu ainda achava muito difícil imaginar o mundo sem Debs.

Brian tinha parado de cantarolar, e eu olhei para ele. Ele olhou de volta, com seu terrível sorriso falso no lugar.

— Bem, mano — ele disse. — Qual será o prato do dia? Dois pelo preço de um?

Eu não conseguia suportar seu olhar. Olhei para fora, em direção à janela.

— Ainda não — respondi.

— Certo, então — ele disse, e eu pude sentir a decepção em sua voz. Mas seguiu dirigindo, e continuei a olhar pela janela. Eu me enterrei em reflexões escuras e, realmente, não via nenhuma das paisagens que passavam na janela, nem mesmo quando chegamos perto da minha casa e tudo foi ficando mais familiar. Nenhum de nós falou até que, uns vinte minutos mais tarde, Brian rompeu o silêncio.

— Chegamos — ele disse, diminuindo a velocidade. — Opa! — e, então, eu olhei pela janela.

Ele passou devagar pela minha casa, o lar onde tinha vivido com Rita por

um período tão longo, e bem na frente havia um carro estacionado.

Um carro de polícia.

## CAPÍTULO 6



**COMO EU DEVO TER MENCIONADO, BRIAN TINHA UMA REAL AVERSÃO** à polícia. Ele não tinha nenhuma intenção de parar para conversar com os dois tiras que estávamos vendo no carro. Eles olharam para nós, apenas fazendo o trabalho deles de checar o tráfego, parecendo entediados, mas ainda assim preparados para saltar do carro e abrir fogo se sacássemos primeiro ou tentássemos lhes vender drogas. Mas Brian sorriu de maneira bem descolada, assentiu e continuou seu caminho, passando pela casa, apontando para as casas da vizinhança, em uma ótima imitação de um House Gawker's Crawl, um serviço do sul da Flórida que envolve dirigir a um ritmo irritantemente lento, enquanto são mostradas casas que podem um dia estar à venda. Era um disfarce perfeito, e os policiais não fizeram nada mais do que nos dar uma olhada antes de voltar à sua conversa, que sem dúvida envolvia esportes ou sexo.

Mas era, afinal, minha casa, e continha a maioria das minhas posses. Eu queria entrar, nem que fosse apenas para trocar de roupa.

— Dê a volta no quarteirão — eu disse a Brian. — Me deixe na esquina e eu volto andando.

Brian me deu uma olhada preocupada.

— Isso é mesmo uma boa ideia? — Perguntou.

— Não sei — eu disse. — Mas é a minha casa.

— Aparentemente também é a cena de um crime — Brian disse.

— Sim, é mesmo — respondi. — Detetive Anderson roubou minha casa.

— Bem — ele disse com calma —, como falei antes, tem um quarto de hotel esperando por você.

Balanço minha cabeça, de repente me sentindo teimoso.

— É minha casa — falei. — Tenho de tentar.

Brian suspirou teatralmente.

— Muito bem — disse. — Mas isso parece ser um risco terrível, para alguém que saiu a menos de uma hora da cadeia.

— Vou ficar bem — eu disse, embora, na verdade, não estivesse nem de perto tão otimista quanto parecia. Até agora Anderson e o poderoso Rolo Compressor da Justiça que ele representa tinham me dominado, e não havia nenhuma razão para pensar que as coisas iriam mudar agora, meramente porque eu era representado por Frank Kraunauer. Mas uma pessoa não pode tentar menos que o máximo, e então eu saí do carro de Brian resoluta e repleto de esperança sintética, um sorriso falso animador pintado em meus lábios.

Enfiei minha cabeça para dentro do carro e disse:

— Vá até o pequeno shopping que há na esquina. Vou a pé até lá quando terminar.

Brian se afastou para trás e olhou para mim estarecido, como se estivesse com medo de que nunca mais fosse me ver de novo.

— Se você não estiver lá em meia hora, vou ligar para Kraunauer — ele disse.

— Estarei em 45 minutos — respondi. — Se eu entrar, vou querer tomar uma ducha.

Ele olhou para mim um pouco mais, então balançou sua cabeça.

— Essa é uma péssima ideia — ele disse, ligou o carro e foi em direção à avenida Dixie Highway.

Eu entendia a preocupação de Brian. Era um cuidado perfeitamente natural da parte de alguém que gostava do tipo de entretenimento que ele gostava. Sempre tinha visto policiais como o inimigo, um predador rival na cadeia alimentar a ser evitado sempre que possível. Mas mesmo que eu compartilhasse o mesmo gosto peculiar, eu não tinha aversão pura aos uniformes azuis. Minha educação singular e carreira tinham me familiarizado com tiras, e os entendia tanto quanto a qualquer ser humano.

Então eu andei direto na direção do carro patrulha, sorriso falso ainda na minha cara, e dei um tapinha no para-brisa.

Duas cabeças giraram para mim em perfeita harmonia, e dois pares de olhos frios, um azul e outro castanho, me olharam com prontidão sem piscar.

Fiz uma mímica para que abaixassem a janela, e depois de outra encarada,

o dono dos olhos castanhos, o mais perto de mim, abriu a boca.

— Posso ajudá-lo, senhor? — Disse de tal maneira que a palavra *ajuda* soou o mais ameaçadora possível.

Deixei meu sorriso se alargar só um pouquinho, mas o oficial não pareceu impressionado. Ele era magro, cerca de quarenta anos, com pele morena e cabelo curto e preto, e seu parceiro, que era muito mais jovem e bem pálido, com um cabelo loiro cortado estilo militar, se inclinou para me ver.

— Sim, espero que sim — respondi. — Bem, esta aí é a minha casa e eu queria entrar e pegar algumas coisas...

Nenhum dos dois me encorajou, nem mesmo piscaram.

— Que tipo de coisas? — Olhos Castanhos perguntou. Pareceu mais uma acusação do que uma pergunta.

— Muda de roupas? — disse com esperança. — Talvez uma escova de dentes?

Enfim, Olhos Castanhos piscou, mas isso não o amaciou em nada.

— A casa está selada — disse. — Ninguém entra, ninguém sai.

— Só por um minuto? — Implorei. — Você pode vir junto.

— Eu disse *não* — Olhos Castanhos respondeu, agora descendo na escala, indo de frio para hostil.

E mesmo embora eu não tivesse nenhuma esperança de que eles iam mudar de ideia, não podia evitar dizer, em um tipo de gemido desesperado e patético:

— Mas esta é a minha casa.

— Era sua casa — Olhos Azuis disse. — Agora é evidência.

— Sabemos quem você é — Olhos Castanhos disse, abertamente raivoso agora. — Você é o psicopata maldito que matou Jackie Forrest.

— E Robert Chase — Olhos Azuis entrou na conversa.

— Você fez com que todos nós parecêssemos idiotas — Olhos Castanhos disse. — Toda a maldita força policial... sabia?

Um número grande de respostas espertinhas sobrevoaram meu cérebro, como, “*Oh, não, mas vocês já pareciam*”, ou “*Pode ser, mas vocês com certeza ajudaram*”, ou, ainda, “*Isso não seria tão difícil*”. Sob circunstâncias normais, eu não teria hesitado em deixar uma dessas respostas escapar. E olhando para dentro do carro-patrolha, para Olhos Castanhos, percebi que esta até seria uma ótima

oportunidade para o meu humor corrosivo abrir mentes tão compactas e iluminar visões tão turvas. Olhos Castanhos parecia completamente avesso a enxergar um mundo divertido protagonizado por mim, então deixei meu repertório de respostas murchar em silêncio.

— Você deveria estar preso — Olhos Castanhos continuou. — O que diabos você está fazendo solto?

— É melhor reportarmos — Olhos Azuis complementou.

— Fui solto esta manhã — respondi com rapidez. — Tudo perfeitamente dentro da lei. — Eu pensei em tentar um sorriso tranquilizador, mas decidi que essa era uma ideia ruim. Olhos Azuis já estava no rádio, e seu parceiro estava abrindo a porta do carro e saindo para me encarar com toda a majestade da lei e com uma fúria mal controlada. O efeito não deu certo porque Olhos Castanhos só tinha cerca de 1,63m de altura, mas fazia o que podia para parecer mais alto com sua raiva.

— Fique em posição — ele disse, apontando o lado do carro com a cabeça. Abri a minha boca para protestar que eu não tinha feito nada para justificar aquilo, e conforme fiz isso, sua mão foi em direção à sua pistola. Fechei a boca e fiquei em posição.

Eu cresci perto de policiais, e passei toda a minha carreira entre eles, e eu sei perfeitamente bem como ficar em posição. Devo dizer que agi muito bem fazendo aquilo. Mas, mesmo assim, Olhos Castanhos chutou os meus pés para separá-los, com força, e me empurrou contra o carro, com clara esperança de que eu batesse a minha cabeça. Considerando o seu humor, não seria sábio desapontá-lo, mas era, afinal de contas, a minha cara, então eu me arrisquei e me segurei com as minhas mãos.

Ele me revistou rápida e completamente, conseguindo me machucar “por acidente” sempre que possível, e então, jogando minhas mãos para trás, me algemou com rispidez. Ele colocou as algemas mais apertadas do que o necessário, naturalmente. Já esperava por isso depois do resto de sua performance, mas não havia muito que eu pudesse fazer a respeito disso. E então, mantendo uma mão em mim, ele abriu a porta de trás do carro-patrolha.

Eu sabia que isso ia acontecer, claro. Ele ia me empurrar para o banco de trás, parando bruscamente no meio do caminho, para eu bater a minha testa contra o teto do carro, “por acidente”, então me preparei para me esquivar, se

pudesse. Mas, felizmente para mim, antes que ele pudesse me empurrar, seu parceiro o chamou.

— Ramirez, espere — Olhos Azuis disse.

Ramirez parou, e, em seguida, agarrou meu pulso e puxou meus braços para cima. Doeu.

— Lemme, coloque-o no carro — ele disse.

— Ramirez! — Olhos Azuis disse. — Há ordens para deixá-lo ir.

Ramirez me apertou mais.

— Ele está resistindo à prisão — disse cerrando os dentes.

— Não estou, não — eu disse. E era verdade, se eu estava resistindo a algo, era a circular o meu sangue. Minhas mãos já estavam ficando roxas por causa do aperto das algemas.

Porém Ramirez estava no modo valentão, e claramente não se importava. Ele me empurrou, acertando-me contra o carro.

— Sua palavra contra a minha — ele sibilou.

— Qual é, Julio, ele não está preso — Olhos Azuis disse. — Vamos, você precisa deixá-lo ir. Julio, caralho, vamos.

Houve uma pausa que me pareceu bem longa, e então eu ouvi um barulho que soou como um radiador superaquecido, o que eu esperava ser Ramirez decidindo que tinha mesmo que me soltar.

Era. Ele soltou meus braços de forma abrupta, e logo em seguida soltou minhas algemas. Eu me virei e olhei para ele, que estava claramente esperando que eu me apressasse em ir embora, timidamente, para que ele pudesse dizer algo ameaçador, me assustando. E era bem provável que colocasse o pé para que eu tropeçasse conforme eu passasse por ele. O policial também estava parado muito perto de mim, um comportamento padrão de valentões. Talvez pelo fato de estarmos tão próximos eu não notasse o quão baixinho ele era. Mas eu notava, assim como eu também tinha notado todas as suas tentativas estúpidas e mesquinhas de me intimidar, causar dor, e silenciar a canção em meu coração. Não era necessário. Em teoria, também não era legal. E eu era, afinal, inocente. Sua intimidação tinha me irritado. Então, em vez de sair correndo, cheguei um pouco mais perto dele, não perto o bastante para lhe dar uma razão para abrir fogo, mas o bastante para lembrá-lo de que eu era bem mais alto, e forçá-lo a dobrar um pouco mais o pescoço para olhar para mim.

— Julio Ramirez — eu disse, assentindo brevemente para denotar que eu me lembraria. — Você vai ter notícias do meu advogado. — Parei de falar de modo a dar tempo suficiente para ele começar a escancarar um sorriso de escárnio, e então eu concluí: — O nome dele é Frank Kraunauer.

Era claro que eu sabia que o nome de Kraunauer era mágico, e à sua mera menção juízes se curvavam e júris desfaleciam. Eu estava esperando que tivesse algum efeito em Ramirez, e fui imediatamente recompensado por uma reação que excedeu as minhas expectativas e foi muito gratificante assistir. Ele ficou pálido, e então deu um passo para trás.

— Eu não fiz nada — ele disse.

— Sua palavra contra a minha — respondi. Deixei-o se afundar por um momento, e então lhe dei um grande sorriso. — E a de Frank Kraunauer.

Ele piscou rapidamente, e, em seguida, sua mão começou a descer em direção à sua arma.

— Droga, Julio, pode entrar no carro? — Olhos Azuis chamou.

Ramirez balançou.

— Psicopata maldito — ele disse. E então entrou no carro e bateu a porta.

Foi uma pequena vitória, especialmente se comparada à perda de um banho e de uma troca de roupas que não tivesse sangue. Mas ainda era uma vitória, e eu não tinha tido muitas delas nos últimos tempos. Tinha sido um bom negócio, melhor do que receber alguns roxos na cara e voltar ao quartel de polícia algemado. Então fiz uma cara confiante, me virei, e voltei para a rua, em direção ao lugar onde Brian esperava.

Andei rapidamente: em parte porque combinava com minha cara confiante, mas também porque eu queria alguma distância entre o carro-patrolha e eu, caso Ramirez mudasse de ideia e decidisse surtar e agir de maneira medieval comigo novamente. Mesmo assim, foi só cerca de dez minutos depois que eu finalmente dobrei a esquina e cheguei ao último quarteirão que dava no estacionamento do pequeno shopping. O dia tinha ficado muito mais quente e eu até suei um pouco, o que me fez lamentar ainda mais que não tinha conseguido chegar ao meu chuveiro e a algumas roupas limpas. Mas pelo menos Brian estava logo ali, parado em frente a uma loja de colchões, com o motor ligado e em marcha lenta. Ele me viu chegar, notou meu rosto e roupas suadas e inalteradas, e acenou com a cabeça, com um sorriso simpático e falso em seu rosto.

Dei a volta no carro e sentei no banco de passageiros.

— Bem — ele disse em cumprimento —, posso supor que as coisas não foram como você esperava.

— Pode mesmo — respondi. Eu levantei meus pulsos, que estavam visivelmente vermelhos e marcados pelas algemas. — Um pouco menos que ótimo.

— Pelo menos você pode agradecer — Brian disse — pelo fato de eu não ser do tipo que insiste em dizer “*eu avisei*”.

— Você não acabou de dizer? — Perguntei a ele.

— Ninguém é perfeito — ele respondeu, e engatou o carro. — E agora?

Eu suspirei, de repente me sentindo muito cansado de tudo. A excitação da minha nova liberdade e a adrenalina do meu encontro com Ramirez tinham sumido. Eu apenas me senti entorpecido, cansado, doente pela injustiça monstruosa ... e ainda mais nervoso que a porta da minha própria casa estava fechada para mim. Não tinha ideia do que fazer a seguir. Só tinha planejado até o banho no meu próprio e confortável chuveiro, e algumas roupas limpas. E agora?

— Não sei — eu disse, e mostrei o cansaço na minha voz. — Suponho que é hora de ir para o hotel. Mas não tenho roupas limpas, ou... — suspirei de novo. — Não sei.

— Bem — Brian disse, mudando o tom de voz para o de comando —, podemos colocar você no hotel a qualquer instante, isso é bem fácil. Mas você deve estar apresentável primeiro.

Ele apontou com a cabeça para o joelho da minha calça. O sangue seco ainda estava lá, bem visível.

— Você não pode ficar circulando desse jeito por aí — Ele balançou a cabeça em uma expressão de desgosto. — Coisa feia. Não vai dar. As pessoas vão notar.

— Acho que você tem razão — respondi. — Então o que faremos?

Brian sorriu e desengatou o carro.

— Há um ditado muito antigo e sábio de nossa gente — ele disse. — Quando em dúvida, vá às compras.

Não parecia muito sábio para mim. Se seguisse isso ao pé da letra, passaria atualmente todos os meus dias no shopping. Mas, nesse caso, acho que ele tinha razão. Então eu levantei um dedo cansado em uma tentativa corajosa de mostrar

entusiasmo, e disse:

— Crédito.

Brian aquiesceu:

— Melhor que dinheiro.

## CAPÍTULO 7



**BRIAN DIRIGIU POR ALGUNS QUILÔMETROS EM UM TRÁFEGO MATINAL** relativamente tranquilo e então entrou no estacionamento de um grande Walmart. Levantei uma sobrancelha para ele ao perceber onde estava nos levando. Ele sorriu aquele seu terrível sorriso falso e falou:

— Você merece apenas o melhor, caríssimo irmão.

Ele parou o mais próximo possível, então soltei o cinto de segurança e abri a porta, mas parei ao ver que Brian nem se mexeu para sair do carro e me acompanhar.

— Se não se importar — começou ele se desculpendo —, prefiro esperar aqui. — Então deu de ombros. — Não gosto de multidões.

— Não me importo — respondo.

— Ah! — Ele disse repentinamente. — Você tem dinheiro?

Olhei para ele apenas por um momento. Eu vinha, até agora, entendendo aquela generosidade anormal como algo normal, mas me ocorreu que talvez não fosse. Ele era meu irmão, a pessoa mais parecida comigo do que qualquer outra no mundo, e era exatamente por essa razão que, de repente, não fazia nenhum sentido ele ser tão atencioso e prestativo. Mas, pela minha vida, não consegui pensar em nenhum motivo escuso. Talvez ele estivesse mesmo tentando ser o irmão mais velho perfeito. Era difícil acreditar, mas o que mais poderia ser? Então apenas deixei aquilo para lá e mostrei para ele como devia ser um bom e verdadeiro sorriso falso.

— Tenho sim — digo. — Muito obrigado.

Caminhei até a loja, ainda pensando nas atitudes de Brian. Por que ele gastaria tanto tempo, dinheiro e esforços com outra pessoa, mesmo sendo eu? Eu duvidava muito que teria feito o mesmo se estivesse na posição dele. Mas mesmo

assim ele gastou e a única explicação no momento era a mais óbvia de todas, que éramos irmãos, mas mesmo assim isso ser motivo para boas ações não fazia o menor sentido.

Talvez fosse errado, da minha parte, pensar no pior, por reflexo, de cair na paranoia do meu cérebro de réptil, mas lá estava eu. Aquele era meu mundo e minha enorme experiência em estudar demais os humanos não me ajudou a me convencer de que alguém possa ser muito diferente da sua natureza. As pessoas fazem as coisas por razões egoístas. Elas ajudam os outros esperando conseguir algo em troca: sexo, dinheiro, aumento ou uma sobremesa maior, não importa o quê. Sempre há algum motivo, não há exceções. Com todo aquele cuidado, *à la* Mary Poppins, que Brian estava tendo comigo, ele deveria estar esperando um bom pagamento. Mas eu não conseguia pensar em nada que eu pudesse dar ao meu irmão que ele mesmo não conseguisse mais fácil e mais barato por conta própria.

O que Brian queria?

Claro que se eu lançasse essa pergunta diante dele, em meio a tantas outras perguntas grosseiras que estavam destruindo minha vida, eu seria destruído e comido num piscar de olhos. Os motivos de Brian, quase com certeza, estavam longe de serem puros, mas ele ser legal comigo não era nem um pouco ameaçador à minha vida como eram o detetive Anderson, o promotor estadual ou o meu provável retorno à cadeia. Eu realmente não acreditava que ele fosse um perigo real pra mim, e precisava me concentrar em lidar com os grandes e verdadeiros perigos que ameaçavam minha vida, minha liberdade e a busca pela vivisseccção. E, além disso, precisava encontrar cuecas.

Então relaxei quando entrei na loja e lutei para passar pela multidão, desviando com maestria da maioria das tentativas de atropelamentos com carrinhos de compra. Na verdade, era muito bom relaxar um pouco em meio àquele clima egoísta, mesquinho e homicida. Era calmante. Me senti em casa, e estava tão à vontade no meio do Meu Povo que, por um tempo, me esqueci completamente dos meus problemas e deixei aquela onda curativa de malícia mesquinha e psicótica me levar.

Achei cuecas incríveis, exatamente iguais às que eu usava antes, uma nova escova de dentes, algumas camisetas, calças e até mesmo uma mala azul brilhante pra guardar tudo isso. Também comprei um carregador para o meu

celular e uma ou duas outras coisas que precisava. Levei tudo para o caixa e esperei pacientemente na fila, sorrindo enquanto jogava meu carrinho em cima das pessoas que tentavam vários recursos para furar a fila na minha frente. Foi divertido e eu era bom naquilo, afinal, eu tinha crescido ali também. Sou totalmente a favor do espírito de Miami que diz: “Foda-se! Eu mereço isso!”. E aos poucos fui voltando a ser o velho Dexter que realmente acreditava merecer as coisas.

Brian estava me esperando pacientemente onde eu o deixei, ouvindo o rádio. Joguei minhas sacolas no banco de trás, abri a porta da frente e entrei. Para minha surpresa, o rádio estava ligado em um daqueles quadros de “ligação do ouvinte”, do tipo que os idiotas distraídos falam de seus problemas mais íntimos em rede nacional, na vã esperança de que um psicólogo possa convencê-los de que os problemas são reais, importantes e valem mais do que as químicas que compõem seus corpos. Mas é claro que o apresentador nunca é um psicólogo verdadeiro. Em geral é uma pessoa formada em Educação Física por uma faculdade de quinta. Mas essa apresentadora era reconfortante e muito eficiente ao anunciar os produtos dos patrocinadores.

Eu sempre achei esse tipo de programa apenas um pouco mais divertido do que uma cirurgia simples sem anestesia. Mas Brian franzia a testa, com a cabeça para o lado e parecendo ouvir atentamente enquanto a apresentadora explicava que fazer xixi na cama era perfeitamente normal, mesmo naquela idade, e que o importante era não deixar aquilo afetar sua autoestima. Ele me olhou quando fechei a porta, e parecia meio envergonhado, como se eu o tivesse surpreendido fazendo algo errado.

— É... Sou culpado por gostar disso — ele falou se desculpando e desligou o rádio. — É tão difícil acreditar que existe gente assim.

— Mas existe — assegurei a ele. — E existe muito mais deles do que de nós.

— Isso é verdade — ele respondeu ligando o carro. — Mas ainda assim é difícil acreditar.

Brian me levou a um hotel perto da universidade. Além de ser próximo da minha antiga casa e do meu local de estudo, ainda era barato e limpo, e eu conhecia um restaurante nas redondezas. Mais uma vez, ele esperou pacientemente do lado de fora enquanto eu fazia o *check-in*. Quando estava com a chave do quarto em mãos, voltei ao carro. Ele baixou o vidro e eu me apoiei na

janela.

— Tudo certo — falei.

— Nenhum problema? — Ele perguntou de um jeito que achei inocente demais.

— Nenhum — respondi. — Deveria haver algum?

— Nunca se sabe — ele falou alegremente.

Mostrei o pequeno envelope com a chave de plástico.

— Estou no 324 — falei e ele assentiu.

— Então está bem — respondeu.

Por um momento apenas olhamos um para o outro e, mais uma vez, aquele pensamento mau e indigno a respeito dele de, eventualmente, querer algo em troca me atingiu, e as compensações em minha família eram sempre algo complicado. Mas tirei aquela besteira da cabeça.

— Muito obrigado, Brian — falei. — Eu realmente agradeço muito toda a ajuda que me deu.

Ele soltou aquele seu sorriso terrível.

— Imagina. Fico feliz em ajudar.

Me afastei da janela e ele me chamou.

— Mantereí contato — ele falou, fechou o vidro e foi embora.

O quarto 324 era, como já se podia esperar, no terceiro andar do hotel. Estava confortavelmente encaixado entre a máquina de gelo e o elevador e tinha uma vista espetacular... do prédio ao lado. Mas era arrumado, confortável e discreto, o que era ótimo para mim naquele momento.

Coloquei meu celular para carregar e depois guardei as poucas, mas funcionais, roupas que tinha. E pronto, estava livre, sem nenhuma tarefa importante e, surpreendentemente, também sem energia. Sentei na cama e observei meus novos domínios. Era um quarto bem pequeno, mas parecia enorme depois da minha cela minúscula no TKG, e todo aquele espaço extra me deixou nervoso. Eu me acostumaria, claro, e provavelmente bem a tempo de ser arrastado de volta ao TKG quando decidissem me prender de novo.

O que quase certamente aconteceria, e mais cedo do que tarde. Então o que eu precisava fazer agora era explodir em uma ação vigorosa e positiva. Era minha única esperança, descarrilar o trem deles antes que saísse da estação. Sim, este era meu bilhete de embarque. Carregar. Ir andando. Fazer algo.

Mas mesmo assim, por alguma razão, eu não conseguia. Repentinamente parecia algo fútil, sem esperança, um completo desperdício de tempo e energia. Eu era apenas um pequeno inseto no vidro da frente do carro, e havia muitos para-brisas poderosos e enormes, ansiosos para me limpar dali. Não importava o que eu tentasse fazer, eles eram grandes e poderosos demais. E eu estava sozinho, muito sozinho, mas com meu advogado chique. Eu era o Davi, mas, desta vez, o Golias tinha uma bazuca.

Senti a vitalidade sendo drenada de mim tão rapidamente como se alguém tivesse me tirado da tomada, e uma névoa escura pareceu surgir e me cobrir completamente. Tinha me permitido ter esperança, mas sabia bem que não devia. A única coisa que a esperança faz é deixar o inevitável desapontamento ainda mais doído. Eu já devia ter aprendido, a esta altura, em todas as vezes que Deborah finalmente apareceu e me jogou pra baixo por eu ter tido esperança. Eu estava verdadeiramente só, em um mundo que não queria nada de mim a não ser a minha vida, e ele venceria. Eles tinham todas as armas, faziam todas as regras e sempre venciam. Eu ia perder, e esperar qualquer outro resultado seria pura fantasia delirante. Eu deveria me acostumar à ideia de que, se tivesse muita sorte, passaria o resto da vida em uma cela. Aquilo aconteceria, independentemente de qualquer coisa. Não havia sentido em fingir ou tentar evitar, não tinha sentido fazer nada. Todos que ligavam para mim ou estavam mortos ou tinham mudado de ideia, e o pior de tudo era que eu nem podia culpá-los. Eu merecia ser trancafiado com todos os outros monstros. Eu não era diferente, só tinha tido mais sorte. Tinha tido uma carreira incrível, mais longa que a da maioria, e agora tinha acabado. Aceite, se acostume com isso, desista e desencana.

Deitei na cama. Pelo menos o colchão era mais grosso do que o da minha última cama. Me estiquei, determinado a aproveitar um pouco de conforto antes que me levassem para sempre, tentando ao máximo desfrutar daquela cama grande e macia. Infelizmente aquele colchão era um daqueles novos com algum tipo de design ergonômico, parecido com uma tigela de sopa, com uma grande depressão no meio, o que me fez rolar direto para ela assim que me estiquei. Mesmo assim, ainda era uns pontos acima do da minha cela. Então girei um pouco até ficar confortável. E consegui. Era muito bom, apesar de ter me deixado no formato de um bambolê. Que chato ter que deixar tudo aquilo para

trás para sempre.

Tentei fortemente conjurar um entusiasmo para lutar e ficar fora da cadeia, onde eu poderia aproveitar a luxúria da liberdade sempre que quisesse. A liberdade não valia um pequeno esforço? E é claro que havia muito mais na liberdade do que colchões macios e côncavos. Há outras coisas no mundo para as quais Dexter devota seu coração, como comida! Com certeza valia a pena lutar por isso. Comida boa de verdade, com incrível variedade, a qualquer hora que eu quisesse, dia e noite!

Mas aquilo, infelizmente, fez surgir a imagem do Desafiador Dexter com sua capa e espada, lutando valorosamente pela honra da pizza, e aquilo foi um pouco demais para levar a sério como motivo para levantar da cama. Fora que a comida jamais seria tão boa como era todas as noites com Rita, e Rita estava morta, e aquilo tinha ocorrido por causa da minha estúpida inépcia.

E a comida era ainda melhor com Jackie Forrest, minha queridinha das telas, minha passagem para uma vida nova e brilhante, mas a minha mesma estupidez cega e atordoante me dominou e a fez ser morta também. As duas mortas, seus corpos aos meus pés, pois minha monstruosa, ignorante, egocêntrica e descerebrada incompetência as matou tão certamente quanto aconteceria se eu atirasse na cabeça delas. Era tudo culpa minha e da minha inútil estupidez nota 10.

E aquele era o mesmo grande conjunto de habilidades que eu queria usar contra todo o sistema de Justiça? *O que lhe parece essa probabilidade, Dexter? Um palhaço desafortunado e desesperançado que já provou não encontrar o chão, mesmo caindo de cara nele? Contra ele, em fila, temos a polícia, o tribunal, o sistema penal, a Polícia Federal, os marines e, possivelmente, o Taleban... Você realmente achou que se daria melhor desta vez, Dexter Debilóide? Por que não encarar o fato de que você sempre teve sorte? E quando deixou Jackie Forrest morrer, sua sorte acabou, toda a sua sorte, e para sempre. A única boa notícia é que não sobrou ninguém para ser morto por sua incompetência.*

Fechei os olhos e deixei a melancolia tomar conta de mim. Estava muito feliz por, até então, não ter tido emoções humanas. Até porque, se as tivesse, provavelmente começaria a chorar.

Então, mais uma vez, aquela pequena centelha de autoconsciência, aquele pequeno demônio que cuida de mim, começou a rir e me tuitou uma imagem:

Dexter Ladeira Abaixo, largado em um colchão flácido de um hotel barato e preparado para chorar e esquecer a vida de cuidados que vivi. Caí sobre os espinhos da vida. Pobre de mim. E assim por diante!

E, mais uma vez, aquela imagem era idiota o bastante para mexer com aquele meu ensopado de torpor. Muito bem, tudo estava sombrio, escuro, sem esperança, sem sentido, vazio e sem propósito. O que tinha mudado? Nadica de nada, eu simplesmente tinha esquecido, por alguma razão, que a vida era um grande esforço e a única recompensa era ter a permissão de viver um pouco mais, para se esforçar ainda mais. A vida familiar me amoleceu e, então, a brilhante ilusão da vida que eu podia ter tido com Jackie me nocauteou. Mas tudo aquilo tinha acabado e estávamos de volta ao básico. E, ao voltar diretamente a isso, o único propósito de vida que consegui encontrar até agora era o de não morrer. Você não pode deixá-los empurrar você pela porta, para que saia gentilmente para aquela bela noite. Você tem que ter raiva, muita raiva, e bater a porta no dedo dos bastardos. Esse era o jogo, atrasar o final da sua partida pessoal o máximo que pudesse. O ponto não era vencer. Você nunca ia vencer. Ninguém pode ganhar um jogo que termina com todos morrendo, sempre, sem nenhuma exceção. Não, o único ponto era lutar e aproveitar a luta. E, de verdade, eu faria isso.

Abri meus olhos.

— Ahá! — Falei tranquilo. — É isso, Dexter.

Muito bem, tinha aceitado o desafio. Dexter duelaria.

Talvez eu não vencesse, quase certamente não venceria. Mas eles saberiam que estavam em uma luta.

Com aquilo decidido, me senti melhor na hora.

*Muito bem, Dexter. Mostre o velho e bom espírito de equipe. Agite a bandeira, solte o inferno sobre eles e tudo o mais.*

*Mas uma pequena perguntinha... como?*

Era incrível resolver Fazer Alguma Coisa. Claro, mas aquilo significava que eu tinha que definir aquela “Alguma Coisa”, preencher os espaços em branco, desenterrar algumas minhocas específicas e decidir onde os peixes morderiam essas iscas. E aquilo significava que eu precisava Pensar No Que Fazer, algo que, refletindo calmamente, não era uma perspectiva muito encorajadora.

O meu ex-incrível cérebro não estava se destacando ultimamente, e eu não

estava mais com toda aquela confiança arrogante em lançá-lo na linha de frente da batalha. Mas era tudo que eu tinha e, sério, será que ele não merecia uma última chance de redimir sua honra? Especialmente porque aquela parecia realmente ser a última chance que haveria.

É claro que merecia; ele estava fazendo o melhor que podia, pobrezinho.

Então eu o soltei sobre o problema, dando um tapinha encorajador em suas costas. *Vamos lá, Cérebro. Sei que você consegue...*

Tímidos em princípio, depois passando a ganhar confiança, meus pensamentos começaram a se formar. Primeiro, havia dois pontos óbvios e imediatos de ataque. O primeiro era encontrar provas de que outra pessoa tinha cometido o crime. Aquilo devia ser simples, elementar até, palavra sugerida pelo meu cérebro para mostrar que estava voltando a ter um pouco de brio. Afinal, outra pessoa tinha mesmo feito aquilo: Robert Chase. Mas ele era amado universalmente, particularmente pelos policiais dos quais era amigo. Eu teria que encontrar provas bem sólidas da culpa dele, e isso seria difícil. Até porque Anderson controlava todas as evidências forenses, e ele sufocaria qualquer coisa que apontasse em uma pessoa que não se chamasse *Dexter*.

Aquilo levava ao segundo ponto, que era o próprio Anderson. Se eu conseguisse desacreditá-lo, o resto seria muito fácil. E se não desacreditar, talvez pudesse fazer algo mais... há... permanente? E divertido ao mesmo tempo? Brian tinha razão quando sugeriu que um pequeno acidente ajudaria muito a resolver as coisas. E Anderson merecia faz tempo. Seria mesmo divertido. Mas não o suficiente, porque alguém certamente pegaria a tocha e continuaria a seguir em direção à Destruição de Dexter. E, infelizmente, esse alguém seria Deborah. E, mais infelizmente ainda, ela provavelmente estava bem ansiosa para assumir o cargo. Deborah era bem mais inteligente que Anderson e não cometeria os mesmos erros estúpidos. Ela seguiria em frente, séria, até ter corda suficiente para me enforcar, e então, se o nosso recente encontro cara a cara fosse sinal de algo, se ofereceria para dar o nó pessoalmente.

Não, se Deborah de repente ficasse no comando da investigação sobre a culpa de Dexter, as coisas ficariam bem piores do que agora. Ela poderia encontrar evidências de coisas que eu realmente fiz. E então eu provavelmente teria que voltar à Opção Um mesmo: Deborah sofrer um triste acidente. Eu não tinha certeza de que estava pronto para fazer algo assim. Não por enquanto. Mas

não era mais algo impensável, o que já configurava uma grande mudança. Me lembrei daquela noite, apenas alguns míseros anos atrás, quando fiquei em pé ao lado de seu corpo amarrado com fita adesiva, faca na mão, com cada célula do meu corpo dividida ao meio entre cortar ou não cortar, Brian me dizendo para fazê-lo e a pequena voz do Querido e Morto Harry me dizendo que aquilo era proibido.

Eu não estava ouvindo muito aquela voz ultimamente. Fiquei imaginando o porquê. Talvez por perceber que o Código de Harry tinha falhas e não era perfeito. Tinha me decepcionado. E talvez o fato de Deborah rejeitar completamente qualquer parentesco entre nós, afinal, agora eu não era mais um Morgan, fazia com que eu não estivesse mais sujeito à manipulação pós-morte de Harry. Eu era um homem agora e, afinal de contas, nunca tinha sido realmente o irmão dela. Se por acaso sentisse uma necessidade de me livrar de Deborah, por que não deveria fazer isso? E eu faria, se sentisse que devia. Apenas não sentia que devia fazer, não por enquanto.

Então, deixando os assassinatos casuais de lado, quais eram minhas opções no momento? Elas pareciam bem limitadas: acreditar em Kraunauer, acreditar em Brian ou realizar uma pequena ação independente com minhas próprias mãos.

Sempre tive problemas para confiar em alguém. Talvez seja uma falha de caráter. Mas colocar a minha vida nas mãos de outra pessoa me parecia meio imprudente. Para mim, até mesmo pôr meu almoço nas mãos de outra pessoa era uma irresponsabilidade lunática. Então, mesmo tendo todas as razões para acreditar que Kraunauer podia fazer outro milagre, e não tendo nenhuma razão para achar que Brian me apunhalaria pelas costas, como a Deb tinha feito, decidi que a Opção Três, ação independente, era a melhor coisa a fazer.

Achar evidências de que Robert era culpado ou revelar ao mundo que Anderson estava jogando sujo. Ótimo, começaria com essas duas coisas e veria o que daria certo primeiro.

Olhei o relógio ao lado da cama; tinha passado um pouco das dez apenas. Eu ia me encontrar com Kraunauer às 14h e, depois disso, começaria meu plano de ação.

Me senti muito bem depois de fazer aquela escolha, tão bem na verdade que, quase imediatamente, caí no sono.



Quando acordei, não fazia ideia de onde estava ou quanto tempo tinha se passado, e passei vários minutos deitado de costas e piscando estupidamente para o teto. Era o teto errado, era estranho, um teto que eu nunca tinha visto antes. E minhas costas doíam; fiquei deitado em um estranho meio círculo, como se tivesse caído no sono dentro de uma enorme bola de praia.

Aos poucos a memória voltou: eu estava na cama de tigela de sopa, em um quarto de hotel porque tinha saído da cadeia e Anderson tinha deixado minha casa fechada por ser evidência. Mas eu estava livre. Não precisava ficar em uma célula minúscula e esperar por sanduíches estranhos. Fazia um belo dia e eu podia sair e aproveitar, se quisesse, podia caminhar três quarteirões até o restaurante italiano e comer algo bom de verdade. Podia fazer o que quisesse... por enquanto. Mas minha primeira missão era fazer daquela liberdade temporária uma coisa mais permanente. Pensei em Kraunauer e tive um breve momento de pânico. Deveria encontrá-lo às duas da tarde. Será que tinha dormido demais? Que horas eram? Rolei e saí da cratera de molas com certa dificuldade e olhei o relógio. Onze e doze da manhã. Tinha muito tempo ainda.

Como não estava com pressa, não me levantei rápido. Joguei as pernas pra fora da cama e me sentei por um ou dois minutos, tentando organizar meus pensamentos.

É muito bom decidir pela ação independente. O problema é quando você percebe que, pela sua natureza, ela é independente. Isso quer dizer que você não tem ninguém pra te dizer o que fazer ou como fazer, o que, geralmente, significa que uma grande quantidade de deliberação é necessária antes de chegar à parte da ação real. Eu me orgulho de meu grande talento para deliberação, mas, por alguma razão, todos os meus circuitos pareciam um pouco enferrujados hoje. Talvez eu tivesse ficado afastado por muito tempo. Talvez ficar sentado em uma pequena cela com cada decisão sendo tomada por você leve seus processos a se aposentarem mais cedo. Qualquer que fosse o caso, foi surpreendentemente difícil dar a partida nas poderosas turbinas do Cérebro Gigante de Dexter, e foram mais de cinco minutos intensos e estúpidos piscando antes de eu começar

a ter pensamentos convincentes.

Finalmente me levantei e cambaleei até o banheiro. Joguei água fria no rosto e fiquei olhando no espelho enquanto a água pingava e as ideias começavam a aparecer devagar. “Uma ação independente”... Bem, no momento eu nem mesmo era independente. Aliás, ao pensar naquilo, percebi que estava preso ali, do mesmo jeito que tinha estado preso no TGK, pois Miami não tinha sido construída para abrigar os transportes de massa. E apesar de eu estar a apenas alguns quarteirões do Metromover<sup>[1]</sup> de Miami, não conseguiria ir a nenhum lugar ou fazer algo sem um carro. O escritório de Kraunauer, por exemplo, ficava a quilômetros de distância de uma estação do Metromover. Definitamente precisava de um carro.

E eu tinha um — em algum lugar. E, com alguma sorte, ele ainda seria meu, e estaria estacionado próximo a alguma estação do sistema de transporte de Miami. Então, a primeira coisa a fazer era recuperar meu carro. *É isso aí, Dexter, bom trabalho! As coisas começam a voltar a ser como antes.*

A última vez que vi meu pequeno, detonado e fiel carro, ele estava estacionado na rua perto da casa que deveria ter sido a Nossa Nova Casa, a Casa dos Sonhos, com piscina, quartos separados para as crianças e quase todas as conveniências modernas. Mas, em vez disso, agora era a casa onde Robert Chase e Rita tinham morrido e, não por coincidência, o lugar onde eu havia sido preso. Tinha que assumir que agora ele era evidência também. Tinha certeza de que alguém havia achado o carro ali perto, provavelmente não o próprio Anderson, mas alguém um pouco abaixo da cadeia alimentar da polícia e que tinha que fazer o trabalho pesado de verdade.

Meu carro poderia ser mesmo evidência, mas pelo menos eu sabia como descobrir isso. Tirei o celular do carregador e comecei a fazer ligações.

Meia hora depois descobri que meu carro estava mesmo recolhido, mas não estava no pátio de apreensões. Aliás, ninguém parecia ter ideia de onde estava e eu não estava conseguindo fazer alguém achar que aquilo era um problema a ser resolvido. E como perder o paradeiro de um veículo apreendido era algo muito irregular, tinha que assumir que aquilo era novamente um trabalho de Anderson. Provavelmente ele tinha doado meu carro para aqueles programas de recifes artificiais e pegado a dedução do imposto de renda para ele.

A verdade é que eu admirava a perfeição de Anderson. Ele parecia ter

pensado em quase tudo. Não era seu jeito desleixado estúpido de fazer as coisas de sempre ou, para ser mais exato, seu estilo de Não Fazer as coisas. Ele claramente tinha tido todo o interesse em me deixar o mais ferrado possível.

O que quer que tivesse acontecido, eu não tinha um carro, e precisava de um. E porque a minha Mente Magnífica estava finalmente funcionando, foi um trabalho de meros minutos achar a solução para aquele problema vexatório. Liguei para uma loja de aluguel de carros próxima. Precisei dar mais dois telefonemas, mas encontrei uma disposta a trazer o carro para mim e, em um período de tempo surpreendentemente curto, o agradável recepcionista me ligou lá de baixo. Pendurei o aviso de Não Perturbe na porta e descí. Antes de perceber, já estava atrás do volante do meu próprio veículo, saboreando o aroma de carro novo e a segurança de saber que tinha adquirido o seguro complementar e que podia bater em algo, se quisesse muito. Agora só precisava achar o detetive Anderson atravessando em uma faixa de pedestres e...

Levei o cara da locadora de volta e então peguei na avenida Dixie. Estava livre de trânsito.

Então o que deveria fazer com toda aquela liberdade intoxicante? E será que era verdade que, afinal, a liberdade era apenas outra palavra para nada a perder? Eu tinha perdido minha família, minha casa, todas as minhas roupas, meu carro... eu *realmente* deveria me sentir livre. Mas não, eu me sentia trapaceado, roubado e vitimado. Mas pelo menos me deixaram os braços e as pernas, e meu cérebro novamente poderoso. Só aquilo já me punha bem à frente de Anderson. Apesar de ele provavelmente ter mais meias limpas.

Aquilo me fez sentir um pouco melhor, melhor o suficiente para perceber que estava com fome. Olhei o relógio no painel do carro e faltava menos de uma hora para o meu encontro com Kraunauer. Não tinha muito tempo. Botei minha mente para trabalhar na lista dos restaurantes *gourmet* de Miami e que poderiam suprir minhas pequenas necessidades: um sanduíche bom, preparado em 15 minutos. Surpreendentemente a lista era bem pequena. Aliás, era uma lista em branco. Não havia um lugar que fosse próximo, rápido e que ainda servisse algo que fosse bom. Teria que me virar sem comer. Ouvi um ronco de protesto do meu estômago. Ele parecia dizer: *sério mesmo?* E era uma reclamação procedente. Talvez eu pudesse eliminar uma das minhas três restrições? Eu tinha que ser rápido de qualquer forma, pois o tempo não espera, e Frank Kraunauer

também não. E isso significava que tinha que ser perto também. E assim só sobrava o “bom”, e eliminar isso significava um grande abuso dos valores pelos quais eu vivia.

Por outro lado, meio quarteirão à frente vi o logotipo de uma lanchonete famosa aparecendo ao lado da avenida. Meu estômago respondeu imediatamente à visão daquilo com um *Vai fundo! Não*, respondi firmemente. *Me recuso. Não descerei tão baixo.*

Meu estômago roncou ameaçador: *Você vai se arrepender...*

Respondi ao meu estômago que eu era maior do que a minha fome. Eu transcendí as necessidades totais do querer meramente físico. E tínhamos padrões, caramba! Aceitaríamos mesmo algo menos do que excelente, apenas por conveniência?

Aparentemente sim. Sete minutos depois eu estava limpando as últimas gotas de gordura do meu queixo e jogando fora os poucos detritos da minha vergonhosa queda. Quão longe o orgulhoso Dexter tinha descido?, pensei, e ouvi um borbulhante eco do meu estômago responder: *E apreciando cada segundo disso.*

## CAPÍTULO 8



**O ESCRITÓRIO DE FRANK KRAUNAUER FICAVA EM UM ARRANHA-CÉU EM** South Beach. A maior parte dos advogados absurdamente caros de Miami tinha seus escritórios na Brickell Avenue, mas, como eu já devo ter mencionado, Frank Kraunauer tinha uma classe só dele. Ele poderia ter um escritório na American Airlines Arena que o Miami Heat, alegremente, mudaria totalmente sua tabela de jogos da temporada para se adequar aos horários do escritório dele. Mas, aparentemente, Frank gostava de South Beach. Então ele tinha ficado com toda a cobertura de um prédio novinho na ponta sul da Ocean Drive, e com uma vista espetacular, é claro, o mar aberto de um lado, o canal de Government Cut do outro e, rastejando abaixo de seus pés, a praia e seu calçadão com a fervilhante massa de modelos brasileiras desfilando com pouca roupa, condessas italianas e garotas de patins do Meio Oeste.

Depois de passar por três seguranças e um escritório exterior muito cheio, mas muito digno, finalmente fui deixado com uma moça de cabelos acinzentados em uma mesa enorme de aço e nogueira. Ela parecia um membro do Mensa<sup>[1]</sup> que tinha sido supermodelo na juventude antes de fazer carreira nos Fuzileiros Navais como instrutora. A funcionária me olhou com um olhar duro e firme, acenou com a cabeça, se levantou e me levou ao fim do corredor, onde uma grande porta estava aberta. Indicou com a mão que eu tinha o grande privilégio de passar pelo portal e ir até a Presença. Fiz uma reverência à formalidade dela e entrei no grande escritório. Encontrei Frank Kraunauer perto da grande janela, que se estendia do chão ao teto, de vidro grosso e fumê, olhando a praia. Apesar daquela janela tão grande, não acho que conseguisse ver muitos detalhes daquela altura. A luz natural que entrava por ali o iluminava com um fecho que emoldurava seu corpo, proporcionando o efeito perfeito para o Advogado

Messias. Fiquei imaginando se era de propósito.

O terno que usava hoje, com certeza, era primo de primeiro grau do de quando ele foi me visitar no TKG. Era num tom mais claro, mas o mesmo tecido sublime, leve, macio e quase autoconsciente. Kraunauer se virou para mim quando entrei, me lançou um sorriso educado de tubarão e apontou uma cadeira que certamente tinha custado mais caro do que um Cadillac Escalade. Sentei nela com cuidado, determinado a não amassá-la, ao mesmo tempo que apreciava todo o seu luxo. Mas não havia muito o que apreciar, não parecia muito diferente da cadeira que eu tinha em casa e que tinha me custado US\$ 29 no brechó.

— Sr. Morgan — Frank falou. Depois se sentou em sua cadeira preta de encosto alto atrás da mesa fina e de vidro brilhando. — Como vai indo a vida com liberdade?

— Está sendo bem bom — respondi. — Eu não perco nem o serviço de quarto.

— Não achei que fosse perder mesmo — ele respondeu abrindo uma pasta e franzindo a testa. — Mas, infelizmente, temos que pensar nisso como algo temporário.

É claro que estava esperando um pronunciamento desses, mas, mesmo assim, meu coração afundou um pouco.

— Oh — falei. — Hã, e quanto tempo eu tenho?

Ele franziu ainda mais a testa e dedilhou os dedos no vidro da mesa.

— Não tenho como dizer agora — respondeu devagar, como se realmente odiasse admitir que havia algo que ele não sabia. — Vai depender de muitas coisas. Mas a Procuradoria do Estado tem três anos para entrar com a apelação. — Ele levantou a cabeça. — Eu ficaria muito surpreso se demorassem tudo isso. Tem alguém realmente querendo ver você se dar mal por isso.

— Diria que são alguns alguéns — respondi.

Ele assentiu.

— É o tipo de crime que deixa as pessoas mais incomodadas do que o normal — ele falou.

— Incluindo eu — retruqueei. — Não fiz isso.

Kraunauer fez um rápido aceno de mão e quase sorriu, mostrando que, apesar de não acreditar em mim, na verdade não importava.

— O importante é que eles jogaram rápido demais e afrouxaram nos

procedimentos legais. Em alguns casos, um pouco demais. Foi como eu soltei você. Mas... — ele sacudiu a cabeça. — Também tem o lado ruim.

— Como assim?

— Não sei que outras surpresas processuais podem estar esperando por nós. E agora que sabem que estou em cima deles, é provável que coloquem todos os pingos nos “i”s. Da próxima vez que prenderem você... — Ele deu de ombros. — Enfim, um aviso. A parte fácil já acabou.

Tive um pouco de dificuldade em classificar alguma das coisas que me aconteceram como “fácil”, mas talvez ele tenha querido dizer para *ele*. Em todo caso, entendi o que queria dizer.

— O que posso fazer para ajudar? — Perguntei.

— Ah, bom — ele começou parecendo se divertir e sendo proibitivo ao mesmo tempo. — Você não pode chegar perto de nenhuma testemunha em potencial ou algo assim. Não quero investigações amadoras.

— Mas, na verdade, não seriam amadoras — falei. — Sou um investigador forense treinado.

— Sim, é claro — ele respondeu educadamente. — O ponto é que não queremos deixar a água turva, ou dar mais munição do que eles já têm. — Então sacudiu a cabeça levemente e de forma muito elegante. — Não quero que se engane. O promotor estadual está comandando isso pessoalmente, e ele é muito bom — Ele separou as mãos e as levantou um pouco, deixando-as cair na mesa novamente. — Eu acho que sou melhor, mas ele vai apresentar um bom caso. Você corre muito perigo — Ele deixou aquilo penetrar em mim, e, então, quase sorriu, me mostrando três dentes. — Por outro lado, eles não sabem o que eu estou fazendo, ou o que sei. Posso te dizer que vi a papelada toda e acho que sei que caminho eles seguirão. Tem muito a ver com a sua filha... hã, enteada, não? — Ele balançou um dedo pra mim distraidamente. — Eles vão basear o caso todo pelo ângulo da pedofilia.

— Eu não sou pedófilo — protestei.

Ele sacudiu a mão pra mim.

— Eles farão com que se pareça com um. E vão assumir que ameaçou sua filha e que ela dirá o que você quiser que ela diga. Cenário padrão, pré-digerido, então a Corte vai engolir. Assim, qualquer coisa forense que possa fazer não vai adiantar — ele sacudiu a cabeça, como se aprovasse o caminho que o promotor

parecia seguir. — Acho que esse é o plano.

— Entendi — respondo, e, sendo sincero, quase entendi mesmo. — E nós temos um... contra-ataque?

— Temos sim — ele disse com um tom de comando tão firme e decisivo que deve ter adicionado pelo menos mais um zero em sua conta. — Mas não é uma vitória certa. Nunca é — Desta vez pude ver quatro dentes. — Eu tenho uma bela média de gols — disse modestamente. — E acho que temos uma chance bem decente de vencer aqui. Mas, por enquanto, quero que se mantenha discreto. Não pode sair da cidade, claro. E fique longe dos olhares das pessoas. Não crie problemas — Ele assentiu com a cabeça para sua própria inteligência, e acrescentou: — E guarde todos os recibos, naturalmente. Vamos colocar todos os seus gastos no processo de danos morais.

— Oh — murmurei surpreso. — Haverá processo de danos morais?

Kraunauer bateu na mesa com as duas mãos e, pela primeira vez, pareceu genuinamente feliz.

— É claro que sim! Depois das merdas que fizeram você passar... Eles pagarão por isso, pode acreditar. Vão deixar as calças.

Por um momento achei que ele fosse esfregar as mãos e dizer “*Muá-hahahahaha*”, mas o momento passou, e tudo o que disse foi:

— Sete dígitos, com certeza. E, se for o juiz certo, oito.

— Oito dígitos... tipo, mais de dez milhões? — Perguntei quase com a certeza de que não tinha entendido.

— No mínimo, uns sete — ele me assegurou.

— E, hã, de dólares? — Perguntei, parecendo ridículo, mas não conseguia imaginar todo aquele dinheiro. Abstratamente ok, sem problemas, mas na minha conta? Dinheiro para três Ferraris e café da manhã em Paris tudo para *moi*?

— Dólares — ele respondeu sacudindo a cabeça bem sério.

E acredito que ele tenha falado mais algumas coisas, mas não sei se me lembro delas. Dez minutos depois, com minha cabeça ainda a mil, já estava de volta ao meu carro alugado. A reunião com Kraunauer obviamente tinha sido para me tranquilizar e, é claro, para evitar que eu matasse alguém, o que era um pouco mais problemático. Fora isso, parecia ter sido uma perda de tempo. Fora ter me deslumbrado com a imagem do Fabulosamente Rico Dexter, não tinha acumulado nenhuma informação relevante, a não ser que não podia sair da

cidade. E quanto mais eu me distanciava de Kraunauer, mais surreal o dinheiro prometido parecia. Mas, pelo menos, poderia abater tudo, desde que pegasse os recibos. Hotel, carro alugado, até a comida.

Pensei em tudo aquilo novamente. A provocação tentadora de receber uma quantia ridiculamente alta era claramente papo, criado para me manter na linha. Mesmo que ganhássemos um julgamento mítico, os processos de apelação durariam anos, e, quando finalmente chegasse no fim, a maior parte do dinheiro iria para o Kraunauer. Então, fora o sonho exagerado, a única coisa com substância que consegui naquele encontro foi o aviso: minha liberdade é temporária e está bem longe de ser uma certeza eu escapar permanentemente da prisão. Eu sabia um pouquinho sobre a penitenciária estadual, e ela fazia o TGK se parecer com um resort de luxo. Provavelmente me faria sentir saudades da minha velha cela e desejar ter os sanduíches de Carne Marrom de volta.

Quando a palavra sanduíche passou pela minha cabeça, meu estômago roncou infeliz. O hambúrguer não tinha caído bem e o meu bem ajustado sistema digestivo estava claramente com problemas. *Quem está arrependido agora?*, falei para ele, que me rosou de volta. Até o gosto em minha boca era ruim: rançoso, ácido, molho com sabor químico e ainda algo que parecia ser carne velha e mal cuidada. E até isso parecia um luxo se comparado ao que eu iria comer em breve e pelo resto da minha vida. Repentinamente, eu estava desamparado. E me lembrei de uma velha expressão que Harry tinha usado certa vez: *ladeira abaixo*. E considerando a minha situação, ela era bem apropriada.

E o que o Dexter poderia fazer para afastar aquele desamparo? A resposta chegou em um instante e acelerei saindo de South Beach, pegando a ponte em direção a uma tarde um pouco mais brilhante.

Quando cheguei perto do aeroporto, estava praticamente babando de novo. Só havia um jeito válido de animar o Dexter mas, como aquilo estava fora de questão, comida é sempre satisfatório, mesmo sendo num lugar bem distante. E a comida que sempre me agrada mais é a cubana, e para comida cubana só existe um destino possível para mim. Então, apesar do meu recente Lanche Infeliz, estava ansioso para chegar logo e ajeitar as coisas na Terra do Almoço.

Duas gerações de Morgans têm frequentado o Café Relâmpago por suas *comidas cubanas*, três se você contar meu bebê, a Lily Anne. Ela era bem fã das

*maduras*<sup>[2]</sup>. Eu também, e das *medianoches, roupa vieja, palomilla, batidos de mamey*<sup>[3]</sup> e, é claro, dos feijões pretos. Centenas de lugares em Miami faziam essas mesmas coisas, mas para o meu paladar prejudicado nenhuma iguaria se comparava às do Relâmpago. Então, quando percebi que queria, que *precisava* de um sanduíche cubano, foi natural para mim seguir para o pequeno shopping a céu aberto perto do aeroporto onde os Morgans sempre iam para conseguir esse tipo de comida.

Mas ao entrar no estacionamento me ocorreu que deveria pensar se ainda seria bem-vindo ali. Tecnicamente não era mais um Morgan, pelo menos segundo Deborah. E se ela estivesse almoçando lá neste momento? Seria desconfortável? Violento? Tudo podia acontecer, me ver poderia até mesmo acabar com a digestão dela. Mas, considerando nossa história recente, decidi que conseguiria viver com isso, então parei meu carro com cheiro bom, de novo, em uma vaga e entrei.

A decoração do Café Relâmpago não tinha mudado muito em vinte anos. Era bem básica, usando aqueles quadrados de papel em vez de toalha de mesa e pratos brancos grandes e grossos, a maioria deles meio lascados nas bordas. O serviço era, sendo diplomático, indiferente, e, às vezes, até meio estranho. Mas quando entrei e senti os aromas vindos da cozinha, senti como se chegasse em casa. Só para ter certeza de que a expressão não era literal demais, olhei em volta com atenção; nem sinal de Deborah. Então fiquei parado por um momento, sentindo o aroma, antes de ir para minha mesa de sempre no fundo, sentando-me de frente para a porta.

Minha sensação de voltar para casa continuou durante a longa e estranha cerimônia de tentar conseguir a atenção da garçonete, fazer o pedido e, então, finalmente comer meu sanduíche acompanhado de *maduras*. Tudo parecia ter um ar de ritual, e quando finalmente meu prato estava vazio e a comida estava onde deveria estar, dentro de mim, me senti de um jeito que ia muito além do simplesmente satisfeito. Era bem próximo do que eu imaginava ser a felicidade religiosa, é claro que, para aqueles que têm almas e conseguem manter uma cara séria ao acreditar nesse tipo de conto de fadas. No meu caso, senti um misterioso sentimento de otimismo infundado. O sanduíche era bom e agora tinha desaparecido para dentro do Dexter.

O milagre da transubstanciação tinha acontecido de novo, e agora tudo

ficaria bem. Até eu reconheci que esse sentimento era estúpido, mas aproveitei para me recostar na minha poltrona, pedi um *café con leite* e pensei no que Kraunauer tinha dito. “Investigação amadora.” E me irritei um pouco com a lembrança, mas entendi o que quis dizer. Só que eu já tinha decidido que minha única esperança real era exatamente aquilo, e nada que ele dissesse mudaria isso. Ele não tinha ideia do que eu era capaz de fazer, o que provavelmente era uma coisa boa. Então pensei onde poderia começar meu Projeto de Ação Independente. Como sempre, minha mente reagiu ao ser bem alimentada e acelerou, produzindo análises de alto nível.

Primeiro: o caso contra mim dependia de motivo. Kraunauer tinha confirmado que eles tentariam fazer todo mundo acreditar que eu tinha matado Robert, Jackie e Rita porque eles tinham descoberto o meu interesse pedófilo em Astor. Anderson provavelmente tinha escolhido ir por aquele caminho porque me taxar de pedófilo automaticamente ativava um silêncio forçado por reflexo. Eu já era culpado apenas por ser acusado do mais odioso dos crimes. E, tão importante quanto o fato de Astor ser menor, como Kraunauer tinha dito, era o fato de ter sido supostamente coagida por mim, seu padrasto brutal e escravagista, a contar uma história falsa. Assim, seu testemunho seria descartado se fosse apresentado como evidência. Aquilo fazia do caso uma questão simples da minha palavra contra a grande quantidade de provas circunstanciais, e o que quer que você tenha aprendido com as reprises intermináveis de Perry Mason dizendo o contrário, provas circunstanciais são muito convincentes. Se um promotor conduz um júri, ou mesmo um juiz, por uma sequência lógica de eventos, mas não muito crível, usando um ou dois poucos fatos consistentes de causalidade, ele conseguirá uma condenação em nove de dez casos. E quando o principal combustível dessa linha de raciocínio é o quanto Anderson e a maioria da força policial realmente querem que eu seja culpado, o número sobe para nove e meio.

Isso queria dizer que, enquanto a promotoria pudesse me apresentar crivelmente como pedófilo, era uma prova *ipso facto* de que eu também era um assassino. E é claro, uma vez que eu fosse visto como assassino, seria apenas senso comum acreditar que eu também era pedófilo. A maioria das pessoas acha a lógica circular algo estranhamente atraente, e até reconfortante. Eu tinha testemunhado, em muitas Cortes, e podia ver a coisa indo por esse caminho

como se estivesse acontecendo naquele momento, na minha frente.

Então muito bem. Tomando o *ipso facto* como *prima facie*, era razoável pensar que, se eu não fosse pedófilo, também não seria assassino. *Quod erat demonstrandum*.

E isso significava que se eu pudesse fornecer a dúvida razoável, se eu pudesse provar, por exemplo, que Robert Chase era o verdadeiro pedófilo, então eu estaria livre. E Robert realmente era o pedófilo neste caso. Mas, pensando nas coisas como eu as estava estudando como evidência, e levando em conta os procedimentos legais e os precedentes, já tinha empurrado meu cérebro para um trilho de astúcia e paranoia multifacetada, onde nada era o que parecia ser. Então tive que fazer uma pausa e refletir por um momento, pois o fato de Robert ser mesmo um pedófilo parecia ser uma desvantagem em relação a mostrarmos ele como um. Lidar com nosso sistema legal faz isso com você, que começa a duvidar de sua própria existência a menos que tenha instruções bem específicas de um juiz.

Felizmente para mim, mudei de humor rapidamente. Desde que soube que Robert era culpado, eu também sabia que poderia encontrar uma maneira de provar isso. Não estou sendo pretensioso. Eu sou muito bom em encontrar coisas, especialmente quando minha pele insubstituível e preciosa está na reta. Se a prova existia, eu a acharia. Tentei marcar aquele pensamento com uma *tag* latina, mas aparentemente meus professores tinham falhado em me fornecer uma que eu ainda não tivesse usado. Ah, ok Não tinha sentido ficar bravo com eles, mesmo com uma falha grave dessas. Afinal, *Illegitimi non carborundum*.

A presença forçada de Robert foi infligida a mim por várias semanas enquanto ele aprendia a “ser eu” para o papel que interpretaria no amaldiçoado programa de TV que fez toda essa matéria fecal chover imerecidamente na minha cabeça. Nesse tempo, ele quase certamente disse algumas coisas que poderiam me indicar um lugar para começar a procurar. Pensei sobre tudo o que eu lembrava de ter ouvido ele dizer, e, infelizmente, era um arquivo relativamente pequeno. Não que ele tenha falado pouco, ele matraqueava sem parar. O problema era o que eu me lembrava dele dizendo. Era tanta baboseira e tinha sido tão chato que eu tinha tentado arduamente bloqueá-lo, para não ouvir o que dizia, uma vez que a maioria das coisas era fátua, vazia e até mesmo flatulenta.

Até o momento que terminei meu *café con leche*, tinha chegado a um total muito próximo de “zero” observações importantes. Na verdade, tinha chegado a apenas uma coisa: ele tinha feito uma viagem num fim de semana para um “resort privado” no México. Sabendo o que sei sobre Robert, apostaria que era um resort projetado especialmente para alguém com seus gostos extravagantes em parceiros românticos. Mas, claro, eu teria que encontrar o lugar com base apenas nos comentários dele.

... Exceto que... espere um minuto. Ele realmente tinha ido lá, e de avião. Isso significava que haveria uma trilha de papel, e melhor ainda, uma trilha de dados. A companhia aérea teria mantido um registro, assim como as alfândegas do México e dos Estados Unidos, bem como a empresa de cartão de crédito. Deixando de lado a falsa modéstia, tenho que admitir que sou muito bom em entrar em um banco de dados onde não sou bem-vindo. Com tantas opções, era quase certo que poderia achar algumas pistas excelentes da localização do “Clube Ped” do Robert.

Mas então eu teria que ir até lá para achar provas cabais, o que seria muito arriscado, de fato. Em primeiro lugar, esses lugares tendem a considerar os bisbilhoteiros como algo bastante desagradável, e também tendem a expressar sua opinião desfavorável dos bisbilhoteiros de maneiras muito vigorosas e, geralmente, fatais.

E em segundo e mais importante lugar, o México era um país estrangeiro com uma língua diferente e muitos costumes diferentes. Eu não podia simplesmente ir lá e ficar bisbilhotando até ver um bando de crianças de dez anos marchando vigorosamente até um lugar muito bem guardado. O que me levava a outro problema com toda aquela aventura mexicana: que tipo de prova eu poderia encontrar? A coisa toda começou a parecer cada vez mais tênue quanto mais eu pensava sobre aquilo.

Certamente deve haver alguma outra coisa, não? Por puro reflexo, levantei minha pequena xícara de café de porcelana, mesmo a tendo drenado completamente alguns minutos atrás. Mas talvez ainda houvesse vapores no copo, ou o *café con leche* estivesse particularmente forte hoje. Em todo caso, enquanto eu distraidamente tomava um gole no copo vazio, tive um *insight* repentino de memória. Lembrei do diretor Vic alguma coisa, do programa de TV condenado, dizendo que ele tinha ouvido todos os rumores sobre Robert, mas decidiu não

acreditar neles. Se Vic tinha ouvido rumores, outros teriam ouvido também. Na minha demasiadamente breve estada no mundo rotativo do *show business*, tinha aprendido que o que nós camponeses chamamos de “Hollywood” é, na realidade, como uma cidadezinha do interior. Um papo de bêbado poderia ecoar por aquela pequena e desagradável sociedade por anos, e eu tinha certeza de que alguém mais poderia me dizer algo que ajudasse em relação a Robert e seus gostos perversos.

Claro que, do jeito que as coisas estavam, Hollywood era quase tão inescrutável quanto o México. Mas pelo menos eu conhecia um ou dois residentes daquele mundo brilhante e frágil, e esperava que se lembrassem de mim como o “pobre namorado de Jackie”, em vez de “o pedófilo/assassino”. E se eu pudesse confrontá-los cara a cara poderia deixar uma de minhas famosas impressões; Namorado Angustiado seria fácil. Eu tinha visto isso muitas e muitas vezes quando estudava os programas vespertinos de dramas familiares na TV.

E talvez o café realmente não fosse tão bom quanto eu pensava há um minuto, porque no meio do sentimento maliciosamente presunçoso, antecipando minha atuação, lembrei que não deveria sair da cidade, o que tornava um pouco difícil conseguir ficar cara a cara com alguém da Costa Oeste. Então eu estava de volta ao lendário Ponto de Partida.

Sentei-me ali mesmo por mais alguns minutos, tentando pensar e percebendo apenas que ainda não era tão bom quanto costumava ser. Ou talvez nunca tenha sido. Talvez tivesse apenas tropeçado na vida, coberto por uma nuvem de sorte ingênua, sem saber que vinha uma enorme tempestade de Desforra correndo atrás de mim. Ela finalmente tinha me alcançado e eu não ia conseguir pensar em nada pra me livrar dela.

Felizmente, para os farrapos da minha autoestima, quando estava prestes a inventar alguns novos adjetivos maravilhosos para Idiota Autoiludido, me puxei pra fora da paisagem desoladora que de repente me parecia muito confortável. *A miséria é uma fraqueza*, disse a mim mesmo severamente, *e você não pode se dar ao luxo disso agora*. Havia coisas a fazer, pessoas para ver, e pouco tempo para ficar parado me lamentando. Olhei para o relógio; eram quase quatro horas. Eu ainda poderia voltar para o meu quarto de hotel antes que o auge do horário de *rush* transformasse as ruas de Miami em um congestionamento homicida.

Paguei a conta e fui embora.



## CAPÍTULO 9



**A HORA DO RUSH COMEÇOU DE QUALQUER FORMA NO MEIO DO CAMINHO** pra casa. Eu pensei daquele jeito mesmo, “casa”, por algum reflexo mental estranho. É claro que a primeira parte do caminho era a mesma que eu pegava para voltar do trabalho, nos velhos tempos, quando eu ainda tinha uma casa. E um trabalho. De um jeito ou de outro, eu teria uma casa de novo um dia, ou uma bela casinha, ou então a Grande Casa com grades. Mas a ideia de um trabalho começou a parecer estranha, especialmente um trabalho no qual estaria lado a lado com todas as pessoas que tentavam me condenar agora. Fiquei imaginando se voltaria a trabalhar lá um dia.

Em todo caso, o tráfego mudou para um trânsito lento e cruel bem antes de eu sair na Palmetto Expressway e pegar a South Dixie. Tentei, mas não consegui relaxar e entrar no verdadeiro espírito da coisa, buzinando e mostrando o dedo do meio para as pessoas. Simplesmente não parecia valer a pena. Eu sempre me divertia com aquilo no passado, mas agora... bem, eu não estava me divertindo com muita coisa atualmente. Nem ao sair da cadeia, nem com os ternos do Kraunauer, com nada. Era muito perturbador, mas na lista de grandes problemas do Dexter, sobrevivência, liberdade, a própria vida, aquilo não ficava no topo do ranking.

No entanto, era sobre isso que eu estava meditando quando finalmente cheguei ao hotel: por que eu não conseguia ter prazer em alguma coisa? Será que fazia tanto tempo assim que tive a oportunidade de relaxar e desfrutar de uma noite tranquila com um amigo especial e um rolo de fita adesiva? Tentei me lembrar da última vez e não consegui. Patrick Bergmann, o caipira idiota que tinha perseguido Jackie Forrest, realmente não contava. Bater em alguém com um gancho de barco em plena luz do dia não era a mesma coisa que realmente

reservar um tempo para conhecer a pessoa, me expressar de forma desafiadora, fazendo o novo amigo realmente se abrir e compartilhar seus sentimentos, sendo abafados pela mordada, é claro. Alguns desses sentimentos eram bastante altos e estridentes e eu não queria incomodar os vizinhos.

Mas quanto tempo fazia isso? Parecia ser terrivelmente há muito tempo. Na verdade, eu não conseguia mesmo me lembrar da última vez. Isso era ainda mais preocupante. Me esforcei mais, mas minha memória não iria cooperar, não importava o quanto eu franzisse a testa. E, finalmente, não conseguia pensar em mais nada, e quando estava entrando no estacionamento do hotel, estava tão ocupado azucrinando minha memória, que quase não vi o carro da polícia estacionado bem na entrada do prédio.

No último momento eu consegui ver o carro de polícia, e não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que a presença dele ali não era coincidência. Estavam aqui porque tinham descoberto que este era o esconderijo secreto de Dexter. Não sabia se estavam aqui para observar, para me chatear ou para me prender, mas eu não gostei de nenhuma das opções, então dirigi calmamente para a parte de trás do prédio e encontrei uma vaga perto da lixeira, onde eles não podiam me ver sair do veículo.

Fiquei no carro por um momento com o motor desligado. Era pouco provável que estivessem aqui para me prender, havia apenas uma unidade lá, o que significava dois policiais uniformizados. Se viessem para me prender, aliás, *quando* vierem, haveria vários deles, além de umas duas vans cheias de detetives, e provavelmente um ou dois caminhões satélite das estações de TV. Então, eles estavam ali apenas para observar ou para me cutucar um pouco. A coisa inteligente a fazer ainda era evitar os policiais; minha conversa matinal com os dois oficiais da lei em frente da minha casa tinha provado isso. Então saí do carro alugado, tranquei-o cuidadosamente, pois sabia muito bem que Anderson não era contra plantar algo incriminador, e usei minha chave do quarto para entrar pela porta de trás do hotel.

Subi de escada até o terceiro andar, o que não foi algo difícil para mim, apesar de estar mais ofegante do que o normal quando passei pelo segundo piso. Aquilo me lembrou que fiquei sentado em uma cela, sem minha corrida noturna, por tempo demais. Teria que começar a correr de novo logo, senão estaria arriscado a perder meu preparo físico conquistado a tanto custo.

Ainda assim, cheguei até o terceiro andar sem desmaiar. Dei uma olhada pela fresta da porta anti-incêndio para ter certeza de que ninguém de uniforme azul estava vigiando. Não havia ninguém. Entrei no corredor e fui até o meu quarto, pensando que a coisa mais inteligente a fazer era pegar minhas coisas, deslizar escada abaixo e encontrar um novo hotel. Eu realmente não tenho nada a esconder, é claro. Mas se sabiam onde eu estava, eles me perseguiriam. O fato de que estavam aqui agora era prova disso. Eu não queria uma repetição do meu encontro com a dupla do lado de fora da minha casa, e não queria um policial zombando de mim cada vez que eu saísse do chuveiro. Era muito mais fácil apenas pegar a estrada e ir embora. Levaria apenas um minuto para arrumar as coisas, um dos poucos benefícios de não ter quase nada. Eu poderia ir para o sul e para o interior, encontrar outro hotel barato e anônimo e, em seguida, avisar Brian.

Incrível, eu tinha um plano. Coloquei o cartão-chave na abertura da porta do quarto 324 e esperei a luz verde piscar. Não piscou. Tentei de novo, sacudindo a maçaneta e balançando a chave. Nada. Por nenhuma outra razão além de frustração e rancor, chutei a porta. A luz piscou verde. Deixei o aviso de “Não Perturbe” pendurado e entrei confiante no meu pequeno domínio. Consegui dar dois belos passos antes de olhar para a cama e parar tão abruptamente que parecia ter sido puxado por uma corda atrás de mim. E não foi por não ter mais espaço pra andar, e nem por ter um policial na cama.

Havia alguém na cama, mas não parecia ser um policial. Era baixo, atarracado e vestia roupas de trabalho sujas. Sua pele e cabelo eram escuros e seu rosto tinha cicatrizes e marcas de varíola, quase como se tivesse pegado fogo e alguém tivesse apagado as chamas com um sapato de golfe. Era o visual de um trabalhador diarista esperando pelo *green card*, não o de um policial. Eu realmente, de verdade e devotamente, esperava que *não* fosse um policial disfarçado.

Até porque ele também estava morto.

Estava deitado do lado direito da cama com um braço cruzado sobre o peito e o outro caído para o lado. Ele parecia ter estado sentado na ponta da cama, então caiu no sono repentinamente. No chão, bem embaixo de sua mão pendurada no ar, estava uma faca dobrável, de aparência assustadora, tipo aquelas facas de combate. Ela era feita de uma lâmina de seis polegadas e tinha

sido usada bem recentemente, a julgar pela cor do sangue que a lambuzava.

Pelo que pareceu um tempo longo demais, eu só fiquei parado olhando, pasmo e em choque. Certamente não estou desacostumado a mortes violentas. Tenho estado perto de corpos tanto em minha vida pessoal quanto profissional, e não estou chocado, horrorizado, revoltado, assustado ou consternado com a visão de um corpo, obviamente assassinado. Em diferentes condições, eu poderia até mesmo desfrutar de um, de vez em quando. Mas encontrar um corpo aqui e agora, no meu quarto e nas circunstâncias atuais, era tão calamitoso, terrível e perigoso que eu não conseguia sequer pensar em nada.

Finalmente percebi que minha boca estava seca — eu tinha estado com ela aberta todo esse tempo. Fechei a boca tão violentamente que meus dentes fizeram um clique ao baterem. Respirei fundo e tentei me concentrar. Não era hora de hesitar ou ficar de boca aberta. Eu era suspeito de assassinato, havia uma recepção cheia de policiais ansiosos lá embaixo e cá estava eu me relacionando com mais uma pessoa morta e em um quarto registrado no meu nome. Nenhuma explicação que eu desse me tiraria dessa, nem mesmo uma dada por Frank Kraunauer.

Uma ação era necessária e tinha que ser uma decisiva, efetiva e imediata. Primeiro passo: determinar quem tinha tido a audácia de estar morto na minha cama. Juntei os cacos das minhas boas análises forenses e me aproximei para um olhar mais próximo do meu novo colega de quarto.

A cama em volta dele estava relativamente limpa e sem sangue, o que era uma ótima notícia. Mas a frente da camiseta dele estava encharcada de sangue, que parecia vir do ferimento do lado esquerdo do seu peito, bem onde fica o coração.

Por um momento uma vizinha me incomodou, me dizendo que algo estava errado. Mas não entendi o quê. Então, de repente, a ficha caiu. Aquela cena não fazia sentido, e não só porque era no meu quarto. O ferimento que o matou devia espirrar como uma fonte e pintar o quarto todo, mas não. Isso significava que ele tinha morrido rápido, senão o ferimento teria bombeado o sangue em um belo e desagradável gêiser, o suficiente para ensopar o colchão e arruinar o carpete. O coração para de bombear o sangue quando para de bater. Então ele tinha sido ferido e tinha se passado tempo suficiente para ensopar sua camiseta... uns dez segundos? Talvez um pouco mais, mas não muito. Então ele sentou na cama e

deitou, morto, com o coração parado antes de bombear mais sangue. E aquilo me deixou com uma pergunta na cabeça: Como ele tinha morrido?

Quero dizer, claro que foi por um ferimento no peito, mas eu ia acreditar que ele tinha se esfaqueado? Não, eu não acreditava. Isso significava que outra pessoa tinha feito isso.

Olhei em volta torcendo pra achar uma pista — tipo uma caixa de fósforos de um clube de *strip-tease*, talvez uma luva com logotipo. Não tive essa sorte, mas notei algo: a porta do *closet* estava entreaberta.

Admito que tenho minhas fraquezas. Elas são quase todas inofensivas, na maior parte do tempo. Uma delas é, quando entro em um quarto de hotel, sempre olho o banheiro e, em seguida, o armário, e então fecho ambas as portas de forma segura. Faço isso por mera paranoia, apenas para satisfazer a minha criança interior de que nada está à espreita.

Mas a porta do *closet* estava entreaberta agora, o que significava que alguém a tinha aberto. Não foi a camareira, pois o sinal de “Não Perturbe” iria mantê-la longe. Por isso, quase certamente meu novo e silencioso amigo tinha feito isso. Era possível que ele tivesse revistado o quarto. Mas não era possível que ele tivesse revistado o quarto e, em seguida, se esfaqueado.

Isso significava que havia *duas* pessoas no meu quarto.

E uma delas estava no meu *closet*.

Senti meu coração pular instantaneamente em alta velocidade e olhei em volta procurando algum tipo de arma. Nada. Talvez a cadeira, mas espere. *Calma, querido Dexter, gaste mais um momento com um belo pensamento.*

E fiz isso. Respirei fundo mantendo meus olhos na porta do *closet*, só pra garantir, e continuei pensando.

Se alguém estava esperando no armário para pular de lá e me causar danos corporais graves, que possivelmente resultariam na minha morte, seria estúpido esperar tanto tempo assim. Ele teria feito isso quase imediatamente depois de eu entrar pela porta, bem antes de eu ver o outro corpo e pegar minha própria arma, não que eu tivesse uma. Mas, por princípio, você pula no outro cara antes que ele perceba que você está lá e tome medidas defensivas. Porém, nada disso tinha acontecido...

Ou não havia um segundo estranho no meu quarto, o que significava que o Estranho Um realmente tinha se esfaqueado, ou o Estranho Dois ainda estava lá

no armário. E se estava mesmo lá no armário, ou não queria me ferir, ou não era mais capaz de me ferir.

Lentamente, e com todo o cuidado que eu poderia ter, andei até o armário. Escutei por um momento e não ouvi nada. Dei um passo para o lado, estiquei a mão, abri a porta e esperei. Dez segundos, vinte, trinta. Nenhum tiro, nenhum mastim atacando, nenhuma espada e gritos de *Kali!* Nada.

Lentamente, espirei ao redor e dentro do armário, e é claro que havia um Estranho Dois.

Ele estava deitado de lado em uma posição incrivelmente desconfortável, caído contra a parede de trás do *closet*, com um braço preso sem jeito, embaixo dele, e outro escondido atrás dele, entre suas costas e a parede. Sua órbita ocular esquerda estava uma bagunça horrível; algo tinha sido empurrado profundamente e com força para dentro do olho, o que causou sua aparente falta de vida. Me ajoelhei ao lado dele na porta do *closet* e olhei mais de perto.

O Estranho Dois foi idealizado a partir do mesmo conjunto de genes do Estranho Um. Só que era mais jovem e talvez três centímetros mais alto, mas tinha a mesma pele morena, compleição robusta, cabelo escuro e até a mesma pele ruim. Eu não precisei sentir o pulso para ter certeza. Ele estava bem morto.

Fiquei em pé, batendo minha cabeça em um cabide ao me levantar. Dei um passo para trás e tentei montar o quadro do que tinha acontecido. O *closet* ficava ao lado da porta do quarto, à esquerda de onde entrei. Era o lugar perfeito para esperar; qualquer pessoa que entrasse no quarto passaria pelo *closet* antes de perceber que alguém estava lá.

A partir do armário eram uns bons três passos até a beira da minha cama, onde o Estranho Um, de modo tão impensado, tinha escolhido morrer. Então: Um entra no quarto. Dois sai do armário e o golpeia, mas... não. Se fosse isso a ferida seria fatal na parte de trás, não no peito. E o Um não teria tido tempo de reagir e pegar sua faca.

Vamos tentar assim: o Um já estava com a faca na mão. Aliás, ele a usa para abrir a porta, o que explica porque tive problemas em abri-la com minha chave. Entra no quarto, faca em punho, com todos os sentidos ligados e em alerta. Então vê ou ouve algo no *closet*. Ele para, pronto para briga.

Enquanto isso, o Dois está no *closet*, esperando. Ele imagina que quem quer que tenha entrado vai passar por lá, permitindo que ele salte pra fora e domine a

pessoa facilmente. Mas o Um para logo depois da porta; e o Dois não consegue ver quem é ou o que está fazendo. Pausa no filme, ninguém se mexe. A tensão cresce. Finalmente, sem conseguir aguentar a pressão, e talvez confiante de sua habilidade com a faca, o Um abre a porta do *closet*.

Mas o Dois espera por ele com a *sua* faca em riste. O Um o vê e levanta o braço instintivamente, deixando um alvo limpo para a faca do Dois, que a enfia no peito do Um. Quase no mesmo instante, o Um revida. Com o braço levantado, ataca de cima para baixo, diretamente no olho do Dois, e sua lâmina entra no cérebro dele e o mata instantaneamente.

Enquanto o Dois cai no chão do *closet*, o Um cambaleia de volta, três passos até a cama, talvez sem saber que o ferimento que sofreu é tão letal. Ele senta na cama e, momentos depois, junta-se ao seu adversário numa pós-vida escura e aconchegante, morrendo tão rápido que não dá tempo nem de escorrer muito sangue.

Problema resolvido. *Belíssimo trabalho, Dexter*. Agora tinha uma boa ideia do que tinha acontecido. Isso provou mais uma vez que o meu cérebro estava retornando ao seu poleiro normal e sublime. Mas, por mais gratificante que fosse, havia uma pergunta no ar: E daí?

O que importava como aquilo tinha acontecido? A única parte realmente vital era *por que* isso tinha acontecido *comigo*, e que aquilo poderia muito bem ser escrito em aramaico e selado em uma caverna. Com apenas dois cadáveres para examinar, não havia nenhuma maneira de eu saber por que estes dois vieram ao meu quarto para morrer, e isso significava que eu também ignorava se eles tinham amigos, que poderiam estar a caminho daqui, para ver por que a coisa estava demorando tanto.

Havia apenas um pedaço daquela questão importante que eu poderia desvendar, porque, em termos gerais, havia apenas duas possíveis explicações do por que disso acontecer aqui, no *meu* quarto. Primeiro, foi mera coincidência. Aqui era Miami, afinal de contas. Assassinatos aleatórios acontecem o tempo todo, e eles têm que acontecer em algum lugar. Os assassinos tinham simplesmente escolhido o quarto mais acessível, e aconteceu de ser justo o meu. Eu pensei sobre isso por quase um segundo inteiro antes de concluir que aquilo era quase tão possível quanto o sol nascer no oeste e ficar por lá por algumas semanas.

Certo, a teoria da coincidência era risível, e isso levava inevitavelmente à segunda possibilidade. Os dois estranhos tinham deliberadamente vindo ao *meu* quarto, *sabendo* que era meu quarto, para (a) bisbilhotar, (b) me matar, (c) algo que eu não tinha dados o suficiente para descobrir. Isso era o mais provável, mas também significava que havia dois lados daquela coisa e, aparentemente, nenhum deles olhava para o pobre e maltratado Eu com o mínimo de amor ou compaixão.

Estou muito confortável com a ideia de que um dia, em algum lugar, eu possa encontrar indivíduos ignorantes e não iluminados que decidam que simplesmente não gostam de mim. Cursos diferentes para pessoas diferentes, e assim por diante.

Continuando esse pensamento até sua conclusão lógica, posso até aceitar que, em um futuro e um lugar distantes, um desses indivíduos decida que não gosta de mim o suficiente para me matar.

Mas duas *equipes*? No mesmo lugar e ao mesmo tempo? E as duas equipes achando minha existência tão desagradável que invadiram meu quarto carregando objetos afiados?

Quem queria tanto me matar? E o que eu tinha feito para merecer dois esquadrões de ódio?

Claro, Anderson, ou alguém à espreita na sombra dele, era o suspeito mais óbvio. Mas eu não podia acreditar que ele aprovaria algo considerado crime grave. Seus defeitos eram tão numerosos que não deixaram quase nenhum espaço para virtudes, e ele certamente brincava com contravenções, se elas servissem para acabar com o Delicioso Dexter. Mas assassinato era um pouco demais, até mesmo para ele. Mesmo que sua vítima fosse alguém que merecesse muito morrer, que tipo de oficial da lei poderia tolerar o assassinato, mesmo que de outro assassino? Era inimaginável. Além disso, ele estava claramente se divertindo muito me mantendo vivo e miserável.

Então sobrava quem? Quem mais estava cheio o suficiente de mim para tentar me matar? Poderia ser algum justiceiro aleatório? Alguém que ficou com tanta raiva de me ver solto que decidiu resolver as coisas com as próprias mãos? Era possível, mas parecia um pouco forçado demais. E imagine ainda dois deles competindo para ser o primeiro a tirar meu escalpo... não, simplesmente não funcionava.

Mas não havia alguém que me odiava tanto assim, pelo menos, não entre os vivos. Se pudesse escolher entre aqueles que eu tinha ajudado a se libertarem para a morte, era possível montar dois times, talvez uma liga inteira. Fora isso, parecia impossível. Na verdade, fora minha recente explosão indesejável de publicidade, ninguém nem sabia que eu existia. Tinha trabalhado muito duro toda a minha vida para ser uma pessoa esquecível. E tinha trabalhado ainda mais duro para ter certeza de que amigos, parentes ou colegas de trabalho de meus Amigos Especiais jamais descobrissem quem eu era ou o que fazia. Quem vazou o segredo?

Sem pensar, sentei na beira da cama para ponderar. Meu peso fez o corpo do Estranho Um rolar para a cratera no centro do colchão, e um dos seus braços encostou em mim. Pelo menos serviu para confirmar que o corpo tinha sido morto recentemente. E também confirmava que eu ainda era estúpido. Me levantei rapidamente, fui até a escrivaninha e puxei a cadeira.

Me sentei e, inconscientemente, assumi uma posição ereta. Minha professora da segunda série, a sra. Parker, sempre insistiu que devíamos nos sentar eretos. Ela dizia que encorajava um bom fluxo de sangue até a coluna vertebral e o cérebro, o que poderia nos ajudar a pensar e aprender melhor. Sempre rimos dela por causa dessa ideia lunática, pelas costas, é claro. A sra. Parker era brava. Depois de todos esses anos, porém, parecia que ela poderia estar certa. Porque depois de apenas alguns segundos sentado ereto na cadeira de madeira, eu tinha um Pensamento Real.

Eu não tinha como descobrir quem eram esses estranhos mortos, pelo menos não só de olhar para eles. E se eu não sabia quem eram, eu não poderia dizer o porquê daquilo tudo. Além do fato de que é sempre bom saber *quem* te odeia o suficiente para matá-lo, eu precisava saber quem era esse *quem*, antes que pudesse decidir o que fazer sobre isso. E foi aí que o meu Pensamento Real falou comigo.

*Tudo bem, Dexter, ele disse. Então tente descobrir quem sabia que este era o seu quarto.*

A lista de pessoas que sabia que eu tinha ficado neste hotel era bem menor. Tinha que assumir que Anderson e outros policiais interessados deviam saber. E qualquer outra pessoa que conseguisse entrar no sistema do governo podia descobrir, se realmente quisesse muito saber. Eu mesmo descobriria em menos

de dez minutos, simplesmente checando o cartão de crédito. No momento que usei o cartão em meu nome, minha localização se tornou de conhecimento público. O registro teria bem claramente o nome e o endereço do hotel, e então...

Pisquei. Tinha tido outro pensamento, algo muito importante; eu tinha quase certeza daquilo. Não sabia o que era, mas sabia que estava lá. Repassei meus pensamentos, examinando-os em marcha lenta. Me senti ainda mais ereto em minha cadeira enquanto fazia isso, e lá estava ele. Não sei se o achei graças à minha excelente postura, mas só pra garantir, mandei um cartão mental de “obrigado” para o passado, direto para a sra. Parker.

Era bem verdade que qualquer pessoa com um computador e metade de um cérebro poderia me achar seguindo o que eu fiz com o meu cartão de crédito. Mas havia um pequeno factóide que era ainda mais verdadeiro.

Eu não tinha usado o meu cartão de crédito.

Brian tinha usado *seu* próprio cartão de crédito.

O que ele tinha dito mesmo? Um “belo cartão anônimo”. Eu não tinha pensado em nada disso na época, então tentei compensar esse lapso agora. Brian não poderia, de jeito nenhum, ter crédito de qualquer natureza; ele não tinha endereço fixo, pra começar, e eu não tinha certeza se ele ao menos tinha uma identidade. Isso, obviamente, significava que o cartão era falsificado ou roubado. A maioria das empresas financeiras veria isso com forte desaprovação. Mas, mesmo sendo más e mercenárias, a maioria das empresas de cartão de crédito não pensam em matar pessoas que abusam delas, por mais que desejem isso.

Poderia ser a pessoa hipotética de quem Brian provavelmente tinha roubado o cartão? Isso era um pouco mais provável, mas então por que tinham dois deles lá?

Pensei mais naquilo. Além do cartão falso, Brian tinha um repentino excesso de dinheiro, o suficiente para contratar Kraunauer. De onde súbitas quantias de dinheiro vieram? E que relação essa grana poderia ter com os cadáveres no meu quarto? Me levantei e olhei para eles novamente, primeiro o da cama, em seguida, o do armário, e então voltei e parei sobre o Um, tão pacificamente acomodado em minha cama.

Todos nós que trabalhamos na aplicação da lei somos ensinados a evitar perfis raciais, então eu tentei não tirar qualquer conclusão que pudesse ofender

alguém, não importando sua origem étnica. Mas não foi possível evitar a observação de que os mortos se pareciam muito e pareciam ser mexicanos ou da América Central. Tendo dito isso, não se poderia deixar de acrescentar, com total correção política, que, se de fato eles eram mexicanos ou da América Central, e uma vez que tinham realmente sido violentamente assassinados, e que tinha acontecido aqui em Miami... e, se além disso existia realmente grandes quantidades de dinheiro no pano de fundo dessa história, então era pelo menos possível — *possível*, lembre-se, não mais do que uma possibilidade, e por isso teria muito pouco a ver com a Identidade-étnica dos homens — que drogas pudessem estar envolvidas em algum lugar no meio dessa história.

Brian certamente não tem escrúpulos morais sobre o comércio de drogas. Na verdade, ele não tinha moral nenhuma. Ele tinha todas as vantagens que eu gostava, sem coração, sem alma, vazio por dentro, e desprovido de sentimentos humanos, mas ele não estava sobrecarregado com qualquer uma das minhas desvantagens de padrões de comportamento criados artificialmente. O negócio de compra e venda de drogas parecia ser uma oportunidade perfeita para lucro, e até mesmo para se expressar, considerando a natureza da competição. Ele poderia muito bem ter se envolvido de alguma forma. Conhecendo Brian, ele poderia facilmente ter feito algo que deixou alguém deste mundo ultraviolento apenas um pouco aborrecido e irritado.

Isso não explicava quem eram os meus novos amigos, mas oferecia a primeira explicação clara de “como” e “por quê” — além de essa suposição ter a virtude adicional de ser muito fácil de verificar.

Peguei meu telefone e liguei.

Depois de apenas três toques, Brian atendeu.

— Irmão — ele falou com uma cordialidade artificial de baixa qualidade.  
— Como está tu?

— Estou bem — respondi. — Bem melhor que meus convidados indesejados.

— Convidados? — ele falou. — Isso é inteligente em sua presente situação?

— Terrivelmente *obtusos* — respondi. — Especialmente porque os dois estão excepcionalmente mortos.

Brian não disse nada por um longo momento.

— Devo acrescentar que não tenho ideia de quem eles são — falei

finalmente. — E que também não fiz nada.

— Bons acréscimos — Brian disse docemente e havia um tom perigoso em sua voz que eu não tinha ouvido antes. — Descreva-os.

— Os dois têm um metro e setenta, atarracados — falei. — O que está mais perto tem uns 35 anos, cabelo escuro, pele morena e rosto cheio de marcas.

Brian sibilou.

— O punho esquerdo. Por favor, o examine.

Fui até a cama e puxei o braço esquerdo do peito dele. Havia uma tatuagem de mais ou menos dez centímetros mostrando Jesus sangrando e preso por uma cobra que o envolvia.

— Tatuagem interessante — falei ao telefone.

— Jesus com uma cobra? — Brian perguntou.

— Sim. Conhece este cara?

— Fique aí, já estou indo.

— Brian, tem policiais na recepção — falei, mas ele já tinha desligado.

Olhei para o telefone e me perguntei se eu deveria ligar de novo pro Brian. E decidi que não. Ele provavelmente não iria atender e, de qualquer maneira, senti que, de alguma forma, o telefonema tinha me decepcionado. Eu não confiava mais nele.

Mas eu tinha que fazer alguma coisa. “Estou indo” poderia significar alguns minutos, mas também poderia ser meia hora ou mais. Eu ainda não tinha ideia do que estava acontecendo ali, mas, o que quer que fosse, eu não acho que poderia simplesmente ficar no meu quarto e esperar que a próxima peça do quebra-cabeça caísse no lugar certo. As apostas eram muito altas, e a próxima peça poderia muito bem cair na minha cabeça. Era evidente que eu precisava sair do quarto o mais rápido possível.

Por outro lado, eu também precisava me encontrar com Brian, e ele estava vindo para cá. Mais uma vez, meu cérebro recém-revivido aceitou o desafio, e desta vez eu não estava nem sentado ereto. Brian iria chegar e, igual a mim, iria ver o carro da polícia em frente e, portanto, se encaminharia para a porta dos fundos.

Saí do quarto, checando duas vezes se a porta tinha se fechado de forma segura e se o sinal de “Não Perturbe” ainda estava no lugar. Fui até a escada e desci até o térreo, parando e esperando de um lado da porta de modo que eu

pudesse ver a área de estacionamento, sem que me vissem facilmente de fora.

Dez minutos passaram. Uma mulher em um traje de negócios caminhou para fora e entrou em seu carro, pelo menos eu achava que era o carro dela. Se não fosse, ela era uma ladra de carros muito boa.

Mais cinco minutos se passaram. Dois adolescentes barulhentos vieram descendo as escadas do segundo andar e abriram a porta para a recepção sem prestar atenção em mim.

Eu olhei pela janela da porta dos fundos. Não dava pra ver muito, mas nada se movia. Gostaria de saber se Brian havia se envolvido em algum tipo de acidente ou, considerando tudo, se tinha causado um. Quanto tempo devo esperar por ele? Mais cedo ou mais tarde era quase certo que algo desagradável acontecesse. Os policiais podiam decidir ir ao meu quarto para me encher a paciência, ou a arrumadeira iria trocar os lençóis. Era até possível que quem tivesse enviado os dois Estranhos enviasse outro. Isso falhando, eles poderiam vir em pessoa para transformar em outro cadáver alguma pessoa em meu quarto e talvez alguém na escada, quem sabe. Onde diabos estava o Brian?

Olhei para fora novamente. Nenhum sinal dele; nada além de uma van branca. Ela se aproximou lentamente, até que eu pudesse ver a lateral. Em grandes letras pretas, estava escrito: TAPETES IRMÃOS ATWATER.

Pisquei. Atwater de novo? Sério mesmo?

A van deu ré e ficou em uma posição que bloqueou a porta onde eu estava, e um momento depois Brian apareceu. Ele usava um macacão cinza esfarrapado e carregava uma sacola de lona pesada de ferramentas, e quando ele pôs a mão na maçaneta, me viu e acenou com a cabeça.

Abri a porta e Brian entrou.

— Irmão — ele disse. — Talvez não tenhamos muito tempo.

— Isso me ocorreu também — falei. — Junto com outras coisas de natureza um pouco mais pessoal.

Ele me mostrou alguns dentes e segurou no meu cotovelo.

— A hora das recriminações é mais tarde. Agora temos trabalho a fazer.

Assenti e o deixei me levar apressadamente escadas acima e até o corredor do quarto 324. Abri a porta e entrei, e Brian foi direto olhar o corpo na cama.

— Octavio — ele falou. — Como eu temia.

— Você conhece ele.

Brian assentiu.

— Era meu aliado. Talvez até meu amigo.

— Amizade é uma coisa tão frágil — falei.

— Igual a própria vida — Brian falou, olhando para Octavio, quase como um ato de arrependimento, se eu não conhecesse Brian tão bem.

— Não quero atrapalhar o seu sofrimento — falei. — Mas...

Sua cabeça se endireitou na hora e ele olhou para mim, com todos os traços de expressão sumindo.

— Sim — ele falou energicamente. — Você disse que eram dois?

— Disse — respondi e indiquei o *closet* com a mão, então ele abriu a porta e se ajoelhou ao lado do Estranho Dois por não mais do que três segundos. Então se levantou e disse:

— Não conheço ele.

— Bom — falei —, mesmo assim...

— Sim, claro. Vamos sair daqui — Ele abriu sua sacola de lona e pegou uma roupa cinza toda enrolada. — Vista isso — falou jogando para mim.

Desenrolei um macacão que combinava com o dele e o coloquei por cima das minhas roupas. Quando tinha acabado de abotoar tudo, Brian já tinha enrolado a colcha em Octavio, cobrindo-o totalmente.

— Será que poderia pegar esse lado aí, irmão? — Brian falou educadamente.

Eu peguei a parte do corpo de Octavio que parecia ser dos pés. Brian pegou a outra extremidade, apontando para a porta, e juntos levamos Octavio para fora, ao corredor, e, depois, descemos as escadas. Por alguma razão os cadáveres sempre parecem ser mais pesados do que os vivos, e Octavio não era exceção. Ele era surpreendentemente pesado para um pequeno cadáver, e quando chegamos à porta de trás eu estava completamente sem fôlego, e agora tinha uma nova câibra em meus músculos das costas.

Brian abriu a porta dos fundos e carregamos Octavio pela curta distância até a parte de trás da van. Mostrando força surpreendente, Brian segurou o pacote com uma mão enquanto abriu a porta traseira do furgão, e, em seguida, levantou o corpo para cima enquanto eu empurrei para frente a minha ponta. Olhei casualmente em volta enquanto Brian puxou a colcha para fora e bateu as portas. Eu não vi nada, exceto uma dúzia de carros estacionados.

— Muito bem — Brian falou. — Próximo.

Voltamos pelas escadas e repetimos o processo com o Estranho Dois. A sorte estava do nosso lado, e não vimos ninguém — e espero que ninguém tenha nos visto. Em todo caso, em apenas alguns minutos já tínhamos colocado o segundo corpo na van. Me estiquei e pensei quando eu sentiria algo nas costas que não fosse dor.

Brian fechou a porta de trás da van, trancou e fez um aceno de cabeça para mim.

— Só mais uma viagem — falou.

— Jura? Mas só contei dois corpos.

— Tem suas coisas — ele falou passando por mim e indo para a porta do hotel. — Seria melhor se você fizesse o *checkout* agora, não? — Ele se virou e me mostrou um pequeno e conhecido sorriso malicioso — Melhor ainda se for pelo telefone.

— Acho que está certo — respondi.

Ele assentiu.

—Tinha que acontecer algum dia.

Subimos juntos, parando cautelosamente no terceiro andar e, de novo, na porta do meu quarto, ou ex-quarto, sendo mais preciso. Não havia sinal de nada nem de ninguém, então entrei. Levou menos de um minuto para juntar minhas poucas posses, e então descemos as escadas e saímos para o estacionamento. Passei pela van e joguei minha mala no porta-malas do meu carro alugado enquanto Brian se sentava no banco do motorista da van.

— Me siga — ele falou e então acrescentou: — Não é longe.

— Está bem — respondi. Entrei no carro alugado e segui Brian, que saía devagar do estacionamento.

O carro da polícia ainda estava estacionado na porta da frente do hotel, e não havia nenhum sinal de seus ocupantes. Passamos devagar e saímos para a US 1, e, alguns quarteirões para frente, Brian fez uma curva em U e dirigiu para o sul. Segui em frente, imaginando no que ele tinha se metido, e por que aquilo era problema meu.

Poucos minutos mais ao sul, Brian entrou em um pequeno shopping que tinha, entre outras coisas, uma loja 24 horas de *donuts*, e eu o segui. Ninguém notaria meu carro alugado aqui. Estacionei em um local próximo o suficiente da

loja de doces permitindo que algumas das luzes fluorescentes brilhassem sobre o carro, e caminhei até o canto mais distante do estacionamento, onde Brian estava sentado na van, com o motor ligado. Entrei no banco do passageiro, e ele seguiu para a US 1 novamente, rumo ao sul.

Nenhum de nós falou durante vários minutos, até que, finalmente, quando passamos pela Sunset Drive, eu não aguentei mais.

— Sinto muito pelo seu amigo — falei.

Brian suspirou.

— Certo — ele disse.

Olhei para ele com expectativa, mas ele não disse mais nada, e eu estava irritado o suficiente para sentir que eu não deveria tentar arrancar nada dele. Então fiquei em silêncio também. Continuamos seguindo para o sul, quase até Homestead. Em seguida, Brian saiu da US 1 e pegou a direção para o oeste, para o interior, mudando de rota várias vezes. Então finalmente seguimos reto em um longo trecho de pavimento malcuidado. O sol estava se pondo, e brilhou diretamente nos meus olhos. Então me virei para o lado e olhei pela janela. Não havia muito para ver nesta antiga área residencial. As casas gradualmente ficaram mais velhas, pequenas e espaçadas e, em seguida, finalmente desapareceram por completo, e então estávamos dirigindo ao longo de uma estrada de terra através de uma paisagem de matagal, canais e grama. Tínhamos vindo para os limites dos Everglades. Olhei para Brian, esperando que ele estivesse pronto para me explicar tudo, mas ele só olhava para a frente, para a estrada e o sol poente.

Depois de mais de dez minutos de silêncio constrangedor, Brian finalmente saiu da estrada poeirenta e passamos pelo portão de uma cerca velha de arame. O portão propriamente dito estava pendurado em uma dobradiça enferrujada. Havia uma placa desvanecida e antiga sobre ele, mas eu não conseguia ler o que estava escrito.

Uns novecentos metros depois do portão, chegamos à ponta do grande lago de uma antiga pedreira, cheio de água leitosa, e Brian parou a van. Desligou o motor e nós mantivemos o silêncio por um momento. O motor estalou algumas vezes enquanto esfriava, e, não muito longe, todo um coro sinfônico de insetos começou seu concerto noturno.

Em seguida, Brian balançou a cabeça, respirou fundo e virou-se para mim.

— Irmão — ele falou com uma voz muito séria e fúnebre —, infelizmente tenho que te dizer que você nos colocou em grave perigo. — Ele se aproximou.  
— Preciso que me diga para quem falou a respeito do seu quarto no hotel.

## CAPÍTULO 10



**POR UM MOMENTO, NÃO CONSEGUI FAZER MAIS NADA ALÉM DE OLHAR** para Brian e piscar. Parecia que eu estava fazendo muito isso ultimamente. Será que era um sinal de que eu estava mesmo perdendo a cabeça e deslizando para o precipício da estupidez permanente? Ou era mera indicação de que eu nunca tinha sido tão inteligente quanto achava que era?

Em todo caso, fiquei encarando-o e piscando. A pergunta de Brian me pegou totalmente de surpresa. *Pra quem eu tinha contado?* Era uma pergunta absurda em tantos níveis que eu nem sabia por onde começar. Já tinha concluído que alguém tinha rastreado o Brian, não eu, por causa de seu cartão de crédito. Aquilo parecia tão óbvio para mim que nem merecia ser mencionado... como ele falhou em perceber aquilo? E além do mais, Octavio era amigo dele, não meu, então sua morte não significava nada para mim, era claramente algo direcionado ao Brian.

Mas o mais básico de tudo era que não tinha sobrado ninguém para eu contar, nem a respeito do hotel nem de nada. Fora o próprio Brian, ninguém falaria comigo.

Após uma longa pausa que foi perfeita para transmitir dramaticamente meu senso de surpresa estupefata com sua pergunta, eu finalmente consegui arrancar meus poderes de discurso pra fora da vala e de volta para a estrada das conversações.

— Brian — falei —, você realmente acredita que alguém matou o Octavio para me atingir?

Quase como se estivesse trabalhando para fazer eu me sentir melhor, Brian respondeu com um gratificante abrir de boca e piscar. Achei que durou bem mais que o meu, mas talvez seja o tipo de coisa que parece mais longo quando se

assiste do que quando se faz. Deu a ele todo o tempo que precisou, então finalmente fechou a boca e deixou os ombros caírem só um pouco.

— Eu acreditei — ele respondeu. — Realmente acreditei nisso. Que besteira — Ele olhou para mim e sacudiu a cabeça. — Parece que tenho feito algumas coisas bem estúpidas ultimamente.

— Tem muito disso acontecendo mesmo — respondi.

— Mas, então, como me acharam tão rápido? — ele perguntou verdadeiramente intrigado e perplexo.

Começou a me ocorrer que, apesar de suas outras ótimas qualidades, Brian não era tão adepto quanto eu do mundo cibernético.

— É só um palpite — falei. — Mas acho que eles rastrearam seu cartão de crédito.

Ele olhou para mim com tanto espanto e expressão em branco que revisei minha opinião: Brian não tinha a menor ideia sobre a vida no mundo cibernético.

— Eles podem realmente fazer isso? — Ele perguntou. — Esse cartão estava limpo, só tenho ele há algumas semanas.

— Jogue fora — aconselhei. — Ponha no lago da pedreira, junto com Octávio e, opa. Vamos colocá-los no lago? Apenas imaginei que...

— Vamos sim — Brian respondeu. — A água tem um alto teor de cal. Não sobra nada em alguns meses.

Eu não perguntei como ele sabia daquilo, mas arqueei a informação para referência futura. Supondo que eu realmente tivesse um futuro, algo que parecia ser um pouco duvidoso no momento. Brian franziu a testa, e parecia muito confuso.

— Mas, falando sério, eu pensei que um cartão de crédito era... bem, você sabe. Os bancos não protegem os dados com muito cuidado?

— É claro — respondi. — Eu levaria quase dez minutos para invadir um banco de dados de uma instituição financeira e rastrear alguém.

— Ah, nossa — ele falou e sacudiu a cabeça novamente, bem devagar. — Vejo que existem alguns buracos bem flagrantes em minha educação. Ele se inclinou para trás no banco e franziu a testa, parecendo que estava tentando lembrar se tinha feito qualquer coisa que pudesse voltar para assombrá-lo. — Talvez eu tenha passado muito tempo aprendendo a me livrar dos corpos, e não o suficiente sobre o lado mais humano das coisas.

— É o que parece — falei. — Posso sugerir que, no momento, usar apenas dinheiro seja a coisa mais segura a se fazer? Hã... você tem bastante dinheiro, não?

— Ah, sim, não é problema — ele falou aéreo, aparentemente ainda catalogando os pecados de seu passado recente.

— Talvez seja uma boa hora para me dizer de onde ele veio... E quem está tentando te matar para conseguir o dinheiro de volta. Você também roubou as drogas ou só a grana?

Brian se endireitou e olhou para mim, então assentiu com a cabeça.

— Às vezes esqueço que você é um investigador treinado. É claro que desvendaria isso.

— Elementar, meu caro irmão — respondi.

— Não sei bem o quanto devo contar a você — ele falou devagar, obviamente enrolando para falar enquanto pensava no assunto.

— Me conte o suficiente para me manter vivo — respondi.

— Sim. Pelo menos isso — Ele respirou fundo e depois soltou o ar pelo nariz fazendo barulho. — Bem, como já adivinhou, fiz uma pequena incursão pelo mundo do tráfico de drogas. Nada muito fora do normal, apenas um novo local para os meus talentos — Ele sorriu modestamente. — Mas com um nível salarial muito maior.

— Muito bem — falei encorajando-o.

Brian deu de ombros.

— É a velha história de mau gosto. Eu estava indo muito bem, financeiramente falando, e ainda curtindo o meu trabalho — Ele me lançou seu sorriso terrível, mas desta vez parecia haver um verdadeiro prazer por trás dele. — Muitos pequenos trabalhos, muitos. Um excesso de... encontros?

Assenti. Brian compartilhava a minha sensação de que falar em voz alta sobre o que fazíamos era meio indelicado, mas nós dois sabíamos o que queria dizer. Ele removia permanentemente as pessoas que seus chefes consideravam obstáculos. Parecia um trabalho incrível, e aparentemente muito lucrativo.

— Freelancer? — perguntei. — Ou trabalhava para um chefe específico?

— Apenas um. Raul. — Ele sorriu de novo. — Era meio melodramático, mas chamavam ele de *El Carnicero*. O Açougueiro.

— Sim — falei. — É meio exagerado mesmo.

— É o mundo deles — Brian disse dando de ombros. — Eles parecem gostar de histrionismo.

— Mas então, o que aconteceu? Você irritou o Açougueiro?

— Oh, não, claro que não — ele disse enfaticamente. — Eu era muito bom no meu trabalho e ele gostava disso. Mas infelizmente, para todos, o Açougueiro irritou o Santo Rojo — Ele me mostrou seus dentes. — Mais histrionismo, me desculpe. Quer dizer Santo Vermelho.

— Sim, eu sei.

— Aparentemente Raul passou dos limites — Brian falou, se esforçando muito para parecer arrependido. Ele não era tão bom como eu naquele tipo de coisa. — O Santo ficou ressentido. E logo estávamos em uma guerra em grande escala — Ele fez uma pausa e inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse vendo as coisas que descreveu. — O Santo era um homem muito mais poderoso, com muito mais laçaios, dinheiro e influência. Raul, relativamente, era um peixe pequeno, definitivamente comendo pelas beiradas, mas que ainda não tinha chegado lá.

Ele deu de ombros.

— Para ir direto ao ponto, pareceu-me que eu estava do lado perdedor, e era só uma questão de tempo até que Raul e todos nós de sua pequena família fôssemos eliminados. Então discuti isso com um colega de trabalho.

— Octavio — disse.

Brian assentiu.

— Isso. Porque acontece que Octavio sabia onde Raul tinha escondido uma parte considerável de seu dinheiro para o caso de ele precisar, hã, se mudar. Rapidamente. — Ele contraiu a boca em um breve e pouco convincente sorriso. — É uma das certezas desse comércio — disse ele —, de vez em quando você realmente vai precisar fugir apressadamente.

— Entendi. Então você e Octavio pegaram o dinheiro e fugiram.

— Sim, isso mesmo — ele disse e suspirou. — Todo aquele dinheiro. Eu não tinha ideia de que haveria tanto — Ele olhou para mim alegremente. — Muito, muito mesmo, irmão. Você não tem ideia.

— Posso imaginar, respondi. — Mas qual foi o problema? Com Raul e a maior parte de sua gangue mortos, quem sobrou para vir atrás de você?

— Bem, aí é que está o problema — Brian respondeu com tristeza. —

Acontece que tivemos um pequeno erro de cálculo. Raul conseguiu plantar uma bomba na sede do Santo. E ela explodiu com bastante êxito; Santo Rojo e um grande número de seus asseclas foram mortos e o resto debandou para a gangue do Raul. A guerra acabou, mas, infelizmente, Raul ainda estava vivo. — Ele sorriu para mim novamente, não mais convicto do que em qualquer outro momento. — E, entre os desaparecidos, estavam dois de seus homens de confiança e uma grande soma de dinheiro não rastreável. E Raul é muito possessivo em relação ao seu dinheiro — ele concluiu.

— Um erro comum — falei.

— E assim, para concluir — Brian continuou —, Raul e todos os seus capangas restantes estão trabalhando muito duro para me encontrar. Provavelmente não com a intenção de me implorar para voltar ao trabalho.

— Quase certeza que não — falei. Eu fiz uma careta e tentei raciocinar em voz alta. — Está bem. Então o cara da computação do Raul rastreia o seu cartão de crédito até o meu quarto de hotel. Sem dúvida, ele assume que Dexter Morgan é você, usando um *nom de guerre*. Ele envia alguém para conduzir sua entrevista de saída...

— Bem colocado — Brian murmurou.

— E ele espera no armário, imaginando que seu retorno é iminente — falei e então parei. — Mas, e o Octavio? O que ele estava fazendo lá?

Brian suspirou novamente, era a terceira vez que fazia isso. Ele estava ficando um pouco irritante, especialmente porque eu sabia muito bem que ele não sentia absolutamente nada, muito menos qualquer coisa que pudesse induzir um suspiro. Só podia ser um novo hábito que estava tentando usar por alguma razão, apenas para dar efeito.

— Eu posso apenas imaginar — ele falou por fim. — Octavio estava hospedado em seu hotel. — Devo ter parecido surpreso, porque Brian estendeu as mãos em um pedido de desculpas. — Uma mera conveniência — ele continuou. — Octavio deve ter visto esse outro homem e o reconheceu. Ele o seguiu até o seu quarto, e... — Ele estalou os dedos. — O resto é uma história trágica.

Nós dois ficamos em silêncio por um minuto.

— É factível — disse finalmente —, que Raul mandaria um mero capanga dispor de você?

— Oh, não, certamente que não — Brian disse alegremente. — Ele tinha um

grande respeito por meus talentos.

— Então, não haveria dois? Três?

— Muitos deles, sem dúvida... uns cinco, seis, talvez dez — ele falou ainda bem animado. — Acredito que esta seja uma prioridade bem importante para o Raul, e ele quase certamente viria junto com seus homens.

— Só por causa de um pouco de dinheiro? — Perguntei.

Brian ficou ainda mais alegre.

— Ah, não era um pouco, bem longe disso — falou. — Mas é claro que é muito mais que o dinheiro. Se ele deixar que eu o roube, perderá completamente o respeito — Ele levantou uma sobrancelha. — E isso é tudo pra essa gente, você sabe. Não, Raul vai mandar um bom número de pessoas, e *continuará* mandando até o serviço estar feito — Então assentiu satisfeito para mim.

De alguma forma eu não conseguia compartilhar de sua alegria por ser perseguido implacavelmente por vários pelotões de assassinos experientes e dedicados.

— Maravilhoso — falei.

— Eles são muito bons, também — Brian falou. — E implacáveis, é claro.

— Claro — respondi.

Ele ficou em silêncio e seguiu seu exemplo, usando o tempo para refletir um pouco. Agora eu sabia como Brian estava financiando seu recente grande fluxo de generosidade. E eu estava começando a ter uma suspeita desagradável. Eu já desconfiava de que Brian precisava da minha ajuda para alguma coisa, como ele próprio havia dito quando me pegou na saída do TGK. Mas a coisa estava começando a parecer consideravelmente pior do que desagradável, era algo mais letal, e eu não tinha certeza se queria fazer parte daquilo, sendo meu irmão ou não. Embora fosse verdade que eu normalmente estava disposto, e até mesmo ansioso, para ajudar um membro da família em necessidade, eu sempre tinha entendido que aquilo se aplicava a mover móveis ou dar uma carona ao dentista. Eu não acho que os laços familiares haviam sido destinados a ajudar seu irmão a sobreviver dos ataques implacáveis de um traficante de drogas enfurecido.

Mas ao pensar isso, percebi que já era tarde demais para educadamente escapar daquilo. Os homens de Raul tinham sido inteligentes o suficiente para rastrear o cartão de crédito de Brian rapidamente. Eles certamente sabiam que o quarto tinha sido registrado para mim, e logo descobririam que não era uma

identidade falsa de Brian, e então eles estariam atrás de mim também. Iriam assumir que eu estava ligado a Brian, de alguma forma, e eu me tornaria um alvo. Na verdade, eu *já* havia me tornado um alvo apenas por estar naquele quarto. Embora uma mera e desconhecida conexão poderia não parecer como prova terrivelmente contundente de alguma coisa para um ser racional, eu sabia o suficiente sobre o mundo das drogas para saber que ele tem poucos residentes racionais. Eles não precisavam saber nada sobre mim para decidir que meu tempo no planeta Terra tinha expirado. Com certeza agora eu estava na lista deles, tão certamente quanto eu estava sentado ali.

Outro pensamento surgiu na minha cabeça, que foi um ótimo sinal de que as coisas estavam funcionando do jeito que deveriam. Esse pensamento me sussurrou que se Brian realmente queria a minha ajuda, ele poderia muito bem ter enviado Octavio ao hotel enquanto eu estava fora, sabendo que ele iria se encontrar com o assassino. E eu, confrontado com dois cadáveres no meu quarto e tendo certeza de que tinha sido identificado, me sentiria tentado a me juntar a Brian em seus esforços. E mais, com Octavio morto, todo aquele dinheiro adorável agora era, presumivelmente, só de Brian, e ele não tinha me dado nenhuma razão para acreditar que ele gostava do Octavio, ou de qualquer um, mais do que de dinheiro.

Olhei para o meu irmão. Ele ainda estava franzindo a testa, apertando os olhos para os últimos raios do sol que afundavam além do horizonte enquanto eu observava. Ele virou para mim, balançou a cabeça e disse:

— Infelizmente eu tenho que lhe pedir um grande favor.

— Você matou o Octavio? — Eu falei em resposta. — Ou o fez ser morto?

Para seu grande crédito, Brian nem sequer fingiu estar surpreso ou ofendido.

— Não, eu não fiz isso — ele disse simplesmente. — Naturalmente, me ocorreu que eu poderia querer isso, mais cedo ou mais tarde, mas eu precisava da ajuda dele para evitar ser morto. E agora... — Brian de repente ficou tímido e se afastou de mim. — Como falei — ele disse em tom de desculpa —, é um grande favor.

— Sim, é — falei, e eu admito que souo rabugento. — Eu não sei como eu poderia, quero dizer, estou sendo vigiado, você sabe. Pela polícia. E posso ser arrastado de volta para a cadeia a qualquer momento. O que você acha que eu poderia fazer?

— Nada extenuante — Brian disse com um pouco de mau humor. — Algumas tarefas leves e divertidas. Você sabe, tipo me dar cobertura enquanto eu faço o trabalho pesado, e depois se juntar a mim para a parte divertida.

Abri minha boca para falar, salientar que era necessário se preocupar com mais do que os cinco ou seis lunáticos homicidas fortemente armados que estavam atrás de nós agora. Mesmo se livrando deles, havia uma organização grande e cruel por trás deles. E então eu fechei minha boca novamente pois percebi que, naturalmente, Brian sabia o que aquilo significava e era o que ele estava insinuando. A palavra *arrogância* surgiu na minha cabeça, e só para mostrar que eu me lembrava bem de palavras difíceis, apostei também em *presunçoso*, porque se o que eu suspeitava sobre a natureza de seu plano fosse verdade, arrogância presunçosa era um grande eufemismo. Era uma estupidez vaidosa, grandiosa e extravagante em uma escala colossal que ultrapassava todas as fronteiras terrestres, e eu tinha certeza que era exatamente o que Brian estava contemplando.

Eu olhei, pelo vidro do carro, para a água leitosa do lago da pedreira. A superfície brilhava intensamente, embora estivesse completamente escuro agora, e pensei que era bastante apropriado.

— Brian — falei. — Você não tem nenhuma intenção de fugir, tem?

Ele me mostrou muitos de seus dentes. Eles brilharam de forma estranha no escuro.

— Bom, não, eu não — ele respondeu alegremente. — Qual seria a vantagem? Eles iriam me achar eventualmente.

— Mas isso é loucura — protestei. — Não é possível que pense que consegue derrotar um cartel inteiro!

— Não sozinho — ele falou docemente. E, inteligentemente, não disse mais nada e nem lançou Olhares Significativos para mim.

— Ah, merda — falei, e quis dizer isso mesmo.

— É provável — Brian respondeu.

— Que diabos de ideias você tem para conseguir eliminar dezenas de asseclas loucos e armados?

Brian sorriu com modéstia.

— Um de cada vez. O Raul é o único realmente difícil de pegar. E, como falei, ele vai aparecer e estar presente no final.

— Merda — falei de novo, sabendo que estava sendo repetitivo, mas sem conseguir pensar em algo novo que somasse à conversa.

— Admito que é desafiador — Brian falou. — Mas com uma pequena ajuda, a ajuda *certa*... — ele suspirou e sacudiu a cabeça. — Octavio era muito útil em algumas situações, e tinha habilidade com a faca...

— Aparentemente sim — falei.

— Mas ele era basicamente um contador. Isto estaria muito acima dele.

— Estou bem seguro de que está bem acima de mim também — falei.

— Ah, não, não mesmo — Brian insistiu. — É absolutamente feita por encomenda! Além dos dons que compartilhamos, você sabe sobre a lei, sobre policiais e como eles reagem. E você sabe muito bem que coisas podem ser importantes. Como acabou demonstrado com o meu cartão de crédito, por exemplo.

Ele se inclinou para mim e baixou a voz, como se temesse que Octavio pudesse nos ouvir de seu ninho confortável na parte de trás da van.

— E, além de tudo isso, querido irmão — ele falou de uma maneira tão surpreendentemente suave —, finalmente podemos fazer algo juntos. Mais do que algo...

Eu desviei o olhar. Sabia que Brian sempre quis brincar, ele e eu juntos, trabalhando em uníssono na única coisa de que tanto gostávamos e precisávamos fazer acima de tudo. E, muito honestamente, a ideia não era totalmente desinteressante para mim. Parecia que era o mais próximo que eu poderia chegar a partilhar de uma experiência *humana* com outra criatura viva. Isso era um pouco irônico, é claro, considerando o que essa experiência seria...

Mas não, era loucura pensar nisso. Em minhas circunstâncias atuais eu não conseguia nem sair da cidade. Eu era observado, talvez até preso ocasionalmente, e Brian queria que eu me juntasse a ele em um grande banho de sangue. E o pior era que eu já estava envolvido, querendo ou não. Então, se a minha intenção era me manter vivo, e penso que achava que sim, eu não tinha escolha, a não ser me juntar ao Brian. E se eu quisesse ficar fora da prisão, e eu estava certo de que queria, tinha que ajudar Brian a criar e a eliminar os cadáveres. Na melhor das hipóteses, isso violaria claramente as instruções do Kraunauer para me manter discreto e ficar fora de problemas. Na pior das hipóteses, eu nem queria pensar nisso.

— Brian — falei finalmente.

— Eu sei — ele respondeu. — Como disse antes, estou pedindo um grande favor — Ele se virou para mim e pela primeira vez achei que vi entusiasmo verdadeiro, e até mesmo calor em seu rosto. — Mas *pensa* bem, irmão! Que empreendimento glorioso! Você e eu contra o mundo, lutando lado a lado, armas em punho e corações cantando! — Ele sorriu modestamente. — Mesmo não sendo corações reais...

— Certo, eu entendi — falei, e de alguma forma eu ainda não tinha conseguido entender o entusiasmo dele. Na verdade, eu estava um pouco avesso a respeito da coisa toda. — Você tem que entender os problemas que eu já estou enfrentando, Brian.

— Bem, é claro — ele respondeu. — Mas isso não adiciona apenas mais pimenta?

— Não — respondi firmemente. — O que adiciona é uma incerteza letal. É bem provável que em algum momento eu volte para a cadeia.

— Mas o Frank Kraunauer, certamente...

— Frank Kraunauer não é uma certeza absoluta — falei. — Ele mesmo disse para eu não ser muito otimista.

— Tenho certeza de que ele estava sendo apenas cauteloso.

— Precaução é uma excelente escolha — continuei. — Eu estou sendo perseguido, cercado, e até mesmo achacado pelos vira-latas sarnentos da Justiça, e você quer que eu vá com você vadear em rios de sangue?

— Bem, estou torcendo para não entrarmos mesmo no sangue de verdade — Brian falou com repulsa.

— É impossível, Brian. Não posso arriscar isso.

— Você não pode evitar isso.

Olhei para ele. Brian estava muito sério agora, sem sorriso falso, suspiros ridículos ou histriônicos de segunda linha ou de qualquer tipo.

— Falando sério, irmão — ele começou —, eles já mostraram que têm habilidade em encontrar pessoas, e eles têm seu nome — Ele sacudiu a cabeça. — Infelizmente você tem duas escolhas simples: caçar ou ser caçado.

Eu cerrei os dentes e olhei para fora através do vidro da frente. Na escuridão total da noite, a água da antiga pedreira ainda brilhava. Mas na grande escuridão que cercava Dexter, não havia sequer um único e pequeno pontinho de

brilho. Brian estava certo. Não interessava o que eu podia querer, eu estava naquela coisa com ele, e minha única escolha era exatamente o que ele falou: caçar ou ser caçado.

— Que merda! — disse pela última vez.

Brian assentiu com um show de simpatia quase convincente.

— Tenho certeza de que você está certo — ele falou.

Fiquei olhando o lago da pedreira. Ele não se movia. E já que estávamos nesse assunto, eu também não. Eu estava em um buraco tão profundo quanto o da pedreira. Apenas algumas horas atrás eu tinha me enchido de otimismo sombrio com a perspectiva de ser livre, finalmente livre, para garantir a minha liberdade continuada através da construção de um caso para conseguir provar minha inocência, juntamente com a culpa de Anderson e Robert. Eu estava *fazendo* alguma coisa, e era algo no qual eu era *bom*: encontrar coisas com um computador e farejar tipos de maldade variados. Eu tinha finalmente conseguido mover o jogo de volta à minha mesa, onde eu sabia as regras e as probabilidades, e eu tinha estupidamente me permitido ter apenas um pequeno vislumbre de luz no fim do longo túnel escuro. E então, com um terrível sorriso de satisfação, a vida tinha chegado voando e apagado todas as velas novamente.

Se Raul não me pegar, eu voltarei para a cadeia. Morte ou confinamento, não parecia fazer muita diferença. E, muito honestamente, a morte parecia um pouco mais provável no momento. Eu nem poderia me esconder direito, eu estava proibido de sair da cidade, o que significava que minha investigação tinha sido paralisada antes de começar. Eu não poderia ir para o México ou a Los Angeles para encontrar provas contra Robert. E Brian ficava sentado ali, com um sorriso estúpido em seu rosto, quando tinha me colocado nesta confusão, e *ele* podia passear fora da cidade à vontade, mesmo fugir do país, se quisesse, me deixando para trás. *Ele* poderia ir a qualquer lugar, e...

Ahá!

— Brian.

Ele olhou para mim com cara de interrogação bem educada.

— Sim?

— Você sabe que preciso trabalhar em meus próprios problemas... — falei.

Ele assentiu.

— Talvez você tenha mencionado algo.

— Se eu te ajudar com isso — falei — você me ajuda também?

— É claro — ele respondeu, e então fez uma careta. — Hã... que tipo de ajuda, irmão?

— Preciso de algumas respostas que só posso conseguir em L.A., talvez no México. Mas não posso sair da cidade. E você pode.

Brian assentiu novamente.

— Uma viagem pra L.A.? A divertida cidade cheia de espíritos semelhantes? Ficaria feliz em ir — Então fez uma careta e, hesitando, acrescentou: — Hã, já o México seria um pouco... estranho.

Suspirei. Alguém não disse um dia que toda pedra que tropeçamos é na verdade um degrau? Quem quer que tenha dito isso, se estivesse aqui, eu esmagaria seu crânio com uma pedra e o colocaria no lago da pedreira com o Octavio.

— Faremos o que pudermos — falei.

Brian assentiu, animado de novo.

— Talvez até mais do que isso — falou.

## CAPÍTULO 11



**BRIAN TINHA DUAS ÂNCORAS NA PARTE DE TRÁS DE SUA VAN.** Amarramos Octavio em uma e seu novo amigo na outra. Depois jogamos ambos no lago da pedreira. Afundaram rapidamente, sem deixar nem mesmo uma ondulação para mostrar onde tinham afundado, e tentei não ver aquilo como uma metáfora para minha vida no momento. Não funcionou. Tudo o que eu conseguia ver eram os tristes detritos de Dexter afundando no abismo escuro, com a água fria e negra sobre a minha cabeça, sem deixar vestígios da maravilha que eu tinha sido.

Durante todo o caminho de volta para a estrada US 1, Brian manteve um fluxo educado de conversas irrelevantes e eu respondi com monossílabos, na maior parte do tempo. Não parecia haver um único raio de esperança para mim em qualquer lugar do mundo. Ou eu seria arrancado das ruas e jogado em uma cela novamente ou, se estivesse realmente com sorte, seria cortado e desfiado pelos homens de Raul. As chances de eu não sair daquele longo túnel escuro eram tão monumentalmente grandes que era mais provável eu aprender a criar asas e a conceder desejos. E, mais uma vez, o mais triste de tudo foi que descobri que todos os meus pensamentos melancólicos levavam para o mesmo lugar, o refrão tragicamente mundano de *Por que eu?* Essa amarga sensação arrancou qualquer possibilidade de encontrar nobreza em meu sofrimento. Eu era apenas mais um pobre mané pego em algo que não podia controlar. O *Dilema de Dexter* — e a parte mais patética de tudo era que ele era idêntico ao que geralmente se conhece como *Condição Humana*. Eu estava reduzido à mera Humanidade. Aquilo nem merecia uma das minhas risadas zombeteiras e sintéticas de alta qualidade, nem mesmo jogar na cara de Brian o fato de eu fazer aquilo muito melhor do que ele.

Voltamos à loja de *donuts* onde eu tinha deixado meu carro, passando em marcha lenta mais uma vez pela US 1, procurando por qualquer sinal de atividade nociva, legal ou ilegal, perto do meu carro. Não havia sinal de qualquer coisa: nenhum carro da polícia ou carro sem identificação, e, até onde pudemos ver, não havia nenhuma fila de conga<sup>[1]</sup> de assassinos morenos com metralhadoras.

Apenas para garantir, Brian deu a volta na quadra e se aproximou do estacionamento pela parte de trás. Ele parou na rua, à sombra de uma figueira grande antiga, e desligou a van. Por um momento, nós dois ficamos ali em silêncio. Eu não sei o que Brian estava pensando, mas eu ainda estava arranhando a tundra áspera do jardim do meu cérebro, à procura de uma saída para o desespero interminável de ser eu hoje em dia. Até onde eu conseguia ver, não havia uma.

— Bem — Brian enfim falou.

— Sim — respondi. — Imagino que sim.

— Ânimo, irmão. Continue sorrindo.

— Por que raios eu faria isso?

Ele sorriu.

— Isso confunde as pessoas.

Suspirei.

— Acho que, infelizmente, está acima das minhas forças no momento — falei e abri a porta. — Vou encontrar outro hotel e aviso a você qual é.

— Por telefone? — Ele falou parecendo meio ansioso. — Quer dizer, acho que o problema com o cartão de crédito me deixou cauteloso demais, mas...

— Você tem razão — falei e me chutei mentalmente. Devia ter pensado naquilo. — Vamos nos encontrar aqui, na loja de *donuts*, para o café da manhã.

— Uma ideia maravilhosa — Brian falou. — Eu gosto de *donuts* fresquinhos.

— Às oito da manhã? — Perguntei e ele assentiu. — Combinado então. — Pulei para fora da van e Brian a ligou novamente.

— Boa noite — ele falou quando fui fechar a porta. Era um sentimento incrível, mas parecia improvável, então apenas assenti e rastejei até o meu carro alugado.

Achei um motel pequeno e anônimo ao sul de Goulds, um pouco ao norte de Homestead. Era um motel no estilo antigo de um andar, claramente construído

nos anos 1950 para acomodar nortistas cansados que desciam a velha estrada Dixie Highway para explorar as maravilhas da Flórida. O lugar era administrado por uma mãe e um pai que realmente deveriam ter se aposentado no máximo em 1963. Eles pareceram surpresos e acharam um pouco estranho alguém os interromper enquanto assistiam ao programa de “ver TV” pedindo um quarto, mas eu mostrei a eles dinheiro, e depois de certa quantidade de resmungões me deram uma chave e apontaram em direção à esquerda.

Meu quarto estava no meio de uma fileira de portas idênticas com pintura descascada e faltando numerais. O interior não era melhor; cheirava a naftalina e mofo e era quase tão pequeno quanto a minha cela. Mas eu esperava que o lugar fosse pequeno o suficiente para ficar fora do radar. E os proprietários não tinham mostrado nenhum sinal de qualquer conhecimento técnico além de mudar o canal na sua TV velha, e nem era com um controle remoto, então talvez eles simplesmente embolsariam o meu dinheiro sem deixar nenhum rastro no quadro de informações.

Eu tranquei a porta com a chave e com a corrente oxidada que estava pendurada ali, e então caminhei até a cama e olhei para ela. Uma grande parte do cheiro de naftalina parecia estar vindo da colcha, e os dois travesseiros eram tão finos que pensei que só poderiam ser fronhas vazias. Eu coloquei uma mão sobre o colchão para senti-lo. Ele ofereceu todo o apoio firme de um saco de glacê. Mas era uma cama, e, de repente, eu estava muito cansado.

Me joguei na cama de uma maneira abrupta demais. Ela deveria ser alguns anos mais velha do que os meus anfitriões, e não se limitou a ceder um pouco; eu realmente senti minhas costas tocarem o chão. Em seguida, ela subiu algumas polegadas novamente, me deixando em uma posição dobrada pela metade que já estava começando a me dar dor nas costas. O colchão do meu outro quarto de hotel tinha sido bom; este era muito pior, o suficiente para me deixar nostálgico pela prateleira dura e firme na qual me deixaram dormir na cadeia.

Me virei e retorci o corpo até finalmente encontrar uma posição que não era realmente dolorosa, embora estivesse muito longe de ser confortável. Tanta coisa para fazer, e tantas distrações. Foi realmente esta manhã que eu acordei em uma cela? Parecia impossível. Tanta coisa tinha acontecido desde então que parecia fazer parte de outra vida. Mas era verdade; poucas horas atrás eu tinha saído piscando na luz do sol, emocionado com a minha reentrada em um mundo com

menos barras de aço. E passei a maior parte do dia convencido de que nada no mundo poderia ser pior do que voltar para a cadeia, até que o meu irmão, de maneira tão atenciosa, me forneceu algumas novas opções muito piores.

Mas ainda tinha que me manter livre. Empurrei meu cérebro para longe da visão de hordas de assassinos selvagens, drogados e loucos, que sem dúvida alguma estavam farejando meu rastro, e me forcei a pensar na minha verdadeira agenda, manter Dexter fora da cadeia e, se fosse possível, colocar Anderson nela.

Vamos ver: eu tinha acabado de decidir sobre uma ação independente. Eu precisava achar alguma prova de que... O que era mesmo? Eu fui distraído por um enorme bocejo que parecia assumir todo o meu corpo. Prova... eu precisava dela para mostrar que Robert era um pedófilo, e Anderson tinha manipulado provas. Lembrei que eu tinha decidido meu primeiro passo, falar com Vince, pedir para ele me ajudar a reunir algumas coisas que... Outro enorme bocejo. Algo sobre Anderson ser um cara ruim ou algo assim, era isso. O bom e velho Vince. O mau e velho Anderson.

Senti um terceiro bocejo chegando, e eu poderia sentir que este deixaria os outros dois muito para trás na poeira. Parecia tão poderoso, avassalador e gigantesco que eu estava com medo que pudesse realmente me rachar ao meio, e eu lutei contra ele por alguns valentes segundos e, em seguida...



O sol estava fazendo o seu melhor para romper as cortinas esfarrapadas e cheirando a mofo, quando eu abri meus olhos. De alguma forma tinha chegado a manhã, ofensivamente brilhante e alegre, só para esfregar sal em todas as minhas feridas psíquicas. É muito difícil manter uma perspectiva mal-humorada adequada quando o sol está brilhando radiante em um céu sem nuvens e o canto dos pássaros enche a manhã. Mas eu tentei; fiquei ali imóvel por um tempo, perguntando se valia mesmo a pena sair da cama. Se eu fizesse isso, algum novo e terrível desastre certamente pularia do armário e rolaria comigo pelo chão. E o chão não parecia convidativo para isso. Era amarelado e com o linóleo, que deve

ter sido instalado ali para comemorar a posse de Eisenhower, descascando.

Por outro lado, se eu apenas ficar deitado aqui no meu colchão de glacê, todas as outras bestas do mal que estão me perseguindo acabariam me pegando. Não é realmente uma escolha sedutora.

Então fiquei deitado na minha cama horrivelmente mole e evitei fazer minha escolha. Era quase confortável, mesmo que meus joelhos estivessem surpreendentemente perto de minha cabeça. Em algum momento durante a noite, meu corpo tinha se curvado na forma da letra “U”, como a cama em torno de mim. Não foi tão ruim, quase a mesma posição de deitar em uma rede e eu nunca tinha ouvido um marinheiro reclamar disso. Claro, eu não saía normalmente com marinheiros, mas certamente alguma reclamação teria chegado aos meus ouvidos algum dia.

Fiquei ali, inerte, e pensei que aqueles pensamentos mal-humorados eram apenas parcialmente gerados pelo meu acordar tão recente. Eu espreguicei, e até pode ser que tenha feito beicinho. Eventualmente, uma voz baixa, mas potente, soou nas profundezas do meu ser, aquele breve sussurro irritante que tantas vezes me guiou, a seta brilhante que sempre aponta o meu caminho, ilumina meus passos e me envia para o caminho certo, não importa o que aconteça. Não há como ignorar esta voz quando ela fala, pois nunca está errada e nunca vem na hora errada. Ela falou para mim agora, de forma doce, mas insistentemente, e o que ela disse foi: *Eu estou com fome.*

E mais uma vez percebi que ela falava a verdade. Eu estava faminto. Com muita fome mesmo. Eu sou abençoado com uma total falta de consciência, mas meu senso de fome toma o seu lugar muito habilmente e mantém meus pés na trilha correta. E com um jorro de culpa, que quase se aproximou do pânico, lembrei que não tinha jantado. O que eu estava pensando? Não há desculpa para tal comportamento descuidado e imprudente. Que vergonha, Dexter!

Com esse toque de clarim zumbindo nos meus ouvidos, lembrei que eu tinha combinado de encontrar Brian para o café da manhã. Olhei para o meu relógio: sete e quinze. Eu tinha muito tempo, mas por outro lado, não faria mal chegar cedo e já começar a comer uns *donuts*.

Eu me sentei na cama ou, para ser exato, tentei me sentar, já que ela tinha envolvido seus tentáculos moles e suas partes esponjosas em torno de mim, me trancando em uma espécie de abraço da morte, e não iria me deixar ir. Lutei, me

esforcei, rolei para um lado e a borda da cama desabou completamente debaixo de mim e me despejou no chão. Eu aterrissei mal, batendo o cotovelo esquerdo e o joelho direito no chão. E mesmo quando eu senti uma nova dor surgindo em meu cotovelo, não pude deixar de notar que o chão era maravilhosamente firme. Talvez eu pudesse dormir aqui esta noite.

Me levantei com cuidado e sentei-me novamente. Aquilo doeu ainda mais. Entre o exercício do dia anterior que eu não estava acostumado a fazer e o abraço da morte da cama, não tinha sobrado nada nas minhas costas além de uma vasta área de dormência e dor. Eu tentei me esticar, torcer pra um lado e pro outro, e depois de apenas alguns minutos eu era, de alguma forma, capaz de ficar em pé e cambalear até o banheiro. Tinha certeza de que, se conseguisse obter um bom fluxo de água quente caindo sobre minhas costas, minha espinha iria reagir e voltar ao seu funcionamento correto.

E pode muito bem ser que eu estivesse certo. Infelizmente, nunca saberemos, porque o antigo chuveiro do banheiro soltava apenas um fio de água cor-de-ferrugem, não mais quente do que a temperatura ambiente. No entanto, eu cerrei os dentes e fiquei debaixo dele o quanto aguentei, pois pelo menos aquilo me acordou e me colocou no humor correto para enfrentar um dia que, certamente, seria verdadeiramente horrível.

Saí do chuveiro e fiquei pingando, procurando uma toalha. Finalmente encontrei uma, mas apenas uma, e era do tamanho de um grande pano de prato. Eu fiz o meu melhor para me secar mesmo assim, mais ou menos empurrando a água de cima de mim para o chão.

Me vesti com um conjunto novo de roupas: cueca e meias direto do pacote, jeans ainda duros e cheirando... bem, como jeans novos, eu suponho. E para coroar este conjunto, peguei uma das melhores e mais elegantes camisas floridas do Walmart, e então estava pronto para qualquer coisa.

Só para mostrar que as coisas estavam finalmente indo do meu jeito, meu pequeno carro vermelho alugado estava exatamente onde eu o tinha deixado, na vaga mais próxima ao meu quarto. E, melhor ainda, a chave ainda servia e o carro ligou logo na primeira tentativa. Que coisa maravilhosa a vida pode ser quando se coloca um pouco de esforço nas coisas.

Eu dirigi para o norte na US 1, e o tráfego da manhã já era pesado o suficiente para fazer eu pensar se iria chegar a tempo. Então nem pensar que

chegaria antes. Na rua 216, um grande caminhão de tomates tinha derramado a carga na estrada. Atrás do caminhão, onde a carga tinha derramado, um homem alto e com a cabeça raspada brigava com um homem baixo que usava um rabo de cavalo preto. Parecia que o homem baixo estava ganhando. Eles estavam em pé com os tornozelos no tomate, trocando socos e muito furiosos. Então o tráfego diminuiu o ritmo para um rastejar, e depois para ainda menos do que isso.

Eu não sou feito de pedra; entendi muito bem que valia a pena assistir ao espetáculo, mesmo que isso significasse desaceleração e fazer milhares de pessoas chegarem atrasadas ao trabalho, enquanto se assistia e torcia para que os dois lutadores caíssem nos tomates antes de você passar por eles em velocidade de tartaruga. E exatamente porque não sou feito de pedra e senti dores terríveis e urgentes de fome aranhar o meu estômago, que fiz algo que só pode ser chamado de Jogada Clássica de Miami. Girei a direção do carro com tudo, dei um jeito de subir no elevador e, com duas rodas fora da pista, dirigi meio quarteirão até a próxima rua perpendicular.

Várias buzinas iradas foram acionadas contra mim, mas eu as ignorei. Teria sido mais correto, ou, de acordo com a tradição, se eu tivesse estendido meu dedo do meio pra aqueles protestos, mas consegui ser melhor do que eles, mantendo o meu equilíbrio e mandando como resposta somente um chacoalhar de ombros temperado de desdém. Afinal, eu aprendi a dirigir aqui. Conheço meus direitos.

Andei um quilômetro para o norte em ruas laterais e, em seguida, voltei para a US 1. O tráfego estava muito mais leve agora, já que o fluxo tinha sido completamente sufocado na cena do *Tomatepalooza*. Entrei no estacionamento e parei na loja de *donuts* treze minutos antes do horário. Não havia nenhum sinal de Brian, então peguei um café grande, um pão doce e um *donut cruller*, fui até um sofá na parte de trás e me sentei de frente para a porta.

Tinha comigo o *donut* e metade do pão doce quando Brian entrou. Ele olhou em volta, cuidadoso, mas indiferente, e então comprou um café grande e dois *donuts* cremosos com confeitos coloridos em cima. Ele deslizou para dentro da cabine que eu tinha escolhido para me sentar, de frente pra mim, e deu uma grande mordida.

— Mmm — ele soltou.

— Sério, Brian? Confeitos? Você já está em sua segunda infância?

Ele sorriu, revelando uma fileira de dentes enfeitados com o creme e coloridos pelos confeitos.

— Por que não? — Ele respondeu, com a boca ainda cheia de *donut*. — Eu nunca realmente tive minha primeira.

— Bem — eu disse, olhando tranquilamente para os restos do meu pão doce. — Gosto não se discute.

— Mmm — ele respondeu concordando, e enfiou o resto do *donut* na boca.

Ele empurrou aquilo com café e começou a comer o segundo *donut*, enquanto eu terminava meu pão doce e imaginava se seria considerado muita gula continuar a refeição com mais dois *donuts* de creme bávaro. Decidi que ninguém poderia me criticar se eu comesse apenas um, então comprei um e o usei para ajudar o resto do meu café a descer suavemente.

Brian também fez mais uma viagem ao balcão, voltando com um *donut* com cobertura glaceada e polvilhado de açúcar impalpável, me fazendo mais uma vez ponderar a respeito da vasta maravilha que é o confronto entre hereditariedade e meio ambiente.

— Bem — Brian falou enquanto bebíamos nossos últimos cafés. — Por onde devemos começar?

— Acredito que com meu novo endereço — falei e contei a ele a localização da minha pequena Shangri-la. Ele assentiu e tomou um gole do seu café.

— E em relação aos novos negócios — ele disse alegremente —, como faremos para ficar vivos hoje?

— Não tenho ideia — respondi. — Mas lembre-se de que tenho meus próprios negócios também. Quero ficar fora da cadeia.

Ele levantou suas sobancelhas para mim.

— Sim, claro, mas olha... ficar vivo não é mais importante?

— Me dê a liberdade ou me dê a morte — respondi.

— Acredito que a morte seja muito mais fácil de arranjar — ele falou sacudindo a cabeça.

— Talvez — falei. — Mas tenho que fazer o que puder.

— Bem — ele começou. — Imagino que você não será de grande valia se estiver preso.

— É exatamente o meu ponto.

Ele sacudiu um dedo para mim.

— Mas, cedo ou tarde, ter duas agendas separadas vai nos causar problemas.

— Veja só — falei com meu costureiro tom suave —, talvez eu pense em um jeito de unir as duas — Então pensei na satisfação de enviar uma tropa de traficantes atrás de Anderson. Um final feliz para todos, pois ele até conseguiria um funeral de herói, o que certamente era muito mais do que merecia. — Mas, Brian, eu não sei o quão bom será eu estar *fora* da cadeia. Quer dizer, não posso me arriscar a carregar qualquer arma. E isso... bom, sério, qual é o plano?

Brian não disse nada, apenas terminou seu café e, para mim, ele parecia um pouco astuto, como se esperasse que sua ostentação ao engolir o café me distrairia e eu não me lembraria o que tinha perguntado.

Não funcionou. Ele baixou a caneca e olhou vagamente pela janela.

— Brian — falei meio irritado. — Você tem algum plano, né?

Ele olhou para mim, hesitou e então deu de ombros.

— Para ser perfeitamente honesto — ele falou —, estava torcendo para que nós pensássemos em algo.

Notei que ele usou a palavra *nós*, e aquilo era quase tão irritante quanto sua noção de formar uma dupla ao ser perseguido por uma horda de assassinos.

— Em todo esse tempo,  *você*  não conseguiu pensar em nada? — Perguntei.

— Em uma coisa — ele disse se esforçando para falar em um tom de justiça ferida. — Soltei você da cadeia.

Comecei a ranger os dentes ao constatar que, assim como Deborah, Brian decidiu que, quando as coisas ficavam difíceis, era melhor botar o Dexter na dificuldade e então forçá-lo a fazer todo o trabalho.

— E este problema é *meu*? — Falei meio acaloradamente. — Eu tenho que descobrir como nos manter vivos?

— Bem — ele falou. — Quer dizer, você teve uma educação muito melhor.

— Sim, mas ele é o seu senhor das drogas — falei, e percebi que ele tinha me tirado do sério e eu estava falando alto demais. Baixei a minha voz. — Eu não sei nada sobre essas pessoas, Brian. Nem o que eles estão propensos a fazer ou como eles vão fazer isso. Absolutamente nada. Como é que eu conseguiria achá-los?

— Oh, isso não deve ser um problema— Brian falou suavemente. — Tenho

certeza de que eles vão nos achar.

Por alguma razão, eu não conseguia achar qualquer conforto naquilo.

— Maravilhoso. E eu posso supor que eles sabem o que estão fazendo, é claro.

— É claro — ele falou animadamente. — Alguns deles são muito bons, também. — Ele sorriu, e apesar de ter sido o mais próximo de um sorriso verdadeiro que eu já tinha visto de Brian, o efeito foi um pouco turvado pelo rosa brilhante, azul e verde da cobertura de *donut* presa em seus dentes. — Mas vamos torcer para que sejamos melhores que eles.

Rangi meus dentes um pouco mais. Não me fazia nenhum bem, mas provavelmente era melhor do que pular do outro lado da mesa e afundar meus caninos no pescoço de Brian.

— Tudo bem — disse. — Portanto, o seu maravilhoso plano é esperar até que eles venham até nós e, em seguida, ser melhor do que eles.

— Você simplificou um pouco demais — ele falou. — Mas é isso.

Fechei os olhos, respirei fundo e soltei o ar devagar. Quando abri os olhos novamente, Brian olhava para mim com um sorrisinho malicioso e satisfeito.

— Como eles farão isso? — Perguntei. — Quer dizer, se o fato de me contar isso não estragar o seu plano.

— Oh, é claro que não. Sei como Raul pensa, quero dizer, fiz tantos desses trabalhos para ele e Raul era bem específico na maior parte do tempo — Ele sacudiu a cabeça e, pelo menos, tirou o sorriso malicioso do rosto. — Ele não me achou ainda, e ele não é um homem paciente. Então a primeira coisa que tentará fazer é me assustar para que eu faça algo idiota e me exponha.

— Assustar você com algo como matar o Octavio, depois jogá-lo em um quarto que você reservou com o seu cartão de crédito? — Perguntei.

— Mmmmm, talvez — Brian respondeu pensativo. — É claro que ele já queria matar Octavio de qualquer jeito, mas... você sabe, eu realmente esperava por algo mais sangrento.

— E se sobrevivermos a esse algo sangrento?

— Então ficamos atentos aos homens dele. Eles estarão por perto, nos procurando. Então nós os achamos primeiro.

Suspirei de novo, imaginando se Brian achava que seria assim tão simples.

— Está bem, certo, nós esperamos — falei. Pelo menos poderia fazer aquilo

sem muito esforço. E enquanto isso... — Posso usar esse tempo para tentar ficar fora da cadeia.

— Ah, certamente — ele respondeu. — Faça o que deve fazer. Quando algo acontecer, eu te ligo — Ele hesitou um pouco, e então, parecendo um pouco inquieto, acrescentou: — Mas tome cuidado, irmão.

— Pretendo tomar — respondi.

Ele assentiu e perguntou:

— O que vai fazer?

— O caso todo contra mim é pura ficção, criada pelo Anderson. Se conseguir encontrar algo que mostre que ele adulterou as evidências...

— E ele alterou, não foi mesmo? — Brian perguntou.

— Só nos casos que ele não tinha simplesmente inventado a evidência — respondi. — Então pensei em ter uma conversa particular com o Vince Masuoka.

Brian concordou.

— Esse realmente seria um bom lugar para começar. Ele parecia muito... indignado.

— Talvez ainda esteja — falei.

Ele ainda estava. Liguei para ele do carro depois de Brian partir com a promessa de entrar em contato naquela noite, e Vince atendeu na hora, falando em um sussurro meio chocado e meio reverente.

— Dexter, meu Deus. Não acredito, quer dizer, eu realmente tentei... Merda. Não posso falar agora. Estou no laboratório, e tem...

— Pode me encontrar para almoçar?

— Acho que sim, se eu... posso. Quer dizer, farei o que puder para... bom, saio ao meio-dia.

— Ótimo. Me encontre no Lunar Sushi.

— Está bem — ele respondeu num sussurro um tanto ansioso. — Quer dizer, vou tentar. E se... Oh, alguém está vindo.

— Até mais tarde, Vince — falei e desliguei o telefone.

Eu tinha três horas para preencher antes disso, e não havia muita coisa a fazer. Pensei em voltar para o meu quarto de hotel e firmemente rejeitei a ideia por razões humanitárias. Se eu não estava indo descansar, então a coisa mais natural seria comer. Mas eu tinha acabado de comer, e eu ia comer mais quando me encontrasse com Vince, então realmente parecia um pouco demais matar o

tempo entre as refeições comendo. Mas pensei sobre isso do mesmo jeito. Afinal, *donuts* não são realmente *substanciais*, são? Havia bem pouca proteína no pão doce. E como eu não tinha o mesmo gosto do meu irmão para coberturas berrantes, eu não tinha nada verde para comer.

Lembrei de um mapa que eu tinha desenhado na minha cela, depois de dias de lavagem indescritível, a qual eles se referiam como “comida” no TKG. O mapa traçava um percurso que serpenteava através de South Miami, na Grove, e depois para Miami Beach. Em todos os pontos ao longo da rota onde havia um restaurante que eu gostava, eu tinha colocado uma pequena estrela ornamentada e um pequeno ícone do tipo apropriado de alimento: pequenas pizzas, sushis, caranguejos e assim por diante. Minha ideia lunática era que, se por acaso eu visse a luz clara da liberdade novamente, gostaria de fazer todo esse caminho, parando em cada estrela para provar seu ícone.

Eu poderia começar a minha viagem agora, trabalhando o meu caminho pelos primeiros quatro ou cinco, e chegando perto do Lunar Sushi bem a tempo para o meu almoço com Vince. A ideia tinha seus encantos, mas, no fundo, eu não conseguia me convencer de que me empanturrar de comida era a melhor maneira de gastar o meu tempo, quando a minha Vida e a minha Liberdade estavam penduradas de forma tão tênue, presumivelmente para se juntarem a qualquer momento à Busca pela Felicidade. Afastei aquele pensamento de mim.

O que eu realmente precisava fazer era ficar na minha e evitar qualquer possibilidade de ser descoberto, seja pelos Mocinhos, interpretados por Anderson, ou pelos Vilões, grupo estrelado por Raul e um elenco milionário. Como já havia descartado voltar para o meu hotel miserável e quebrador de ossos, tinha me sobrado bem poucas opções. Eu poderia sair com meu barco; eu estaria relativamente seguro no meio de Biscayne Bay e perceberia facilmente se alguém se aproximasse. Mas havia pelo menos 50% de chance de que Anderson e talvez a equipe de Raul soubessem sobre o barco e o estivessem vigiando. Não valia a pena o risco.

O que não me deixou com muitos lugares para ir, ou, sendo perfeitamente honesto, nenhum lugar realmente me veio à mente. Então eu dirigi para o norte, uma vez que era para essa direção que eu estava virando quando eu deixei a loja de *donuts*. Minha atitude me levou mais para longe do equipamento de tortura, chamado de cama, e que ficava no meu quarto de hotel aguardando sua presa.

A hora do *rush* da manhã estava acabando, finalmente, e o tráfego andava com bastante facilidade por todo o caminho até Le Jeune Road. Ainda sem meta definida, eu virei à esquerda e fui em direção à Coconut Grove.

Enquanto dirigia pelo centro de Grove, fiquei de novo surpreso com as mudanças que ocorreram no bairro em que eu cresci. A maioria das lojas que eu tinha conhecido se foram, substituídas por novas lojas, cheias de itens novos superfaturados e sem sentido. Claro, havia alguns pontos de referência que não tinham mudado desde a aurora dos tempos. O parque ainda era muito bonito, como tinha sido antes, e em frente a ele a biblioteca ainda estava lá, apesar de ter sido parcialmente escondida por edifícios que tinham surgido no seu entorno. Eu tinha passado muitas horas felizes na biblioteca, tentando encontrar um livro que iria me explicar, de uma vez por todas, como agir com humanidade, e quando eu fosse um pouco mais velho, um livro que poderia me dizer por que eu deveria me importar.

Quando virei na McFarlane Road e desci a colina em direção à biblioteca, me perguntava se não seria um bom lugar para me esconder por algumas horas. Era um local fresco, tranquilo e tinha tanto internet quanto material de leitura em grande quantidade. E então, bem na frente do prédio, vi que havia uma vaga para estacionar. Na memória do homem atual, isso nunca tinha acontecido antes, então eu tomei isso como um sinal de Deus e fiz uma conversão imediata pra pista vizinha. Eu segui para a vaga e estacionei, imaginando que poderia me esconder de forma diligente, cavando informações enquanto esperava. Peguei a pasta de documentos legais que eu tinha recebido na prisão quando devolveram minhas coisas.

Tranquei o carro, pus uma quantidade enorme de dinheiro no parquímetro e entrei na biblioteca. Encontrei um lugar bom e calmo perto da janela do fundo e me sentei para ler as coisas da minha pasta. Com o negócio de ocultar corpos e tudo o mais, tinha estado ocupado o bastante para abrir a pasta, e nem tinha dado uma olhada nela ainda. Eu tinha assumido que eram cópias do grande monte de papelada que é necessário hoje em dia para absolutamente nada, especialmente dentro do inferno burocrático que é o funcionalismo público de Miami. Eu sabia por experiência própria que o Departamento Correcional exigia inúmeros e rebuscados formulários mesmo para algo tão simples como a obtenção de uma caixa de cliques, e eu esperava que a versão atual da soltura de um prisioneiro iria

gerar várias resmas de prosa empolada.

Mas quando eu abri a pasta, o primeiro grupo de papéis que eu vi no topo da pilha não carregava a marca do Correccional. Em vez disso, o título dizia: *Departamento de Crianças e Família*.

Por um longo momento eu só fiquei olhando, e depois o meu primeiro pensamento foi um pouco melancólico, *mas eu sou adulto!* E então, felizmente, um par de células cinzentas foi até a superfície e sugeriu que algum burocrata sobrecarregado e sem cérebro tinha obviamente posto papéis de outra pessoa na minha pasta por engano. Foi um simples erro, risível, e sem dúvida eu mesmo riria disso algum dia, se eu sobrevivesse. Peguei aquela papelada incômoda, com a intenção de jogar fora no receptáculo de lixo mais próximo e meu olho leu uma única palavra: *Astor*.

Fiz uma pausa, tempo suficiente para ver que esta palavra se juntava a outra, *Morgan*, e bem próximo a ela, havia mais: *Cody Morgan e Lily Anne Morgan*. Uma vez que estes eram os nomes dos meus três filhos, parecia demais alguém escrevê-los por coincidência, por isso eu baixei o papel de volta para cima da mesa na minha frente e olhei para ele.

Depois de um rápido exame de várias páginas de linguagem jurídica barroca, cheguei à conclusão de que a pessoa da primeira parte interessada, um certo Dexter Morgan, teria agido *contra bonos mores*, bem como *cum gladiis et fustibus* agora era *de facto* e *de jure* uma *persona non grata* em seu papel de guardião legal dos referidos filhos menores de idade. Outro depoente afirmou que a pessoa da segunda parte interessada, denominada Deborah Morgan, na qualidade de *amicus paterna* em *uberrima fides*, jurou solenemente e asseverou *cum hoc ergo propter hoc* que ela poderia, portanto, *ipso facto*, assumir completa e totalmente o papel de guardião *ad litem, in loco parentis*. O envolvido da primeira parte por este meio confirma que este acordo deve suplantiar todos os outros e em fé do que afirma sua assinatura, *quod erat demonstrandum, et pedicabo te*.

Que palavras para conseguir esse efeito! Havia um monte delas, e nem todas estavam em um perfeito latim, mas a essência da coisa era que eu estava assinando e abrindo mão sobre todos os meus direitos e privilégios de ser o único progenitor vivo de Cody, Astor e Lily Anne, e nomeava Deborah como sua nova

mamãe, que provavelmente, em algum lugar no documento, surgia como *materfamilias*.

Na minha humilde opinião, mereço um grande crédito porque desta vez eu não pisquei ou fiquei boquiaberto, como vinha fazendo muito ultimamente. Lembrei de imediato que, quando Deborah tinha finalmente vindo me ver na cadeia, ela me pediu para assinar algo sobre a custódia das crianças. Tinha sido a única razão que a fez finalmente superar a náusea completa, violenta e totalmente compreensível causada por olhar para mim.

Claro, as coisas eram um pouco diferentes agora — eu já não estava na cadeia. Era verdade que eu provavelmente voltaria para lá, a menos que eu fosse cortado em pedaços por assassinos selvagens do cartel antes disso. Mesmo assim, eu realmente queria fazer isso? Abandonar completamente todos os meus direitos paternos e privilégios?

Meu primeiro pensamento foi um tanto mesquinho, não! As crianças eram *minhas*, e ninguém iria levá-las para longe de mim, nem Deborah, nem qualquer outra pessoa. Mas quando eu refleti sobre isso por apenas alguns momentos, percebi que não tinha sido uma resposta bem pensada.

Como é que eu realmente me sentia em relação aos meus filhos? Claro, só Lily Anne era verdadeiramente minha filha, biologicamente falando. Mas Cody e Astor eram Filhos das Trevas, assim como eu. Eu era seu pai espiritual, bem como legal, e eu tinha prometido colocá-los em segurança no Caminho das Trevas. Eu tinha falhado miseravelmente até agora, nunca tinha tempo para isso por causa do ritmo frenético da escola, lição de casa, dentista, pediatra e tênis novos. Era sempre, *sim, é claro, mais tarde*, e o *mais tarde* nunca veio. Por que é que nunca há tempo suficiente para fazer qualquer coisa, a menos que seja tão imediato que não fazê-lo pode resultar em catástrofe instantânea?

Era difícil me sentir culpado por não treiná-los para serem predadores de sucesso, mas eu consegui me arrepender um pouco, pelo menos. E Lily Anne, ela estava intocada pela Sombra, uma criatura quase perfeita rodeada de luz rosa piscante. Era impossível acreditar que ela carregava meu DNA, mas ela fazia isso; Lily Anne, sozinha em todo o mundo, carregaria toda a maravilha genética de Dexter e a levaria para o futuro, de modo que o fabuloso *eu* não seria perdido na piscina genética, e aquele era um pensamento muito agradável.

E ela se daria bem tranquilamente sem mim, talvez melhor. Na verdade, ela

não merecia algo melhor do que um pai como eu? Deborah forneceria um modelo positivo, algo que eu nunca poderia dar. E Cody e Astor seriam quem eles deveriam ser, o que tinham de ser, eu estando lá ou não. Assim, a única questão real era, será que eu realmente queria estar lá? O suficiente para brigar com Deborah e os tribunais? Eu era realmente tão protetor assim em relação aos meus direitos e privilégios?

Pensei nisso por uns bons dois minutos, e, para ser perfeitamente honesto, eu só pensei em um ou dois direitos, e não conseguia pensar em quaisquer privilégios. Minha experiência com a paternidade tinha sido principalmente uma questão de sofrer o insuportável, tolerar o intolerável, e trocar fraldas. Onde estava a alegria nos gritos sem fim, portas batendo e xingamentos? Era um privilégio sacrificar meu tempo, dinheiro e sanidade por uma horda de ingratos rosnando?

Me esforcei bastante para chegar a alguns momentos de alegria lembrados com carinho. Não parecia haver algum. Uma vez, quando eu cheguei em casa tarde e apenas a tempo de evitar que Cody comesse o último pedaço do frango com laranja de Rita, eu fiquei feliz ou, pelo menos, aliviado. E, outra vez, Astor jogou seus sapatos contra mim, e perdeu um deles. Isso tinha sido bom também.

Mas a alegria? Êxtase parental verdadeiro? Eu não conseguia lembrar de nenhum.

Se eu fosse realmente honesto comigo mesmo, o que não é tão fácil como parece, eu teria que admitir que realmente não gostava da paternidade. Eu simplesmente suportava, porque era parte do disfarce que escondia Dexter, o Lobo do Mundo, das ovelhas de onde eu morava. E, até onde eu sabia, as crianças simplesmente me suportavam também. Eu não era um bom pai. Eu tentei, mas era estritamente *pro forma*. Meu coração nunca esteve nisso, e eu simplesmente não era bom naquilo.

Portanto, se eu não queria realmente ser o Caro e Velho Paizinho e se as crianças estavam realmente melhor sem mim, por que eu estava indeciso?

Por nenhuma razão real. Então assine.

## CAPÍTULO 12



**LIGUEI PARA DEBORAH PARA DIZER Q UE EU TINHA ASSINADO OS PAPÉIS** da custódia. Ela estava no trabalho, é claro, e deve ter tido uma boa razão para não atender meu telefonema. Talvez estivesse ocupada atirando em alguém ou então mexendo em vísceras na cena de um crime. O que quer que fosse, ela não atendeu, e não pude deixar de pensar que ela só não queria manchar seus ouvidos com a terrível poluição da minha voz. Deixei uma mensagem e me dirigi para o meu almoço com Vince Masuoka.

O Lunar Sushi era um lugar novo em North Bay Village e ficava em um shopping a céu aberto, entre uma mercearia e um bar de esportes. Ele realmente poderia ser um pouco mais brega, considerando esta localização nada ideal. Mas eles colocaram uma grana na decoração, fazendo com que parecesse o tipo de lugar chique e sofisticado que reuniria estrelas de cinema em torno de uma mesa, degustando um sashimi de *kajiki*<sup>[1]</sup> e bebericando uma *Kirin*<sup>[2]</sup>.

Nesta hora do dia, no meio da semana, não tive nenhum problema em encontrar um bom local pra estacionar. Já dentro do lugar, eu me escondia no bar, acompanhado de um bule cheio de chá verde muito quente, quando Vince veio tropeçando pelo menos 12 minutos depois do meio-dia. Ele parou na porta por um momento, piscando para afastar os efeitos da luz do sol do lado de fora e arregalando os olhos para se adaptar ao escuro refrescante do interior do restaurante. Era meio divertido vê-lo ficar lá de olhos arregalados, mas também era um pouco cruel, e talvez fosse isso que deixava a coisa divertida para começo de conversa. Mas ele estava aqui, afinal de contas, para me ajudar, então tive pena dele e acenei.

— Aqui, Vince.

Ele tremeu quando eu disse o nome dele, e levantou as mãos fazendo um

gesto de silêncio. Mas, aparentemente, percebeu que era um pouco demais, abaixou as mãos novamente e veio andando rapidamente pelo salão.

— Dexter — falou no mesmo sussurro abafado que tinha usado no telefone. Ele colocou as mãos nos meus ombros e, para meu completo espanto, se inclinou para frente, colocando sua cabeça sobre meu peito para dar um abraço. — Oh, meu Deus, eu estou tão feliz que você está bem — Ele tirou a cabeça do meu peito e me olhou. — Está tudo bem, não é?

— É cedo demais para dizer — falei, me perguntando como eu poderia escapar de seu abraço estranho e pouco característico. Vince não era mais um cara melindroso, sentimental e de abraços. Era igual a mim. De fato, uma das razões que me faziam gostar de Vince era que eu percebia que ele também fingia um comportamento humano, como eu fazia. Eu era apenas um pouco melhor nisso. Mas, até onde eu conseguia lembrar, nós nunca nem sequer apertamos as mãos, e aqui estava ele, me prendendo em um abraço apertado e constrangedor.

Mas, felizmente para mim, ele me deu um último abraço rápido e, em seguida, deu um passo atrás.

— Bem, você está fora da cadeia — falou. — Isso é o que importa.

Ele ficou parado a apenas 60 centímetros de mim, me olhando com uma expressão estranha, uma espécie de olhar saudoso e examinador, como se estivesse tentando achar alguma dor escondida no meu rosto — e me parecia claro que, se a encontrasse, poderia chorar.

— Estou fora dela. Pelo menos por enquanto.

Vince piscou.

— Tem algo que... Quer dizer, eles não podem simplesmente... hã... — ele falou, tropeçando nas palavras até parar e olhar por cima do meu ombro.

Me virei. O sushman tinha aparecido silenciosamente do outro lado do bar e ficou ali parado nos olhando com uma expectativa solene. Olhei de volta para Vince.

— Vamos pedir e então ir para um sofá — sugeri. — Assim, podemos conversar.

Vince assentiu com a cabeça e se aproximou do bar. E então, para minha total surpresa, ele começou a fazer uma série de sons ásperos e sibilantes na direção do *chef*. Ainda mais surpreendente, o *chef* ficou um pouco mais reto,

sorriu e fez alguns sons muito semelhantes de volta para Vince. Os dois riram e, de verdade, se curvaram um para o outro, então o *chef* começou a se mexer, empunhando uma faca, com cara de mau. Ele começou jogando grandes pedaços de peixe cru em sua tábua e os atacando com sua faca, em seguida.

Olhei para Vince, e me ocorreu outra vez que eu realmente não sabia nada sobre ele.

— Isso era japonês? — Perguntei.

Ele se virou e olhou para mim como se eu tivesse falando em outra língua estrangeira.

— Hein? — Ele disse.

— Esses ruídos que você acabou de fazer... Você estava falando japonês com o sushiman?

Ele pareceu um pouco confuso.

— Você sabe que Masuoka é um nome japonês, certo? — Ele deu de ombros. — O que você esperava?

Eu poderia ter apontado que Morgan é um nome galês e eu não falava uma palavra de galês, mas pareceu-me uma observação com baixa prioridade.

— Vamos para um sofá — falei.

— Oh, certo — ele respondeu, olhando assustado e furtivo de novo.

Escolhemos um sofá na parte de trás do lugar e me sentei de modo a ficar de frente para a porta de entrada. Vince sentou na minha frente e observou o salão do restaurante com um olhar paranoico. Se alguém estivesse procurando um comportamento suspeito, definitivamente saberia que deveria começar pelo Vince. Mas talvez ele tivesse um motivo real e não era apenas a sua febril imaginação.

— Vince — falei. — Você não foi seguido, foi?

Ele jogou a cabeça para trás e olhou para mim.

— O quê? Por que você... Você viu alguém?

— Não, não — respondi, tentando soar confiante e sereno ao mesmo tempo. — Você está agindo como se fosse levar um tiro a qualquer momento.

Ele balançou a cabeça.

— Você não sabe — ele continuou. — Quero dizer, as coisas que vêm acontecendo desde que você... — Ele se inclinou para mim e baixou a voz — Dexter, eu nunca vi nada como isso. A coisa ficou tão... O Anderson perdeu

completamente o controle. Ele foi para o lado negro... E é como se *quisessem* que ele se comporte assim... Porque querem que *ocê* seja condenado!

— O que Anderson está fazendo?

Vince olhou ao redor novamente. Uma gota de suor se formou em sua testa e começou a rolar lentamente pelo rosto.

— Ele está falsificando os registros — Vince disse em um sussurro bastante apertado. — Colocando evidências falsas e forjando as assinaturas, e... — Ele agitou as mãos em desespero. Pareciam dois pássaros espasmódicos que tinham esquecido como voar. — Dexter, Jesus, é algo *ilegal*. Um *delito* grave, e ele está fazendo isso e ninguém faz nada a respeito. É como...

Ele parou abruptamente quando uma jovem japonesa em calças pretas apertadas e uma camisa branca solta veio sorrindo da cozinha, colocou dois copos de água fria e um bule cheio de chá verde na nossa mesa, e depois desapareceu novamente. Vince a observou ir, engoliu em seco e, em seguida, pegou o copo e engoliu cerca de metade da água.

— Anderson me odeia — falei. — Ele fará qualquer coisa para me ver queimar.

— Mas é justamente isso! — Vince disse. Ele pousou o copo de água com um baque tão forte que o assustou. Ele tremeu e, em seguida, empurrou o copo nervosamente para o lado. — Não é só Anderson — ele continuou de volta a um quase sussurro. — É todo o *departamento*, e até mesmo... — Ele balançou a cabeça e suspirou. — Quando eu vi o primeiro relatório que Anderson entregou, pensei, bem, ele fica de pau duro pelo Dexter. — Ele olhou assustado com o que tinha dito e balbuciou: — Ah, eu quero dizer, você sabe, metaforicamente...

— Sim, eu entendi — respondi tranquilizando-o.

Ele balançou a cabeça, aliviado.

— Certo. Então eu pensei: de jeito nenhum ele vai se safar dessa. E relatei o que ele estava fazendo — Ele se inclinou para mim, tanto quanto poderia sem subir na mesa. — Então, me disseram para eu cuidar da minha vida.

— Mas você não fez isso...

— O quê? Não! Como eu poderia? Quero dizer, é o meu *nome* no relatório forense, e não é o que eu escrevi! — Ele esfregou as mãos com força suficiente para que eu pudesse ouvir uma espécie de sussurro estridente vindo delas. — Eu não posso deixá-lo fazer isso... não com meu *nome* — ele franziu a testa. —

Hum, e, você sabe... quando estão enquadrando *você*...

— Realmente impensável — eu disse, e percebi que, mesmo se a minha vida e liberdade vinham em segundo lugar, depois do bom nome de Vince, era um sentimento agradável vindo de meu parceiro.

— Então, eu continuei nisso — ele falou. — Quero dizer, eu tentei dizer a alguém, qualquer um, e todo mundo continuou a me dizer para cuidar da minha vida.

Ele deu uma microrrisada, que nem me pareceu engraçada, e estendeu as mãos.

— Cuidar da minha... Eu só... Eu sempre pensei que *todo mundo* deveria estar ciente quando alguém faz esse tipo de coisa — Ele sacudiu em perplexidade. — Eu até contei ao capitão, e foi a mesma coisa. “Fique fora disso.” “Cuide da sua vida.” “Não faça onda, Masuko.” — Ele piscou para mim, parecendo ter atingido um novo nível de desespero e degradação. — Ele me chamou de Ma-suuuu-ko — ele completou.

— A ignorância de algumas pessoas não encontra limites — falei.

— A ignorância e... e.... — Ele pegou o copo de água e bebeu o resto do conteúdo. — Então eu fui para o procurador do Estado.

— E *ele* disse pra você cuidar da sua vida — falei, esperando que eu poderia ajudá-lo a alcançar a linha de chegada. Afinal, eu tinha ouvido uma recapitulação de tudo isso de Brian, e eu estava realmente esperando poder ter algum tipo de entendimento sobre a agenda futura.

— Ele me disse... — Vince começou a dizer. Parecia que ele estava engasgado com alguma coisa. Virou a cabeça e tossiu violentamente durante alguns segundos. Então olhou para mim, respirou fundo, e, com uma voz suave e rouca, falou: — Ele me disse que eram alegações muito graves envolvendo um processo em curso, e me perguntou se eu estava ciente de que estava levantando aquilo contra um oficial distinto! — Ele novamente soltou uma microrrisada, como um tique nervoso. — Distinto. Sei. Anderson agora é distinto — Ele tossiu de novo, apenas uma vez. — Eu disse a ele que não eram alegações, que tinha *provas*, e, quando eu tentei mostrá-las, ele disse que não, que teria de recusar, e que eu deveria ficar de fora e deixar a Justiça seguir seu curso. Caso contrário, ele iria falar com o comissário e fazer eu perder meu emprego — Ele piscou e desviou o olhar. — E então ficou ainda pior. No dia seguinte, no trabalho,

Anderson me agarrou por trás, me levantou e me bateu contra uma parede — Ele se virou para mim. — Ele é muito forte — Vince disse, desnecessariamente.

— Sim, eu tenho certeza — respondi.

— Ele me disse que se eu tentasse algo assim novamente, iria quebrar meu pescoço — ele fez um gesto de desmunhecar em desespero, levantando as duas mãos e, em seguida, deixando-as cair sobre a mesa. — Ele *sabia*, Dexter. Alguém na Procuradoria Estadual deve ter dito a ele...

— Provavelmente o procurador do Estado — falei.

Ele olhou para mim com a boca aberta, movendo-a como uma garoupa lutando para respirar. Em seguida, ele desabou, olhando derrotado e indefeso.

— Bem, foda-se — disse ele com uma mistura muito agradável de desesperança e desespero. — Se o procurador do Estado está nessa... — Ele balançou a cabeça, e fez parecer que seu crânio pesava 20 quilos. — O que podemos fazer, porra? — Ele perguntou, e eu olhei com uma leve surpresa. Eu não lembrava do Vince falar palavrão, a não ser coisas sexuais, e no meio de suas piadas terríveis. Agora ele tinha feito isso duas vezes em dez segundos. O coitado realmente estava contra as cordas.

— Isso é loucura — ele continuou. — Eu estou tentando fazer a coisa certa, e as pessoas que supostamente deveriam me *ajudar* deveriam ficar agradecidas... quero dizer... — Ele balançou a cabeça. — Dexter, a minha vida inteira, eu não podia...

Eu não cheguei a descobrir o que ele não podia, porque a nossa comida chegou. E se demonstrei mais do que o meu entusiasmo normal em atacá-la — e é justo salientar que eu, muito nobremente, me abstivera de seguir o meu mapa de restaurantes em uma peregrinação de gula — era porque eu verdadeiramente merecia desfrutar o meu almoço agora. E fiz isso, ainda mais porque Vince só ficou revirando sua comida. Desperdício é uma coisa terrível, então eu o ajudei a terminar os *hand rolls*. Um deles era bastante bom, picante, com um pouco de algo crocante e uma explosão de *umami* no final.

Quando eu estava satisfatoriamente cheio e um pouco cansado de ver Vince pasmado e empurrando seu *sushi* em volta do prato com um pauzinho, me inclinei para trás e decidi que era hora de começar os negócios de verdade.

— Eu aprecio o que você fez, Vince — é sempre bom começar com palavras amáveis, especialmente quando você quer alguma coisa.

— Isso é ... Mas eu não fiz nada. Não mesmo — seus olhos ficaram muito úmidos, e houve até um pouco de tremor em sua voz. — Eu queria ajudá-lo — ele falou.

— E você ainda pode — eu disse com uma firmeza e um otimismo que eu não sentia.

Por alguma razão, ele não parecia muito otimista.

— Você não sabe — ele falou. — Eles estão me vigiando agora, e é... Eu sei que é estúpido, mas... — ele se inclinou sobre a mesa novamente e baixou a voz. — Na verdade, eu comecei a pensar como minha vida pode estar em perigo. Pelos policiais.

— Pode ser — eu disse, e ele arregalou os olhos para mim, então balançou a cabeça, respirou fundo, e recostou-se novamente.

— Isso é completamente insano — ele sussurrou. — Eu quero dizer, todo o sistema está contra nós, o capitão e o procurador do Estado e... Eles podem me matar e não há nada que eu possa fazer sobre isso?

O sorriso que eu lhe dei não era bem um sorriso de tubarão, mas sinto como se eu pudesse sentir o gosto da carne vermelha ao fazê-lo.

— Na verdade, há uma boa maneira de garantir a sua segurança.

Ele olhou para mim em dúvida, como se não pudesse acreditar que havia qualquer saída.

— Isso não é... Quero dizer, você não pode fazer qualquer, porque... que maneira? — Ele falou, e o jeito como ele disse era tão fragmentado que, por apenas meio segundo, eu pensei em Rita, minha querida esposa morta. Era o jeito que ela falava.

Mas como a nostalgia de sentenças picadas em uma voz feminina não iria resolver o problema, empurrei a lembrança para longe.

— Você ainda tem todos os relatórios médicos? — Perguntei a Vince.

— Sim. Eu mantive os originais e as cópias.

Olhei para Vince surpreso. Seu comportamento é normalmente tão excêntrico e até mesmo besta que, às vezes, esqueço que ele é realmente muito inteligente também.

— Muito bem — falei. — Onde eles estão?

— Estão seguros — ele disse. — Em meu armário no trabalho.

Eu suspirei. Nós estávamos de volta à besta.

— Vince, isso não é realmente seguro.

— Mas é meu armário. Quero dizer, você sabe. Está trancado.

— Eles têm falsificado documentos oficiais e ameaçaram sua vida — falei.

— Você realmente acha que eles hesitariam em abrir um armário trancado?

Ele pareceu ficar muito assustado.

— Oh! Acho que eu... Ah, certo — ele balançou a cabeça. — Ah, caramba.

O que devo fazer, Dexter?

— Traga-os para mim. O arquivo todo. Tudo mesmo.

Ele realmente pareceu ofendido, como se eu estivesse sugerindo algo indecente.

— Eu não posso fazer isso — ele falou. — É um delito levar essas coisas para fora do prédio.

Olhei para ele e admito que estava um pouco chocado com a profundidade de sua retidão ingênua e estúpida.

— Vince, se eles pegarem as coisas do seu armário, não haverá nada para impedi-los de te matar, e vai ser culpa sua. E o suicídio é um crime.

— Mas você... Oh! Isso é uma piada, certo?

— Quase — respondi. — Mas também é verdade. Vince, sua única esperança aqui é deixá-los saber que você tem os documentos, e que os colocou em algum lugar seguro. E, enquanto isso — continuei, agora convocando meu sorriso de tubarão —, eu mostro para o meu advogado.

— Seu advogado?! Mas ele pode... Quero dizer, isso é... — Ele parou meio exaltado e disse: — Frank Kraunauer está realmente representando você?

— Está — respondi. — E eles não podem ignorá-lo, podem?

— Não, não Frank Kraunauer, eles teriam que... — ele falou. — Mas o que ele vai... Quero dizer, mesmo assim... O que ele vai fazer com esse material?

— Vai levá-lo a um juiz.

— Não! — Vince retrucou, a primeira coisa forte e direta que ele disse até agora. — Eles saberiam que veio de mim. Eu poderia perder meu emprego.

Por um momento fiquei sem palavras. Perder o emprego? Com sua vida em risco? E a minha, é claro, que era consideravelmente mais o ponto aqui.

— Vince, você não está pensando claramente — eu disse. — Eles vão te matar. E então você estará permanentemente desempregado — falei de modo a convencê-lo, mas ele ainda parecia teimoso.

— Não, Dexter. Está errado. Eu não posso deixar você tornar essas coisas públicas. Pense como pareceria.

— O que nos importa como parece se nós dois estaremos mortos? E isso pode nem ir a público. O juiz pode simplesmente jogar meu caso fora e emitir alguns mandados.

— Mas talvez ele não faça isso — Vince falou, e eu realmente pensei em dar uma porrada nele. — A coisa pode vazar, e então... Não, Dexter. Tem que haver um jeito melhor.

— Este é o melhor jeito, você não consegue ver? — Insisti. — Isto é perfeito. Para nós dois! — E agora eu lhe dei a minha melhor imitação de sorriso bondoso. — É tão simples. Kraunauer usa essas coisas para provar que eu fui acusado injustamente. Sou inocentado e você fica liberado. Acho até que consegue uma promoção — acenei com a cabeça para mostrar que eu considerava aquilo algo realmente certo. — Escape da cadeia de uma vez por todas, e o Anderson fica com a minha velha cela. Final feliz para todos.

Eu podia ver que ele estava oscilando um pouco, então me inclinei sobre a mesa para deixar o meu ponto claro.

— Há uma alternativa, claro.

Ele olha esperançoso. Então avanço na jugular.

— Você permite que eles te matem, daí eles plantam todo tipo de material incriminador em sua casa: drogas, pornografia infantil, o dinheiro sujo da sala de provas. Então, além de morto você ficará desonrado. Eu vou a julgamento e passo vinte anos no corredor da morte, perguntando por que tentei ajudar o pobre e velho Vince Masuoka, o pedófilo viciado que aceitava suborno. — Abro os braços e depois me reclino para trás para mostrar que acabei. — Sua escolha, Vince. Você decide. Vida ou morte. Vergonha ou louvor. Tudo ou nada.

Ele arregalou os olhos para mim de novo, claramente não convencido ainda, apesar do meu magnífico discurso. Me servi de uma xícara de chá e não olhei para ele.

— Eu consigo imaginar Anderson em pé sobre o seu corpo frio com aquele sorriso estúpido dele e então, só porque ninguém pôde detê-lo, *zzziipp!* Ele abre o zíper e mija em cima do seu cadáver...

— Está bem, está bem, Jesus, Dexter — ele falou com o rosto contorcido em uma máscara de angústia e nojo.

— Eu só estava dizendo. Você sabe que ele faria isso.

— Está bem, ok — ele concordou e soltou um suspiro alto. Soou como um estouro no radiador. — Eu vou fazer isso!

Ele parecia aliviado, e, devo dizer, um pouco culpado também. Eu não me importava. Eu tinha trabalhado tão duro nele por algo que era, a meu ver, tão simples e óbvio, que era difícil ainda pensar em Vince como uma criatura inteligente. Eu senti como se devesse coçar atrás da orelha dele e dizer “bom menino”, e então jogar um biscoito pra ele. Em vez disso, eu apenas balancei a cabeça e disse: — Escolha inteligente. Quando você pode trazê-los pra mim?

Ele balançou a cabeça, olhando entorpecido, e disse:

— Jesus, eu não posso acreditar que eu vou fazer isso.

— Fazer o quê, Vince? — Eu disse docemente. — Salvar sua própria vida?

— Eu não posso... Eu, hã — ele falou e suspirou. — Eu posso levar o material para casa comigo esta noite. Depois do trabalho.

Eu concordei sinalizando com a cabeça. Mas se há um pensamento perverso que se possa ter, temos de assumir que Dexter vai tê-lo primeiro. Então eu disse:

— Posso sugerir que você saia do trabalho mais cedo?

— O quê? Não! Eu tenho uma tonelada de trabalho... quero dizer, estamos com pouca gente, você sabe — ele olhou para mim como se fosse minha culpa, e é claro que era, de certa forma.

— Sim, eu sei — eu disse suavemente. — Mas se você ficar até mais tarde, estará dando uma chance para o Anderson. Se você sair na hora que costuma sair, ele vai estar esperando por isso, e... — Eu virei as palmas das mãos para cima e balancei a cabeça. — Nós não sabemos o que ele pode fazer. Ou quando.

— Oh... — ele falou muito fraco e parecendo chocado novamente.

— Então, a melhor jogada é fazer o inesperado, certo?

— Sim. Uh huh, é claro, está bem — ele disse olhando para a mesa e claramente pensando muito. Ele levantou a cabeça e me encarou com olhos determinados. — Eu posso sair por volta das três e meia, digo que tenho consulta com o dentista ou algo assim.

— Perfeito. Onde devo encontrá-lo?

Ele piscou.

— Hã... Minha casa? Tipo, um pouco depois das quatro?

Tentei pensar em alguma razão para aquilo ser uma má ideia. Não me veio

nada. Ninguém esperaria que ele estivesse em casa às quatro da tarde em um dia de semana, e o faria se sentir mais seguro, então consenti com a cabeça.

— Está bem. Passarei um pouco depois das quatro para pegar.

Ele desviou o olhar para longe, além da janela do restaurante, como se pudesse ver as crianças brincando no estacionamento.

— Não acredito que vou fazer isso — ele repetiu.

## CAPÍTULO 13



**VINCE CONSEGUIU FAZER TODO O CAMINHO DE VOLTA ATÉ O SEU CARRO**, sem entrar em conflito com seu traseiro quente e mole, e eu entrei em meu pequeno veículo alugado com o estômago cheio e satisfação extra depois de um trabalho bem feito. Claro que ainda havia muitas horas até que ele me entregasse o dossiê e depois de ver seu desempenho no almoço eu tinha certeza de que Vince iria gastar todo o tempo suando frio, mudando de ideia, torcendo as mãos, pulando ansiosamente em um pé só, e sofrendo sobressaltos com a própria sombra. Mas, no fim, veria que aquela era a única forma, e eu confiava plenamente que ele ia pegar os arquivos e levar pra casa. Bom, talvez não *plenamente*.

Liguei meu carro para que o ar-condicionado funcionasse, e pensei no meu próximo movimento. Era quase uma e meia da tarde, o que me dava tempo o bastante para que eu fizesse absolutamente tudo que precisava, o que, em uma reflexão sóbria, não era grande coisa. Fazer Vince colaborar tinha sido o principal do dia, e todo o resto era, de alguma forma, vago, ainda que importante. O item mais imperativo que restava era me manter vivo, e embora eu não minimizasse a importância disso, os parâmetros eram, como eu diria, ainda não formados. Por nenhuma razão em especial, um sinônimo para *não formado* apareceu na minha cabeça: *rudimentar*. Não sei por que pensei nessa palavra agora. Eu não preciso de um sinônimo. O que eu precisava era de uma mudança radical, de paradigma, uma evolução do *zeitgeist*, algo para fazer o mundo inteiro sair do meu pé e pegar no de outro alguém por um tempo.

Porém se isso aconteceu quando eu ainda estava sentado no meu carro no estacionamento de um pequeno shopping em North Bay Village, eu não percebi.

Nenhum jovem em uniforme de funcionário de hotel veio até a janela do carro com um telegrama em uma bandeja com um indulto completo do papa, não houve um desfile em minha honra, e nem cartazes aparecendo de súbito ou textos misteriosos no céu com a simples mensagem, porém clara, de “*Você venceu, Dexter*”. Nada além do trânsito, o sol e o calor da tarde que, de alguma forma, conseguia entrar no carro, penetrando o ar-condicionado e fazendo as costas da minha camisa colar no banco.

Suspirei. Isso teria que ser feito da maneira mais difícil, se eu conseguisse fazer. Pelo suor do meu rosto, ou algo assim. Não conseguia me lembrar do resto. Tinha quase certeza que era da Bíblia. Se fosse Shakespeare eu me lembraria melhor. Mas o significado era ao mesmo tempo claro e relevante. Dexter tinha trabalho a fazer, um monte, e, como sempre, ninguém mais faria por ele.

Meus olhos caíram no acordo de custódia, e eu pensei: *certo, primeiro vamos resolver as trivialidades*. Peguei meu telefone e liguei para Deborah de novo. E mais uma vez ela não atendeu. Deixei uma nova mensagem.

— Muito atencioso da sua parte não me atender. Eu não acho que conseguiria suportar sua voz agora que estou livre, querida irmã — eu disse, apenas para mostrar que eu também era capaz de dançar conforme a música. — Entretanto, tenho os papéis da custódia para você. Vou deixar na sua casa esta noite, quem sabe sete e meia? Se você não estiver em casa, pode vir pegar comigo amanhã.

Desliguei o telefone e senti que tinha sido muito sarcástico e, ao mesmo tempo, não o suficiente. Por que relacionamentos com membros da família sempre são tão complexos?

Em seguida, liguei para o escritório de Frank Kraunauer. Passei por duas barreiras apenas por dizer que eu era um cliente. A terceira pessoa para quem fui transferido era claramente a Rainha de Gelo da mesa de escritório, que guardava o santuário. Eu disse a ela que tinha algo importante para o sr. Kraunauer e ela respondeu, com uma voz cheia de ceticismo e desprezo educado:

— Verei se ele está disponível.

Houve um pequeno e refinado *clique* e uma música suave encheu minha audição. Após apenas alguns minutos, a música parou de forma abrupta e o próprio Kraunauer apareceu na linha.

— Aqui é Frank Kraunauer — disse, desnecessariamente.

— Aqui é Dexter Morgan — respondi, e percebi que tinha copiado o seu tom retumbante de maneira inconsciente. Limpei minha garganta para mostrar que não sabia que tinha feito isso, e continuei: — Tenho algumas informações muito importantes para lhe passar. Hmm, sobre o meu caso.

— Sim, esse teria sido meu primeiro chute — respondeu de forma seca. — Que tipo de informação?

— Ah, na verdade, está na forma de um arquivo — eu disse. — Em papel.

— Entendi — ele disse. — E de onde esse arquivo veio?

— Se você não se importar — respondi — prefiro não dizer pelo telefone.

Kraunauer riu.

— Posso garantir que o governo não está monitorando minhas ligações — ele disse. — Não se atreveriam.

— Mesmo assim. É um pouco, bem... delicado.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, e eu ouvi uma batida ritmada, que sem dúvida eram seus dedos batucando contra a mesa.

— Sr. Morgan — ele disse —, você não tem bancado o detetive amador, tem?

— Oh, não, nem um pouco — respondi. — Vince é quem tinha feito todo o trabalho, afinal.

— Certo — ele disse abruptamente. — Pode trazer aqui no meu escritório? Estarei aqui até às seis.

— Devo chegar por volta das cinco — falei.

— Estarei esperando — ele disse, e desligou. Sem música de elevador desta vez, só uma linha muda.

Olhei para o meu relógio. Tinha matado 17 minutos inteiros e conseguido fazer quase tudo que tinha pensado. Se por um lado eu estava cheio de um orgulho merecido dos meus esforços e eficiência, por outro, ainda tinha muito tempo livre antes de encontrar Vince, e nenhum lugar para estar além de um quarto de hotel matador, no extremo da cidade. Suspirei com força e balancei a cabeça. Pela primeira vez eu entendi e apreciei a verdadeira alegria de ter um trabalho: ter um lugar para ir! E quando você termina o dia, pode voltar para casa, embora esquelético. Subitamente, eu não tinha nenhuma das duas coisas, e senti falta disso. Toda essa história de ser sem-teto e estar desempregado tinha se tornado um verdadeiro fardo.

Ainda assim, eu não podia ficar aqui no estacionamento, com o motor funcionando. Eventualmente eu morreria por exalar gases tóxicos, ou de tédio. E com o preço da gasolina tão alto, eu também não podia pagar por esse luxo.

Pensei em voltar para a biblioteca, mas isso me pareceu tão ruim quanto. Pensei em fazer algumas paradas na minha peregrinação gastronômica. Era verdade que eu tinha acabado de comer, porém tinha sido apenas sushi. Eu não devia estar com fome de novo em meia hora? Ou isso só era verdade com comida chinesa? Poderia ser de ambas, se a fome recorrente fosse causada pelo arroz. Mas era provável que isso decorresse do glutamato monossódico, e eu tinha certeza de que isso não era colocado na comida japonesa. De qualquer jeito, eu não estava com fome, e tinha certeza de que uma compulsão alimentar seria desaprovada nos melhores círculos.

Olhei pela janela do lado. O cenário não tinha mudado. Ainda era o estacionamento de um shopping.

Era de fato a biblioteca ou nada. No tempo que passei definhando na prisão, tinha formado uma imagem ideal de liberdade, como algo que valia a pena ter, que até mesmo valia lutar para ter. Como todas as noções idealizadas, a realidade estava se provando diferente. Eu tinha a escolha de ficar sem fazer nada no estacionamento ou na biblioteca. Tentei reviver meu entusiasmo, que despencava ladeira abaixo, pela Liberdade Sagrada ao me recordar que eu também podia voltar para o meu quarto de hotel ou até mesmo dirigir sem destino pela cidade. Não deu certo. Meu entusiasmo continuou a cair.

Com um último e pesado suspiro, para mostrar que eu estava fazendo isso sob protesto, engatei a marcha e fui em direção à biblioteca.

Levei cerca de vinte minutos para percorrer todo o caminho de volta. Nada tinha mudado quando eu cheguei lá, exceto que aquela vaga na frente da biblioteca agora estava ocupada. Assim como todas as outras vagas. Dirigi por alguns minutos até encontrar um lugar para parar perto do clube de vela. Tentei colocar dinheiro no parquímetro, mas estava emperrado. Ainda tinha cinco minutos de tempo, entretanto, e não parecia estar contando tempo. Um parquímetro que perpetuamente falta cinco minutos para acabar era uma coisa incrível, um verdadeiro golpe de sorte. Talvez minha sorte estivesse mudando afinal de contas.

Eu marchei até a colina da biblioteca e entrei. O lugar perto da janela dos

fundos ainda estava vago. Eu estava literalmente sendo golpeado pela sorte. Que mundo maravilhoso para se viver.

Eu me sentei, folheei revistas que não me importavam e dei uma olhada em histórias que me entediaram. Quando finalmente olhei para o meu relógio e notei que apenas 15 minutos tinham se passado, fiquei chocado. Tinha parecido uma eternidade. Larguei as revistas e fui procurar algo mais substancioso para ler.

Encontrei algo melhor: livros com um monte de imagens. Eu parei em um livro de história da arte que se gabava de ter mais de 2.500 imagens, das cavernas ao contemporâneo. Mesmo em um dia tão devagar como este, eu podia transformar a observação de 2.500 imagens em uma atividade até que duradoura.

Eu me sentei com o livro. E me demorei olhando para as imagens, e não só porque eu queria que aquilo durasse algumas horas. Sempre gostei de arte. E algumas daquelas coisas eram bem bonitas. E mesmo se você não entendesse a imagem, ou as emoções que ela tentava passar, há sempre algo legal e colorido para se ver em algum lugar. Havia muitas figuras religiosas no livro, muitas delas descontraidamente sangrentas. Eu gostei em particular das imagens dos santos que tinham buracos neles. O sangue escorrendo das feridas era apresentado de uma forma muito contida e digna, o que é incomum para sangue. Coisas feias e imprevisíveis. E a expressão em seus rostos, algo que só podia ser chamado de sofrimento justificado, era uma excelente diversão.

Tudo isso junto me trouxe uma nova percepção da religião. Embora, para ser sincero, eu sempre tenha questionado a cega e infalível insistência de combinar morte violenta e visceral com adoração humana. Quase me fez querer me juntar a alguma igreja de qualquer tipo. Que diversão eles devem ter, em especial com os seus santos! Eu me encaixaria perfeitamente! Dexter, o Criador de Santos!

Mas claro que não daria certo. Eu não conseguiria ficar sentado durante todo um culto sem rir. É sério, como as pessoas conseguem acreditar nessas coisas? E, de qualquer modo, é quase certo que o altar explodiria em chamas quando eu entrasse.

Ah, bem. Pelo menos a religião era responsável por algumas belas imagens, e isso deveria contar para alguma coisa. Pelo menos as imagens serviram para me ajudar a passar o tempo até às 15h45, quando eu sairia para ir até o meu

encontro... Se não com o destino, pelo menos com algumas cortinas muito agradáveis.

Vince Masuoka tem uma pequena casa na região norte de Miami, no fim da rua 125, sem saída. É pintada de amarelo pálido com um retoque de um tom roxo pastel, o que me fez questionar de verdade meu gosto por amigos. Havia alguns arbustos muito bem aparados no jardim da frente e um jardim de cactos alinhados na passagem da calçada até a porta da frente. Seu carro estava na garagem quando eu cheguei, indicando que ele tinha decidido salvar a minha vida e a dele, em vez de ficar trabalhando até mais tarde.

Toquei a campainha e Vince abriu a porta imediatamente. Ele estava tão pálido e suado que, por um momento, pensei que tinha sofrido uma intoxicação alimentar, e senti uma breve onda de quase pânico porque eu tinha comido as mesmas coisas que ele no almoço. Mas ele agarrou meu braço com um aperto muito forte e me puxou para dentro com tanta força que descartei essa possibilidade e concluí que era um mero colapso nervoso.

Com certeza as primeiras palavras que saíram de sua boca revelaram que ele estava à beira da desintegração total.

— Dexter, Jesus, você não vai acreditar... Oh, meu Deus, eu nem sei como... Eu quase... Nossa, preciso me sentar — E ele caiu em cima de uma *chaise longue* de sua sala, enxugando a testa com uma toalha de papel.

— Certo, obrigado — eu disse com satisfação. — Você tem o arquivo?

Ele piscou para mim com censura, como se eu não estivesse compreendendo toda a sua aflição e sofrimento.

— Anderson estava bem *ali*... ele quase me viu! Com o arquivo!

— Quase? — Eu disse. — Mas não viu, ou viu?

Ele suspirou, de forma longa e sofrida.

— Não, não viu — ele admitiu. — Mas, minha nossa. Ele estava... eu me escondi atrás daquele lugar, sabe o armário perto da sala de café?

— Vince, você está com o arquivo?

Ele balançou a cabeça.

— Claro que sim. O que eu estava falando?

— Sei lá — respondi.

— Bem, está bem aqui — ele disse, acenando um braço flácido e suado em direção a uma estranha mesa amarela. As pernas eram pescoços de girafas e o

puxador de uma única gavetinha era a tromba de um elefante, o conjunto era uma distração tão grande que eu tive de ficar vesgo para conseguir ver que, como tinha sido propagandeado, uma pasta de documentos jazia ordenadamente em cima da mesa. Eu consegui me conter, de forma bastante louvável até, ao me dirigir à mesa com calma para pegá-lo, em vez de saltar e agarrá-lo com ambas as mãos, como parecia mais apropriado... e desejável.

Abri a pasta e comecei a folheá-la rapidamente, página por página. Parei após algumas páginas: Vince tinha sido maravilhosamente eficiente. O arquivo começava com o relatório do incidente inicial, e seguia passo a passo através do caminho de papel longo e cheio facetado que o nosso ótimo sistema judiciário demanda. Estava tudo lá, cada detalhe, e, até mesmo para um observador leigo, ficava claro que a maioria das assinaturas rabiscadas tinha sido feita pela mesma mão desajeitada, embora os nomes fossem diferentes. E por uma incrível coincidência, a onipresente caligrafia desleixada parecia muito com a horrível do detetive Anderson. Olhei para Vince com uma sobrancelha levantada.

— Como é possível que eles pensaram que se safariam com isso? — Perguntei.

Ele assentiu vigorosamente.

— Não é? — Ele disse. — Quero dizer, qualquer um pode perceber... e, Dexter, isso não é nem a pior parte! — Ele pulou da *chaise longue* e saltou para o meu lado, para pegar a pasta avidamente e ir até uma página perto do final. — Aqui... veja só isto! — Ele falou com uma indignação meio triunfante.

Eu olhei. A página em questão era o relatório do laboratório, feito por V. Masuoka, que assinou seu nome com a mesma mão do oficial que assinou o relatório do incidente. E, melhor ainda, “Masuoka” estava escrito errado: M- A- S- S- O- K- A.

— Que vergonha, Vince — eu disse. — Na sua idade você já deveria saber como escrever o próprio nome.

— Isso não é nem a metade! Veja, ele diz que eu usei *luminol*<sup>[1]</sup>. Não usamos essa coisa há anos, usamos *Bluestar*<sup>[2]</sup> agora. E — ele terminou de forma triunfante — ele também escreve *isso* errado, com um “U” em vez de “L” no final.

Era verdade. E, enquanto eu tirava com calma a pasta da mão suada de Vince e a examinava com um pouco mais de cuidado, vi que a coisa toda era

quase vulgar, de tão mal feita. Percebi que, compartilhando o choque de Vince, incriminar a mim era uma coisa, mas fazer um trabalho tão terrível era imperdoável. Sério, uma criança faria melhor. Ou Anderson era mesmo um gigantesco caso de atraso mental, ou ele era um bufão tão arrogante e estúpido que pensou que tinha feito o bastante para se livrar de mim. Um instante de reflexão concentrada me levou a concluir que a segunda explicação era a correta. Anderson era tão imbecil que nem sequer conseguia perceber o tamanho da sua estupidez.

Fechei a pasta e dei um tapinha tranquilizador no ombro de Vince.

— Isso é incrível, Vince — eu disse. — Você salvou mesmo o dia — E eu me perguntei se tinha sido demais, porque ele pareceu ficar maior e chegou a corar.

— Bem, eu sei — ele disse. — Queria ajudar, e... Quero dizer, isso não é certo, vai contra tudo pelo qual eu trabalho, sabe — Ele parou e coçou o canto do olho, e eu percebi, com terror, que ele estava à beira das lágrimas, e quem sabe que outras manifestações emocionais em excesso. Com certeza, ele fungou e disse: — O que mais eu poderia fazer...

— Com certeza — eu disse, interrompendo-o antes que ele explodisse no refrão da ópera *Pagliacci* e segurasse as minhas mãos, levando-nos a um acesso intenso de lágrimas e um canto comunal de “Kumbaya”.<sup>[3]</sup> — Foi isso mesmo que o doutor mandou.

— Isso... isso... quero dizer, por que..... — ele começou a dizer, mas interrompeu por conta ainda da emoção.

Usei sua pausa como uma abertura para minha fuga, e comecei a ir em direção à porta.

— Obrigado, Vince — eu disse. — Você salvou a nós dois. Obrigado! — E eu já tinha passado pela porta antes que ele pudesse dizer mais que algumas sílabas confusas.

Conforme dei a partida no meu carro e saí dirigindo, eu o vi parado no batente da porta, olhando melancolicamente para mim, e eu estava cheio de um imenso alívio por ter escapado de um episódio de sentimentalismo que só consigo ver como humilhante para nós dois. Eu me perguntava por que eu deveria sentir algo tão intenso em relação a isso, e por que eu, que tinha estudado o interminável e fascinante sujeito que sou eu por tanto tempo, cheguei a uma

conclusão simples. Uma das coisas de que mais gostava em Vince era que ele geralmente fingia todos os rituais e expressões humanos: tinha um riso falso terrível e um hábito de fazer comentários sugestivos que eram tão claramente e sinteticamente gerados que eu me surpreendia que ninguém notasse. Em outras palavras, não importava o quão simples fosse uma interação interpessoal, ele era bem parecido comigo.

E vê-lo desse jeito, debatendo-se, impotente nas garras selvagens de sentimentos genuínos, era bem perturbador, porque, em algum nível mais profundo, eu estava pensando: *se aconteceu com Vince, pode acontecer comigo!* E esse pensamento foi quase insuportável.

Ainda assim, Vince tinha feito a lição de casa direitinho, tinha ganho o pão do dia e ele ainda estava quentinho. Tentei pensar em mais metáforas com comida, e me questionei se eu já estava com fome de novo. Olhei para o relógio do painel do carro: quase cinco da tarde, o que só significava más notícias. Para começar, queria dizer que era provável que eu *estivesse* com fome de novo, e, depois, que já tinha começado a hora do *rush*.

Fui em direção ao sul pela I-95, esperando pelo melhor. Como sempre, não foi o que consegui. O trânsito fluía de tal maneira que uma lesma teria achado lento. Eu estava esperando dirigir direto até a ponte MacArthur e, de lá, para o escritório de Kraunauer para entregar o arquivo. Após dez minutos e apenas um quilômetro percorrido, resolvi entrar em uma quebrada e seguir pela avenida Biscayne. O trânsito fluía melhor por ali, e eu cheguei até a ponte e percorri todo o caminho até o escritório de Kraunauer em apenas quarenta minutos.

Faltavam oito minutos para as seis da tarde quando entrei no elevador e comecei a elaborar o ritual de passagem pelas muitas barreiras até chegar ao grande homem, mas a própria Rainha de Gelo me empurrou pela porta até a Ilustre Presença, logo quando o relógio estava para terminar o último minuto antes das seis. Kraunauer estava em sua escrivaninha, guardando coisas em uma linda pasta de couro com uma das mãos e falando ao celular com a outra. Ele olhou para mim e piscou, como que surpreso. Então aquiesceu, colocando um maço de papéis dentro da pasta e levantando um dedo para mim, como que para indicar: *só um minuto*.

— *Sí, Sí, comprendo* — ele disse ao telefone, e para mostrar que eu não sou desleixado como investigador, imediatamente concluí que ele estava falando

espanhol, o que significava que era provável que a pessoa com quem ele estava falando também falava espanhol. Eu dei um tapinha no meu próprio ombro para me parabenizar pela minha explosão de perspicácia — se eu continuasse assim tão esperto, ia passar por tudo isso sem problema.

— *Sí, seguro, no hay problema* — ele disse. — *¿Quince? ¿Es suficiente? Bueno, te doy quince* — concluiu, encerrando a ligação e baixando o telefone.

Ele colocou as duas mãos sobre a mesa e virou seu foco todo em mim.

— Bem, sr. Morgan — ele disse, com uma imitação de sorriso verdadeiramente brilhante. Pela primeira vez na vida, encontrei alguém que conseguia fingir um sorriso melhor do que eu, e isso fez com que me sentisse quase encantado, como uma criança enfrentando um zagueiro profissional. — Sente-se e me conte o que o trouxe aqui.

Eu realmente não precisava me sentar; tinha imaginado que apenas deixaria o arquivo, daria uma breve explanação de sua proveniência e me arrancaria para a noite, sem tirar muito do valioso, e portanto *caro*, tempo de Kraunauer. E me questionei se estava gerando horas bonificadas e que seriam adicionadas ao pagamento que eu tinha bastante certeza que já era bem astronômico. Mas eu estava um pouco intimidado por sua sinceridade falsa e impressionante, e senti que deveria fazer o que ele falou. Acima de tudo, Brian estava pagando, e, para ser honesto, eu não estava muito feliz com ele por ter me largado tão descuidadamente no meio de um tiroteio com um alvo nas costas e um bando de assassinos mexicanos bem loucos do outro lado. Então eu me dirigi com cuidado até a cadeira inquestionavelmente cara diante de Kraunauer.

— Bem — eu disse —, isso aqui é um arquivo de documentos pegos na polícia, sobre o meu caso. E são todos originais — acrescentei.

— Sério? — Ele disse, levantando uma sobrancelha cuidadosamente aparada. — Como eles chegaram às suas mãos?

— Um dos meus amigos no Departamento de Forense — eu disse, consciente de um leve exagero.

Vince era meu *único* amigo que tinha restado na polícia forense, talvez meu único amigo que restava no mundo. Fiquei verdadeiramente grato pelo fato de não precisar de amigos. Mas contar tudo isso para Kraunauer não era necessário. Além de pintar um quadro pouco lisonjeiro de Dexter, não era de fato algo que Kraunauer precisasse saber. Então eu saltei para a perseguição e ergui o arquivo.

— Os documentos foram todos arquivados com deliberadas falsificações, forjas e mentiras. Eles alteraram o relatório do meu amigo, de forma bem desleixada — eu disse. Ele não parecia sentir aquilo tão insultante quanto eu, então dei de ombros. — E, quando meu amigo reclamou, o ameaçaram.

Kraunauer se inclinou para trás em sua cadeira e juntou a ponta dos seus dedos, a imagem de um homem erudito em profunda meditação.

— Ameaçaram como? — Ele perguntou.

— Primeiro de perder o seu emprego — respondi. — Depois, com violência. Por último, ele disse que temia que pudessem matá-lo.

— E exatamente quem fez essas ameaças?

— A maioria foi o detetive Anderson — eu disse.

— Ahã — Kraunauer disse. Ele franziu a testa, como se lembrasse de algo. — Esse é o nome do oficial que prendeu você.

— Nenhuma coincidência — eu disse. — É o mesmo cara.

— Hummm — Kraunauer disse. Ele bateu as pontas dos dedos seguindo um ritmo e parecia muito pensativo. — Ele obviamente está disposto a ir muito além dos limites para mantê-lo na prisão.

— Acho que agora ele não consegue nem mesmo *ver* onde está o limite.

Kraunauer ponderou por apenas um segundo, e então se sentou ereto e se inclinou em sua mesa. Ele pegou um cartão de visita de uma pequena pilha aninhada em um caixinha de prata, destampou uma caneta de um suporte da escrivania atrás dele e rabiscou na parte de trás do cartão.

— Meu número de celular — ele disse e me entregou o cartão. Um número de telefone estava grafado nele, em uma tinta vermelha ainda por secar. — Você pode falar comigo aqui, a qualquer horário.

— Oh — eu disse, um pouco surpreso. — Obrigado, mas...

Ele sorriu de novo, dessa vez um do tipo “te peguei”.

— Se ele tentar intimidá-lo, prender você sem motivo, agir com força física, qualquer coisa, ligue para mim — Ele se inclinou para trás em sua cadeira novamente e o sorriso mudou para um de pura satisfação. — Queremos que você fique do lado de fora.

— Queremos sim — eu disse. Coloquei o cartão com cuidado e reverência no meu bolso. “A qualquer hora”, eu com certeza era um dos abençoados.

— Voltando ao seu amigo — ele disse, mais uma vez sério. — Aquele que

Anderson ameaçou. O que ele fez quanto a isso?

— Ele levou o arquivo até o procurador geral — eu disse, e Kraunauer se sentou reto.

— Levou, é? — Disse com calma.

— Sim. E, mais uma vez, disseram para recuar, cuidar da própria vida, ou ia perder o emprego.

— Ora, ora, ora — Kraunauer disse e batucou a mesa com os dedos de uma das mãos, e então se inclinou para trás de novo. — Conte mais desse amigo.

Contei a ele o máximo que pude sobre Vince. Não foi tão fácil como se possa imaginar, já que até onde eu soubesse, não havia muito a ser contado sobre ele. Tentei descrevê-lo como alguém competente, confiável e justo, porém eu não tinha muito com o que trabalhar. Pelo menos, deixei de fora qualquer referência a fantasias de Carmen Miranda.

Mas Kraunauer parecia fascinado, e me fez muitas perguntas a respeito do seu caráter, suas motivações e histórico no trabalho. Quando nós já tínhamos analisado Vince mais profundamente do que eu pensei ser necessário, ou mesmo possível, Kraunauer assentiu e levantou uma mão.

— Deixe-me dar uma olhada nesse arquivo — disse.

Coloquei-o sobre a mesa na frente dele e sentei na borda da minha cadeira, surpreendentemente ansioso. Era bem estranho, mas eu queria impressionar Frank Kraunauer, queria que ele pensasse que esse arquivo era importante e relevante, e que Dexter era um bom menino por tê-lo conseguido. Mesmo assim, consegui evitar de me levantar e apontar as melhores partes de toda aquela papelada, e só observei por muito tempo enquanto ele franzia o cenho a cada página e seguia em frente, assentindo de vez em quando e fazendo anotações em um caderninho.

Quando ele estava a apenas algumas poucas páginas do final, a porta do escritório se abriu, e sua alteza real levantou sua orgulhosa e perfeita cabeça.

— Já se passaram vinte minutos, sr. Kraunauer — ela disse com imensa dignidade.

Ele olhou para cima com uma expressão surpresa.

— Sério? Já? Bem — ele disse, fechou a pasta e a deixou sobre sua mesa, observando enquanto ela sorria, apenas para ele, e se retirava. Então ele se virou e olhou para mim com seu pequeno, porém charmoso, sorriso de desculpas —,

temo que tenha um compromisso que não posso adiar — ele disse. — Mas quero lhe assegurar que isso aqui vai ajudar muito.

Ele se levantou e deu a volta na mesa, e eu me levantei para encontrá-lo.

— Isso é fantástico, Dexter — ele disse, apertando minha mão, e eu estava pronto para acreditar nele porque seu aperto de mão era firme, seco e masculino, e essa era a primeira vez que ele usava meu primeiro nome. — Um material de primeira — ele disse.

E então ele deslizou a mão até meu ombro, levando-me até a porta enquanto continuava a me assegurar que tudo ia dar certo e que a vida era maravilhosa. Momentos depois, eu estava em pé diante do elevador, ainda piscando pela experiência mágica, e olhando de relance para o meu relógio: 18h22. Estive na presença de Kraunauer por 22 minutos. Pelo que eu sabia de advogados, isso seria pelo menos três horas a serem cobradas. Quanto isso me custaria? Ou talvez a Brian. Ah, que seja. Como você pode colocar um preço sobre esse tipo de experiência esmagadoramente competente e focada? E me ocorreu que Kraunauer saberia exatamente como colocar um preço, e ele colocaria. Mas por que me preocupar? Estar para sempre em dívida era ainda melhor do que estar morto ou na prisão.

Isso me animou, e eu estava assoviando quando cheguei ao meu carro alugado. Tinha dito a Deborah que deixaria os papéis da custódia lá pelas sete. A casinha dela em Coral Gables estava a cerca de 25 quilômetros de distância, e não havia caminho mais curto. Meu melhor palpite, baseado em anos de experiência com o trânsito de Miami, era que a essa hora do dia era impossível chegar à casa dela em menos de 45 minutos. Surpresa ou não, isso tinha aumentado ainda mais a minha alegria. E por que não? Ela não tinha feito nada para receber a minha pontualidade educada. Ela sequer atendeu às minhas ligações, e eu não mostraria toda essa consideração apenas para ela me irritar.

Então tudo bem... eu ia levar o tempo que precisasse para curtir minha viagem. Talvez até parasse para tomar um café. Deixe-a esperar.

Liguei o carro e me dirigi para a Ocean Drive, começando minha longa e lenta jornada em direção à casa de Deborah.

## CAPÍTULO 14



**PARECE TERRIVELMENTE ESTRANHO, CONSIDERANDO O TOM GERALDOS** recentes eventos, mas eu realmente me senti um pouco mais feliz enquanto lutava para passar pelo caos do trânsito de Miami. Tive um breve momento de mal-estar conforme saía do escritório de Kraunauer e ia ao estacionamento MacArthur Parkway, um pequeno e ansioso silvo do Passageiro Sombrio que disse que as coisas não eram exatamente como deveriam ser. E com certeza, um momento depois, um carro bem atrás de mim freou bruscamente e buzinou. Por reflexo, pisei nos meus próprios freios e olhei para trás, com os sentidos em alerta.

Mas não era uma ameaça real, apenas um idiota ansioso, muito empolgado para chegar em casa após um duro dia de trabalho. Observei o carro pelo retrovisor, uma SUV novinha, azul-escuro, como se tivesse acabado de pular para o trânsito e se juntado ao resto de nós nesta fila interminável de carros na ponte indo para casa.

Além disso, não vi nenhum carro suspeito na minha cola, e ninguém na calçada parecia estar apontando uma bazuca para mim. Decidi que o Passageiro Sombrio estava apenas estranhando nossa recém-conquistada liberdade, sem dúvida apegando-se a picuinhas, ignorando a hostilidade universal perfeitamente normal na hora do *rush* por parte dos motoristas ao nosso redor. Então eu o descartei e me acomodei para desfrutar meu raro espírito elevado.

Não havia absolutamente razão alguma para eu sentir algo que não fosse angústia e ainda assim houve um fragor inequívoco de bom ânimo vindo de algum ponto interno raramente usado. Não era apenas a minha excelente perspectiva de fazer Debs esperar por mim, manejando as crianças e rangendo os dentes. A maior parte dessa esperteza injustificada e nada característica tinha

vindo do senso de pertencimento geral que eu sentia na selvagem ferocidade impiedosa de dirigir na minha cidade, na hora do *rush*. No passado, eu sempre tinha sentido um orgulho patriótico por estar atolado até o pescoço num mar de carros com motoristas sem qualquer empatia e uma ambição para matar. Era bom sentir essa sensação de feliz pertencimento uma vez mais; isso significava que uma minúscula e profundamente enterrada parte de Dexter tinha decidido que o mundo tinha voltado ao seu estado natural e tudo ia ficar bem.

Outra causa da minha felicidade idiota era certamente vinda do meu senso de realização. Eu tinha entregue uma evidência vital nas mãos de meu advogado poderoso e extremamente eficaz, e, portanto, colocado o primeiro prego no caixão do detetive Anderson, enquanto tirava um do meu próprio caixão. Mas também percebi que outra parte do meu humor estupidamente bom vinha do fato de eu ter estado na presença do próprio Kraunauer. A aura dele era quase tangível. Havia algo naquele homem que me impressionava, o que, por si só, era impressionante. Eu sempre me considerei o Mestre da Duplicidade, o Paradigma do Comportamento Sintético. Ninguém mais sequer chegava perto... Até agora. Kraunauer me deixava comendo poeira. Ele era o falsificador de comportamento mais altamente treinado que eu já tinha conhecido, e não conseguia fazer nada além de observá-lo e admirá-lo a cada vez que ele me regalava com um dos seus sorrisos artificiais. E ele não tinha apenas *um* sorriso falso, eu já tinha visto pelo menos *sete*, cada um com sua própria aplicação muito específica, cada um tão perfeito que me deixava sem fôlego com tanta admiração.

Além do meu apreço por alguém que era melhor do que eu em algo que eu gostava, havia uma suposição tácita de comando em sua postura. E funcionava. Apenas por estar perto dele, senti que devia agradá-lo. Deveria ser profundamente perturbador, mas de alguma forma não era.

Eu não tenho qualquer sentimento real. E certamente não sou capaz de amar, ou até mesmo adorar algo. Não há ninguém nesse mundo que eu goste mais do que Dexter. Mas no pouco que passamos juntos, Frank Kraunauer me impressionou de um jeito que ninguém mais foi capaz, com a possível exceção de Harry, meu pai adotivo. Diante disso, que ia além do absurdo, eu ponderava. Harry havia salvo minha vida, me criado, me ensinado como usar os meus talentos, e, conseqüentemente, fez da minha vida algo que, pelo menos até

recentemente, eu tinha gostado bastante. Harry era o pai primordial, a fonte do saber, responsável pelo único mapa do caminho sombrio, e eu estive com ele por muitos anos.

Mas eu tinha conhecido Kraunauer recentemente, gasto menos de uma hora em sua companhia, e não o conhecia de fato nem um pouquinho, exceto por saber que ele, a seu jeito, era tão completamente sem sentimentos quanto eu. Eu sabia disso pela sua reputação, claro. Mas, ao estar em sua companhia, também tinha percebido que em algum lugar atrás de seus olhos vivia o familiar Vazio Sombrio. Ele era um predador totalmente sem misericórdia, o tipo de tubarão dedicado e entusiasmado, que nem precisava sentir o cheiro de sangue na água para atacar. Ele arranca nacos de carne porque foi para isso que foi feito, e gosta da vida assim. Naturalmente, esse tipo de entusiasmo inato tocou um acorde em mim.

A despeito de tudo isso, ele estava do meu lado, e era de conhecimento público que ele não perdia. Chefões do crime, ditadores brutais, assassinos em série, ele sempre conseguia livrar seus clientes, sem importar o quão hediondos eram os crimes que eles tinham cometido. Por causa dele, alguns verdadeiros monstros terríveis e cruéis estavam livres por aí. E, se tudo transcorresse como devia, eu logo seria um deles. Um viva para Kraunauer!

Então eu me ajeitei em meu assento do carro e relaxei, curtindo a viagem. Passei pela ponte em menos de 15 minutos, o que foi desapontador, já que eu queria mesmo era deixar Deborah esperando. Mas uma vez que passei para a I-95 em direção ao sul, as coisas diminuíram a um ritmo bem satisfatório. Eu fui, a passos de tartaruga, andando no máximo duas quadras a cada cinco minutos, e tendo o prazer de viajar tão lentamente que, na maior parte do tempo, o velocímetro não chegava nem a se mexer. Mesmo sem nenhuma sorte, eu faria Debs esperar por uma boa meia hora.

Claro que não era todo mundo que estava tentando fazer a antiga irmã esperar, e poucos eram os outros motoristas que compartilhavam do meu entusiasmo recém-adquirido em ficar me arrastando pelo trânsito. A maioria deles, na verdade, parecia estar contra essa lentidão, e muito poucos hesitavam em compartilhar seus sentimentos com outros motoristas, que claramente estavam fazendo com que fossem mais devagar simplesmente por ficar parados na frente deles. Havia um buzinaço, dedos levantados, e até mesmo o bom e

velho punho fechado. Tudo normal, mas feito com um entusiasmo e uma paixão reais, e, portanto, um prazer de observar. Eu não me juntei a isso, apenas observei, tomado por um tranquilo orgulho cívico em assistir a meus concidadãos interagirem uns com os outros de uma forma tão genuína e cheia de significados.

Logo antes da NW 10, o ritmo diminuiu ainda mais, o que era muito gratificante. Quando eu tinha ido o suficiente para frente, pude ver que um Jaguar conversível tinha batido em uma van carregada com frutos do mar. Havia um impressionante arranjo de coisas, vidros e para-choques torcidos, considerando que eles não podiam estar em uma alta velocidade quando a colisão aconteceu. Mas o impacto tinha feito com que a porta da van se abrisse, e uma maravilhosa variedade de frutos do mar frescos e suculentos tinha escorregado para cima do Jaguar e enchido o seu belo interior de couro com uma família de seres marinhos. Felizmente, para todos os interessados, parecia que a maioria dos peixes mantinha-se fresca, já que uma quantidade grande de gelo tinha ido junto.

Uma mulher bem penteada ainda estava sentada no banco de passageiros do Jaguar, gritando de forma histérica, com peixe e gelo até os ombros. O motorista estava frente a frente com os dois homens da van, e as palavras que estavam trocando não pareciam ser do tipo que levava a uma longa e duradoura amizade. E, porque aqui era, afinal, Miami, três jovens homens e uma mulher, de três diferentes carros, tinham saído de seus veículos para pegar os peixes que tinham caído e levar para casa, para o jantar.

O apetitoso acidente me atrasou bastante, e era quase oito da noite quando eu cheguei à casinha de Deborah em Coral Gables. Era um lar modesto, e já que minha ex-irmã não tinha nem interesse nem paciência para jardinagem, as plantas tinham crescido desordenadamente. Árvores de uma variedade qualquer de fruto tinham derramado sua colheita por todo o quintal sem serem notadas, e uma parede de pedras de coral em ruínas protegia o lugar. O carro dela estava na pequena vaga da garagem. Eu estacionei logo atrás e saí do carro.

Estranhamente... eu hesitei. Descobri que estava um pouco relutante em encontrá-la, para ela esfregar na minha cara mais uma vez sua aversão e desprezo por mim, que, devo repetir, era totalmente injusto. Mas doía ainda assim. Eu não gostava de vê-la olhar para mim do jeito que tinha feito quando me visitou na prisão. Como se eu fosse algum tipo de infecção contagiosa e

repugnante, algo que grudou nos seus sapatos, quando ela pisou em um grande e repugnante monte de fezes de guaxinim.

Em pé, diante do meu carro, encarei sua porta da frente. Eu sabia que não importava o que ela pensava de mim... Mas ainda assim, de algum modo, importava. Era surpreendente, mas parecia que eu ainda queria que ela gostasse de mim. Ela nunca mais faria isso, se é que ela algum dia chegou a gostar mesmo. Debs tinha deixado isso bem claro, e sentimentos tão fortes quanto o que tinha mostrado não mudam. Então por que simplesmente não ir até a porta e resolver logo esse problema desagradável? Por que devo hesitar e me abater só por não querer enfrentar seus desdêns?

Nenhum motivo em particular. Então eu faria isso, e seguiria com a minha vida. Seguir em frente com a parte de *salvar* minha vida, na verdade, o que era muito mais importante do que qualquer das reclamações nocivas de Deborah.

Então me inclinei contra o carro e não fiz nada. Uma SUV azul-escura, talvez um jipe, passou por ali lentamente. Era difícil ter certeza, era um carro desses novos, que são parecidos com uma caminhonete, e todos esses carros se parecem. Não importava. Olhei para o céu. Parecia estar com tudo no lugar. Isso também não importava muito. Olhei para a porta da frente da casa novamente. Se Debs aparecesse me veria ali, vagando indeciso, e ela poderia pensar que eu estava hesitando por causa da timidez. Ela poderia pensar que eu tinha me tornado o patife que ela pensava que eu fosse, o que era bobagem. Eu não me importava. Nem um pouco. Eu poderia ir bater à porta a qualquer hora que quisesse.

Uma vez mais, como parecia ser o caso tão frequente em minha vida, meu estômago finalmente resolveu meu dilema ao me lembrar, roncando, que a vida segue, e seguiria melhor ainda após um bom jantar. E então, em vez de arriscar despertar a ira do meu trato digestivo, o que era muito mais relevante do que despertar a ira da minha não irmã, eu me ajeitei, segurei firme os papéis da custódia na minha mão esquerda e me mexi até a porta.

Deborah respondeu em pessoa, na minha primeira batida na porta. Ela olhou para mim com um semblante tão frio que deve ter montado a expressão bem antes, de forma que estivesse bem congelada quando eu a visse. Ela não disse nada em absoluto, deixando sua expressão falar tudo. Por trás dela, podia ver um brilho púrpura escuro de sua sala de estar, e escutar os sons de um desenho

animado. Reconheci uma das vozes, era o único desenho que Cody e Astor concordavam em assistir, e envolvia um ornitorrinco, pelo que me lembro.

As crianças deviam estar lá dentro, todas as quatro, juntas, o filho de Deb, Nicholas, e minha própria Lily Anne, bem como Cody e Astor. Estiquei o pescoço um pouco para ver se poderia ter um vislumbre, e Deborah de imediato puxou a porta para ficar bem junto a ela, de modo que apenas seu pescoço e cabeça ficassem de fora e eu não pudesse ver mais nada.

Dei de ombros. Se ela estava tão determinada a ser desagradável, que fosse. E assim eu não via necessidade de gentilezas.

— Devo supor que você recebeu minha mensagem — eu disse, de forma breve.

Ela me encarou por mais um longo instante, e então, sem nenhuma mudança de expressão, simplesmente estendeu a mão.

Levei um momento para compreender que ela não queria um cumprimento, então dei-lhe os papéis da custódia. Ela os pegou, me encarou por alguns segundos, e então, antes que eu pudesse sequer esboçar uma despedida apropriada, ela fechou a porta com firmeza na minha cara.

Bem, pelo menos os papéis tinham sido entregues. Eu podia riscar uma coisa a mais da minha lista de tarefas. E acho que podia tirar todos eles da minha lista de cartão de Natal, também. Duvido que eu voltaria a desejar qualquer felicidade para Debs, e ela se certificaria de que todas as quatro crianças continuariam descontaminadas da minha presença tóxica. Eu já tinha visto como ela educava o seu menino, Nicholas, e, embora ela não chegasse a ser uma mãe superprotetora, certamente seria muito agressiva ao protegê-las de todas as formas terríveis de poluição mental e psíquica, como drogas, violência e... Dexter.

Ela ia ter uma pequena surpresa, pelo menos no que diz respeito a Cody e Astor. Deborah pensava neles como crianças sofridas, abandonadas, pobres orfãozinhos na chuva, crianças doces e inocentes que tinham sofrido uma série de choques terríveis. Ela ia descobrir rapidamente que eles não eram nada disso; Cody e Astor eram Dexters em potencial. O terrível abuso físico, mental e psíquico que tinham sofrido do seu pai biológico os tinha deixado tão vazios de empatia e sentimentos humanos quanto eu. E eles não tinham o milagreiro Harry para canalizar adequadamente os impulsos que já estão deslizando por eles,

desde o gentil banco do Passageiro Sombrio, tentando assumir os controles e conduzi-los pela Rodovia Sombria. Quando esses impulsos começarem a assumir o controle, que eles *precisam* de tempos em tempo, Deborah vai perceber que estará criando cobras em casa. Eu quase desejei poder estar lá para ver seu rosto quando ela descobrir que tinha monstros em seu ninho. Eu tinha a sensação de que a descoberta poderia alterar sua perspectiva apenas um pouquinho.

Isso me trouxe um pequeno lampejo de conforto bastante necessário, mesmo quando eu percebi que ela ia me culpar por tudo. Isso não importava nem um pouco; eu já estava morto pra ela, e não poderia ficar de forma alguma mais morto.

Que fosse. Eu nunca deveria ter sido um pai. Outro capítulo no Grande Livro de Mim estava acabado. Hora de fechar o livro e seguir em frente. Sem filhos, sem irmã e sem arrependimentos.

Eu me virei e voltei para o meu carro alugado.



Em Miami, muitas pessoas comem bem tarde da noite. É parte da herança cultural da cidade, uma orgulhosa tradição do Velho Mundo, trazida para as nossas costas por nossos irmãos latino-americanos. Já ouvi falar de jantares às dez da noite, e é bem comum jantar às nove. Mas esta noite, já às oito horas, Dexter simplesmente não estava em comunhão com seu lado cubano, e isso o deixava ligeiramente voraz. Fui embora da casa caindo aos pedaços e lotada de crianças de Deborah e comecei minha busca por algo apropriado para comer.

Havia tantas escolhas, até mesmo num raio de cinco quilômetros. As possibilidades eram quase esmagadoras: chinesa ou chinesa *nouveau*; cubana, claro; espanhola clássica ou tapas; tailandesa; pelo menos três variedades de francesa; costelas e churrasco. E isso era apenas o começo. E a melhor parte era que eu poderia ir a qualquer um desses lugares e comer minha parte do Grande Tesouro da Minha Cidade, iguarias deliciosas de todas as terras e águas de toda parte do globo. Comecei a salivar. A liberdade é verdadeiramente uma coisa maravilhosa.

Eu quase escolhi comida tailandesa — havia um lugar muito bom não muito longe, a cerca de dois quilômetros. Mas, no último minuto, mudei de ideia, pois pensei que — e tenho bastante certeza de que foi um pensamento quase *non sense* — a Tailândia era muito perto do Japão, e eu tinha comido sushi no almoço. Virei à esquerda, em vez de à direita, e fui em direção ao *Pepino's*, um aconchegante restaurante mexicano no bairro de Coconut Grove.

Coconut Grove tinha sempre andado em ritmo mais lento que o resto de Miami, então não foi surpresa para mim que aparentemente ainda era hora do *rush* na sua avenida principal. A única diferença era que a maioria daqueles que estava no *rush* estava centrada em encontrar estacionamento. Infelizmente, todos os espaços legais já estavam ocupados. Mas eu estava certo de que poderia encontrar um *quase* legal. Afinal, tinha crescido neste bairro e tinha alguns truques que os novatos por aqui não conheciam.

Dirigi por uma rua lateral por cerca de um quilômetro até o restaurante. Cinquenta metros além, virei em um beco que terminava entre duas butiques. Havia uma grande lixeira, lotada, e, logo além, uma paisagem natural e invisível para qualquer fiscal de parquímetro com olhos ativos. Foi onde estacionei o meu carro.

Porém, aparentemente havia outro nativo pensando em estacionar por ali, porque conforme eu andava em direção ao restaurante, me sentindo apenas um pouco orgulhoso, outro carro virou no beco e passou por mim, sem dúvida procurando um lugar para estacionar. Era outra dessas caminhonetes estilo SUV, azul-escura. Havia certamente um monte delas nas ruas ultimamente. E eu me perguntei o porquê? Afinal, caminhonetes reais estavam à venda por aí, e a um preço mais em conta. Por que comprar algo quase idêntico que custa mais, só pela tração nas quatro rodas? Não havia estradas íngremes e lamacentas por aqui, e nem estradas traiçoeiras cobertas de neve. Pra que servia então? Será que todas essas pessoas realmente passavam seus fins de semana correndo na lama em Everglades?

Até o momento em que eu tinha caminhado de volta ao restaurante, eu estava quase alucinando com a imagem de *enchiladas*<sup>[1]</sup> em minha cabeça. As últimas duas quadras foram uma verdadeira tortura, era como se o cheiro do cominho, da pimenta e dos tacos estivesse em toda parte. Porém consegui chegar

sem desmaiar de inanição.

O *Pepino's* era um lugar pequeno, mas tinha um barzinho com quatro bancos macios, e o da ponta estava vazio. Sentei-me e rapidamente descobri por que o assento estava disponível; toda vez que alguém tinha que entrar ou sair da cozinha, ou do banheiro, eu precisava me mover, e, quando era a vez de uma bandeja grande cheia com alimentos cozidos passar, eu precisava me levantar e deslizar pela parede, como se fosse uma barata fugindo das luzes que se acendem. Minha comida, contudo, chegou rápido, e estava boa, e em muito pouco tempo eu estava feliz de novo.

A caminhada de volta para o meu carro depois do jantar era muito mais um passeio feliz do que o cambalear faminto que minha fome tinha me forçado a fazer no caminho de ida. E o carro estava bem onde eu tinha deixado. A vida pode ser fácil quando o Universo está se sentindo cooperativo, né?

Dirigi em direção ao sul, para a câmara de tortura que era o meu motel, por um trânsito que era bem menor do que o que tinha sido na hora do *rush*. Claro que como um motorista nativo de Miami eu sabia que isso só significava que havia novos perigos para me preocupar. Porque havia mais espaço para manobrar, mais condutores costurando dentro e fora das pistas em uma velocidade duas ou três vezes acima do limite. As motos já eram ruins o bastante, mas elas estavam longe de ser muito numerosas, naquela hora. Carros esportivos, naturalmente, sedans, SUVs, vans de serviços delivery, e até mesmo um caminhão de transporte carregando uma minivan.

SUVs do tipo Escalade pareciam estar na moda esta noite. Pelo menos três delas passaram rugindo por mim nos primeiros oito quilômetros. Talvez haja alguma coisa psicótica em todos os que decidem comprar um Cadillac. Esse era um pensamento intrigante; talvez eu devesse comprar uma Escalade. Eu realmente não me importo com os candidatos a “imprudentes da velocidade”. Eu estava acostumado com isso. E não era mesmo problema algum; tudo que se tinha a fazer era manter a velocidade constante, ficar na pista e deixar que eles se movessem ao seu redor livremente. E, se eles ficassem ansiosos demais e realmente batessem em alguém, o melhor era passar com cuidado em torno dos destroços com um aceno, um sorriso e um sentimento de satisfação de que não foi você desta vez.

Então segui para o sul, e conforme fiz isso, meu banquete mexicano

começou a me pegar — não de qualquer forma digestiva indizivelmente rude. Comecei a ficar sonolento, como sempre ficava depois de um longo jantar. Na verdade, comecei a me sentir tão completamente sonolento que estava realmente ansioso pela minha “cama” horrivelmente disforme e indutora de agonia. Acelerei um pouco, mas não o bastante para fazer as Escalades pensarem que eu queria competir, é claro. Isso provavelmente faria com que dobrassem a velocidade e jogassem o intruso para fora da estrada.

Mas eu fui rápido o bastante para cortar alguns minutos da jornada, e logo quando meus olhos pesados contemplaram o antigo sinal de néon meio morto que marcava o meu hotel, meu telefone começou a piar. Eu olhei para a tela, mas não era como se eu precisasse. Apenas uma pessoa estaria me ligando, e era ela mesmo.

— Alô, Brian — eu disse no telefone.

— Alô, mano — ele disse em sua favorita e feliz saudação fraudulenta. — Onde você está agora?

— Estou chegando ao estacionamento do meu hotel — eu disse. E conforme fiz isso, notei que o estacionamento estava quase lotado, o que parecia bem absurdo e chegava a ser quase surreal.

— Você dá conta de um encontro cara a cara? — Ele disse. — Tenho uma ou duas coisas de importância para tratar com você.

Eu suspirei, olhando em volta por um lugar para estacionar. Cada uma das vagas perto do meu quarto tinha um carro.

— Mal consigo manter meus olhos abertos — eu disse. — Pode esperar até de manhã?

Brian parou tempo suficiente para me fazer perguntar o porquê do silêncio.

— *Acho* que sim — ele disse por fim, um pouco hesitante. — Porém... Fique um pouco mais alerta até lá, o.k?

— Se eu fosse mais atento precisaria de, pelo menos, quatro olhos — eu disse, enquanto via finalmente uma vaga, bem no fim do estacionamento, a uns vinte metros do meu quarto.

— Tudo bem, então — Brian disse, de volta ao seu bom ânimo sintético. — Então combinamos às oito da manhã de amanhã, no mesmo lugar?

— Certo — eu disse, entrando na última vaga do estacionamento. — Vejo você amanhã. Preciso dormir.

— Que bem merece e desejamos com fervor — Brian desligou.

Fiquei sentado no carro, atônito por um momento. Meu irmão tinha acabado de citar *Hamlet*? Talvez isso não devesse me surpreender, mas ele nunca tinha feito nada do tipo antes. Nadica de nada, na verdade, que me desse pelo menos a menor dica de que ele conhecesse Shakespeare, ou qualquer outro escritor clássico. Mas Brian estava sempre cheio de surpresas, e esta, pelo menos, não era desagradável.

Dei uma volta na chave, desligando meu carro alugado. Fiquei ali um último momento para refletir, com cansaço, sobre o meu dia longo e agitado. Mas antes que fosse muito fundo nisso — *Você mandou bem, garotão* —, senti meus olhos começarem a tremer para fechar. Eu os mantive abertos; aqui não era lugar para pegar no sono, mesmo que fosse provavelmente mais confortável do que a minha cama. Respirei fundo e saí do carro, manejando de forma desastrada as chaves e meu telefone até que os coloquei em segurança nos bolsos, fechando a porta do carro com o quadril, e tropeçando, cansado, pela calçada rachada até o meu quarto.

Uma música tocava alto em dois quartos adjacentes, a algumas portas da minha. E provavelmente tinham a porta aberta para dar mais espaço à festa. Estava alto o bastante para balançar as janelas, e não alto o suficiente para mascarar a gritaria alegre e embriagada, cantos e gritos de *uhuuu!* que vinham junto. Devia ser uma despedida de solteiro ou algo do tipo. Se por um lado era bom ter o mistério do estacionamento resolvido, por outro isso faria o ato de dormir um problema um pouco mais difícil de resolver.

Suspirei. Onde isso ia parar? Quando todas as perseguições mesquinhas contra o pobre Dexter finalmente iam dar um sossego? Morte iminente ou prisão não era ruim o suficiente. Agora eu também estaria ouvindo uma trilha sonora de bebedeiras durante toda a noite. Eu estava indo bem com a proteção da vida e da liberdade, mas aparentemente era a busca pela felicidade de outra pessoa que, por fim, ia me pegar. São as pequenas coisas, afinal, que acabam conosco.

*Ventos, soprai de arrebenatar as próprias bochechas*, pensei. Brian não era o único que podia citar Shakespeare.

Fui para o meu quarto sem pensar em qualquer outra fala adequadamente apocalíptica de *Rei Lear*, e eu estava muito cansado para começar *Otelo*. Cai de cara na cama — e imediatamente eu estava dobrado em forma de arco, com as

solas dos meus pés voltadas para a parte de trás da minha cabeça.

Lutei para me levantar e sentar na beirada da cama para tirar os sapatos. As chaves do carro caíram do meu bolso no chão. E, conforme caíram, lembrei de sair do carro todo desastrado com as chaves e o telefone, e não lembrava de ter fechado o carro. Não importava; era bem fácil ir até a janela, apontar o alarme para o carro e apertar o botão para travar.

Suspirei de novo, com mais força dessa vez. São sempre as pequenas coisas. Cedo ou tarde, seria uma última tortura miudinha que ia dar na minha cabeça, tão insignificante que não poderia incomodar ninguém mais, e seria um último e pequeno incômodo que finalmente ia me mandar babando no limite da insanidade delirante.

Mas ainda não era isso. Lutei para ficar em pé e me arrastar até um ponto perto da janela. Eu estava cansado, irritado e não me sentia realmente com vontade de gastar toda a preciosa energia que ainda me restava para abrir a porta, sair e ficar olhando ao redor. E as cortinas antigas pareciam tão vis e sujas que eu realmente não queria tocá-las. Mas elas também eram finas o suficiente para que eu pudesse ver o reflexo das luzes de freio piscando para me mostrar que tinham funcionado. Então aponte o controle do alarme e apertei o botão para travar, observando as luzes de freio.

O efeito luminoso veio logo em seguida, mas era muito brilhante para uma luz de freio, e foi seguida por uma explosão tão alta e forte que quase me deixou surdo, me atirou para trás a partir da janela com estilhaços de vidro caindo sobre mim, arremessando Dexter juntamente com tudo o que restava da janela em uma pilha destroçada no chão atrás da porta.

Por um momento eu apenas pisquei para ver o que acontecia ao meu redor, ouvindo a cacofonia repentina de alarmes de carro vindos de fora. Eu podia sentir pequenos pontos de uma dor aguda começando a queimar meu rosto, e um pouco mais no meu peito. Pisquei um pouco mais rápido, pelo menos meus olhos estavam bem. Olhei para minha mão direita; estava caída no meu colo, sangrando a partir de alguns cortes e ainda segurando as chaves do carro. O que eu conseguia ver de mim parecia bem, mas minha camisa estava rasgada e manchada com uma dúzia de pequenas manchas de sangue. Além de tudo, uma bela e nova camisa arruinada.

Eu fechei meus olhos em resignação e deslizei pelo chão, completamente

indiferente para qualquer coisa que poderia acontecer agora. Deixe que me levem. E quando fizerem isso, eu irei vestindo uma camisa toda detonada, o que era a indignidade final.

São realmente sempre as pequenas coisas.

## CAPÍTULO 15



### **DE VEZEM QUANDO É PRECISO DAR CRÉDITO PARA OS POLICIAIS.**

Mesmo que você não goste deles e eles não gostem de você — mesmo quando seu relacionamento com eles tiver chegado a um ponto que se aproxima de uma guerra aberta —, mesmo assim, de vez em quando merecem um pequeno aceno de cabeça. Vez ou outra, um policial faz algo que, com toda a justiça, requer que você pare, incline sua cabeça e diga:

— Muito bem.

Certamente não todos os policiais, talvez nem a maioria deles. Mas um ou dois, de vez em quando, pode agir de forma que mereça que você lhes dê um aperto de mão caloroso ou um *donut*.

Por mais estranho que pudesse parecer, esta era uma dessas vezes.

A primeira viatura chegou à cena da explosão em menos de cinco minutos. Ouvi a sirene se aproximando e um cidadão cumpridor de seus deveres com certeza teria ignorado o cansaço total e as dezenas de pequenas escoriações que cobriam a parte da frente do seu corpo, e pularia de pé para cumprimentá-los. Não o Dexter. Eu já tinha tido o bastante por uma noite.

Então fiquei deitado no chão com meus olhos fechados e ouvindo a gritaria inumana dos festeiros. Claro que eles estavam muito mais perto da explosão, e então é de se presumir que tivessem mais ferimentos sérios. Mas, para ser justo, eles também tinham claramente consumido uma grande quantidade de álcool, o que deve ter atenuado a dor. Mas aquilo apenas tinha feito com que perdessem suas inibições, especialmente aqueles que gostavam de fazer aquele tipo de barulho realmente estúpido e sem sentido que tanto incomoda. Nenhuma lesão que eu pudesse imaginar justificaria o clamor repulsivo vindo dos foliões. Eles soavam como ovelhas que haviam sido lobotomizadas e depois espancadas com

pesados cassetetes apinhados de anzóis.

Mas eu não ligava; que balissem. Não tinha nada a ver com isso. A coisa mal tinha tocado em mim. Estava tudo terminado. Para mim já estava tão completamente acabado que nada poderia me afetar. Eu virara um guru New Age que tinha atingido um estado perfeito de “já deu pra mim”, e, se o mundo queria algo mais, poderia vir e pegar.

De modo que eu continuei lá, deitado no chão do meu quarto, conforme as sirenes chegavam perto o suficiente para abafar os gemidos e a gritaria sem palavras e sem sentido, e não me movi quando a viatura freou cantando pneus e os dois oficiais que saltaram começaram a catalogar o caos. Nem mesmo me sentei quando os paramédicos chegaram de ambulância e começaram a tratar os imbecis da festa do quarto ao lado.

Só consegui me recompor após ouvir uma batida autoritária na minha porta, acompanhada por uma voz feminina dura:

— Senhor? Senhor! — Abrir meus olhos foi a parte difícil. Depois disso, tive um trabalho insuportável para ficar de pé e abrir a porta.

Uma mulher afro-americana com um uniforme azul da Polícia de Miami me deu mais uma vez uma amostra do quão dura era a sua voz:

— O senhor está bem? — Ela disse, parecendo preocupada, mas sem nenhuma compaixão, o que eu pensei que era um truque legal, e, provavelmente, muito mais difícil de fazer do que parecia.

— Alguns cortes — respondi, segurando minhas mãos e, em seguida, acenando para a frente da camisa. — Além disso... — baixei as mãos. O cansaço estava voltando, alimentado por minha percepção de tudo aquilo que ainda aconteceria esta noite, eles com certeza me levariam para o Centro Correcional quando descobrissem com quem estavam lidando.

— Certo — a policial disse. — Por que o senhor não vem comigo? — Ela disse colocando uma mão firme no meu braço e me conduzindo para fora.

Meu primeiro olhar cansado, ao observar o que restava do pequeno hotel, despertou de súbito ao perceber a extensão do estrago. Eu tropecei e poderia ter caído, se não fosse a mão firme da policial. Claro que sabia que a bomba tinha explodido, mas saber e ver o que tinha acontecido eram coisas totalmente diferentes.

Lá nos fundos, onde estacionei meu desafortunado carro alugado, a

devastação era mais impressionante. Nada mais tinha restado dele, exceto uma coluna de fumaça e um pouco de metal escurecido e retorcido. Um trio de bombeiros estava apagando as últimas chamas.

Os carros dos dois lados do meu estavam destruídos, quase totalmente como o meu. E a fachada do hotel estava escurecida, com a pintura queimada, janelas estouradas, portas soltas das dobradiças e vários bombeiros correndo para dentro e para fora dos quartos.

Por toda a calçada do estabelecimento, dos bombeiros até onde eu estava, havia destruição, variando de paredes estufadas a janelas e portas destroçadas. Já tinha visto estragos de bombas antes, no dia a dia do meu trabalho, mas isso era algo especial. E tudo para pegar o bom e velho Dexter? Alguém obviamente também pensou que eu era bem especial.

— Uau — eu disse.

A policial só balançou a cabeça e disse:

— Vamos.

Ao falar, me empurrou gentilmente para o outro lado, em direção ao escritório do hotel. Os caras do pronto-socorro tinham montando uma pequena área de triagem na frente da porta do escritório.

Como a maioria da sua laia, os paramédicos eram divertidos, alegres e eficientes. Eles me pouparam uma viagem até a lixeira ao remover minha camisa destruída e jogá-la em um grande saco plástico. Então um deles, uma mulher pequena e firme, com cabelos pretos curtos, examinou todos os meus cortes de forma rápida e detalhada. Ela tirou três ou quatro pequenos pedaços de vidro e passou antisséptico em todos os meus cortes.

— Estamos com poucos curativos pequenos esta noite, amigão — ela me disse. — Então você pode querer ficar sem camisa até os cortes começarem a cicatrizar — Ela sorriu. — Pra minha sorte você fica bem assim. Até parece um bombeiro — Ela me deu um tapinha no ombro como se eu tivesse me saído bem e me apressou para que ficasse em pé. — Você ficará bem — disse e prosseguiu para a próxima vítima da tragédia da noite.

A mesma policial estava me esperando, quando terminei meu tratamento de emergência.

— Pode responder algumas perguntas, senhor? — Ela me perguntou.

Nada do que tinha acontecido nos últimos vinte minutos tinha me deixado

menos cansado e, para piorar, cada uma das duas dúzias de pequenas perfurações que cobriam a frente do meu corpo agora latejava. Mas nenhuma dessas razões era uma desculpa aceitável para escapar de um interrogatório policial, como eu bem sabia. Então apenas balancei a cabeça exausto e disse:

— Sim, é claro.

Ela passou por um grupo padrão de perguntas, aquelas que eram sempre as mesmas. Elas foram projetadas para dois propósitos importantes: primeiro para que quando os detetives eventualmente se envolvessem no caso, pudessem ter a certeza de que as questões corretas, que eram aquelas mesmas, tinham sido feitas; o segundo propósito vital era garantir que os primeiros policiais no local, geralmente em uma viatura de ronda, não passassem por idiotas. Isso é importante porque a maioria dos detetives parece pensar que policiais de ronda de fato *são* idiotas. E, bem honestamente, algumas vezes eles são, mas, até aí, o mesmo pode ser dito dos detetives, como minha experiência recente provara com perfeição.

Minha inquiridora — seu distintivo dizia Poux, mas não oferecia nenhuma sugestão de como se pronunciava — parecia bem longe de ser idiota. Talvez o fato de ter um nome que era impossível de pronunciar corretamente fazia dela uma pessoa esperta. Ela cobriu as questões padrão, registrou minhas respostas em seu pequeno caderno de anotações com bastante vivacidade e impessoalidade, até que finalmente deixei escapar que tinha sido meu carro que explodiu. A essa altura, ela olhou a sua volta de uma maneira que eu chamaria de furtiva. Presumi que estava procurando por um superior, porém nenhum tinha chegado à cena ainda.

A policial Poux quase sorriu. Lambeu os lábios e retornou a atenção para mim com um olhar de concentração fervorosa tomando conta do seu rosto. Ela ainda estava no comando e tinha algo quente. Não havia perguntas padrão para isso e, se estragasse tudo, no mínimo gritariam com ela. Mas, se ela se saísse bem, poderia significar uma promoção e claramente a policial Poux não pretendia ficar em um uniforme liso azul para sempre, que, entre outras coisas, não favorecia em nada a imagem dela. Então começou a improvisar questões.

— Tem certeza de que era seu carro? — Ela exigiu saber.

— Sim. Hum, alugado, na verdade.

— Você *alugou* o carro? Desde quando?

Tentei lembrar quanto tempo tinha sido. Deixando de lado o fato de que estava exausto, tudo acontecera muito rápido e descobri ser quase impossível separar o passado recente em pedaços coerentes de dias e noites. Tudo parecia ter se misturado em uma massa de tempo simultâneo, encaroçada e congelada, como um daqueles insetos capturados em um globo de âmbar do que uma história bem ordenada. Mas juntei os pedaços e falei o que pensei ser a resposta certa, por mais impossível que parecesse.

— Ontem? — Falei finalmente. — É, acho que foi ontem.

Ela perguntou onde tinha alugado o carro, quem o alugou para mim, se eu o tinha deixado sem ninguém cuidando dele, e onde estivera quando o fiz. Respondi sinceramente e ela anotou tudo. E então hesitou, lambeu os lábios e talvez tenha pensado consigo mesma: *Isso pode me ajudar a me tornar detetive.*

— Existe alguém que, na sua opinião, possa querer matar você?

E ali estava, a última gota, o tijolo final na parede, aquela pequena cutucada que passa do ponto. Existia alguém que queria me matar? Em todo esse mundo violento, perverso e pecaminoso, sobrava alguém que *não queria*? Não conseguia pensar em nenhum caminho para começar, nenhum ponto de partida e o pensamento de começar a fazer uma lista completa era tão ridículo que olhei para ela por um momento... e comecei a gargalhar.

Eu não sinto de fato emoções reais, então gargalhar não era algo que vinha naturalmente ou com facilidade para mim. Na realidade, eu tinha passado boa parte da minha juventude aprendendo quando e como rir de forma apropriada. Tinha orgulho do resultado final, que soava digno, contido e natural e não se parecia em nada com aquele som que saía de mim — um tipo de barulho rachado, agudo e engasgado que soava como uma tosse sem fim de um tenor de segunda categoria. Mesmo se pudesse achar alguém que gostasse de mim, essa pessoa não teria dito que esse era um som atraente.

Mas continuava pondo para fora um interminável cacarejar asmático e não conseguia parar. A policial Poux apenas ficou vendo e esperou pacientemente até que eu parasse de gargalhar, por talvez meio minuto, e assim que comecei a reduzir a velocidade daquele som, ela endureceu seu rosto em uma imitação quase perfeita do olhar petrificado de policial que Deborah faz e tive que rir um pouco mais.

A policial Poux esperou apenas um pouco mais e então se virou. Pensei que

a tinha ofendido, o que parecia engraçado, mas ela voltou imediatamente com um dos médicos, não aquela que tratou de mim. Esse era um homem afrodescendente, de aproximadamente 35 anos, que parecia estar jogando na defesa do Pittsburgh Steelers. Ele andou diretamente para mim, olhou nos meus olhos, segurou meu punho, sentiu meu pulso e então virou-se para a policial Poux.

— Não sei — ele falou. — Na verdade não sou especialista em psiquiatria. — Ele encolheu os ombros. — Provavelmente é só o choque. Deixe rir até passar — E ele voltou para as vítimas com ferimentos mais interessantes.

A policial Poux observou o médico se afastar e então se virou de volta para mim e apenas olhou. Ela não parecia piscar e passava a impressão de que poderia esperar por quanto tempo fosse necessário. Isso se revelou não ser muito, uma vez que eu já estava me recuperando. Depois de apenas mais alguns segundos, fui capaz de tomar as rédeas de qualquer que fosse o espírito estranho que me levou àquele ataque violento de canto cacarejante. Respirei fundo, sorri de forma tranquilizadora para a policial Poux e disse:

— Me desculpe. É só que... é um pouco difícil de explicar.

Ela continuou me encarando por mais alguns segundos e então disse, como se nada tivesse acontecido:

— Pode pensar em alguém que, na sua opinião, poderia querer matar você?

— Sim, posso — falei, lutando contra uma pequena cócega de riso ressurgindo. — Na verdade é uma lista bem longa.

— Pode me dar alguns nomes, senhor?

— Bem, bem, bem — a voz veio de trás de mim. Era infelizmente um som bem familiar, com um tom que mantinha um desdém perpétuo e que dizia bem claramente “*brigão sem cérebro*” se aproximando. Era uma voz que eu realmente não queria ouvir atrás de mim sob qualquer circunstância, muito menos após meu carro explodir.

— Pra dizer a verdade — falei para ela —, aí vem um deles.

A policial Poux olhou por cima do meu ombro e passou a uma postura um pouco rígida de meio sentido e o dono da voz ficou visível.

— Detetive Anderson — eu disse. — Maravilhoso ver você novamente. Mas já não passou da sua hora de dormir?

— Oh, não perderia isso por nada — Ele olhava pra mim com uma expressão que só poderia ser descrita como de regozijo e, sem tirar seus olhos

dos meus, disse para Poux: — Algeme ele. E não precisa ser gentil.

— Qual a acusação, senhor? — A policial Poux disse.

Anderson girou de volta para ela.

— Sob a acusação de porque eu mandei — desdenhou. — Faça.

Poux ficou parada sem ação por um longo momento e pode ser que ela até faria o que Anderson mandou, mas ele não lhe deu a chance.

— Foda-se — ele rosnou e se inclinou para pegar as algemas dela. — Isso vai pro meu relatório — disse para ela já se virando para mim.

— Sim, senhor — ela retrucou. — Para o meu também.

Ele não hesitou por um segundo. Simplesmente me agarrou pelos ombros, me virou e puxou minhas mãos até o meio das minhas costas.

— Sabia que você ia aprontar alguma coisa — rosnou enquanto colocava as algemas em mim, bem apertadas. — Nunca deveria ter te deixado voltar para as ruas — Ele me deu um brutal empurrão final e então deu um passo para trás para desdenhar de mim de um lugar que eu pudesse vê-lo — Você simplesmente não consegue ficar longe de problemas, não é, bundão?

— Por que me daria ao trabalho? — Eu disse. — Você simplesmente inventaria alguma coisa para me perseguir — sorri. — Como agora. Quantos relatórios você vai ter que forjar para fazer isso colar, detetive? E quando você vai aprender a disfarçar a sua caligrafia?

Ele só me olhou por um momento. Então deu um passo para frente e me estapeou no rosto com a mão aberta, com força. Doeu. Foi forte o suficiente para escurecer o mundo e me fazer cambaleiar um passo para trás, e estava bem certo que tinha afrouxado um molar também. Mas eu me endireitei, sorri de novo e disse:

— Notei que você não me bateu antes de colocar as algemas.

O rosto dele escureceu e ele cerrou os punhos e os dentes e pensei que eu poderia ter ido longe demais. Mas antes que ele pudesse fazer mais alguma coisa, a policial Poux se colocou entre nós.

— Senhor! Isto é o suficiente! — Ela disse.

— Não é nem um pouco suficiente — Anderson respondeu. — Saia do meu caminho.

— Não, senhor — ela disse. E então virou para encará-lo. — E *isto* vai para o meu relatório também — Ela olhou para ele por vários segundos e então

acrescentou: — Senhor. — E não sou nem um pouco respeitoso.

— Coloque isto no seu relatório — Anderson disse em meio a dentes cerrados — e você será uma guardinha de trânsito pela manhã.

— É melhor do que isto — ela disse. — Guardinhas de trânsito têm *colhões* demais para atacar um homem algemado.

Eles ficaram frente a frente e se encararam por um momento e, então, assim que Anderson abriu sua boca, provavelmente para ameaçá-la um pouco mais, um dos outros policiais chamou:

— Ei, detetive? Os caras das bombas estão aqui — Anderson estremeceu umas duas vezes como se estivesse sendo arrastado simultaneamente em duas direções. Mas ele simplesmente disse a Poux:

— Ponha ele no meu carro — Ele se virou e saiu para falar com os caras das bombas.

A policial Poux observou-o se afastando e, quando estava a uma distância segura, virou-se para mim, de costas para o movimento dos policiais e especialistas em bombas, abriu minhas algemas, as tirou dos meus pulsos e disse:

— Suas mãos estão roxas. Sacuda elas um pouco; faça a circulação voltar.

As mãos em questão estavam mesmo um pouco roxas, o que não era uma surpresa, uma vez que quase ficaram dormentes. Eu as sacudi, flexionei e então levantei uma sobrancelha para a policial Poux.

Ela balançou a cabeça.

— Estique as mãos — ela disse. Eu o fiz e ela colocou as algemas de novo, mas com as mãos para frente dessa vez e bem mais soltas.

— Obrigado — disse educadamente.

— Só estou fazendo o meu trabalho — ela disse e, como isso era bem verdade, não falei mais nada. Mas antes de me colocar com cuidado no banco traseiro da viatura do Anderson, se inclinou para perto do meu ouvido e disse:

— Quando tem uma bomba, como esta — falou suavemente —, também é meu trabalho chamar os federais.

Olhei para ela com alguma surpresa.

— Você chamou? — Perguntei.

Ela me deu um sorriso bem breve e quase invisível.

— Chamei — sussurrou. E então, retomando seu papel de policial eficiente e firme como um prego, voltou a sua voz ao normal e disse: — Abaixei sua cabeça,

senhor — e ela me empurrou para dentro do carro e fechou a porta.

Eu a observei ir com certa dose de admiração. No mundo paranoico pós 11 de setembro, era de fato parte do trabalho dela alertar quantas autoridades federais fossem necessárias quando acontecesse algo que tivesse mesmo um leve cheiro de terrorismo — e, é claro, uma bomba sempre se qualificava como tal. Mas eu tinha visto casos em que o Departamento de Segurança Nacional, o FBI e a ATF<sup>[1]</sup> estavam todos lutando pela jurisdição de Miami-Dade, bem como o FDLE<sup>[2]</sup> e representantes de outras organizações governamentais que eram tão importantes que nem tinham um nome.

E normalmente, uma vez que os policiais locais realmente queriam ficar encarregados de algo que acontece no território deles, os primeiros a responder o chamado provavelmente esperariam a chegada de um superior, antes de ligar para os federais. É claro que isso pode desperdiçar um tempo precioso e até mesmo permitir que um suspeito fuja, mas, pelo menos, preserva direitos locais, possivelmente prevenindo outra guerra civil.

A policial Poux não tinha esperado. Ela tomara a iniciativa e fizera a coisa certa. E por acaso era a coisa que ia me salvar de outra passagem forçada pela prisão sem papelada e sem esperança de sair. Quando os federais chegassem, quaisquer suspeitos em custódia — nesse caso eu — seriam entregues para eles. E uma vez que os federais são um pouco mais cuidadosos sobre forjar documentos meramente por não gostar de alguém e já que, até o presente momento, eles não desgostavam de mim, era quase certo que eu seria solto e até com agilidade.

E tudo porque a policial Poux tinha feito a coisa certa. Era uma incrível e rara maravilha e decidi na hora que, se algum dia eu fosse comissário de polícia, minha primeira ordem seria promovê-la. Ela tinha ido bem além da sua vocação e tinha feito seu trabalho com louvor.

Observei a policial Poux conforme ela se afastava e voltava para o trabalho, pensando coisas gentis sobre ela. Como eu disse, de vez em quando, você realmente tem que dar aos policiais o crédito por um trabalho bem feito.

Fiquei sentado lá sem ser perturbado por um bom tempo — quase uma hora e meia, de acordo com o meu relógio que agora eu podia ver bem facilmente, graças à policial Poux. Nesse tempo todo ninguém me bateu, me ameaçou ou me xingou. Por outro lado, ninguém me trouxe um café e um *donut*. Fui deixado

inteiramente sozinho, livre para fazer qualquer coisa que quisesse, desde que pudesse ser feita algemado e trancado no banco de trás de um carro. Não é uma lista muito longa de atividades. Felizmente para mim, contudo, a lista incluía algo que eu queria muito: dormir.

Então dormi. Caí quase que imediatamente em um sono profundo, sem sonhos e não acordei até que ouvi alguém abrindo a porta do carro onde eu estava.

Abri meus olhos, esperando ver a policial Poux de novo e não me desapontei. Mas parados diretamente atrás dela estavam dois novos rostos. Não conhecia nenhum deles, porém quando a porta se abriu e Poux me ajudou a sair, virando meu rosto para os estranhos, só precisei de um olhar de relance para saber exatamente quem eram.

Um homem e uma mulher, com seus trinta anos, bem arrumados, com expressões que eram tão sérias quanto seus ternos quase idênticos e então foi quase anticlimático quando a mulher segurou um distintivo e disse:

— FBI. Agente especial Revis — Ela apontou para seu clone masculino. — Esse é o agente especial Blanton. Gostaríamos de fazer algumas perguntas.

Sorri agradecido para eles.

— Prazer em conhecê-los. Mas receio que não possa responder nenhuma questão enquanto meus direitos estão sendo violados — Só para me certificar de que o que eu queria dizer estava sendo compreendido, levantei meus pulsos acorrentados.

Os federais olharam um para o outro e então o homem — agente especial Blanton — olhou enigmáticamente para a Poux.

— Policial, esse homem está preso?

— Não, senhor, não até onde eu saiba — Poux disse.

— Ele é um perigo para si mesmo ou para outros? — Revis perguntou.

— Não acredito que seja — Poux disse com muito cuidado. — Não demonstrou sinais disso.

Os dois federais olharam um para o outro de novo e Blanton enrugou a testa e olhou de volta para Poux.

— Então por que ele está algemado?

Com uma das caras mais sérias que eu já vi, Poux disse:

— Senhor. O detetive encarregado me ordenou que algemasse esse homem.

Perguntei sob qual acusação e ele me respondeu que era sob a acusação de... — Então ela limpou a garganta e fez um esforço bem claro para manter a expressão neutra. — Que era sob a acusação de “porque eu mandei”.

— Ele disse isso? — Blanton disse suavemente.

— E daí você o algemou? — Revis disse.

— Não, senhora — Poux respondeu. — O detetive encarregado arrancou minhas algemas e ele mesmo o fez — Ela hesitou e então acrescentou: — Eu o realgemei depois.

— Por quê? — Revis disse.

— O detetive encarregado tinha feito isso de uma maneira que eu julgo agressiva, com as mãos desse homem atrás das costas e muito apertado, resultando em perda de circulação.

Todos se viraram e olharam para mim e Blanton franziu as sobrancelhas. Ele deu um passo à frente e olhou bem para o meu rosto, onde Anderson tinha me batido.

— A perda de circulação resultou também em uma contusão no rosto deste homem? — Ele perguntou.

Poux ficou absolutamente rígida, rosto e corpo, e permaneceu olhando diretamente para frente.

— Não, senhor — ela disse.

— Você tem algum conhecimento sobre o que *de fato* causou essa contusão? — Revis demandou.

— Sim, senhora.

Blanton suspirou e encarou Poux.

— Está disposta a compartilhar essa informação, policial... — Ele franziu a testa e olhou para o distintivo da Poux. — Policial Powks?

— Pronuncia-se “Pooh”, senhor — ela disse, imóvel.

— O seu primeiro nome não é Ursinho, é? — Revis disse com ironia.

— Melanie — ela respondeu.

— Que pena — Revis resmungou.

— Policial *Pooh* — Blanton disse com firmeza. — Como esse homem conseguiu essa marca no rosto?

— O detetive encarregado bateu nele, senhor — Poux disse. — Depois de colocar as algemas — Ela parecia tão absolutamente ereta e militar que eu tive

que me segurar para não assobiar o hino nacional.

Blanton fechou os olhos e suspirou. Revis meramente disse:

— Acho que você pode tirar as algemas dele, Poux.

Poux andou com precisão até mim e eu levantei meus pulsos. Ela destravou as algemas e, um momento antes de se virar, pisquei para ela. Ela não piscou de volta.

— Obrigada, policial Poux — Revis disse. — Você pode voltar para o seu trabalho.

Poux marchou para longe e eu dei um passo à frente para o espaço onde ela estava.

— Prazer em conhecê-los — falei para Revis assim que ela virou para me olhar. — Meu nome é Dexter Morgan.

— Estaria disposto a responder algumas questões, sr. Morgan? — Ela disse.

— É claro — eu disse.

Eles me conduziram à pequena e sombria recepção do hotel. Era longe o suficiente da explosão a ponto de não ter sido danificada. Considerando o estado de podridão do mobiliário velho, isso não era nem crível ou fortuito. O casal de velhos que administrava o lugar tinha desligado a televisão. Ele sentou em uma cadeira muito mofada com uma expressão no rosto que deve ter aprendido com Edvard Munch, enquanto ela se apressava para lá e para cá com um bule de café e uma pilha de copos descartáveis.

Havia um pequeno sofá que não era totalmente repugnante e Revis me direcionou para ele. Ela se sentou na minha frente em uma cadeira de madeira de encosto reto. O parceiro dela, Blanton, ficou de pé atrás, à esquerda, claramente a deixando na liderança.

— Foi o seu carro que explodiu, sr. Morgan? — Ela perguntou.

— Alugado — respondi com um sorriso discreto.

Por melhor que fosse, o sorriso não tinha funcionado, a julgar pela próxima questão dela.

— Você explodiu seu carro alugado, sr. Morgan?

— Não.

Ela só assentiu.

— O detetive pensa que você o fez.

— Sim, ele diria isso.

— Aquela era uma bomba bem grande, sr. Morgan — ela disse. — Quem a colocou lá?

— Não sei — E sendo totalmente honesto, eu realmente *não sabia*. Eu tinha alguns bons palpites, mas nenhum era do interesse do FBI. É claro que pensavam que era.

— Se tivesse que adivinhar, quem você *acha* que o fez? — Ela insistiu.

— Bem, é um carro alugado. O alvo pode ser a última pessoa que o dirigiu. Ou mesmo, você sabe. Algum tipo de engano.

— Um engano — Blanton disse com um ceticismo afiado. — Alguém colocou uma bomba como aquela no carro errado?

Encolhi os ombros.

— Acontece. Aqui é Miami.

— Sr. Morgan — Revis disse — isso é um pouco difícil de acreditar, não? — Ela levantou uma sobrancelha. — Mesmo em Miami.

— Uns dois anos atrás, a apenas alguns quilômetros daqui, um homem foi morto por um pedaço de dejetos congelados que caíram de um avião de passagem e perfuraram o telhado dele — eu disse.

— Por que o detetive bateu em você? — Blanton disse abruptamente.

— Ele não gosta de mim.

Blanton só olhou para mim, mas Revis rosou e disse:

— Este foi o *meu* primeiro palpite.

— Você sabe *por que* ele não gosta de você? — Blanton disse — Ou isso são mais dejetos congelados?

Eu hesitei. Suponho que um ser humano de verdade teria mergulhado direto em um conto longo e cheio de reviravoltas, cheio de confidências em resposta direta à integridade dos dois agentes federais e do nobre sistema que representam. Infelizmente, eu era mais esperto que isso. Todo mundo tem um motivo secreto e ele nunca, nunca, *nunca* é o que parece — razão pela qual, é claro, esse é um motivo *secreto*. Revis e Blanton podem decidir ajudar Anderson com o fim de garantir uma melhor cooperação local, o que apareceria no relatório mensal e causaria um aumento de orçamento, resultando em paradas para o café mais longas para o escritório todo. Não havia como saber. Também não havia como saber se dizer a eles era uma coisa boa.

— Sr. Morgan? — Revis impeliu.

Olhei para ela e então para Blanton, o parceiro dela. Eles certamente *pareciam* francos e íntegros. Eu também, é claro, e todos nós sabemos o quanto isso vale. Mas de vez em quando você fica sem opções lógicas e razoáveis e simplesmente tem que engolir seco, cruzar os dedos e dizer a verdade.

Então o fiz. Conteí toda a história triste de enganos, traições, malícia e inaptidão hedionda. Acredite ou não, eu realmente conteí praticamente como aconteceu, com apenas uma ou duas pequenas mudanças para dar ênfase e um par de pausas bem cronometradas, principalmente quando falei sobre a morte da Rita, momento em que limpei minha garganta. Eu tinha aprendido, assistindo à programação vespertina da TV, que limpar a garganta é algo que os caras machos fazem para mostrar que estão lutando contra as emoções. Eu achei que era um maravilhoso atalho, uma vez que limpar minha garganta era muito mais fácil do que fazer todas aquelas caras trágicas.

Revis e Blanton só me observaram, aparentemente ouvindo com atenção. Quando terminei, eles olharam um para o outro e ficaram se encarando por um tempo embaraçosamente longo. Nenhum deles disse uma palavra, mas eles aparentemente tiveram uma conversa completa, porque eventualmente ela virou para mim e disse:

— Nós provavelmente precisaremos fazer mais algumas questões depois. Onde você ficará hospedado?

Acredite ou não, essa foi a primeira vez que passou pela minha cabeça que não tinha para onde ir. O que não era totalmente ruim, uma vez que eu também não tinha meios para chegar lá.

— Hum — eu disse. — Não sei. Posso ligar quando encontrar outro hotel?

Revis me deu o cartão dela. Era bem simpático, com um logo do FBI em relevo e tudo mais. Ela anotou meu celular, teve mais uma conversa silenciosa e rápida com Blanton e então acenou para mim.

— Você pode ir.

## CAPÍTULO 16



**POR VÁRIOS MINUTOS, DEPOIS Q UE OS DOIS AGENTES DO FBI SE FORAM**, fiquei apenas sentado no sofá em ruínas da recepção do hotel, cansado até os ossos, sem energia para fazer qualquer esforço maior do que piscar os olhos. Algumas poucas horas atrás já me sentira abatido e exausto por causa da enorme quantidade de coisas que tinha acontecido — e, desde então, descobrira que “uma enorme quantidade de coisas acontecendo” *realmente* significava algo. Mas com a explosão da bomba, a conseqüente destruição do meu meio de transporte e com Anderson me batendo e me algemando de forma selvagem na seqüência, pensei que poderia dizer com propriedade: *agora uma enorme quantidade de coisas realmente tinha acontecido*.

E tudo isso apontava para minha cabeça praticamente inocente. Era quase o suficiente para me fazer acreditar em um Deus mesquinho, vingativo e malvado que investiu muito tempo e esforço escolhendo alguém que realmente não merecia aquilo. Nesse tipo de Deus eu podia acreditar. Pelo menos isso explicaria o histórico recente do Dexter, que estava começando a parecer desagradável de forma sobrenatural.

Pensei sobre esse incidente que era de uma injustiça descarada. Uma bomba. Apesar do que eu tinha dito aos federais sobre coincidência, é claro que estava certo de que esse não era o caso. Eu tinha muitos inimigos reais para ser uma mera coincidência. Qual deles era desta vez? Não era um mistério terrível. Excluí a Debs de cara; ela era muito exacerbada com as pequenas coisas, como legalidade e danos colaterais. Anderson certamente teria feito isso se fosse capaz de descobrir qual lado da bomba deveria segurar, mas não acreditei nem por um segundo que fosse ele. Estava se divertindo demais me chicoteando com o seu sistema jurídico personalizado. E, após eliminá-lo, realmente não sobrava

nenhuma dúvida de que foram os velhos amiguinhos do Brian: Raul e associados. A única questão era como tinham me achado.

Quanto mais pensava sobre isso, mais importante parecia. De verdade, eu não queria que eles me encontrassem de novo. Com certeza fariam um trabalho mais cuidadoso na próxima vez.

Antes de tudo, entretanto, tinha que avisar Brian do que tinha acontecido. Era bem possível que eles o achassem também e acho que seria melhor se soubesse dessa possibilidade. Afinal, ele era a única pessoa que parecia estar realmente do meu lado — a menos que eu contasse com a oficial Poux, o que provavelmente seria um pequeno exagero.

Então procurei no bolso meu telefone — e, é claro, não estava com ele. Tinha sido magicamente substituído por um pequeno cartão com tinta bem vermelha — o cartão do Kraunauer e o número do seu celular particular, o qual eu poderia usar a qualquer hora. Uma bomba no meu carro e a subsequente brutalidade policial pareciam o tipo de coisa que ele gostaria de saber e devia ligar para ele, exceto pelo fato de que não tinha um telefone.

Pensando bem, ainda nem tinha uma camisa. Ambos os itens estariam disponíveis em abundância se de alguma forma eu fosse capaz de viajar todos aqueles metros exaustivos que separavam a recepção do meu quarto. Parecia bem mais longe do que era antes, mas não tinha muita escolha.

Então levantei meu ser exausto, abatido, ferido e estapeado do velho sofá e cambaleei bravamente até a porta da recepção e pelo caminho em direção ao lugar que antes era meu quarto. Ai de mim que não era mais meu. Um outro policial uniformizado me informou com educação, mas com firmeza, que não, eu não poderia entrar até que os técnicos forenses tivessem acabado, nem mesmo para resgatar meu telefone. Estava muito cansado para fazer qualquer coisa além de piscar ressentido para ele algumas vezes e isso pareceu não ter efeito. Você simplesmente não consegue demonstrar um ressentimento de qualidade e bem afiado piscando os olhos.

E agora o quê? Não podia pensar em mais nenhum lugar para ir, a menos que retornasse para o banco traseiro do carro do Anderson ou para aquele temeroso sofazinho na recepção. Acredite ou não, o sofá era tão desconfortável, velho e repulsivo que eu pensei no assunto por um minuto. Mas não importava o quanto ele estivesse longe das normas estabelecidas para mobílias civilizadas,

pelo menos o sofá não era conectado de forma alguma com Anderson. Eu marchei de volta para ele.

Enquanto marchava, tentei pensar em uma maneira de ligar para Brian sem meu telefone. Parece estúpido, mas tenho que admitir que o celular, aquele dispositivo pessoal onipresente que abrange quase tudo, se tornou tão importante para todos nós que não conseguimos imaginar nossa vida sem ele; e a maioria de nós não é capaz de completar as tarefas mais simples a menos que esteja segurando nosso melhor amigo tecnológico em nossas mãos. Sem ele, não podemos escrever para ninguém, verificar o tempo ou saber o que devemos fazer a seguir, descobrir onde estamos e como saímos dali, pagar as contas, comparecer a compromissos, pegar um voo — nada mesmo. Ele tomou conta de praticamente quase todos os aspectos das nossas vidas. E, às vezes, quando de fato queremos fazer uma ligação, nossos telefones podem fazer até isso. Substituíram uma valise inteira cheia de outros equipamentos e não é mais possível nem pensar em viver sem um.

Então, só depois de andar todo o caminho até a recepção e permitir às almofadas do sofá me sugarem para dentro do seu aperto vil que pensei em um modo engenhoso e fora do comum de contatar Brian. Em nome da sinceridade absoluta, preciso admitir que não *pensei* de fato nisso; a verdade é que o antiquado e surrado telefone fixo da recepção do hotel tocou. Me virei para seguir o som, vi o dispositivo arcaico e pensei: *a-há, lembrei para que essas coisas servem*.

O telefone tocou por quase um minuto e ninguém atendeu. O velho tinha desaparecido e a velha só estava visível na sala dos fundos se balançando para frente e para trás com muita energia em uma cadeira de balanço. Ela não fez movimento algum para pegar o telefone e, então, quando a coisa tinha parado de tocar, me levantei e fui até ela.

Minha memória é uma coisa maravilhosa e eu estava razoavelmente certo de que sabia o número do Brian, então disquei com calma e confiança. Tocou várias vezes e então uma macia voz masculina que eu não reconhecia disse:

— Sim?

— Desculpe — disse, pensando o mais rápido que podia considerando meu estado de colapso. — É da loja de tapetes dos irmãos Atwater?

Depois de uma leve hesitação, uma resposta veio, mas em uma voz

completamente diferente:

— Mano — Brian disse. — Não reconheci seu número. De onde você está ligando?

— Da recepção do hotel — eu disse. — Meu telefone está sendo examinado por técnicos forenses neste momento.

— Sério? Posso perguntar por quê?

Contei para ele em termos curtos e simples. Ele soltou um assobio longo.

— Receava isso — ele disse.

Por um momento fiquei sem palavras. *Receava* isso? Quer dizer que ele pensava que isso poderia acontecer e tinha decidido não me alertar?

— Você receava? — Eu disse, afinal.

— Lembra que eu liguei? — Ele falou e é claro que não tinha nem mesmo um pequeno traço de culpa na voz dele. — Eu planejava contar, mas você choramingou dizendo que estava cansado.

Isso era quase verdade.

— Tudo bem — eu disse esgotado. — O que você pretendia me contar?

— Recebi um aviso de que um certo associado do Raul tinha chegado na cidade.

— Um associado — Relembrei o que Brian tinha me dito sobre a luta épica entre Raul e seu rival, o Santo. — Esse associado por acaso seria aquele que explodiu o *Red Saint*?

— Exatamente, o mesmo — ele falou em um tom bem feliz por eu ter me lembrado.

— E quando você pretendia me contar essa notícia excitante?

— Na verdade, pensei em esperar até o café da manhã. Presumi que eu era o alvo.

— Aparentemente você estava errado.

— É o que parece — ele disse com um bom humor fabuloso e completamente injustificado.

Por um momento, fiquei parado com meus olhos fechados, deixando as ondas de fadiga passarem por mim.

— Preciso sair daqui — eu disse. — E meu carro não vai a lugar algum. Você pode vir me buscar?

— Beeeeeem — ele respondeu. — Esse pode não ser o caminho mais

inteligente a se seguir agora. Devo supor que eles estão observando você e torcendo para que eu faça exatamente isso.

Realmente era verdade. Não importava o quão egoísta pensei que fosse e o quão contrário a tudo que era decente para o Dexter, mas não pude negar que seria um pouco estúpido para ele vir me buscar. Era quase certo que os homens de Raul estavam observando.

— Suponho que você esteja certo.

— Sim — Brian respondeu. — Mas isso é perturbador. De alguma forma eles acharam você primeiro. Alguma ideia de como fizeram?

— Brian, eu acabei de ser bombardeado, perfurado com lâminas de vidro, estapeado... e eu estou exausto. Não consigo elaborar ideias e conclusões neste momento.

— Claro que não, coitadinho — ele falou, destilando uma falsa simpatia que ainda parecia muito com satisfação. — Durma um pouco. Nos falamos pela manhã. — E ele desligou sem esperar que eu me despedisse. Possivelmente pensou que eu desejaria dizer algumas outras coisas antes, de natureza mais pessoal e antagonista. Afinal, qualquer pessoa razoável teria dito que isso era tudo culpa dele. E, possivelmente, eu teria dito mais, mas ele desligou e mesmo esse pequeno conforto me foi negado.

Devolvi o velho telefone ao seu berço esplêndido, maravilhado com o encaixe perfeito. Diga o que quiser sobre a tecnologia moderna, as pessoas de antigamente sabiam como construir coisas que *funcionavam*. E então, ainda olhando para o telefone, pensei: *Kraunauer*. Tirei o cartão dele do meu bolso, alisando com cuidado um pequeno vinco. Peguei o telefone de novo e disquei.

Kraunauer atendeu no segundo toque, o que era bom. Mas o jeito que ele me respondeu me pegou de surpresa.

— *Se hace?* — Disse com seu sotaque maravilhosamente mexicano.

Por um segundo imaginei se esse telefone velho tinha feito algum tipo de erro e dado a ele uma identificação errada de chamada. Mas então me lembrei que se tratava, afinal, de uma antiguidade e que Brian também não soubera quem estava ligando.

— É o Dexter Morgan. Estou ligando da recepção do hotel.

Por um momento ele ficou em silêncio, pela primeira vez desde que comecei a lidar com ele.

— Oh, isso é... ah — finalmente ele disse. — Bem, então, eu ... e está tudo bem com você?

— Estou um pouco acabado. Alguém colocou uma bomba bem grande no meu carro.

— O quê?! Presumo que você não estava dentro do carro quando detonou?

— Não estava, ou estaria consideravelmente *mais* acabado.

— É claro que estaria — ele disse. Por alguma razão não parecia demonstrar sua eloquência de costume. Talvez fosse o adiantado da hora. — Bem, então, hã, a polícia está aí?

— Está. E o FBI. Hum... a polícia está representada pelo detetive Anderson.

— Ah — ele respondeu. — Esse é o mesmo policial que está lhe causando problemas, certo?

— É. Ele me acusou de colocar a bomba no meu próprio carro e me estapeou. Com bastante força, inclusive.

— Tem alguma testemunha? — Ele falou e sua voz pareceu repentinamente mais afiada, mais alerta.

— Outra policial, uma guarda. Oficial Poux... Melanie Poux.

— Bem, droga, nunca conseguiremos que ela testemunhe contra outro policial.

— Talvez possa. Ela deixou os federais tirarem isso dela.

— Deixou! — Ele exclamou. Parecia ter se deliciado. — Bem, então. Podemos ter algo aí. O testemunho de um agente do FBI é o melhor que se pode conseguir. Podemos ter algo. Oh... eles não acham que você explodiu seu próprio carro alugado, acham?

— Acredito que não.

Kraunauer deu uma risadinha.

— Bem, bem — ele disse. — Bem, acredite ou não, essa foi uma sorte grande.

— Não me parece isso no momento.

— Não, mas parecerá. A história da bomba estará em todos os jornais amanhã e quando eles descobrirem que *você* é a vítima em questão... não, não, isso é excelente! Podemos usar isso para conseguir alguma sensibilização da opinião pública... pode ser uma verdadeira virada de jogo.

— Sério?

— Absolutamente. Não se engane, sr. Morgan. Nove entre dez casos são vencidos na mídia, antes mesmo de os envolvidos se encontrarem com um juiz. E se nós avançarmos com isso... odeio me repetir, mas é realmente uma sorte grande.

— Oh, bem, bom — eu disse. E apesar de estar bem ciente de que eu precisava manter meu senso de respeito quando falava com Kraunauer, estava repentinamente abatido pela fadiga e bocejei. — Me desculpe.

— Perfeitamente normal, você deve estar exausto — ele disse alegre. — Vá dormir um pouco e conversamos pela manhã. Ah... — a voz dele ficou mais lenta e de repente soou mais casual. — Onde você está hospedado?

— Não sei ainda. Vou procurar outro hotel em algum lugar.

— É claro. Tudo certo — ele disse, todo profissional novamente. — Durma um pouco e me ligue amanhã.

— Tudo bem.

— Boa noite — ele se despediu animado e desligou.

Pensei sobre o conselho excelente dele: dormir. O conceito como um todo estava começando a tomar proporções míticas. Tinha começado a parecer algo que apenas os heróis épicos podiam fazer; com certeza eu não seria capaz de fazê-lo. Ainda não estava tão cansado que me arriscaria a dormir ali, na recepção, cercado pelo Anderson e por loucos com bombas e por cortinas esfarrapadas horríveis.

Um mero repouso não era mais o suficiente e, de qualquer forma, não achava que eu poderia encarar o sofá novamente. Então fiz a única coisa que podia, a última escolha patética que me foi deixada nesse mundo de dor e de opções escassas. Saí da recepção e esperei em frente ao que, em algum momento, fora o meu quarto, parado em um torpor bovino até que os técnicos finalmente terminassem. Então entrei e coloquei uma camisa, peguei meus poucos pertences deprimentes e usei meu telefone para chamar um táxi.

## CAPÍTULO 17



**NO MEIO TEMPO ENTRE A MINHA LIGAÇÃO E O TÁXI APARECER PARA** me pegar, tinha usado meu telefone para achar outro hotel, a apenas alguns quilômetros desse. Mas no último segundo, assim que abri minha boca para dar o endereço ao motorista, um último fiapo de consciência acenou uma bandeira vermelha de alerta e em vez disso falei para me levar para o aeroporto. Isso significaria uma hora ou mais de tempo dolorosamente acordado, mas também poderia dificultar um pouco para os bandidos me acharem.

No aeroporto decidi manter o jogo por mais um tempo. Entrei e vaguei por alguns minutos e não visualizei ninguém me seguindo. Fiz o circuito todo do trem interno do aeroporto duas vezes, entrando e saindo aleatoriamente até estar bem certo de que não tinha ninguém atrás de mim. Peguei um transporte até o hotel em Coral Gables, peguei outro táxi lá e terminei em um pequeno hotel em Homestead, me restando forças que mal eram o suficiente para cambalear até o meu quarto no terceiro andar e desabar na cama, ainda completamente vestido.

Esta cama, pelo menos, parecia bem firme e, então, quando abro um olho vejo o relógio piscando na cômoda 11h53. O que não parecia possível, já tinha passado muito da meia-noite quando caí na cama. Como poderiam *faltar* sete minutos para as 12h agora? Fechei meus olhos de novo e tentei pensar, o que era ainda mais difícil do que fora anteriormente. Apenas por um instante pensei que tinha voltado no tempo. Passei alguns momentos agradáveis pensando no que deveria dizer para mim mesmo quando me visse entrando novamente pela porta do quarto do hotel. Mas então abri os olhos de novo e notei a fresta brilhante de luz rompendo por baixo das cortinas pesadas e pensei: *Aha! É de dia. Dormi a noite toda e mais um pouco! O sol já se levantou. Isso explica tudo.* Ainda assim, foi um pouco decepcionante. Estava esperançoso em ter uma conversa com

alguém que sabia ser um interlocutor brilhante: eu mesmo.

Rolei e me sentei. Tudo doía. Meu corpo todo estava dolorido como se tivesse lutado por dez *rounds* com o campeão dos pesos-pesados. Além disso tudo, cada uma das duas dúzias de perfurações causadas pelas farpas de vidro estava doendo, minha cabeça latejava, meu queixo doía onde Anderson tinha me acertado e tinha uma câibra na sola do meu pé esquerdo. Se me esforcei muito para achar um lado positivo? Eu estava vivo! Isso era o melhor que eu podia pensar, mas, naquele momento, não parecia motivo real para nenhuma comemoração.

Olhei de novo para o relógio: 11h55. Pelo menos o tempo estava se comportando apropriadamente e seguindo para *frente*. Saí lentamente com cuidado da cama. Era uma experiência tão dolorosa que eu só fiquei lá parado por um minuto, esperando que minha circulação começasse a levar um pouco da dor e da aflição. Meu pé gradualmente se sentiu um pouco melhor, mas foi só isso.

Ainda assim, eu estava, de fato, vivo e isso demandou certo trabalho. Pensei em dar uns tapinhas nas minhas próprias costas, mas decidi que estava muito dolorido. Olhei em volta do quarto, imaginando que outro milagre poderia se realizar a seguir. Tinha uma pequena cafeteira individual na mesa. Ali parecia um bom lugar para começar.

O café começou a coar e assim que a primeira brisa com aroma de café fresco acariciou meu nariz, uma ou duas sinapses devem ter pegado no tranco, porque me lembrei do que Kraunauer dissera: *a história da bomba estará em todos os noticiários*. Olhei para o relógio de novo. Agora eram 12h09. Miami é abençoada (ou amaldiçoada, dependendo da sua atitude) com vários canais jornalísticos bem ativos que transmitiam, cada qual, um programa de *Notícias do Meio-dia*. Liguei a TV que estava ao lado da cafeteira e mudei para o canal cujos repórteres tinham o melhor penteado.

A última pessoa que ocupou esse quarto era claramente surda, porque a TV começou a gritar em um volume ameaçador à própria vida. Corri para abaixar, bem a tempo para ouvir uma loira de tirar o fôlego dizendo:

— ... O que as autoridades estão alegando ser uma tentativa de assassinato deliberada deste homem...

Uma fotografia terrível e que não fazia jus a mim apareceu atrás da loira.

— Dexter Morgan — ela continuou —, que recentemente foi preso acusado de homicídio múltiplo e de molestar a enteada — E, é claro, ela tinha que dizer isso em um tom de voz bem acusador, uma vez que havia pedofilia no caso. Mesmo assim, era um momento maravilhosamente surreal me ver na TV daquele jeito, apesar do fato de que eu realmente não estava no meu melhor ângulo naquela fotografia. Mas se você não se ama, ninguém mais o amará, então admirei minhas feições por um instante e perdi o que estava sendo dito, até que eu me sintonizasse de volta. — ...O renomado advogado criminal Frank Kraunauer disse para o nosso Matt Laredo que o cliente dele era completamente inocente e ainda estava sendo assediado pela polícia.

A foto mudou para um retrato do Frank Kraunauer. Ele parecia bem melhor na foto do que eu. Na verdade, ele parecia magnífico: bravo, ao mesmo tempo sereno, inteligente, formidável e com cada fio de cabelo perfeitamente alinhado, o que é muito importante para todos esses noticiários vespertinos.

— Não existe mais dúvida que o sr. Morgan está sendo assediado — ele disse. — Desde o início, as evidências têm sido manipuladas ou até fabricadas. Meu cliente foi falsamente acusado, enjaulado de forma injusta e inapropriada e até fisicamente agredido por um membro da força policial de Miami-Dade.

Uma voz sincera de tenor cortou e a câmera virou para o repórter, Matt Laredo, um rapaz jovem com um cabelo maravilhoso castanho e um olhar bem sério.

— Sr. Kraunauer, o senhor quer que acreditemos que o seu cliente foi agredido por um *policia*l?

De volta para Kraunauer.

— Ele entrou em custódia policial na noite passada sem ferimentos e saiu da custódia com um grande machucado no rosto. — Ele exibiu para o repórter um sorriso sarcástico, um que eu não tinha visto antes, subindo o seu acervo para um total de oito grandes sorrisos falsos. Estava tão assoberbado pela admiração que quase perdi o que ele estava dizendo. — Sem dúvida a polícia lhe dirá que ele mesmo se bateu. Esse é o mesmo policial trapaceiro que ameaçou a vida do meu cliente.

Matt Laredo saltou na fala dele:

— Onde está o seu cliente agora? Podemos falar com ele?

Kraunauer lhe deu um olhar de dó.

— Não, é claro que não. O sr. Morgan sente que não é seguro para ele mostrar o rosto, e eu concordo — Kraunauer fez uma pausa, um intervalo perfeito de dois segundos para potencializar o efeito dramático. — A vida do sr. Morgan foi ameaçada. Por um *policia*. E depois *alguém*... colocou uma bomba no carro dele.

O rosto de Matt Laredo ocupou a tela toda com uma expressão maravilhosamente talhada com um misto de admiração duvidosa e choque. Bom penteado e boa atuação, o garoto tinha potencial para estar numa rede nacional.

— Sr. Kraunauer — Laredo continuou —, o senhor está nos pedindo para acreditar que um membro da *policia* plantou a bomba?

De volta para Kraunauer, que deixava Laredo comendo poeira em termos de expressividade, com um semblante soberbo de divertimento cínico, combinado com nojo e raiva pelo ultraje.

— Tire suas próprias conclusões — disse de forma sinistra. — Não faço acusações, mas ameaças foram feitas e então uma bomba surgiu e seria muito conveniente para certos membros do Departamento de Polícia se Dexter Morgan não fosse mais capaz de testemunhar contra eles.

A câmara saltou para Matt Laredo, parado no meu hotel anterior, com meu carro explodido em ruínas atrás dele.

— Anita, parece que um suposto homicídio múltiplo está se transformando em um caso épico de corrupção policial e ocultação, o que levanta a pergunta: até onde isso vai? E o quanto podemos confiar que nossos policiais estão fazendo seu trabalho com justiça e honestidade? Com ou sem insinuações de Frank Kraunauer, repentinamente nos deparamos com grandes questões... e bem poucas respostas.

Três segundos inteiros com Matt Laredo com uma seriedade nobre e de volta para a loira de tirar o fôlego no estúdio.

— Obrigada, Matt. E as autoridades federais agora entrevistaram no caso, apesar de não se ter suspeita de terrorismo até esse momento, dando a nítida impressão de que o FBI não confia na Polícia de Miami-Dade também.

A foto atrás dela mudou para uma tomada aérea de um grupo de baleias e a loira foi direto para ela, sem perder o ritmo.

— Outra tragédia nas praias do sul da Flórida, onde onze baleias-piloto estão encaalhadas próximas à região de Everglades. Debbie Schulz está no local.

Mesmo com Debbie Schultz em cena, era difícil ficar abalado com os trágicos apuros de algumas baleias, quando o pobre Dexter estava desgrenhado com tantos problemas terríveis. Desliguei a TV. É claro que isso significou que não poderia mais admirar o cabelo de Debbie. Ele podia até estar esvoaçando com uma leve brisa e esse era sempre um momento maravilhoso no noticiário. Mas talvez eu poderia pentear meu próprio cabelo em vez disso. Além do que, o café estava pronto. Enquanto tomava um gole, me esforcei para não me vangloriar, mas permiti que alguns breves e leves sorrisos escapassem mesmo assim. Kraunauer fizera um trabalho maravilhoso. Ele valia cada centavo que eu não estava pagando para ele. Ele fez até *eu* acreditar que era uma pobre vítima inocente de uma força policial maligna e corrupta. E é claro que eu era, pelo menos nesse caso, mas eu nunca teria ousado sugerir isso se não fosse por Kraunauer.

O café fez o seu trabalho também e eu estava quase na velocidade normal quando meu telefone começou a piar. Olhei para ele; a ligação era do Vince Masuoka. Peguei o telefone e atendi.

— Oi, Vince.

— Dexter, meu Deus! Você está bem? — Ele falou com uma voz próxima da histeria. — Quero dizer, sei que você deve estar, porque... mas que diabos! Uma *bomba*! Foi o que o noticiário disse? E você está... quero dizer, você está? O.k, quero dizer...

A recente explosão de Vince ao telefone tinha sido tão delirante que poderia ser definida como um ataque de nervos, mas deduzo que ele tenha visto algo nos noticiários similar ao que eu vira, o que justifica sua reação.

— Estou bem, Vince, sério, só alguns arranhões.

— Oh, meu *Deus*, mas você podia ter sido *assassinado*!

— Acho que essa era a ideia — eu disse, mas ele já estava me atropelando.

— Jesus, Dexter... uma *bomba*?! E eles simplesmente... quero dizer, quem faria isso? Com você, quero dizer.

— Não sei, mas o FBI está cuidado disso agora. Eles tiraram o caso do Anderson.

— Anderson? — Ele disse, soando mais alarmado — Mas esse é... Anderson é... — ele abaixou a voz quase na altura de um sussurro e acrescentou: — Dexter, você acha que *Anderson* pode ter... quero dizer — disse passando

completamente para o sussurro —, eu o peguei lendo o meu e-mail.

É sempre maravilhoso testemunhar a agilidade emocional que algumas pessoas com sentimentos de verdade podem ter e Vince tinha acabado de realizar uma verdadeira acrobacia, saindo da preocupação pela minha vida diretamente para um problema mesquinho que ele estava tendo no serviço, tudo sem perder o ritmo. Mas, além disso, aquilo era interessante por outro aspecto. Anderson? *Hackeando?*

— Vince, isso não é possível. Anderson mal sabe usar o telefone.

— Tenho certeza disso, Dexter. Escrevi uma mensagem para a minha mãe, falando da minha ida à casa dela na Páscoa. E então Anderson vem até mim e diz “O que o faz pensar que você ainda estará *vivo* na Páscoa, Masookoh?”. Ele me chama de Masookoh! — Ele acrescentou, caso eu quisesse lembrá-lo de que aquele não era o nome dele.

— Oh — Eu falei. Com certeza soava como se Anderson estivesse, de fato, lendo o e-mail do Vince. — Ele deve ter tido alguma ajuda técnica.

— Eu sei, mas pode ser qualquer um — Vince disse. — Dexter, essa coisa é simplesmente louca... é como se *todo mundo* estivesse nisso de repente, e eu... eu quero dizer, isso é totalmente *sufocante*...

Vince soava como se estivesse prestes a chorar, o que teria sido um pouco demais para mim, então tentei acalmá-lo.

— Está quase no fim, Vince. Tudo está encontrando seu caminho agora. Então só aguento firme por alguns dias.

— ... Dias, mas Dexter. Quero dizer, está simplesmente uma *loucura* aqui.

Houve mais, mas eu o acalmei eventualmente. Disse a ele que era um bom garoto e que fizera uma coisa boa. Completei dizendo que apenas coisas boas aconteceriam com ele e curiosamente ele começou a acreditar. Então disse que eu tinha que ir e prometi ligar e informá-lo do que estava acontecendo. Então guardei o telefone, com câimbras no meu pescoço e com uma orelha dolorida. Anderson estava se tornando um problema ainda maior, o que dificilmente parecia possível — ou justo, nesse caso. Se esse realmente era um universo racional e bem ordenado, já não seria o suficiente alguém estar sendo seguido por um bando de assassinos de aluguel e quase ser explodido por uma bomba enorme? Quero dizer, qual era a razão de acrescentar a perseguição de Anderson nisso tudo? De fato, parecia uma mesquinha do universo, como cortar a perna

de alguém e então dizer: “Você é feio também!”.

Pensei um pouco sobre fazer *algo* a Anderson, mas percebi rapidamente que estava mais fantasiando do que planejando. Ele era um problema, sim, mas não tão urgente quanto os outros. Poderia me preocupar com Anderson se desse um jeito de ficar vivo por mais alguns dias.

Peguei o telefone e liguei para Brian. Ele respondeu imediatamente, mas em vez de alô, disse:

— A primeira página do *Herald*, principal história na TV e ainda assim você me liga? Estou tão feliz que você não tenha esquecido das pessoinhas normais, agora que é famoso...

— A fama tem seu preço. Aquela era uma foto terrível.

— Era — ele concordou. — Mas infelizmente é boa o suficiente para ajudar meus ex-amigos a identificarem você.

— Não acho que eles precisem de ajuda.

— Talvez não e talvez o telefone não seja o lugar para falar sobre isso. Podemos nos encontrar em algum lugar?

— De fato estou com fome.

— Que surpresa.

— Pode ser sábio escolher um novo lugar, contudo, e não porque estou cansado de *donuts*.

— Onde você sugere? — Ele pergunta.

— Bem — comecei e então parei assim que um pensamento relativamente relevante me atingiu. — Brian, estou sem carro. Pode vir me buscar?

— Onde você está?

Eu lhe disse e ele prometeu chegar em menos de uma hora. Passei os próximos vinte minutos no banho e depois olhando para minhas múltiplas perfurações no espelho. Nenhuma delas parecia de fato mortal. Na verdade, elas pareciam já estar cicatrizando. Lembrei-me do que a paramédica tinha dito, que eu parecia um bombeiro, e experimentei uma pose de calendário no espelho. Não era muito convincente; tirando o fato que eu nunca tinha visto pessoalmente um calendário de bombeiros, eu ainda trazia na pele uma palidez de cadeia pouco saudável e precisaria admitir que existia um pequeno bolo de material não essencial começando a se formar em volta da minha cintura. Eu enruguei minha testa para aquilo e então reparei no que estava fazendo. Oh, Vaidade, vosso nome

é Dexter.

Escovei os dentes, penteei o cabelo e vesti um jogo limpo e novo em folha de roupas do Walmart. Cheguei do lado de fora da porta da frente do hotel com cinco minutos de sobra no intervalo dado por Brian. Parei ao lado de um imenso devasso de cimento, que abrigava uma árvore que parecia morta. Também tinha uma boa quantidade de bitucas esmagadas na terra que a envolvia. Tentei parecer casual, mas eu era tudo menos isso enquanto observava as vagas do estacionamento a rua à sua frente. Não havia sinal de nada vivendo ali, além de dois pássaros empoleirados em um fio de energia.

Andei despreocupadamente por cada canto do prédio, como se eu fosse apenas um homem entediado esperando por uma carona e olhei para ambos os lados. Ainda nada. Só um punhado de carros vazios. Já tinha passado do horário de *checkout* do hotel e ainda faltavam algumas horas para o *check-in*, então o lugar estava tão sem vida como poderia estar, o que era melhor.

Parei ao lado do supervaso por outros dois minutos antes de Brian chegar. Hoje ele estava dirigindo seu jipe verde e parou bem do meu lado e eu subi.

— Bom dia, irmão — disse para ele.

— Está longe de ser manhã e não está muito boa, mas obrigado pela intenção — Ele dirigiu lentamente pela rua e virou à esquerda e assim que pegou velocidade fez uma curva em U abrupta.

— Muito bom — falei —, tudo limpo?

— Pelo que parece — ele disse, espiando em cada um dos três espelhos. Ele virou em uma rua lateral, depois outra e, finalmente, depois de vários desvios, entrou na US 1. — Bem, então — falou visivelmente tranquilizado —, o que comeremos?

— Algo agradável, não muito caro — eu disse e, enquanto falava, um restaurante de uma franquia entrou na nossa visão, um especializado em tortas. — Ali!

— Torta! Que maravilha! Eu gosto mesmo de torta.

Ele entrou no estacionamento e dirigiu lentamente por todo o lugar, e eu não achei que isso fosse um excesso de cautela. Ele achou uma vaga bem em frente, onde o carro seria visível de dentro e entramos e achamos uma mesa de onde pudéssemos vê-lo. Pedi um café da manhã grande, apesar do pequeno bolo na minha cintura que eu vira no espelho. Terei tempo para melhorar depois; hoje,

vamos viver. Pelo menos, esse era o plano.

Brian pediu alguma coisa chamada French Silk Pie<sup>[1]</sup> e uma xícara de café e, enquanto esperávamos pela chegada da comida, ele levantou uma sobrancelha para mim e disse:

— Você pensou sobre como o acharam?

— Não muito — admiti —, mas meu melhor palpite é que rastreamos meu carro alugado a partir do meu cartão de crédito, assim como fizeram quando rastreamos o hotel que fiquei assim que saí do centro, a partir do seu cartão.

Brian pareceu ter dúvidas.

— Talvez — ele disse. — Mas eu usei um cartão de crédito diferente no hotel, com um nome falso, totalmente diferente. Então isso significa que eles já sabiam seu nome anteriormente. E que eles não o descobriram a partir de mim.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Pensei sobre isso e, pela expressão do Brian, ele estava fazendo o mesmo. Um pensamento breve e vago se agitou nas profundezas do meu cérebro, mas conforme tentava alcançá-lo um clamor animado do meu telefone me interrompeu. Peguei e olhei a tela. Não reconheci o número imediatamente, mas parecia familiar e logo antes de apertar o botão para recusar a chamada, eu o reconheci: Kraunauer.

— Meu advogado — disse para Brian.

— Sr. Morgan — Kraunauer disse. — O FBI gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas.

— Oh — falei. Não foi uma resposta verdadeiramente brilhante, mas ele tinha me lembrado de que não entrei em contato com os federais como eu dissera que faria. — Hã, na sua opinião, serão perguntas *hostis*?

— De forma alguma, aparentemente só umas poucas pontas soltas, algumas coisas burocráticas. Não deve levar mais do que meia hora. E — ele acrescentou com seu tom casualmente tranquilizador — estarei lá para segurar sua mão.

— Isso é muito gentil.

— Tudo parte do serviço. Você pode me encontrar lá em, digamos, 45 minutos?

— Sim, posso. E, sr. Kraunauer?

— Mmm?

— Foi uma performance maravilhosa no noticiário — disse, lutando para manter minha admiração genuína longe da minha voz.

Kraunauer riu.

— Toquei aquele garoto repórter como um violino. Foi fácil demais, na verdade — Havia algum barulho de fundo, papéis balançando e algumas palavras sussurradas. — Ah... me desculpe, tenho que ir. Nos vemos em 45 minutos — ele disse e desligou.

Brian me olhou com as sobrancelhas levantadas.

— Os federais querem me fazer algumas perguntas — eu disse.

— Oh, minha nossa — ele disse. — Isso soa um pouco incerto.

— Não acho. Eles pareciam razoáveis ontem à noite... e Kraunauer estará lá comigo.

— Bem, então. Imagino que ficará tudo bem... se ainda sobrar tempo para um pouco mais de torta...

— Sempre há tempo para torta.

## CAPÍTULO 18



**APESAR DA MINHA INSISTÊNCIA, PASSARAM-SE QUASE 55 MINUTOS** ANTES de Brian me deixar na esquina da avenida NW 2nd com a rua 165, do outro lado da rua do Escritório Regional do FBI em Miami. Não me importei com a pequena caminhada por meia quadra. Brian certamente não se colocaria mais perto do que o necessário de um ninho de policiais como aquele.

Kraunauer estava me esperando na entrada.

— Olha só você aí — disse para me cumprimentar.

— Sim, desculpe por lhe fazer esperar — eu disse. — Viajar é um pouco complicado sem um carro.

Ele assentiu.

— Miami é uma cidade grande com a infraestrutura de uma pequena. Estão nos esperando — Ele acenou em direção à recepção, onde uma jovem metida em terninho azul austero estava parada ao lado da mesa. Ela estava nos olhando com uma expressão bem séria, o que me dizia, ainda mais claramente do que o termo, que ela era uma agente e não uma secretária ou uma arquivista.

Ela nos levou a uma sala de reuniões no segundo andar, onde Revis e Blanton, meus dois novos amigos, estavam esperando. E, ai de mim, por tudo que é certo e decente no mundo, eles não estavam sozinhos. Sentado à ponta da mesa, reclinado em sua cadeira e exibindo seu lustroso desdém, estava o detetive Anderson.

— Ah, maravilha — eu disse. — Vocês já o prenderam.

Kraunauer deu uma risadinha se divertindo, mas ninguém mais achou aquilo muito engraçado, especialmente Anderson, que fez uma careta para mim, o que pelo menos significava que ele me entendeu.

— Sr. Morgan — a agente Revis disse, tomando a frente de novo —, em

favor da cooperação entre agências, concordamos em permitir que um representante da polícia de Miami-Dade esteja presente no seu interrogatório.

— Você está ciente — disse Kraunauer suavemente — de que este policial tem um histórico de hostilidade contra o meu cliente, não está? Bem como um comportamento um tanto questionável.

— O detetive Anderson não terá nenhum papel ativo aqui — Blanton disse. — Ele está aqui apenas para observar.

Kraunauer olhou para mim e levantou uma sobranceira perfeitamente aparada. Encolhi meus ombros e ele se virou novamente para os federais.

— Desde que isso fique claro — ele disse. Revis e Blanton assentiram juntos. Kraunauer virou para Anderson, mas ele simplesmente ignorou e Kraunauer encolheu os ombros.

— Então não tenho objeções — disse para Revis. — Vamos começar.

Blanton puxou uma cadeira e acenou na minha direção apontando para ela; sentei, Kraunauer se sentou ao meu lado, e os dois agentes se sentaram lado a lado do outro lado da mesa. Blanton abriu uma pasta de papel pardo e a encarou, mas foi Revis quem começou.

— Sr. Morgan, você já foi preso por posse de substâncias controladas?

Ela disse como se perguntasse se eu tinha carteira de motorista, mas era uma questão tão boba que fiquei sem palavras por vários longos segundos e o fato de que Anderson se inclinara com os olhos brilhando e uma nova versão melhorada do seu desdém não ajudou minha situação deprimente. Encontrei minha língua, mas tudo que fui capaz de dizer foi um patético:

— Se eu... o quê, o quê?

— Só sim ou não, sr. Morgan — Blanton disse.

— Não, claro que não — eu disse. Anderson balançou a cabeça, como se insinuasse o quanto era triste quando alguém dizia uma mentira tão ultrajante.

Mas Revis só assentiu, de forma muito calma e tranquilizadora.

— Há quanto tempo você está usando drogas ilegais? — Ela disse com uma leve ênfase em *usando*.

— Isso é relevante? — Kraunauer disse, com uma leve pitada de ironia na sua voz. — Tinha uma bomba no carro do sr. Morgan. Não um *bong*.<sup>[1]</sup>

Dois furiosos pares de olhos federais cravaram em Kraunauer, mas ele só olhou de volta para eles com um gracejo fácil que era contagioso, pelo menos

para mim. Senti vontade de colocar meus pés na mesa e acender um charuto.

— Acharmos que pode ser relevante — Blanton disse.

— Sério? — Kraunauer respondeu com uma leve incredulidade. — Como?

— Doutor — Revis disse. — Temos razões para acreditar que a bomba foi construída por um narcoterrorista conhecido. E — ela acenou com seriedade — recebemos informações de que o sr. Morgan tem um hábito de uso de drogas bem frequente.

Kraunauer olhou para Anderson. Eu também. Mas Revis e Blanton eram bem mais elegantes. Eles olharam diretamente para frente, como se tivessem esquecido que Anderson existia. Queria poder esquecer também.

— Receberam... informações — Kraunauer falou lentamente, acariciando as palavras e ainda olhando diretamente para o Anderson. — Me permitem perguntar de onde as receberam?

Anderson começara a se remexer um pouco na sua cadeira e, quando o olhar acusador de Kraunauer foi direto nele, seu rosto começou a corar de verdade. Era gratificante perceber que minha viagem até o Escritório Regional do FBI tinha valido a pena.

— Nossa fonte é confidencial — Blanton disse.

Kraunauer lentamente virou sua cabeça de volta para os federais.

— Sério? — Ele disse. — Confidencial.

Blanton parecia desconfortável e ele e Revis tiveram uma das suas conversas mentais.

— Não podemos revelar a fonte — Revis disse finalmente. — Mas lhe mostrarei o arquivo.

Kraunauer assentiu.

— É o suficiente.

Blanton empurrou a pasta parda por cima da mesa de reuniões e Kraunauer a pegou. Inclinei para olhar também.

A primeira página era uma cópia de um registro da sala de evidências. Sempre que qualquer pessoa entrava na sala de evidências, policial ou técnico forense, era obrigado a assinar o registro. Nessa página, destacado com um marcador amarelo brilhante, estava um registro que dizia Dexter Morgan esteve aqui e estava assinado com um rabisco de criança que parecia tanto com a minha assinatura quanto um hieróglifo.

Kraunauer virou a página: o que vimos foi uma cópia de um memorando interdepartamental atestando que alguém tinha retirado dois quilos de cocaína confiscada da sala de evidências, em um dia e horário que era espetacularmente parecido com o momento em que “Dexter Morgan” estivera lá.

— Bem, isso só prova uma coisa — eu disse. — Tenho superpoderes.

Kraunauer olhou para mim e levantou uma sobrancelha. Eu bati na linha com a data.

— Eu estava em uma cela em *Turner Guilford Knight* nesta noite.

Kraunauer olhou para mim maliciosamente por um momento e então virou para a Revis.

— Algo fácil de averiguar — ele disse.

— E essa assinatura? — Blanton perguntou.

— Não chega nem a ser uma falsificação bem-feita — eu disse. — Parece a letra de um aluno da terceira série. Diga, detetive — disse olhando para Anderson —, sendo o único que parou na terceira série aqui, você é quem sempre teve dificuldade para escrever, não?

Kraunauer limpou a garganta, se foi por diversão ou porque estava realmente precisando, eu não saberia dizer.

— Agente Revis — disse meu advogado —, meu cliente parece achar que esta não é a assinatura dele.

Revis assentiu.

— Posso ver sua carteira de motorista, sr. Morgan? — Ela disse estendendo a mão.

Olhei para Kraunauer, que assentiu.

— É claro — eu disse. Tirei minha carteira e coloquei a licença na mão da Revis. Kraunauer deslizou o arquivo de volta na mesa e Blanton o pegou. Ele e Revis se juntaram por um momento, comparando a assinatura na minha carteira com o rabisco malfeito no registro de evidências.

Não demorou muito. Sempre me orgulhei da minha caligrafia. Gosto de fazê-la limpa, com letras regulares e de escrever palavras que são legíveis para qualquer um que saiba ler. Era tão óbvio que a assinatura falsificada fora feita por outra mão que até um idiota total como Anderson deveria saber fingir melhor. Depois de apenas alguns segundos, Revis jogou a carteira de volta para mim.

— Não é a mesma assinatura? — Kraunauer disse para ela.

— Provavelmente não — Revis respondeu.

— Ele fez diferente! — Anderson disse.

— Detetive — Revis alertou.

— Ele disfarçou a assinatura; é óbvio! — Anderson continuou.

Blanton se levantou. Ele deu dois passos pela mesa em direção a Anderson e parou sobre ele, olhando de cima para ele com uma expressão gélida de irritação. Anderson o olhou de volta e por um instante pensou que gritariam com ele. Mas Blanton se inclinou até que seu rosto estivesse a apenas um centímetro do rosto de Anderson.

— O combinado era — Blanton disse suavemente — que você só observaria. — Ele levantou um dedo, fazendo Anderson recuar. — Não fale. Observe.

Anderson abriu sua boca, mas pensou melhor e Blanton assentiu, voltando para a cadeira. Ele se sentou, olhou rapidamente para Revis e então os dois agentes olharam para mim.

— Obrigado pela sua cooperação, sr. Morgan, sr. Kraunauer — Revis disse. — Podem ir agora.

Kraunauer se levantou e disse educadamente:

— Obrigado, agente Revis. Agente Blanton. — Olhou para mim e continuou. — Sr. Morgan? — Então se virou e seguiu para a porta.

Eu também me levantei. Achei que deveria dizer algo educado para os federais, mas não veio nada à minha cabeça que não me fizesse soar como uma criança mimada, então só acenei e virei para a porta.

Anderson estava lá antes que eu. Parou bem na passagem, preenchendo-a com seu corpanzil e impossibilitando minha saída.

— Isso não acabou ainda, cabeça — ele disse gentilmente.

— Não enquanto você estiver solto — eu disse. — Quero dizer, detetive, sério? Drogas? Esse é o melhor que você pode fazer?

Ele me encarou mais um pouco, talvez desejando que eu derretesse. Mas não cedi e depois de uma longa e tediosa pausa, ele só acenou com a cabeça.

— Não acabou ainda — repetiu e deu um passo para o lado.

Passei graciosamente pela porta desbloqueada e a fechei.

Kraunauer estava me esperando, parado ao lado da mesma jovem agente

séria que nos acompanhara até ali.

— Começo a acreditar — Kraunauer disse — que o detetive Anderson pode mesmo não gostar de você.

— O que lhe deu essa impressão? — Eu disse.

Ele apenas riu rapidamente e disse para a jovem:

— Agente?

Ela claramente estivera esperando com certa impaciência para nos levar de volta até a entrada e, agora que lhe demos a permissão, ela o fez energicamente, sem desperdiçar o tempo precioso do FBI jogando conversa fora. Na verdade, ela manteve um passo tão vigoroso, que só depois que chegamos à recepção foi que me lembrei que não tinha como voltar para o meu hotel.

— Oh — disse para ela — hum, sra. Agente?

Ela me olhou sem nenhum esboço de expressão.

— Sim?

— É possível pegar um táxi nesta região? Eu não tenho um carro.

— Oh! — Kraunauer disse antes que a agente pudesse falar. — Meu Deus, é claro que você não tem! Bem, diabos, eu certamente posso te levar de volta para o hotel.

— Isso é muito gentil — disse. — Se realmente não for atrapalhar.

— De forma alguma, é claro, vamos — Kraunauer disse, parecendo estranhamente ávido. Ele colocou uma mão no meu braço e me conduziu para a porta da frente, deixando para trás a jovem agente séria, que parecia mais do que aliviada por se livrar de nós.

— Meu carro está bem ali — Kraunauer disse, me direcionando para um sedan modesto com uma letra “B” estilizada em cada calota. E, apesar disso, só depois que eu abri a porta e vi o painel de imbuia e os assentos de couro macios como uma luva que percebi que o “B” era de “Bentley”. Deslizei pelo assento de perfume adocicado e tentei não sujá-lo com suor ou tendo pensamentos impuros.

Kraunauer saltou para trás do volante e deu partida no carro. O motor começou a funcionar imediatamente, com um ronronado como se fosse um grande felino com a garganta coberta com mel.

— Tudo certo — ele disse. — Onde você está hospedado?

Dei o nome e o endereço do hotel e ele pegou a I-95 e seguiu direto para o sul. O carro era tão silencioso que fiquei com medo até de limpar minha

garganta. Rodamos em silêncio por alguns minutos e então Kraunauer finalmente disse:

— Espero que você entenda que está indo tudo bem — ele disse. — Extremamente bem.

— Eu sei — disse. — Exceto pela bomba.

— Oh, não, essa foi a melhor parte — falou com muita seriedade. — Aquela bomba está trazendo muita simpatia para você, sr. Morgan. Os abutres da mídia já estão começando a se indagar publicamente se você é inocente.

— Eu sou realmente inocente, você sabe, não? — Eu disse. Ele apenas assentiu, impassível e manteve os olhos na pista. — Imagino que todos os seus clientes dizem isso.

— Não, não todos — ele disse e acrescentou uma pequena risada. — Um ou dois deles até se orgulham dos seus feitos.

— Isso deve dificultar as coisas pra você.

— Na verdade, não. Não faz diferença nenhuma o que eu sei ou o que eu acredito. Tudo que importa é o que eu faço o júri acreditar e, no seu caso, isso ficou bem mais fácil. De qualquer forma, ficaria muito surpreso se o seu caso até mesmo fosse para julgamento — Kraunauer disse. E então virou sua cabeça para me dar uma olhada rápida, como se eu o tivesse assustando ou algo assim. — Quero dizer... eles podem, você sabe. Retirar as acusações.

— Oh. Ótimo — eu respondi, e ele voltou sua atenção para a estrada, me deixando pensar sobre o que tinha sido aquela estranha expressão facial.

A viagem seguiu silenciosa e excepcionalmente tranquila até o meu hotel. O Bentley ofereceu um passeio de uma gentileza sobrenatural e nenhum de nós tinha mais nada a dizer, o que era um alívio. A maior parte do tempo, quando você está enfiado em um carro com alguém relativamente desconhecido, a pessoa quer conversar sobre futebol, política ou sexo. Eu não consigo manter muito interesse em qualquer uma dessas coisas. É claro, como uma pequena parte do meu disfarce de humano, aprendi o suficiente sobre todas essas coisas para manter uma conversa educada fluindo, mas era um alívio não ter que tentar comparar o ataque atual dos Dolphins com o de 2008.

Em pouco mais de vinte minutos, Kraunauer estava estacionando na entrada do meu novo hotel. Eu olhei pela janela enquanto ele manobrava na frente da porta, imaginando por quanto tempo eu seria capaz de ficar nesse lugar até que

alguma coisa me forçasse a me mudar de novo. Eu esperava que pudesse ter umas duas noites de folga nele; ele tinha a melhor cama até agora e estava ansioso para aproveitá-la por mais um bom tempo.

— Bem — Kraunauer disse assim que parou na porta da frente —, esse lugar parece no mínimo adequado — Sorriu para mim, um sorriso espremido e educado, nada perto dos seus sorrisos de campeão mundial. — Espero que o quarto seja bom... eles não te colocaram no térreo, espero?

— Não, no terceiro andar, com uma vista adorável para a lixeira.

— Excelente. Agora, bem... pode ser que eu precise lhe mandar alguns papéis para assinar. Então, qual o número do seu quarto?

— 317.

— Bom. Tudo certo então. Agora, eu sei que pode ser frustrante, mas quero que você fique aí dentro o máximo de tempo possível. Não podemos ter você por aí mostrando a cara, dando uma chance para os repórteres o encontrarem.

— Sim, eu sei — Não foi tecnicamente uma promessa de ficar lá, o que, é claro, não tinha intenção de fazer.

— Não fale com ninguém da mídia, isso é vital — ele disse.

— Não falarei — E de fato eu pretendia evitar.

— Muito bem então — ele disse, e apertou um pequeno botão que destravou minha porta. Era um sinal claro para que eu descesse do carro.

— Obrigado, sr. Kraunauer. Por tudo.

— Oh, não me agradeça, ainda — Ele disse com um aceno no ar. Sai do seu luxuoso palácio do prazer sobre rodas e ele desapareceu, silenciosamente, antes mesmo de eu chegar à porta do hotel.



**O RELÓGIO NO MEU QUARTO DE HOTEL DIZIA QUE AINDA ERA 16H38**, O que não parecia possível. Com certeza me pareceu que eu tinha passado por uma grande dose de emoção em bem pouco tempo. Isso me deixou faminto também, mas não havia nada próximo ao hotel, exceto uma franquia de fast-food e estava ainda mais abaixo na escala evolucionária do que a que me dera indigestão no dia anterior.

Então dei um suspiro profundo, deixei de lado a fome e o cansaço, sentei-me em uma cadeira horrivelmente desconfortável e ponderei. O dia não tinha sido uma perda total até o momento; era até possível que Anderson tivesse sido detido para averiguação por um tempo. É claro que era demais esperar que os federais o investigassem ou o processassem, mas eles estavam cientes de que alguma coisa não estava certa em Pequenópolis — “pequeno” se referindo, é claro, ao QI de Anderson. Aquela descoberta deveria contê-lo, pelo menos temporariamente. É óbvio, era quase tão provável que o levaria a tentar algo ainda mais ultrajante.

Suas últimas palavras para mim, *não acabou ainda*, certamente fizeram uma ação preventiva parecer mais provável. E o fato de que o FBI agora tinha uma boa razão para acreditar que ele brincara de esconde-esconde com evidências e forjara assinaturas provavelmente o fariam ainda mais desesperado para provar que eu era um *garoto realmente malvado* de proporções épicas. Parecia lógico presumir que o seu melhor estratégia era me incriminar por posse de drogas. Ele já tinha aquilo no registro e, se pudesse “provar” que estava certo, não somente me levaria para a cadeia, mas também restauraria a reputação dele.

Quanto mais eu pensava, mais ficava certo de que isso seria um plano para

Anderson. Ele pegaria um pouco das drogas “desaparecidas” e as enfiaria nas minhas magras posses. Era simples, o que era um pré-requisito para ele, e provavelmente funcionaria. Mesmo se todo mundo tivesse certeza de que ele mesmo plantara as drogas, eles entrariam na onda. Eu balancei a cabeça; isso é o que ele faria — *se* ele descobrisse onde eu estava. Não tinha descoberto ainda e, até onde eu podia garantir, nunca o faria. Assim seu plano não poderia decolar.

Deixei essa preocupação em banho-maria. Anderson não estava no mesmo nível de ameaça de quem tinha colocado a bomba em meu carro. Não há espaço para brincar com alguém que quer tanto matar você a ponto de estar disposto a derrubar metade do seu hotel, desde que isso possa atingir você também. Eles erraram uma vez, mas não havia dúvida de que fariam outra tentativa tão logo pudessem. Como? Eu não tinha dados confiáveis o suficiente nem para adivinhar o próximo movimento deles. Não havia pista alguma do que eles poderiam fazer ou de quantos eles poderiam ser. Não sabia nada sobre eles, exceto que o tamanho da bomba que plantaram revelava um imprudente prazer em viver perigosamente, — o que até me fazia admirá-los, não fosse o fato de eles quererem se livrar de mim a todo custo.

Brian, por outro lado, os *conhecia*. E como um bônus especial ele tinha um carro, conhecido por sua habilidade de levar pessoas para lugares onde havia comida disponível. Isso resolvia a questão; liguei para o Brian e ele concordou em vir me buscar.

Meia hora depois estávamos sentados em uma lanchonete pequena e silenciosa em Homestead.

— Acredito que o bolo de carne daqui é bem gostoso— Brian me disse. — Se você gosta desse tipo de coisa.

— Gosto — eu disse e, na verdade, a simples menção disso fez o meu estômago roncar alto.

Uma garçonete eficiente e alegre tirou nosso pedido: dois bolos de carne e purê de feijões verdes com alho. E mais café e chá gelado (para o Brian). Ela desapareceu e eu me reclinei no sofá vermelho de plástico.

— O lance é que — disse para o Brian — tudo se resume ao que estávamos falando esta manhã.

— No começo da tarde, na verdade — Brian disse educadamente.

Eu acenei.

— A questão é — falei — que os amiguinhos do Raul me acharam. Tem duas coisas erradas nisso.

Meu irmão já estava assentindo com a cabeça, provando mais uma vez que ele não era lerdo.

— Primeiro, ser *você* — ele disse —, em vez de mim.

— E segundo — prossegui —, aconteceu rápido demais para ser coincidência ou sorte. Então a questão é ...

— Como? — Brian disse. — E sem saber *isso* fica realmente bem mais difícil pôr um fim na coisa toda, não é?

— A parte mais difícil de inventar é o final — eu disse. Ele piscou para mim inquisitivo e tentei parecer modesto. — De Tocqueville.

Brian só balançou a cabeça e olhou para a mesa. Sua testa se enrugou bem pensativa e percebi que meu rosto era a exata duplicata da expressão dele. Quão estranho isso era, depois de todos os meus anos pensando que eu era solitário e único, finalmente achar alguém que era tão similar, até mesmo na aparência. É claro, minha caligrafia era muito melhor. E, Shakespeare ou não, estava certo de que Brian não podia citar Alexis de Tocqueville como eu. Mesmo assim, era no mínimo estranho — mas bom, na verdade. Brian era família *de verdade* — não uma irmã para dias ensolarados que virou suas costas ao menor indício de problema. Brian em vez disso tinha chegado, sem ser solicitado, quando meus problemas começaram e estava me ajudando a solucioná-los. Exceto, é claro, por um pequeno detalhe de me jogar no meio de uma guerra violenta e letal entre traficantes. Mas eu podia perdoar isso; e tinha que perdoar, porque ele era minha família. Permanentemente, inegavelmente minha família, e tão parecido comigo quanto poderia ser. Não como alguns que eu podia pensar.

E esse pensamento podia muito bem ter sido uma deixa em uma performance teatral bem ensaiada, porque, conforme as palavras se formavam no meu cérebro, meu telefone tocou. Vi de relance a tela e percebi, para minha surpresa incômoda, que a ligação vinha, por tudo que é profano, de uma certa irmã para dias ensolarados: era Deborah e aquilo não fazia absolutamente nenhum sentido. Ela precisava de instruções sobre como trocar as fraldas da Lily Anne? Ou talvez permissão para o Cody brincar com objetos afiados? Bem, azar — ela estava por conta própria e era tudo culpa dela. Até onde podia dizer pelas nossas duas últimas conversas, não tínhamos nada mais para falar um ao outro.

Nem agora, nem nunca mais. Ela deixou bem claro que nossos laços familiares foram desatados e que preferia desse jeito.

Senti uma pequena onda de aborrecimento tendendo para o ressentimento e decidi que o sr. Dexter Morgan não estava disponível. Pressionei “recusar” e guardei o telefone de volta no meu bolso.

Religiei imediatamente meu cérebro poderoso no problema em mãos sem nem mesmo um pequeno pensamento sobre minha ex-irmã, até porque não existia nenhuma razão real para Deborah ligar.. Como *tinham* me achado tão rápido?

Meu telefone cantou de novo. Ou eu tinha repentinamente me transformado no sr. Popular ou algum outro evento impensável acabara de ocorrer. Olhei para a tela e o inacreditável venceu. Era Deborah de novo.

Mais uma vez pressionei “recusar” e meu nível de irritação subiu alguns graus. Ela nunca me daria paz? Essa mulher me perseguiria até o meu túmulo? Devo presumir que ninguém mais vai me levar para lá antes por meios mais convencionais?

De novo: como Raul me achara tão rápido e com tanta facilidade? Eles teriam que ter me pegado depois que eu deixara o primeiro hotel, aquele em que achei o Octavio morto na minha cama. De outra maneira, teriam chegado no Brian primeiro, não em mim. Mas poderiam ter obtido meu nome facilmente por aquele quarto de hotel. Então sabiam que algo chamado “Dexter Morgan” estava de alguma forma conectado ao Brian. Eu usei meu cartão de crédito desde a minha fuga arriscada daquele hotel? Acho que não.

Então como me acharam? Não podia acreditar que eles simplesmente rodaram pela cidade procurando por um Dexter até que acharam o certo. Fora que você não desperdiça uma bomba grande e adorável como aquela em um alvo incerto. Eles *tinham que saber* que era eu quando plantaram a bomba. Mas como? Onde eu estive para eles poderem me cercar desse jeito? Também não podia ser nenhuma hora ou lugar quando Brian e eu estávamos juntos, pois eles teriam atacado Brian antes.

Recapitulei: eu estivera em vários restaurantes — e isso enviou uma onda excitante de adrenalina pela minha coluna, porque me lembrei de que um daqueles restaurantes fora um *mexicano* — exatamente como Raul! Mas é claro, isso não se sustentava. Deixando de lado o fato de que isso era terrivelmente

politicamente incorreto, não fazia o menor sentido. O Pepino's tinha tanta conexão com um chefe do tráfico quanto o restaurante de sushi onde eu tinha almoçado com o Vince teria com Pearl Harbor. E aquele restaurante de sushi estava tão descartado quanto — eu tinha sentado lá no meu carro por uma hora e meia, um alvo perfeitamente parado. Mesmo um bombardeador maluco teria dito “*que se dane*” e me matado por um método mais direto.

Não foram os restaurantes. Então onde mais? Ficara fora da cadeia por pouco tempo e não estivera em tantos lugares e meu telefone estava realmente tocando *de novo*?!

Estava. E mais uma vez era Deborah ligando. Um número enorme de coisas correu pela superfície do meu cérebro na velocidade da luz. A maioria delas ironias que eu poderia dizer a ela. Infelizmente, a melhor delas envolveria levantar minha voz e dizer coisas que poderiam até afetar a produção do meu bolo de carne.

Mas outra coisa lentamente batalhou por seu lugar na frente da fila, gentilmente empurrando de lado todas as palavras e frases amargas, profanas e divertidas. Deborah, depois de deixar bem claro que não queria nunca mais nem dizer o meu nome, acabara de me ligar *três vezes* em dois minutos.

Por quê?

Seria divertido pensar que após tão pouco tempo com as minhas crianças ela queria devolvê-las — e ainda mais divertido se ela tivera uma ideia incrivelmente iluminada sobre os erros das suas decisões e quisesse implorar pelo meu perdão e fazer as pazes. Mas por ser tão teimosa, como eu sabia que ela era, teria que ter sido uma epifania do porte da que o futuro apóstolo Paulo teve a caminho de Damasco — e Debs na via expressa I-95 nem parecia que poderia pertencer à mesma categoria. Então, excluindo a ideia ridícula de que ela repentinamente tinha me perdoado, não conseguia pensar em absolutamente nenhuma razão no mundo pela qual ela me ligaria. E, portanto, nenhuma razão pela qual eu deveria atender.

Exceto...

A curiosidade, como diz o ditado, matou o gato. E com frequência tem se provado letal para não felinos também. E, ainda assim, uma pequena, mas poderosa, gavinha de curiosidade estava cutucando incansavelmente minha concentração, demandando toda a minha atenção. Junto a isso, pode até ser que

algum pequeno farrapo de lealdade familiar instigada por Harry poderia estar alojado em uma rachadura em algum lugar. Seja qual fosse a razão, fiz o impensável, o insensato, o irresistível.

Respondi.

— Sim? — Disse suavemente, para que ela pudesse ver que sua ligação e, por consequência, ela mesma não significavam nada.

— Preciso da sua ajuda — Deborah disse pelo meio dos dentes.

— Sééééiiiiiooo? — Respondi, e acho que soei tão surpreso quanto realmente me sentia. A possibilidade de que ela até mesmo ousasse pedir tal coisa nunca tinha passado pela minha cabeça. — Com que diabos você pode pensar que eu, em algum momento, ajudaria *você*? — E coloquei todo o desprezo ácido que pude, sabendo que não existia absolutamente nenhuma resposta possivelmente satisfatória que ela poderia dar.

— As crianças sumiram — ela disse. — Elas foram sequestradas.

Exceto isso, é claro.

## CAPÍTULO 20



**BRIAN DIRIGIU MUITO CORDIALMENTE EM DIREÇÃO AO NORTE** PELA rodovia US 1 e então virou à esquerda na Gables, em direção à casinha de Deborah. Ele não falou nada, apenas pediu direções, e eu fiquei grato por isso. Quase todo o resto do mundo teria conversado o caminho inteiro, preenchendo o silêncio, expressando simpatia e compaixão — ou pior, dando declarações de total apoio em minha hora de necessidade.

Brian não fez tais coisas, provando mais uma vez que ele me conhecia melhor do que ninguém no mundo. Ele sabia que no momento em que me desse um olhar choroso e empático e começasse aquela baboseira machona de “eu tô com você, parceiro”, eu iria me aproximar e arrancar os olhos dele pra fora. É claro que eu estava ciente de que qualquer coisa que viesse a dizer seria completamente artificial e sem sentido já que ele não podia sentir empatia, não mais do que qualquer outra coisa.

E era para eu ser igual — completamente vazio em termos de sentimentos. Nenhuma emoção, nenhum sentimento, nada de compaixão ou empatia, nem algum daqueles outros defeitos humanos pegajosos. Deve ter sido a fome, causada por perder o café da manhã, que fez meu estômago se agitar e roncar e minha pulsação bater nas minhas têmporas como dois pequenos punhos.

Sequestrados.

Meus filhos.

Quanto mais eu pensava nisso, menos eu conseguia *pensar* de verdade. Uma maré poderosa de raiva e ansiedade me preenchia e eu só conseguia pensar sobre o que faria com quem quer que os tivesse levado. Era inútil, me causava fraqueza, e o único resultado era a mesma dor de cabeça daquela de mais cedo e alguns novos cortes na palma das minhas mãos, que eu havia inconscientemente

causado por cerrar os punhos com muita força.

Raiva estúpida e inútil. Ainda assim fez o tempo passar, e antes que eu pudesse perceber, Brian estava estacionando na rua da casa de Deborah.

— Se você não se importa — disse ele, com muita educação —, eu acho que não vou entrar.

— Não, claro que não — falei. Estava totalmente fora de cogitação para ele entrar, ficar perto de Deborah, e eu estava perdendo tempo ouvindo aquilo. Alcancei a maçaneta do carro e parei ao ouvi-lo me chamar.

— Dexter — ele falou.

Virei-me e o olhei, já irritado com a interrupção.

— Vou ajudar em tudo que puder — me disse, sem qualquer fingimento, apenas uma transparência que indicava total comprometimento. Significava mais para mim do que todas as lágrimas de crocodilo do mundo, e pela primeira vez parei de cerrar os dentes desde que recebi a ligação de Deborah.

— Obrigado — respondi — Eu ligo quando souber mais. Assim que puder.

Ele apenas concordou com a cabeça e eu desci do carro.

Ele já estava fora de vista antes mesmo de eu chegar à entrada da casa de Deborah. Foi melhor assim. Ela abriu a porta quando eu estava na calçada da frente, ainda a uns três metros de distância. Lá estava ela, parada na entrada com os punhos cerrados. Foi quando percebi, chocado, que ela havia chorado. Deborah não chorava. Nunca. A última vez que a vi chorar foi quando ela tinha 8 anos e quebrou o pulso ao cair de uma árvore. Desde então ela tinha se mantido no controle, durona, praticamente um robô. Eu sabia que ela também tinha *sentimentos*, só não *mostrava*. Eu sempre achei isso engraçado; ela sentia tudo e não mostrava nada e eu era o completo oposto. O legado de Harry.

Eu parei nos degraus da varanda, alguns metros para trás sem saber muito bem o que estava acontecendo. Ela parecia tão confusa quanto eu. Olhou-me, desviou o olhar e me olhou de novo, depois simplesmente se virou e entrou deixando a porta aberta como se fosse um convite silencioso para segui-la. Eu o fiz e tranquei a porta atrás de mim.

Deborah já estava sentada em sua fraca mesa da cozinha quando eu entrei. Ela me passou uma xícara meio cheia de café, encarando-a, como se pudesse encontrar uma resposta lá dentro. Eu fiquei parado observando-a, mas ela não olhou para cima, então puxei uma cadeira e sentei do lado oposto da mesa. Havia

uma papelada jogada na mesa e logo percebi do que se tratava: era o contrato de custódia que eu havia assinado.

Mas isso não tinha relevância. O que importava mesmo eram as crianças.

— Como isso aconteceu? — Perguntei. Mas parecia que eu havia perguntado *Como você deixou isso acontecer?*

Debs apenas concordou com a cabeça como se merecesse aquilo tudo.

— Eu os deixei na escola como de costume. Fui para o trabalho e meia hora depois aqueles homens apareceram, três homens armados. Eles disseram “tragam os filhos dos Morgan”. Como ninguém fez nada, eles atiraram em um dos professores — Ela olhou para cima rapidamente e depois voltou a olhar para baixo. — Eles pegaram as crianças, as quatro. Jogaram elas dentro de um carro e fugiram — ela afundou ainda mais na cadeira. — Eles estão com os nossos filhos.

Ela souou meio morta, quase vazia, como se já tivesse desistido. Eu jamais a vi assim, e me fez sentir bem desconfortável.

— Quem eram eles? — Perguntei. Ela franziu a testa, sem olhar para cima. — Os caras armados — continuei —, quem eram eles? Alguma ideia?

Ela deu de ombros.

— Latinos — respondeu. — Sotaque carregado. Dois deles eram baixos e escuros, um era mais alto. Tinha o cabelo mais claro. É tudo o que sei.

— Maravilha — respondi. — Sotaque latino. Não vai ser muito difícil encontrar aqui em Miami.

— O carro era um SUV, azul-escuro, ninguém viu as placas — disse ela, com a mesma voz desanimada.

Abri minha boca para dizer algo sarcástico, mas fechei em seguida, como se um alarme soasse em meu cérebro. Algo que Debs disse me deixou com os pelos da nuca em pé e eu fiquei em estado de alerta. Eu não me dei conta de início. Então repassei algumas coisas que ela havia me dito. Três homens armados: confere. Latinos: confere. Dois eram baixos e um era mais alto: confere. SUV, azul-escuro...

*Ding-ding-ding-ding-ding*

Claro! Presumido que os homens de Raul tinham levado as crianças. A única dúvida que ficou, assim como todo o resto, foi: Como? Como eles me encontraram? E, tendo me encontrado, como ligaram as pontas e encontram as

crianças?

De repente, uma boa parte da resposta se tornou mais clara.

SUV, azul-escuro. Eu tinha visto recentemente. Aliás, mais de uma vez. Aqui, do lado de fora da casa de Deborah, quando vim trazer os papéis da custódia, um SUV azul-escuro passou por mim meio devagar. Quando estacionei meu carro no beco, perto do restaurante Pepino's. Será que não teve mais uma vez?

— Dexter — Deborah falou, interrompendo minha linha de raciocínio — Eu não consigo fazer isso. Eu tenho que... O Departamento me afastou temporariamente. Será que vou ter que sentar aqui e esperar *eles* encontrarem os *meus* filhos? — Ela me olhou com uma expressão de desespero, era outro tipo de reação que jamais esperei dela. — Puta merda, não dá! Nós temos que fazer alguma coisa!

— E o que você sugere? — Perguntei.

Por um momento tive a impressão de que ela ia perder o controle e berrar comigo. Mas então ela pareceu enfraquecer, debruçou novamente na caneca de café e disse:

— Eu não sei — quase que um sussurro. — O Departamento mal me deixa chegar perto do caso. Eu não posso nem... Eles me mandaram de volta pra casa e eu só...

Deborah balançou a cabeça, como se não tivesse mais forças.

— E então você me ligou — falei — Porque acha que eu posso encontrar esses caras?

— Não — ela respondeu. E então levantou a cabeça e, quando me encarou, ela era a Debs de novo. Melhor ainda, era a Super Deb, Matadora de Dragões. O fogo em seus olhos poderia derreter um carro inteiro com facilidade. — Eu te liguei porque quero esses caras mortos quando encontrá-los.

Acenei com a cabeça, concordando, como se fosse a coisa mais normal do mundo ela me chamar para irmos juntos e terminar o serviço. Na verdade, por um momento, realmente pareceu normal. Ela os encontraria e eu terminaria o serviço. Cada um de nós fazendo o que sabemos fazer de melhor. Trabalhando lado a lado, até o fim. Um ótimo exemplo do *verdadeiro* Legado de Harry.

Mas pensando bem, não parecia nada normal. Algumas horas atrás eu não passava de um morto qualquer para Deborah, não mais que lixo. E agora, pelos

mesmos motivos, ela considerava minha companhia agradável. Tinha sido uma atitude tão insensível e sem coração que eu deveria ter ficado admirado. Mas não, eu precisava de mais.

Considerando que eu não tenho sentimentos, como um ser humano comum, Harry me ensinou a imaginar os laços familiares como *regras*. Sempre fui muito bom com regras. Elas ajudam a manter as coisas claras e organizadas. Seria muito melhor se todo mundo prestasse mais atenção a elas — ou pelo menos concordasse em colocar tudo em uma única definição.

Deborah tinha quebrado uma regra muito importante, uma regra que Harry havia estampado em minha mente: *Família em primeiro lugar*. Todas as outras coisas da vida passam, tudo que parece importante agora pode desaparecer como flocos de neve numa chuva de verão. Mas não a família. Família é para sempre. Eu acreditava nisso, até mesmo me guiava por essa regra. E Deborah a havia quebrado. Eu precisava dela como jamais precisei de alguém antes. Precisava de ajuda, consolo e apoio, necessidades que somente uma família pode suprir. E ela me tirou de sua vida como quem varre um punhado de poeira para fora de casa. O único motivo pelo qual ela me deixou voltar foi porque, de repente, *ela* realmente precisava de *mim*.

Ter alguém apreciando seu trabalho é sempre bom, melhor ainda se for um membro da família, mas agora, com a nossa relação quase que inexistente, eu pensei que ela iria me oferecer algo mais além de uma “permissão para matar”.

Nos fitamos friamente.

— Acho isso maravilhoso — respondi —, mas por que eu deveria fazer isso para você? Por que — continuei — eu deveria atender algum pedido seu? E por favor, não diga que é porque somos irmãos e que eles são meus filhos. Você deixou bem claro que isso não existe mais.

— Porra, Dexter! — Ela devolveu. Foi bom vê-la um pouco mais viva. E continuou: — Você não se importa com mais nada além de si mesmo?

— Eu não tenho mais nada para me importar — respondi. — Você deixou o Anderson tomar meu trabalho, minha reputação e minha liberdade. E aí você tomou minha família — Joguei os papéis da custódia em sua direção e lancei um olhar cínico dizendo: — Lembra? Não faz tanto tempo.

— Eu fiz o que achava melhor para as crianças — Deborah respondeu, talvez um pouco agitada demais agora. — É o que eu sempre faço — E agora,

batendo na mesa a cada palavra, ela enfatizou: — É-O-Que-Estou-Fazendo-Agora.

— É mesmo? Seria melhor para eles eu ficar na cadeia só até você precisar que eu matasse uns bandidos? E depois eu convenientemente desapareço de novo? É esse o seu plano? — Sacudi a cabeça. — Isso é algo que só a minha irmã poderia pedir, e eu não tenho mais irmãs.

— Mas que *merda!* — Ela rosnou. — Você quer que eu peça perdão? Me desculpa, tá bom?

— Não. Não está bom. Não é o suficiente.

Debs se inclinou sobre a mesa o mais próximo que conseguiu, mas ainda sentada. — Seu desgraçado. São seus filhos também!

— Não são mais — respondi olhando para os papéis da custódia, me fazendo claro o bastante.

Deborah me encarou por um momento, a raiva se acumulando em seu olhar, procurando algo em que descontar. Algo para destruir. Ela levantou uma das mãos, como se fosse atacar. Eu recuei, mas não era meu rosto que ela estava mirando. Ao invés disso, ela pegou os papéis da custódia, rasgou e jogou na minha direção. Eu já havia recuado, então boa parte dos pedaços me acertou. Levando em conta tudo o que eu passei nas últimas horas, eu nem senti. Na verdade, de certo modo, até que foi bom. Parece que eu tinha uma família de novo.

— Aceito as desculpas. Como vamos encontrá-los?

Ela me encarou por alguns instantes, afinal, teria que superar a raiva para voltar a planejar sua vingança, e isso é muito mais difícil quando se tem emoções. Debs se ajustou na cadeira balançando a cabeça.

— Eu não sei, já te disse tudo.

— Três homens latinos — respondi. — E um SUV azul-escuro.

— É isso mesmo. — Debs debruçou novamente e encarou sua caneca de café como se examinasse o conteúdo, mas não o bebeu e continuou balançando a cabeça. — Eu nem sei por que eles levaram as crianças. Por vingança? Será alguém que eu enquadreï? Se ao menos eu soubesse...

Deborah sempre teve um ego um tanto inflado, e fiquei feliz de notar que as circunstâncias não a haviam colocado para baixo. Eu nem sequer considerei aquela possibilidade; simplesmente presumi que eram os homens de Raul

tentando se aproveitar da situação. Mas então levei em conta que poderia ser um ataque a Debs e logo de cara parecia fazer muito sentido. Para começar, aquela hipótese limpava a minha barra, eu não precisava contar que a culpa era minha, o que esfriaria essa reunião de família tão acalorada. Também não precisava contar sobre Brian, o que certamente pioraria sua vida ainda mais.

Mas isso não seria uma boa ideia, claro. Eu tinha visto o SUV e tinha certeza de que havia me seguido até a Debs. A partir daquele momento era fácil para eles ficarem de olho nela, verem as crianças, segui-los até a escola e sequestrá-los. Restava apenas uma dúvida: Como eles me encontraram? Eu os vi durante o jantar, com certeza tinham me visto antes disso. Se pelo menos eu conseguisse lembrar onde os vi antes disso...

— Agora você está fora de verdade? — Deborah perguntou subitamente.

— Fora? — perguntei, ainda um pouco perdido em pensamentos — Você diz fora da prisão? — Ela concordou — Bem, eu não tenho certeza. O procurador do Estado ainda está atrás de mim.

— Porra, até parece que Frank Kraunauer não consegue te tirar dessa... Qual é, Dex?

Era simples, minha cabeça girava feito um carrossel. Ou talvez o cômodo estivesse girando e eu parado, ou talvez até mesmo todo o universo, de repente, girava como uma bailarina. Deve ter ficado estampado em minha cara. A ordem das coisas estava completamente alterada, invertida. Leste virou oeste, norte virou sul, nada mais era como deveria ser, ainda assim tudo fazia sentido. Era uma terrível sensação de tontura, enlouquecedor, tinha a sensação de que meus órgãos viraram por dentro, porém, tudo se encaixava perfeitamente.

Sabia onde tinha visto o SUV azul.

Lembrei claramente onde havia estado e o que estava fazendo e, de repente, todas as fichas caíram. Eu sabia. E, num momento abrupto e revelador de recordações, tudo tomou seu lugar.

Mas não de uma boa maneira. Não mesmo.

— Dex? — Disse Deborah, insegura, como se não estivesse certa se nosso relacionamento havia se curado a ponto de ela demonstrar preocupação. — Você está bem?

— Sou um idiota — falei —, um idiota ingênuo, confiante e crédulo. Cego de um olho, surdo de ambos ouvidos e mais burro que uma porta.

— Talvez — ela respondeu — Mas o que o fez perceber isso?

— Sei como encontrá-los.

A expressão de preocupação desapareceu de seu rosto, dando lugar a uma fome perversa instantaneamente.

— Como?

Olhei para ela e comecei a falar. Então parei. Eu poderia mesmo contar que os sequestradores haviam *me* seguido até chegarem a ela e as crianças?

— Fala logo, Dexter, como? Onde eles estão? — Exigiu.

Eu não conseguia me decidir. Marquei no relógio.

— Não sei onde eles estão, mas... — continuei, ignorando seus melhores xingamentos — Acho que posso fazê-los virem até mim.

— Até você? E por que fariam isso?

Inspirei profundamente. E parei de falar.

Não confio em ninguém. De acordo com minhas duras experiências e de minhas desanuviadas observações sobre as pessoas, sempre considerei não confiar nelas. Havia aberto uma exceção para a maior parte dos familiares, especialmente Deborah.

Mas naquele momento, quando nosso relacionamento ainda estava se redefinindo, não parecia uma boa ideia. Pelo que sabia, contar sobre Brian e Raul e toda aquela zona e admitir que o sequestro das crianças tinha sido por minha causa poderia levar a consequências bem desagradáveis.

Confiança é uma coisa tão frágil, não? Uma vez perdida, era difícil ganhá-la de volta. Talvez com o tempo eu viesse a confiar na minha nova-ex-irmã. Mas ainda não.

— Malditos, Dexter, por que eles viriam até você?

Eu me segurei pra não sorrir, pois isso afetaria os meus planos. Em vez disso, fiz meu melhor pra parecer firme, íntegro e másculo.

— Você vai ter que confiar em mim.

## CAPÍTULO 21



**DEBORAH QUERIA IR JUNTO, CLARO. NÃO QUE ELA NÃO CONFIASSE EM** mim, embora não confiasse mesmo. Era simplesmente porque ela era e sempre tinha sido controladora. Não suportava a ideia de perder de vista algo com que se importava e que pudesse cair em mãos menos competentes. E é claro que, pra ela, qualquer um era menos competente.

Mas não daria certo. Existiam muitas variantes e ela poderia se agarrar justo àquela que estragaria os planos. Então, no final das contas, depois de muitos insultos, chantagem, puxação de saco, extorsão e força física, ela desistiu. Ela até me deu uma arma fria.

Caso você não conheça o termo, ou pior, conhece e acredita que só policiais desonestos as possuem, eu vou explicar: uma *arma fria* não tem histórico, não é registrada. Geralmente seu número de série foi raspado. Isso significa que, se for usada durante um crime, ela não pode levar ao culpado. Como pode ver, deve ser bem útil ter esse tipo de coisa por perto.

E, se você acha que todos os policiais andam na linha e nenhum deles tem uma dessas... cara, você está  *muito* enganado.

Policiais não costumam mencionar isso, claro. Mas, de vez em quando, na hora de se envolver com algo claramente perigoso, degradante, contraditório, enfim... De vez em quando surge um episódio em que o Bom Policial se depara com uma Situação Ruim e o Bem Maior exige uma leve alteração nos padrões absolutos de justiça confiados a ele.

E a *arma fria* de Deborah era uma bela pistola Rugger 9mm, com um pente de 15 balas que ela me garantiu ser uma arma impossível de rastrear. Então me entregou junto a um segundo pente e, embora não tivesse dito nada parecido com “boa sorte”, me encarou por alguns segundos antes de exteriorizar um “foda-se”

e me deu as costas, o que já estava muito próximo de ser um “boa sorte” vindo dela.

Eu não gostava nada de pistolas. São frias, impessoais, asquerosas e nada atraentes. Não possuem personalidade e tiram toda a graça da coisa. Mas são bem eficientes quando a sorte não parece estar do seu lado, e, como o filho adotivo de um ex-fuzileiro naval e também policial, eu sabia como usá-las bem. E já que não fazia ideia do que me esperava, o peso de ter uma dessas em meu bolso até que me deixava mais sossegado.

Apesar de esbravejar por todo o caminho, Deborah me levou até Dadeland, um shopping antigo em Miami e eu desci do carro em frente à entrada principal, ainda sem um pingote de empolgação. Ela me encarou por um tempo antes de eu partir, mas tudo o que falou foi “me liga, porra”.

Vaguei pelo shopping por pelo menos meia hora, dando tempo suficiente para que Debs desistisse de ficar no estacionamento me sondando e cheia de esperanças. No fim das contas eu não tive a oportunidade de comer o bolo de carne e talvez eu estivesse tão focado em salvar meus filhos que não percebi o quanto estava com fome. Mas Dexter, a Máquina Maravilhosa, não poderia funcionar desta maneira. Para poder funcionar da melhor forma possível, a máquina precisa ser abastecida regularmente e, como estava prestes a encarar algumas tarefas perigosas num futuro próximo, eu precisava me abastecer naquele momento.

A praça de alimentação tinha um leque amplo de opções, como de costume. Decidi comer duas fatias de pizza por razões muito boas. Uma delas é por ser o primeiro lugar que encontrei, e a segunda, e mais importante, estava bem na minha frente pronta para me servir. Devorei os dois pedaços antes que pudesse perceber que não havia gostado.

Depois de comer encontrei uma Starbucks e comprei um duplo supermegaultraextra sei-lá-o-quê que tinha um gosto surpreendentemente parecido com o de café. Peguei meu copo, escolhi uma mesa afastada, sentei e liguei para o Brian.

— Irmão — ele falou ao atender, com sua falsa serenidade de sempre.

— Tenho algo de grande importância para discutirmos — respondi. — Você pode vir me buscar?

— Grande importância? — Perguntou.

— Praticamente enorme — lhe garanti. — A solução de um problema.

— Está bem — ele respondeu. — Estou a caminho.

Sentei-me e tomei um gole de meu ridículo-estupendo-definitivo qualquer coisa e, enquanto esperava Brian chegar, revisei toda a minha teoria, conferindo cada aspecto, procurando indícios de que eu pudesse ter me equivocado, mas não encontrei nenhum. Não podia estar mais certo, e isso sempre é reconfortante. Se eu sobrevivesse a tudo aquilo, precisaria lembrar de ter essa sensação mais vezes.

E por que não desfrutar desta sensação *agora mesmo*? Por que eu não conseguia pensar em algo que a despertasse e, além disso, que pudesse dar um fim à malvadeza desajeitada de Anderson. Não parecia nada bom; desde que tudo isso começou, eu acreditava que havia uma saída. Porém, se minha nova teoria estivesse certa, eu ainda teria que lidar com o Detetive Doido.

Lembrei de algo que Doris, minha mãe adotiva, gostava de dizer: “Dois problemas pequenos pedem uma solução grande”. Acho que esse era o seu jeito de dizer que era preciso virar o jogo. Mas eu nunca achei que isso fizesse sentido. E acho que não havia hora melhor para começar a fazer sentido.

Às vezes tenho certeza de que meus pensamentos estão voltados para algo específico, mas, na verdade, não. Quando isso acontece, meus pensamentos educadamente me chamam a atenção e revelam o que estou pensando *de fato*. E ali, sentado no Shopping Dadeland e lembrando da Doce Doris, algo vindo de um canto obscuro da minha mente gentilmente pediu minha atenção. Foquei-me ali, esperando que fosse um pedido por mais um pedaço de pizza. O que encontrei era na verdade muito, muito mais saboroso.

Era tão melhor que tive Aquela Sensação novamente.

Mais uma vez peguei meu telefone, só que agora sentia apenas boas coisas pelo aparelho. Na verdade, me arrependi de um dia tê-lo odiado. Que equipamento maravilhoso! Posso tirar fotos, enviar mensagens de texto, acessar a internet, usá-lo como GPS ou gravador e mais centenas de outras coisas. Podia até mesmo fazer ligações! E além de tudo isso, eu posso enviar e-mails!

Rapidamente comecei a usar algumas daquelas incríveis funções. Acessei a internet e encontrei um site que me permitia reservar quartos de hotel. Reservei um no Galleon, ao sul de Miami, no nome de Brian Murphy, o mesmo que estava no cartão de crédito falso de meu irmão. O site me permitia escolher um quarto,

então decidi pelo 1221, sem ter uma razão específica. Confirmei e fechei o site.

Em seguida usei meu estimado telefone e enviei um e-mail para Vince Masuoka. “Oi, Vince”, escrevi, “achei q vc deveria saber, tô no Hotel Galleon, quarto 1221. Não conte pra ninguém!” e incluí “P.S. Não vou estar lá por pelo menos duas horas, então, não venha agora.”

E por último, para que tudo funcionasse bem, usei o maravilhoso aparelho para fazer uma ligação de fato.

— Vince — falei assim que ele atendeu. — Acabei de te mandar um e-mail.

— O quê? Não! — Gritou ele — Dexter, eu já te disse que Anderson está lendo todos os meus e-mails!

— Sim, eu sei — respondi acalmando-o — Estou contando com isso.

— Você o quê?

— Mas você tem que ignorar esse e-mail — aconselhei — Tá bem?

— Ignorar? Mas são meus e-mails!

— Vince, por favor, é bem simples — falei — Ignore todos os meus e-mails.

Entendeu?

— Acho que sim — falou — Mas Dexter...

— Tenho que ir, Vince — interrompi antes que ele dissesse mais alguma coisa. — Tchau! — E desliguei.

Já pensou em como o mundo pode ser um lugar maravilhoso, especialmente quando as coisas se encaixam em seu devido lugar? Era um momento tão especial que decidi comemorar. Levantei e comprei outro superpoderoso magno nham-nham. E, de novo, tinha um sabor muito similar ao de café e estava bom também. Tomei um gole e esperei pelo meu irmão.

Segundos depois, Brian estava sentado à minha frente, tomando um gole do fantástico-colossal-triplo-cósmico-gigante.

— Tem certeza disso? — Perguntou-me, lambendo o resto de *chantilly* que estava em seu lábio superior.

— Tenho. Mas, se eu estiver errado, o pior que pode acontecer é ninguém aparecer lá.

Ele balançou a cabeça concordando e bebeu mais um pouco.

— Bom, então... vamos.

Tirei do mesmo bolso meu celular e um cartão de visitas. Disquei o número, esperei dar três toques e ouvi “Frank Kraunauer, pode falar”.

— Aqui é Dexter Morgan, senhor. Acho que um repórter me viu no lobby, então decidi me hospedar em outro hotel e queria que o senhor soubesse onde estou. Só por precaução, entende?

— O que é muito prudente de sua parte. Afinal de contas, melhor prevenir que remediar. Onde você está?

— No hotel Galleon, ao sul de Miami, quarto 1221 — falei, e logo fiquei pensando que a pergunta dele tinha sido a primeira vez em que ouvia uma frase tão sem emoção vinda de Kraunauer. Sua mente estava claramente ocupada com assuntos mais importantes, como dar a localização de Dexter a seus amiguinhos assassinos. Usar uma frase ensaiada não me faria parecer menos culpado em qualquer sentido legal, mas era o bastante para mim.

— Tudo bem — ele respondeu. — Seja paciente e evite sair o máximo possível de seu quarto.

— Estou assistindo a um filme — respondi. — Não vou sair pelas próximas duas horas. Depois vou sair para comer alguma coisa.

— Excelente. — disse ele. Acredito que receberemos boas notícias em breve.

— Ótimo — respondi — Obrigado, Sr. Kraunauer.

— Disponha — e, então, desligou.

Brian me encarou curioso. Dei de ombros e falei:

— Não é como se ele tivesse confessado.

— Ele não faria isso.

— Mas acho que tenho razão — respondi. — E acho que teremos nossas respostas logo. Tomara que tudo aconteça na hora certa.

— Ainda é difícil acreditar — disse Brian. — Ele tem uma reputação muito boa em determinados círculos sociais — e me deu um meio sorriso, continuando —, sabe, os círculos que recentemente abandonei. — Brian franziu a testa encarando o café. — Por que ele faria isso com você? Um cliente?

— Pura matemática — respondi. — Sou apenas um caso, que representa honorários limitados. Raul, por outro lado, representa uma fonte infinita de clientes endinheirados. E — continuei — provavelmente Raul mataria Kraunauer se ele não fizesse isso.

— Faz qualquer um colaborar — respondeu.

— E, se levamos em conta o que você descobriu sobre Kraunauer,

enquanto trabalhava com Raul... — ao mesmo tempo que eu falava, Brian concordava com a cabeça — Nós já sabemos que existe uma conexão. Acredito que estejamos próximos de uma prova conclusiva.

— Acredito que sim — ele me respondeu pensativo. Ficou em silêncio por um momento, suspirou e, balançando a cabeça, me disse: — Mas que mundo! Ninguém tem respeito por nada nesta vida.

— Só duas coisas merecem respeito: advogados e dinheiro.

— Verdade — concordou. — Bem, o que faremos agora? — Perguntou.

— Esperamos — respondi. — Em algum lugar perto do hotel. Seria melhor se pudéssemos ficar onde podemos observá-los sem sermos vistos.

— Sim, com uma boa ênfase na parte de “*não sermos vistos*”.

O Galleon ficava a mais ou menos dois quilômetros de distância e nós chegamos em menos de meia hora. Encontramos o lugar perfeito para aguardar, meio quarteirão adiante, em um estacionamento cercado por uma tela metálica. Uma cerca-viva assimétrica havia sido posta bem próxima ao cercado para garantir um pouco mais de privacidade. Estava anoitecendo e o tráfego começando a ficar menos intenso. De onde estávamos podíamos ver sem dificuldade a porta de entrada do hotel, graças a alguns galhos mais espaçados na cerca. Somando tudo isso ao pára-brisas de nosso carro, tornava-se improvável sermos vistos.

Enquanto esperávamos, algo terrível me passou pela mente.

— E se eles usarem uma bomba de novo? — Perguntei.

— Ah, eu duvido — Brian respondeu dando um sorrisinho alegre. — Raul não tem paciência para erros, eles vão querer confirmar de perto dessa vez.

— Quantos deles?

— Esse vai ser o primeiro grupo — falou Brian. — Os melhores atiradores de Raul. Pelo menos dois deles e talvez um motorista.

— É o que eu espero. Será mais fácil se capturarmos o motorista ainda vivo.

— Se for esse o caso — disse Brian.

— E é — respondi firmemente. — Precisamos de pelo menos um vivo.

Brian fez uma cara triste, porém infantil.

— Mas que pena.

— Pode ser — respondi. — Mas precisamos de alguém que nos diga onde estão as crianças.

— Ah, eu sei — respondeu e então claramente se animou. — Isso significa que teremos que persuadi-lo a falar e eu não havia pensado nisso! Mas que divertido! — Brian começou a cantarolar suavemente e um pouco fora de tom. Sua suposta música me irritou na hora, era quase insuportável.

Pode ser que eu estivesse um pouco nervoso — mas quem não estaria? Eu finalmente teria uma chance de devolver toda a dor, intolerância e perversidade que assombraram minha vida, mas era um plano arriscado e extremamente delicado. Se as coisas saíssem dos trilhos, mesmo que pouco, ou se um dos peões não fizesse sua parte, o esquema todo viria abaixo. Havia inúmeras variáveis e nenhuma maneira de prevê-las. E depois de três minutos com Brian cantarolando, eu queria estrangulá-lo.

Alguns minutos depois, um Ford Taurus veio lentamente até a frente do hotel e estacionou de maneira relapsa. Era um veículo oficial da região de Miami e o estilo de estacionar meio que passava a mensagem de “meu distintivo permite que eu faça isso”, e logo em seguida Anderson desceu do carro.

— Bingo! — falei.

— Primeiro grupo de convidados? — Brian perguntou.

— Isso — respondi. Enquanto observávamos, Anderson passou rapidamente pela calçada e entrou no hotel carregando uma caixa de sapatos embaixo de um dos braços. Agora era tudo uma questão de tempo. Por um momento quis que existisse um deus, e que ele ouvisse uma oração de um ser como eu. Teria sido bom ter feito uma oração, sem compromisso, e crer que fosse funcionar. Mas, pelo que sei, não existe um deus e a única coisa perto de oração que eu sei é “Com Deus me deito, com Deus me levanto”, o que não serve muito bem para essa situação.

Mas, para a minha sorte, nenhuma oração foi necessária. Dois minutos depois de Anderson entrar no hotel, um SUV azul passou lentamente pelo nosso esconderijo e estacionou em uma vaga em frente ao hotel.

— Eis o segundo grupo de convidados — falei. — A vida é boa.

Brian concordou com a cabeça, olhando fixamente para esse segundo carro. Dois homens atarracados e morenos desceram. Um deles carregava uma pequena maleta.

— Aquele ali com a maleta é o Cesar — Brian cochichou. — Um cara bem do mal, mas eu não sei quem é o outro.

Os dois bateram as portas do carro e entraram no hotel com sua maleta.

— Não tem motorista — falei, sentindo um frio na barriga.

— Realmente — respondeu, balançando a cabeça negativamente.

— Merda.

Isso deixava as coisas bem mais difíceis, mas não havia nada a fazer a não ser torcer pelo melhor.

Esperamos mais alguns minutos, quando Brian virou pra mim e disse:

— Vamos?

— Temos que ir.

Saímos do carro e atravessamos a rua até o outro lado do hotel. E rapidamente, porém com todos os sentidos bem apurados, subimos a calçada que dava direto à porta principal.

— Me deixe ir primeiro — pediu, e eu concordei com a cabeça.

A passos largos Brian foi até porta e esperei por trinta segundos que pareciam durar uma eternidade até ele se virar e dizer “tudo limpo”. Então o segui até lá dentro.

Era um lobby bem bonito, se você gosta de porcelanato velho e papel de parede dourado soltando as bordas. Um atendente visivelmente entediado estava digitando num iPad. Nem sequer levantou a cabeça quando passamos por ele até o elevador, que, para minha alegria, estava no térreo de portas abertas nos esperando.

Subimos até o décimo segundo andar ao som de uma música suave e compassada, e Brian cantarolava qualquer coisa que, pra mim, era irreconhecível. Não sentia mais o desejo de estrangulá-lo. Estava ocupado demais pensando no que poderia dar errado.

Quando as portas se abriram, Brian acenou para que eu esperasse e, de novo, foi à minha frente com a arma engatilhada. Mas desta vez voltou em segundos.

— Vem logo, irmão! — Disse, frenético.

Saí do elevador e logo vi o que o deixou apreensivo.

O quarto 1221 era o segundo à direita dos elevadores e a porta estava entreaberta. Mesmo a metros de distância dava pra sentir o cheiro de pólvora e percebi que o que a estava segurando era uma mão humana. E ela não estava se mexendo.

Olhei para o corredor em ambas as direções. Certamente os hóspedes teriam ouvido algo, não? Mas não havia sinal de vida ou gritos de “socorro!”, “me ajude!” ou mesmo “e aí, beleza?”. Todas as outras portas estavam fechadas. Parecia impossível ninguém ter ouvido nada, no entanto, por mais absurdo que possa parecer, na verdade era possível. Estamos na Miami do século XXI, onde toda vez que alguém ouve um tiro, gritos por socorro ou múltiplos cadáveres jogados pelo chão, as pessoas simplesmente trancam a porta e aumentam o som da TV. Mais uma vez eu me enchia de orgulho cívico: esta é minha cidade.

Mas meu amor por ela não me protegeria se alguém no quarto 1221 estivesse respirando. Empunhei minha pistola e fui até Brian, caminhando silenciosamente pelo carpete desgastado até aquela porta meio aberta. Gentil e cuidadosamente, com a arma erguida, ele empurrou a porta com o pé. Seu corpo tapava minha visão do quarto; estava mesmo me protegendo. Só pude ver suas costas quando ele apontou da esquerda pra direita e, de repente, abaixou sua arma.

— Seu plano funcionou bem, irmão — ele falou e foi para o lado.

Inclinei-me para dentro do quarto. O corpo que impedia a passagem era o do segundo capanga de Raul, aquele que Brian não conhecia. O buraco enorme e podre onde seu olho esquerdo costumava estar era um bom sinal de que seu dono não pertencia mais a este mundo. E, logo a seu lado, perto do criado mudo, estava o resto de nossos amiguinhos.

Cesar, o homem do mal, parecia não ter sido mau o suficiente. Estava deitado de costas, ou pelo menos a maior parte dele. Várias partes suas estavam espalhadas pela parede atrás dele, decorando a madeira com dois buracos de bala. Tinha tanto sangue espalhado pelo quarto que era desnecessário confirmar se estava mesmo morto ou não.

Os dois capangas de Raul. Estraçalhados por técnicas que eu desconhecia. Eu estava menos perto de encontrar meus filhos do que há duas horas. A menos que eu tivesse um tabuleiro *Ouija* para me comunicar com os espíritos daqueles dois capangas. Precisava de outro plano. Ali não havia nada além de um bando de defuntos.

Imagino que eu devesse sentir algum tipo de culpa, mas, claro, nunca tenho e espero nunca ter. E, neste caso, seria o cúmulo da hipocrisia, já que eu tinha planejado isso. Meu único arrependimento era o de não termos um atirador vivo

pra nos contar onde as crianças estavam. Sem essa informação, todo esse nosso esforço teria sido em vão, não nos levaria a nada.

Ou a quase nada, afinal, tínhamos conquistado uma grande coisa.

Logo à frente de Cesar estava o detetive Anderson.

Conheci muitas coisas desagradáveis dele, mas tenho que admitir: dois tiros na cabeça pra derrubar esse homem é sinal de que ele era bem mais durão do que eu pensava.

Estava sentado no chão, de costas pros pés da cama e com as pernas estiradas à sua frente. As mãos estavam caídas ao seu lado, uma delas ainda segurando uma pistola Glock.

Do outro lado estava jogada no chão a caixa de sapato que carregava. Estava aberta, revelando todo o conteúdo de saquinhos plásticos e pó branco.

Anderson não se movia. Três círculos vermelhos estampavam sua camisa branca e barata. Qualquer um deles poderia tê-lo matado. Certamente foram os dois. Mas, estúpido como era, se recusava a morrer. Quando me aproximei para ter certeza se estava ainda vivo, percebi que seu peito se movia paulatinamente e uma das pálpebras abria e fechava de maneira zozna, mas ela estava focada em mim.

Me encarou por muito tempo e eu o encarei também. Seus lábios se mexiam na tentativa de dizer “me ajude”, mas nada acontecia, além de jorrar mais sangue daquelas feridas.

Me agachei ao lado dele. Aí estava o idiota impiedoso que tentou acabar com a minha vida e chegou bem perto disso. Por um momento eu realmente queria poder sentir alguma coisa pra aproveitar melhor esse momento.

— Desculpa, você pediu *ajuda*? Você está mesmo querendo que *eu* te ajude?

Ele me encarou com o único olho que ainda conseguia manter aberto e sua boca se moveu como a de um peixe que está fora d'água por muito tempo. Seus olhos se estreitaram por um tempo e então se arregalaram, como se finalmente tivesse dado conta de quem eu era.

— Pois é, sou eu — falei alegre —, lembra que você disse que não tinha acabado? — Cheguei o mais próximo de seu ouvido que pude sem me encostar nele. — Agora acabou, pelo menos pra você.

Eu tinha chegado a tempo de ver aquilo, seu olho se arregalava cada vez mais, ainda focado em mim, e vislumbrei a boa e velha beleza Daquele

Momento, o último minuto em que você percebe que é o último minuto. E que não haverá mais nenhum. Não pra você, nunca mais. E todas as coisas mais simples e belas que você achava que teria pra sempre, como sentir o calor do sol e respirar, começam a ir embora, se desprendendo de você, mesmo que tente se segurar nelas. Elas se desmancham, deixando-o em uma escuridão sem fim — e então você está morto e ponto final.

Eu observei tudo isso em seu olhar: a noção de que aquele era o Fim. Eu assistia e acompanhava o *seu fim*, como sempre faço, testemunhando esse momento de paz. E, se, desta vez era ainda melhor, foi porque eu mereci.

Aproveitei até o momento em que sua consciência se esvaiu completamente. Então, suas pernas se deslocaram com espasmos e o movimento de seu peito parou. Seu tamanho pareceu diminuir e tive a impressão de que ele ficou mais sujo. E aí ele partiu desse mundo habitado por animaizinhos fofos, arco-íris e torturas ao Dexter.

Esse momento deveria ter sido maravilhoso pra mim, o de aparecer no último minuto, em tempo de ver meu algoz arrancado de seu tormento de viver. Mas a alegria durou pouco. Mesmo morrendo, Anderson ainda era um empecilho. Ao matar os dois capangas, ele garantiu que ninguém pudesse me dizer onde meus filhos estavam. Meu plano tinha sido perfeito, ainda assim ele tinha conseguido atrapalhar.

— Desgraçado — falei para Anderson. Levantei e até pensei em chutá-lo, se não fosse manchar meus sapatos com seu sangue.

— Melhor a gente ir logo — Brian sussurrou.

Estava saindo, mas parei. Não havia motivos pra perder uma oportunidade dessas, sendo que com só por mais um pequeno detalhe, esta se tornaria uma cena ainda mais memorável — um detalhe que poderia fazer com que Anderson parecesse suspeito o suficiente a ponto de fazer com que suas acusações contra mim parecessem duvidosas.

— Brian, tem um trocado aí?

— Mas por que... ah, claro... — respondeu, colocando a mão no bolso e tirando um bolo de notas de cem — isso deve ser suficiente. — E lançou o dinheiro pro alto.

Dei uma última olhada e gostei do resultado. A cena só podia ser mais óbvia se tivesse legenda. Um policial corrupto tentando vender drogas roubadas da sala

de evidências. Uma discussão por causa de dinheiro resultou num tiroteio. Uma rápida investigação no histórico dos outros dois homens revelaria ligações com o crime organizado. Anderson nem teria como se defender. Já era hora. Vão tarde. Caso encerrado.

Acompanhei Brian de volta ao elevador. Descemos até o terceiro andar, saímos e pegamos a escada até o térreo. Deixamos o hotel pela porta dos fundos, demos a volta pelo quarteirão até o estacionamento e entramos no carro.

— Bem, acho que voltamos à estaca zero — Brian falou, enquanto nos afastávamos lentamente do hotel.

— Nem tanto. Pelo menos sabemos das intenções de Kraunauer.

— É — suspirou — Mas queria que tivéssemos ao menos salvado Cesar.

— Sério? Ele era amigo seu? — Fiquei surpreso.

— Ah, não, estava longe de ser um amigo. Na verdade tínhamos umas richas — ele me olhou com um sorriso meio tímido. — Estava ansioso por um momento a sós com ele pra termos uma conversinha.

— Talvez na próxima.

Novamente queria saber como reza, mesmo que fosse pouco. Talvez não houvesse uma próxima vez.

Caso contrário, meus filhos poderiam morrer.

## CAPÍTULO 22



**BRIAN NOS LEVOU ATÉ UMA CAFETERIA EM COCONUT GROVE. JÁ HAVIA** escurecido completamente quando descemos do carro e sentamos em uma mesa nos fundos. Nenhum de nós tinha muito o que dizer. Brian se distraiu com o menu, enquanto eu tentava pensar no que fazer, agora que o plano A tinha sido arruinado. Além disso, tinha certeza absoluta de que Deborah estaria em casa roendo as unhas esperando uma ligação minha, e não queria colocar nossa recente e delicada reconciliação em risco fazendo-a esperar demais. Eu teria que descobrir uma combinação de palavras que fosse realmente mágica pra poder explicar a situação. Se Harry tivesse visto o resultado de meu plano, teria dito que eu “*fodi a porra toda*”.

Sem dúvida Debs teria ouvido falar de Anderson, e ela conseguia ligar as coisas melhor do que ninguém. E o resultado disso seria que *foi o Dexter*. Seja lá o que Debs estivesse disposta a fazer a essa altura, permitir a morte de um policial (mesmo que fosse corrupto) não era uma delas. Somando isso ao seu desespero e sua preocupação com as crianças, ela deveria estar à beira da loucura. Eu tinha tanta certeza disso que nem havia ligado meu telefone de novo.

O café veio em canecas de porcelana trincadas, estava quente e chegou em boa hora. Brian pediu uma torta de morango e eu um sanduíche de atum com queijo. O tempo passava absurdamente rápido, eu conseguia ouvir o *tic-tac* do meu relógio, mas ainda não tinha conseguido pensar em nada pra dizer a Deborah. Porém não tinha mais como postergar o inevitável e então tirei meu telefone do bolso, liguei-o e quase que imediatamente o toque de ligações perdidas disparou, todas elas de Debs. Aguardei mais um minuto, mas as ideias não vinham. Não tive escolha: liguei para ela.

— Onde é que você estava? — Ela me perguntou, numa voz que parecia

estar entre o ódio e o alívio. — Que inferno... Você encontrou as crianças? E o Anderson? Aquilo foi coisa sua? Por que...

— Deborah — falei mais alto do que esperava e Brian arqueou uma sobrancelha ao me olhar. Mas isso fez com que ela prestasse atenção. E, com mais alguns palavrões um pouco reprimidos (nenhum deles muito original), ela passou pra um estado menos histérico e raivoso.

— Puta merda, Dexter! Você sai por aí com uma pistola e o Anderson aparece morto e... Como isso traz as crianças de volta? Pode me explicar?

— Não, enquanto você estiver falando, não — falei, e ouvi os dentes dela baterem ao calar a boca. Pelo menos agora estava quieta e pude baixar o meu tom de voz.

— Por mais triste que eu esteja, não atirei em Anderson — falei num sussurro. Naquele momento, pra minha sorte, consegui pensar na explicação que limparia a minha barra. — Só que o Anderson atirou nos homens que podiam nos levar até as crianças, Deborah.

Ela fez o som de quem fala com os dentes cerrados.

— Merda — protestou. — Mas que merda.

— Mas eles não eram os únicos — falei.

— Tem outros sequestradores? Você consegue encontrá-los?

— Eu... *acho* que sim — respondi com cuidado, pois essa era uma pergunta óbvia demais para a qual eu ainda não tinha uma resposta.

Ela ficou em silêncio por um tempo e desabafou:

— Tenho que ir com você dessa vez. Eu preciso, Dexter.

— Não, Debs, ainda não — respondi.

— Porra! Eu *preciso* ir, Dexter! Não posso ficar aqui fazendo nada com você perambulando por aí enquanto meus filhos estão... onde? Me fala, Dexter. Cadê meus filhos?!

— Vou encontrá-los, Debs.

— Mas eu quero encontrá-los com você, cacete!

— Eu vou achá-los. Te ligo depois.

— Dexter, seu desgraçado!

Eu já sabia que era um desgraçado, então desliguei.

— Então — disse Brian, com seu melhor sorriso —, como está sua irmã?

— Está muito bem — respondi. — Brian, você acha que a gente consegue

usar a mesma tática?

— Fazer os homens de Raul virem atrás de você? — Brian perguntou, e eu acenei que sim. Ele franziu a testa enquanto pensava. — Hummm... Se conheço Raul ele deve estar por perto... E deve estar com as crianças. Mas eles não vão te levar até ele e fazê-lo ajoelhar na frente do homem. Você já escapou *duas vezes*, tenho quase certeza de que Raul está começando a ficar... um pouquinho irritado. Meio nervoso, frustrado, talvez até um pouco furioso — Brian balançou a cabeça com tristeza. — O cara não tem autocontrole. E ele, definitivamente, *odeia* não conseguir o que quer e quando quer.

— Acredito que isso tenha a ver com o fato dele ser um chefe do tráfico. Será que vai descontar nas crianças?

— Ah, não. Não, não. *Ainda não...* — Brian respondeu, sem me convencer.

— O que ele vai fazer?

— Com certeza vai querer alguém morto, claro. De preferência você e eu — e deu de ombros, como se fosse a coisa mais óbvia que Raul faria. — Mas ele não vai ser paciente. Nem sutil.

— Então você acha que ele vai morder a isca de novo?

— A essa altura acho que Raul morderia os ganchos sem iscas se levassem até nós.

— Tudo bem. E você disse que ele poderia ter mais atiradores.

— Ah, com certeza. Mão de obra nunca é um problema para homens bem-sucedidos como Raul.

— Ótimo. E qual é a melhor maneira de fazer isso?

Paramos para pensar um momento e então Brian disse, um pouco hesitante:

— Hum, talvez usando Kraunauer?

— E será que ele vai cair? Digo, ele deve estar suspeitando de algo a essa altura, não?

— Acho que não — falou Brian, levantando um dedo e balançando como se estivesse me dando uma lição. — Raul tem o poder de deixar todo mundo ao seu redor bem agitado quando ele está nervoso, todos ficam bem propensos a agradá-lo. Até mesmo Frank Kraunauer.

Franzi a testa ao considerar que talvez não houvesse outra saída.

— Então está bem — falei enquanto pegava o celular. — Mas desta vez nós *temos* que fazer um deles falar.

— Ah, sim. Com certeza — ele falou.

E então disquei.

Kraunauer atendeu na hora.

— Sr. Morgan, o quê... Você está bem?

— Estou bem — respondi.

— Acabei de... eu ouvi que... Digo, houve um tiroteio no seu hotel, não é? E aquele detetive... foi o mesmo que, hã...

— Sim, era ele. Mas eu não estava lá quando aconteceu — respondi.

— Oh... — Kraunauer disse, e até ele ficou surpreso ao perceber o descontentamento em sua voz. Ele limpou a garganta e se apressou em dizer — Digo, isso é bom, com certeza... e o que... onde você está agora?

— Na verdade, estou me escondendo, ao norte de Miami — Na verdade, era bem longe de onde eu estava. Definitivamente eu não confiava nele.

— Certo, certo. Tudo bem. Mas isso é... Como você... E aquele detetive, digo, o que aconteceu?

— Ele me ligou no celular — respondi, deixando a imaginação trabalhar. — Ele... hum... disse que tinha um documento que provaria minha inocência. E que eu nunca conseguiria esse documento, já que ele acenderia uma fogueira com os papéis e eu não tinha como impedi-lo.

— Certo, e então? — Kraunauer falou.

E então? Nada... minha mente ficou completamente vazia.

— Ai... ai... — Gaguejei, tentando dizer algo, mas não consegui. — Estou com os documentos, sr. Kraunauer. E eles realmente provam minha inocência — deixei escapar, esperando que Brian estivesse certo e ele estivesse tão ansioso e não percebesse as falhas na minha história.

— Ótimo — falou sem hesitar. — Onde você está agora?

Agradei Raul mentalmente e fui direto ao ponto:

— Acontece que eu não sei se consigo mantê-los em segurança — falei, em um tom baixo apenas para manter o teatrinho. — Quero levá-los até você o mais rápido possível.

— Ótimo! — Frank agora demonstrava um entusiasmo muito convincente. — Irei jantar no Tick Tock às dez, você sabe onde é?

— Hum, em South Beach? — Perguntei.

— Isso — Ele me passou o endereço e continuou. — Conseguir chegar um

pouco antes das dez?

— Vou levar 45 minutos pra chegar. Mas preciso tomar cuidado, preciso ter certeza de que não estou sendo seguido. Que tal um pouco mais tarde?

— Perfeito — falou. — Encontre-me lá às 22h15, nos fundos, tudo bem? No estacionamento.

— Atrás do Tick Tock, às 22h15. Estarei lá — confirmei.

Encerrei a ligação e coloquei o celular de volta no bolso. Brian me olhava confuso

— Tick Tock? — perguntou — É uma loja de relógios?

— Um restaurante — respondi. — Supostamente muito bom.

— Será que ele faria isso em um restaurante bom? — Brian perguntou duvidoso.

— Conheço um pouco da região. Tem um terreno vazio logo ao lado, o estacionamento atrás é bem discreto. Na verdade, é o lugar perfeito.

— Se você diz, meu irmão.

— É sim — confirmei.

Concordando, Brian me perguntou:

— Seria inteligente chegarmos primeiro, não?

— Sim, seria — respondi e levantei — Vamos?

Deixamos o dinheiro do café na mesa, pegamos o carro e Brian entrou na rodovia US 1.

— Não sei bem o que fazer se isso não funcionar — Brian confessou enquanto íamos para o norte e entrávamos na rodovia I-95.

— Então, vamos fazer funcionar — respondi.

Nós cruzamos a ponte MacArthur em direção a South Beach e dirigimos até a Quinta Avenida. Brian passou direto pelo Tick Tock sem desacelerar enquanto eu observava atentamente. Não tinha muito pra ver, a não ser um pequeno grupo esperando para entrar. E nenhuma das pessoas que estavam à frente do restaurante parecia carregar rifles. Brian virou à direita, num quarteirão à frente de Tick Tock e então entrou em um estacionamento com uma fileira de árvores que escondiam todo o perímetro. Estacionou em um ponto com vista para o restaurante e deixou o motor ligado.

— E agora, o que faremos? — Brian perguntou.

— Seria bom saber o que esperar. Quantos deles você acha que virão?

— Eles estão esperando apenas por uma pessoa: você — respondeu. — Havia dois deles na última vez, agora é uma coisa mais aberta, então, provavelmente, acredito que venham três. O terceiro homem será o motorista, ele vai manter o motor ligado e fornecerá apoio. Então acredito que três homens virão, mais do que isso seria exagero — Brian disse, dando um sorriso largo e malicioso.

—Três homens, então. Dois atiradores e um motorista.

— Provavelmente — Brian concordou com a cabeça.

— Caso eles se separem vai ficar mais difícil. Três alvos, em três lugares diferentes.

— E provavelmente nós ficaríamos no fogo cruzado. É isso que vai acontecer.

— Mas antes eles terão que chegar lá primeiro — falei, pensando em voz alta. — E assim que isso acontecer, por pouco tempo, nós teremos os três juntos, dentro do carro deles.

— E aí *eles* estarão no meio do *nosso* fogo cruzado.

— Certo. Mas vamos supor que, pelo menos, eles tenham rifles.

— É quase certeza que sim — disse Brian.

— Uma arma automática leva um pouco mais de tempo para sacar e atirar, caso ataquemos de surpresa. Imagino que o motorista não seja um atirador dos melhores.

— É por isso que ele está dirigindo.

— Sim, e ele estará preocupado em fugir, com as mãos tensas no volante. Então você ataca um dos atiradores e eu o outro.

— E cada um ataca o que estiver mais próximo — falou Brian.

— Isso, e, assim, manteremos o motorista vivo.

Brian fez aquela sua cara infantil de tristeza novamente:

— Pra levarmos até sua “irmã”?

— Porque ele vai saber onde as crianças estão, Brian. É disso que se trata, entendeu? Salvar as crianças.

Ele respirou fundo e disse, balançando a cabeça:

— É difícil lembrar quando você se diverte tanto.

— Nós *temos* que trazer ele vivo, ok? Vivo, Brian.

— Mas não por muito tempo — ele, enfim, concordou.

Dei um tapinha em seu ombro.

— Não por muito tempo.

Olhei no relógio, fazia apenas 20 minutos desde que eu havia falado com Kraunauer. Mas, para nos garantirmos, precisávamos estar em posição o mais rápido possível. Olhei para Brain e concordamos com a cabeça:

— Vamos?

— Sim, vamos — falou, sem disfarçar a alegria. — Ah, como eu *amo* surpresas.



Desta vez usaram um SUV dourado. O carro entrou na parte de trás do estacionamento 15 minutos depois de entrarmos em posição, e não restavam dúvidas de quem se tratava. Entraram devagar, verificando a área com cuidado, não parecia em nada com alguém procurando por uma vaga para estacionar em um restaurante, eram mais do tipo “profissionais assassinos procurando um lugar pra matar”. De onde eu estava, consegui ver apenas um homem no assento de passageiro, olhando com atenção para todos os lados. Quando o SUV lentamente passou embaixo das luzes dos postes do estacionamento, consegui ver um homem logo atrás do motorista. Contando com ele eram três homens, como Brian disse — a não ser que alguém estivesse escondido no piso do carro, deitado. Acho que não era o caso. Os dois supostos atiradores pareciam bem confiantes, bem tranquilos. E por que não estariam? Chegaram primeiro e estavam fortemente armados. Eram profissionais prontos para matar um amador que não fazia ideia de que estava caindo em uma armadilha.

O carro parou na parte mais distante do terreno, virado para uma ruazinha. Era exatamente onde esperávamos que eles fossem ficar: o carro ficou posicionado para a fuga e os atiradores conseguiam ver todo o perímetro onde preparariam a emboscada.

Era também onde eu estava esperando, agachado no escuro entre o último carro e o prédio vizinho.

E então, enquanto o motorista estacionava o SUV e os dois atiradores

alcançavam suas armas, eu saí de meu esconderijo e dei uma batida de leve na janela do passageiro com minha mão esquerda. Um rosto incomodado me olhou, ele tinha um bigode enorme, uma tatuagem de três lágrimas pequenas no canto de um dos olhos e uma cicatriz na testa. Sorri e ele levou quase dois segundos inteiros para me reconhecer — foi tempo demais, coitado. Assim que seus olhos se arregalaram e ele abriu a boca para tentar avisar os outros, Brian surgiu de trás de um carro estacionado e atirou no homem atrás do motorista. Enquanto ele se virava para ver o parceiro morrer, atirei em sua nuca, duas vezes.

As janelas do carro estouraram com o barulho dos tiros e o sr. Bigode caiu escorado no motorista, enfiei minha mão pelo vidro quebrado e abri a porta do carro. O motorista me olhou espantado e então começou a tatear o assento ao lado esperando encontrar uma pistola. Inclinei-me e coloquei o cano da arma na orelha dele, dizendo:

— Nem pense nisso — prestativamente o motorista travou.— Mãos no volante — falei. Ele hesitou e eu empurrei o cano da arma na orelha dele.

— Ok, ok!

— *Manos* — falei, apontando para o volante — ¡*Las dos!*

Ele colocou as mãos no volante e em seguida Brian abriu a porta de trás. Ouvei uma batida forte assim que o atirador no banco de trás caiu morto no chão do estacionamento.

— Oops! — Disse Brian, seguido de: — Oh, Ee-bahng! É você mesmo? — Ele se inclinou para dentro do carro e deu um tapinha na cabeça do motorista. — É assim que ele pronuncia seu nome “Ivan” — falou. — Pronúncia cubana. *Ee-bahng* é cubano.

— Maravilha — respondi.

— Ee-bang é o bombardeiro maluco de Raul — falou feliz enquanto bagunçava o cabelo de Ivan. — Aposto que trouxe uns brinquedinhos!

— Aposto que trouxe — falei — Podemos ir, por favor?

— Só um minuto — Brian respondeu. Ele se inclinou e deu uma olhada na parte de trás do SUV. — Sabia! — falou e levantou uma mala de academia, dessas de lona, bem pesada. — Sempre quis brincar com uma dessas. Pode ser útil.

Brian colocou a mala no chão cautelosamente, abriu a porta do motorista com força e forçou o cano da arma no nariz do homem.

— Ee-bang! ¡*Afuera!* — E bateu na testa de Ivan com o cano da pistola. —  
¡*Ahora!*

Ivan uivou de dor. Um fio de sangue desceu pelo seu rosto, onde Brian o acertou, ele se atrapalhou ao sair do carro, tropeçou e Brian o agarrou.

Ouvi uma porta bater e olhei na direção do restaurante. Frank Kraunauer estava atravessando o estacionamento rapidamente em nossa direção.

— Brian! — Sussurrei e abaixei num reflexo.

Meu irmão percebeu que alguém vinha em nossa direção e, para a minha surpresa, deu um sorriso que pareceu ser bem honesto e disse:

— Perfeito.

Então se agachou logo atrás de Ivan e pressionou sua pistola na base da espinha do bombardeiro.

— *Sonrisa* — sussurrou. — *No diga nada. Comprendes?* Sorria e não diga nada — Ivan concordou com a cabeça.

E então, Kraunauer chegou, dando a volta rapidamente para falar com Ivan.

— Acabou? — Perguntou. — Onde está... Urgh! — Ele pulou para trás quando Brian se colocou de pé e o encarou, e então, quando eu saí das sombras, Kraunauer tropeçou mais uma vez.

— Como... — perguntou.

E bem quando eu estava para dar uma resposta tão afiada e ligeira que daria fim à confusão de Kraunauer, suas mãos se moveram, tão rápido que só me dei conta da arma que ele estava segurando alguns segundos depois, quando a pistola de Brian disparou uma, duas, três vezes.

A cada tiro, Frank Kraunauer deu um passo em falso para trás, e, por um longo minuto, ele ficou ali parado, com cara de surpresa. Franziu a testa olhando para a pequena arma que tinha nas mãos, como se fosse culpa da pistola. Então deu um último passo para trás e caiu como se os ossos de suas pernas tivessem sido removidos.

Brian o observou cair, ainda sorrindo, e então me olhou.

— Oh — e seu sorriso sumiu. — Sinto muito, irmão. Acho que você vai ter que arrumar um novo advogado.

Eu achava também, mas estava mais preocupado em sair dali antes que alguém aparecesse e nos visse.

— Vou encontrar alguém mais tarde — disse, olhando ao redor ansioso. —

Nós precisamos ir. Cedo ou tarde alguém vai dar queixa de ter ouvido tiros.

— Até mesmo em Miami — Brian concordou.

Logo, colocamos Ivan no assento de trás do Jeep de Brian, que estava nos aguardando em uma ruazinha próxima. Entrei na parte de trás com o bombardeiro, que mantinha seus olhos fixos no meu irmão o tempo todo. Pelo olhar em sua cara, Ivan sabia muito bem quem Brian era e o que ele podia fazer, e estava disposto a qualquer coisa para impedi-lo. Ele estava tão focado em Brian que não reagiu quando preendi suas mãos com a fita adesiva que eu havia trazido. Brian seguiu pela ruazinha e entrou na rua 6, enquanto eu prendia a boca, mãos e pés de Ivan. Não importava o que eu fizesse, ele mantinha seus olhos fixos em Brian.

— Bem, acho que foi tudo bem, no geral.

— Estamos vivos; eles não — respondi. — E ainda temos um novo parceiro para brincar.

— Ah, sim. E eu *sei* que ele vai dar um belo de um tagarela — falou. — A vida é tão boa.

Brian seguiu direto até a ponte MacArthur, o que achei prudente. Nas ruas da cidade muitas coisas poderiam acontecer que poderiam resultar em conversas desagradáveis com oficiais da lei mais aplicados ao trabalho. Às vezes, policiais enxeridos querem saber coisas banais, coisas que claramente não são da conta deles como “por que seu amigo está todo enrolado em fita adesiva?”; em vias expressas você tem menos chances de ter esse tipo de inconveniente, contanto que mantenha a velocidade e não cause um acidente.

Quando terminamos de cruzar a ponte e voltamos à estrada, Brian entrou na rodovia I-95, o que não deveria ter me surpreendido, levando em conta que eu não havia pensado muito bem no que faríamos se tudo desse certo. Obviamente meu irmão já tinha pensado nisso, mas não se importou em compartilhar seus pensamentos.

— Para onde estamos indo? — Perguntei.

— A um pequeno guarda-móveis que aluguei — ele respondeu. — Perto do aeroporto de Opa-locka — Nossos olhares se encontraram e ele me deu um sorriso. — Um refúgio modesto, já foi bem útil no passado.

— Uma escolha muito boa — respondi.

E era mesmo, o aeroporto de Opa-locka é realmente um lugar estranho, um

tipo de zona neutra no tempo-espaço e, mais importante ainda, no cumprimento da lei. Havia tantos tipos suspeitos, espões, traficantes e transeuntes de origem e integridade suspeita entrando e saindo dali, que o acordo implícito tinha evoluído: a execução da lei, em qualquer hipótese, não existe. Muito mais fácil assim; evita o constrangimento de prender um monstro todo tatuado, babando e que está obviamente contrabandeando heroína, bem como todo tipo de arma, de pistolas a mísseis Titan — e então descobrir que ele é na verdade um ex-fuzileiro naval, com botas brilhando, corte de cabelo à escovinha, ex-escoteiro da pátria e agente federal trabalhando disfarçado em um projeto tão secreto que nem sequer existe.

Por isso a área ao redor do aeroporto de Opa-locka é basicamente desprotegida de vigilância policial, o que garante muitas pequenas vantagens — tal como ser o lugar perfeito para eu e Brian relaxarmos e termos uma conversinha descompromissada com Ee-bahng. Olhei com carinho para meu mais novo amigo no assento ao meu lado e pensei em toda a diversão que nos aguardava. Fazia tempo que eu não sentava, relaxava e tentava fazer com que as pessoas se abrissem. E este homem, tremendo de medo ao meu lado, era o candidato perfeito para esse tipo de diversão. Com certeza ele fez por merecer um pouco de atenção; bombas são coisas tão impessoais, não? Seria bom fazê-lo entender que a sociedade, em grande parte, não concorda que explodir coisas seja um ato louvável. Principalmente com pessoas dentro. Pensei que poderíamos achar uma maneira de convencê-lo de que suas ações não são louváveis. Ah, sim! Brian disse que Ee-bahng se mostraria um tagarela de primeira, sem dúvida. Só não queria que ele começasse a falar *muito e logo*, fazendo a diversão acabar.

Estava me sentindo bem alegre enquanto íamos para o norte de Miami, e bastante empolgado para conversar com Ivan — com Brian ao meu lado, conversando com ele ao mesmo tempo. Nós tínhamos tanto para aprender um com o outro, tantos procedimentos técnicos a comparar e demonstrar, seria uma combinação exemplar de recreação, educação e criação de laços entre irmãos, e eu estava realmente feliz de estar chegando ao local.

O Ivan...? Nem tanto. Não havia tirado seus olhos de Brian e estava começando a tremer, apesar de ser uma noite bem agradável. Ele não estava com uma aparência boa e era fácil ouvir seus dentes baterem, mesmo com a fita por cima de sua boca. Comecei a suspeitar de que se tratava de um caso clínico

que o mataria antes de conversarmos. Seria uma pena. Não só por perdermos um amigo antes mesmo de conhecê-lo, mas porque perderíamos nossa melhor oportunidade de descobrir onde as crianças estavam.

E então, por saber que uma demonstração de gentileza adicionaria um ponto a mais na minha ficha de registro cármico, me aproximei dele e dei um tapinha em sua bochecha. Ele se assustou e pulou no assento como se tivesse levado um tapa de verdade e pela primeira vez seus olhos deixaram de fitar Brian e começaram a me fitar.

— Tudo bem, Ivan? — Perguntei com uma falsa preocupação. Ele não falou nada, só me encarou com olhos sangrentos e esbugalhados.

— *¿Estás bien, Ee-bahng?* — Repeti em espanhol.

Ivan piscou três vezes, mas não fez menção de responder. Sua boca, claro, estava fechada com fita adesiva, mesmo assim ele devia ter tentado simular uma resposta, ou mexer as sobrancelhas para dizer que sim. Mas não; ficou ali me encarando, então olhou de volta para Brian, como se tivesse medo de ser castigado.

Balancei a cabeça com tristeza pensando que ele pudesse ser um ótimo bombardeiro, mas obviamente ele não conseguiria um emprego baseado em suas habilidades de conversação.

Meu irmão não tinha muito a dizer, mas a viagem foi curta e sem grandes acontecimentos, e logo estávamos às portas do guarda-móveis, a 800 metros ao sul do aeroporto de Opa-locka. Brian inseriu um código, o portão abriu e nós entramos. A área estava iluminada por vários holofotes supostamente utilizados na prevenção de crimes, mas eu tinha dúvidas de que eles pudessem impedir qualquer coisa. Naturalmente, guarda-móveis próximos a zonas neutras como esta são, geralmente, usados por tipos suspeitos e espões que frequentam o aeroporto e, portanto, estão isentos de qualquer inspeção policial indesejada. E caso houvesse alguém nos guarda-móveis vizinhos certamente iriam evitar fazer qualquer pergunta sobre os barulhos estranhos que Ivan estava prestes a fazer. Vários dos vizinhos, na verdade, estariam muito ocupados criando seus próprios barulhos estranhos.

Um bom guarda-móveis é maravilhosamente flexível. Tem luzes, energia e até mesmo ar condicionado, se necessário. As paredes e o chão são geralmente desenvolvidos com a resistência de uma fábrica e design utilitário, não há

necessidade de se preocupar com riscos na pintura ou as horríveis marcas de sangue no chão. Na verdade, o guarda-móveis é tão maravilhoso, que me pergunto se há necessidade de usá-lo para realmente guardar alguma coisa.

Brian estacionou bem em frente, com o lado do carro em que Ivan estava voltado para a porta pesada de aço.

— Muito bem então — falou Brian, virou-se e acenou para Ivan. — Hora de brincar — falou alegremente, até Ivan pôde notar que se tratava de uma felicidade sincera, e por saber *os motivos* de tamanha felicidade o pobre bombardeiro começou a tremer da cabeça aos pés.

Mas quando Brian abriu a porta do carro e tentou puxar Ivan para fora, o coitado começou a se debater freneticamente, tanto que, quando fui tentar segurá-lo, ele conseguiu escapar de mim. Era um completo desperdício de energia, considerando que a única maneira de sair do carro era pela porta que Brian mantinha aberta, mas ele parecia bem comprometido em tentar. Até que Brian se inclinou e, de maneira gentil, mas com efeito imediato, falou:

— Pare, Ivan.

O bombardeiro ficou estático e então caiu para frente, no banco, tremendo e, para minha surpresa, começou a soluçar e choramingar. Nunca é bonito de se ver, mas, com a boca e mãos presas com fita e o muco se misturando às lágrimas, era ainda pior.

Foi mais fácil tirá-lo do carro assim, do que se ele ainda estivesse se debatendo. Coloquei-o em pé enquanto Brian subiu a porta de metal do guarda-móveis, virou-se para nós, se curvou, numa reverência, e nos convidou a entrar.

Ivan caminhava como se não tivesse tendões na parte inferior de seu corpo; suas pernas pareciam pesar e os pés viravam a cada passo, o que me obrigava a segurar seu braço com força. Considerando que estava ocupado com Ivan, só consegui ver bem o pequeno playground de Brian quando ele baixou a porta e acendeu as fileiras de lâmpadas fluorescentes presas no teto. Mas enquanto Brian levava Ivan até uma cadeira, olhei ao meu redor, e o que vi seria o suficiente para trazer felicidade a boa parte do meu coração, se eu tivesse um.

O estilo de decoração de Brian poderia ser descrito como Dentista Nazi Industrial. Nas paredes, cuidadosamente presos e organizados, uma ampla variedade de serras, brocas e outras ferramentas elétricas que eu só conseguia imaginar para que serviriam. Sei muito bem como árvores são podadas e

também já vi comerciais de equipamentos de serra antes, mas ver tudo aquilo nesse lugar foi uma surpresa agradável. Eu tinha que parabenizar meu irmão pela criatividade que eu nem sabia que ele tinha.

Observei enquanto Brian levava Ivan até uma cadeira de dentista presa por parafusos no chão, aparentemente com elevação hidráulica e tudo mais. Também havia sido levemente modificada, contava com um conjunto de amarras feitas de malha de metal para as mãos, pés, peito e cabeça, com as quais meu irmão prendeu cuidadosamente o nosso convidado, enquanto assobiava sem ritmo, mas não alto o suficiente para abafar o choro desagradável de Ivan.

Parei ao lado da cadeira, perto de uma caixa grande de ferramentas que estava atrás de Brian.

— Posso ver? — Perguntei.

Brian levantou os olhos por um momento e sorriu.

— Claro, irmão — respondeu. — Talvez você possa até adivinhar o que vem pela frente.

— Com prazer — respondi e me virei para abrir a gaveta de cima da caixa. Levantei a tampa e, embora não tenha suspirado de emoção, fiquei parado por alguns segundos, mudo de alegria. E então me inclinei entusiasmado e comecei a abrir todas as gavetas, não conseguia falar de tanta alegria pela descoberta.

Sempre fui muito certinho e bem organizado. Faz tudo fluir um pouco melhor nessa bagunça que chamamos de vida. Minha área de trabalho no laboratório e meu pequeno escritório em casa eram sempre limpos e arrumados de maneira lógica. Mas, devido à natureza de minha vida dupla, até recentemente nunca pude ser tão meticuloso quanto sempre quis na aquisição e organização de ferramentas para o meu hobby. Meu espaço e privacidade eram tão limitados que minha escolha de aparelhagem também era muito mais restrita do que eu gostaria. Quase todos os dias, ao ver algum item de uso comum, eu ponderava sobre o número de possibilidades jamais testadas que ele teria.

Jamais testadas? Brian tinha adquirido e obviamente *usado* todas aquelas ferramentas e muitas outras que eu nem sequer tinha imaginado. Havia fileiras e mais fileiras de instrumentos cirúrgicos, como bisturis e serras de todos os tipos e tamanhos. E também havia utensílios de cozinha — cortadores, moedores, espremedores, saca-rolhas e outras coisinhas afiadas para um serviço mais

delicado. Fileiras atrás de fileiras compostas de facas da mais alta qualidade, de todos os tipos, da menor das facas até as com o tamanho de machetes, devidamente polidas e brilhando. Facas com lâmina reta, curvadas, finas como agulhas, largas, serrilhadas. Era de fato o kit de ferramentas dignas de um grande artista, me orgulhei em silêncio por ter uma relação de sangue com alguém tão detalhista, criativo e bem equipado.

— Brian... — falei ao terminar minha rápida inspeção. — É de tirar o fôlego.

— De tirar também os dedos das mãos, pés e o nariz — ele respondeu feliz, com seu rosto radiante a apenas alguns centímetros do rosto pálido, largo e suado de Ivan. — Por onde devemos começar?

— É tão difícil escolher — respondi pensativo. Olhei para a caixa de ferramentas, pensando em todas as escolhas maravilhosas à minha frente e em como cada uma delas terminaria com Ivan devidamente preso, se contorcendo e gritando, e meu irmão e eu juntos e felizes sobre ele.

Enquanto estava ali parado, senti uma maré de empolgação me encher e penetrar cada canto e fresta do Castelo Dexter, descendo lentamente a escada úmida e tortuosa das muralhas até o porão, e cada vez mais e mais baixo até chegar às fundações de Mim, o lugar onde As Coisas Proibidas dormem e sonham. E pela primeira vez em meses senti uma rápida agitação de asas coriáceas e uma alegria sombria desenrolando, sibilando sua felicidade no porão escuro onde o verdadeiro Dexter dorme um sono agitado. Ouvi-o cantar um “*sim*”, e então começou a espalhar sua alegria doentia e bater suas asas de morcego subindo as escadas tortas e escuras. E, apesar de toda a claridade das luzes fluorescentes, ele contaminou tudo com a mais perfeita escuridão, enquanto subia o porão e começava *finalmente* a esticar suas adoráveis garras em todas as direções e para fora do Dexter desperto, na direção do mundo maléfico e maçante ao nosso redor. Até que a temperatura da sala começou a cair como um espectro de cores e a realidade começou a escapar para dentro das sombras gélidas da Verdade Noturna e, mais uma vez, tudo estava banhado em um crepúsculo de prazer terrível e frio que estava prestes a se desdobrar na forma de uma tão esperada bênção. Não resolveria os vários problemas que meu ser mundano enfrentava, tampouco faria com que as coisas fora deste pequeno aposento de alegria fossem mais certas, mas isso importava menos do que a

menor gota de suor que escorria no rosto pálido e trêmulo de Ivan. Tudo o que tinha importância, peso ou realidade neste mundo ou em qualquer outro era que nós, *enfim*, estávamos livres para ser e fazer o que deveríamos, e agora o seríamos e o faríamos.

— Tão difícil escolher — Eu e Dexter dissemos novamente.

Até mesmo aos nossos ouvidos a voz soava diferente: mais baixa, mais sombria, mais gélida, com os tons reptilianos de quando o Passageiro toma o controle e os olhos de Ivan iam de um lado para o outro tentando descobrir qual era o novo terror que espreitava.

— Com certeza — e continuamos. — Deveríamos começar com algo pequeno e refinado...

— Mas totalmente *permanente* — Brian completou. — Só pra dar efeito.

— Ah, sim, completamente *permanente* — dissemos deliberadamente devagar, saboreando a palavra que viria a significar tanto para a criatura desprezível excretando muco e se debatendo logo ali na cadeira. Abrimos a terceira gaveta de baixo para cima, onde havia um maravilhoso conjunto de itens para cortar e grampear, de tesouras de manicure a alicates para corte de parafusos. Com um prazer de arrepiar pegamos o alicate de jardim, do tipo usado para aparar arbustos de rosas.

— Talvez um dedo, quem sabe dois? — Falamos, segurando o alicate.

— Hum, sim — falou Brian pensativo. — Acho que só o mindinho. Por enquanto — ele adicionou num tom tranquilizador.

— Claro — respondemos. — Por enquanto.

Pegamos o instrumento e oferecemos a Brian, ele se esticou para pegá-lo, nossas mãos tocaram e nos olhamos.

Por um longo e maravilhoso momento nós encaramos Brian e ele nos olhou de volta. Nesse momento, *algo* sombrio brilhou em seus olhos, desenrolou-se a sua glória potente e tenebrosa, colocou-se de pé e rugiu para o Passageiro Sombrio — que por sua vez rugiu também a sua própria saudação. E, embora já tivéssemos visto outros Passageiros, em outras pessoas, ouvido o desafio e estabelecido o nosso, desta vez era diferente. Desta vez era o meu irmão, minha contraparte nessa alegria doentia, e, pela primeira vez, os dois Passageiros lançaram sua névoa negra reconhecendo um ao outro, e então se uniram, como iguais, nos colocando em pé em um tom uníssono, sibilando palavras em perfeita

harmonia. *Juntos...*

Foi Ivan que nos interrompeu, se debatendo inutilmente tentando se livrar das amarras de metal, ao fazer um barulho agudo, o que voltou nossa atenção para o homem, fazendo-o gelar na cadeira ao perceber os dois sorrisos idênticos apontados em sua direção e então outra parte pequena e desnecessária de Ivan, o bombardeiro, secou e morreu.

— Vamos começar, irmão? — Perguntamos, mostrando os alicates.

— Você primeiro, irmão — Brian respondeu, curvando-se levemente numa educada reverência. Sentimos a alegria do prazer derradeiro prestes a desabrochar e viramos para a cadeira, flexionando os alicates, uma, duas vezes, *snick-snick*, enquanto Ivan se contorcia e emitia ruídos de um choro nojento cheio de muco nos deixando cada vez mais ansiosos por continuar. Pelo menos isso acabaria com o seu gemido terrível, nojento, cheio de fraqueza. Então flexionamos o alicate de novo, *snick-snick*, mais perto, e observamos seus olhos saltarem para fora, os tendões à mostra e suas veias vibrando e gerando uma sinfonia perfeita de alarme da dor que logo ele sentiria, nos chamando para mais perto, mais perto, descendo, para dentro da excitação arrepiante de pura dor, nos garantindo prazer mútuo.

E então, nós começamos.

## CAPÍTULO 23



**EU TINHA DESLIGADO O MEU CELULAR PARA O NOSSO PEQUENO ENCONTRO** com Ivan e seus amigos no estacionamento. Naturalmente, eu não queria nenhum som inesperado tirando a minha atenção. E também tinha deixado o aparelho desligado durante o *tête-à-tête* com Ivan, pois, falando francamente, um artista precisa se concentrar para sua *performance* ser a melhor, e quaisquer toques ou apitos daquela máquina infernal e onipresente poderiam quebrar nossa belíssima concentração.

Quando saí do guarda-móveis para o ar fresco das primeiras horas da madrugada, estava muito feliz de ter feito aquilo. E, quando liguei de novo o celular, por mero reflexo, vi que Deborah tinha me ligado sete vezes, e, até mesmo enquanto eu contava, a ligação número oito começou a tocar: Deborah novamente. Falando sério, parecia um pouco de exagero, quero dizer, persistência pode ser uma palavra melhor, e na vida profissional dela sempre foi uma virtude positiva. Mas, neste caso, parecia muito próximo de presunçoso e talvez até mesmo irritante. Afinal, nós mal tínhamos voltado a falar um com o outro. Ela não tinha o direito de se intrometer tanto assim no meu espetáculo.

Ainda assim, eu tinha que lembrar que ela não tinha acabado de ter uma sessão longa e agradável de relaxamento e liberação de tensão como eu tinha tido. E, mesmo estando drenado de sonhos e extasiado, eu me lembrei de que tinha havido um *propósito* real para o que eu tinha feito, um que ia além até mesmo do rubor quente e satisfatório pela realização. Eu estava tentando achar onde estavam sendo mantidos os meus filhos sequestrados, e Debs estava bastante interessada em ouvir o que eu tinha descoberto. E eu entendo muito bem a importância de ter compaixão e entender os sentimentos de outras pessoas, afinal, eu tinha fingido essas coisas toda a minha vida — e muito bem, diga-se de

passagem. Deborah estava naturalmente muito ansiosa, o equivalente a oito ligações, para que eu compartilhasse as informações deliciosas e recém-obtidas com ela.

Por isso, apesar de sentir que eu queria me sentar em uma contemplação relaxada e desfrutar do meu bom humor, eu atendi o telefone.

— Olá, Debs — falei e, antes que eu pudesse adicionar uma única sílaba mais, ela retrucou:

— Que porra você sabe sobre Kraunauer? Está em todas as porras dos jornais!

Eu pisquei estupidamente por apenas um segundo. Eu deveria ter imaginado que algo assim criaria uma onda de sensações locais, talvez até mesmo algo nacional. “Proeminente advogado de defesa morto a tiros à vista de todos! Filme às 11 da noite!” E eu deveria também ter antecipado que Debs juntaria dois mais dois e mais uma vez chegaria a Dexter como resultado. Mas eu, de forma egoísta, não pensei em mais nada além da agradável tarefa em mãos, e estava momentaneamente despreparado.

Havia muitas coisas que eu poderia ter dito, a maioria delas caindo em algum lugar entre a contemporização e uma reviravolta de conto de fadas, e pensei em umas duas boas desculpas naqueles poucos segundos de hesitação.

Mas se nós estávamos indo salvar as crianças do que parecia ser uma situação muito cabeluda, precisaríamos da ajuda dela. Além disso, se Debs e eu fôssemos realmente nos reconciliar, ela quase certamente deveria ouvir uma versão da verdade relativa. E ela, provavelmente, descobriria sozinha de qualquer forma, afinal, era detetive. Assim, em vez de dançar em torno dela, eu decidi que iria, sem rodeios, dizer a verdade a Debs ou, pelo menos, um primo de primeiro grau muito próximo da verdade.

— Kraunauer nos disse onde achar as crianças — eu disse.

Eu ouvi uma inspiração aguda do outro lado da linha, seguida pelo que só pode ser chamado de um silêncio atordoado.

— Jesus, que porra — ela disse, finalmente.

— Sim, não é? — Respondi.

— E então você atirou nele? — Ela falou incrédula.

— Ele puxou uma arma — falei. — Ele sacava bem rápido.

— E os dois turistas mexicanos que tentaram ajudar? — Ela perguntou. —

Você atirou porque eles viram você?

Eu cheguei bem perto de rir daquilo. “Turistas”, claro.

— É o que estão dizendo? Turistas? — Perguntei. — Acho que se você puxar a ficha criminal deles, vai conseguir uma visão bem mais interessante do assunto.

— Que porra você tá falando? — Ela estourou.

— O que estou querendo dizer é que eram assassinos de um cartel de drogas que Kraunauer chamou para nos matar, mas nós matamos eles primeiro.

— Nós quem? — Ela indagou, e percebi que, na minha ansiedade para ser honesto, eu tinha cometido um grave erro. Quem quer que diga que a honestidade é a melhor política, ou mesmo que é uma boa política, claramente tem uma experiência bem limitada com o mundo de verdade.

Eu sempre tinha tido muito cuidado para manter toda informação a respeito de Brian longe dos ouvidos de Deborah. Algo bastante natural, já que, na única vez que se encontraram, Brian a tinha raptado e amarrado com fita adesiva a uma mesa de trabalho para uma dissecação lenta e cuidadosa. E meu irmão, não sendo tolo, tinha trabalhado ainda mais duro para evitar se encontrar com Debs, pois imaginou, com fundamento, que aquele tipo de primeiro encontro que eles tiveram geralmente era bastante memorável e, ainda por cima, ela era uma policial. Então Debs não sabia que Brian ainda estava vivo, e muito menos que trabalhava comigo. Eu estava no limite de deixar um gato extremamente escorregadio escapar do saco, e não havia nenhuma maneira de prever o caminho que a coisa tomaria. Deborah poderia ficar furiosa e possivelmente violenta, com toda razão, e decidiria prender Brian. E isso, é claro, poderia deslocar Brian na direção de uma ação ainda mais grave, algo um pouco mais permanente do que raiva. Isso seria muito difícil para todos os envolvidos, especialmente para mim, pois estaria preso no meio, empurrando os dois para separá-los e cantando “*por que não podemos nos dar bem?*”. Eu certamente não queria ser forçado a escolher entre os dois. E, com toda a honestidade, eu não tinha ideia qual escolha faria.

Além de tudo, eu precisava de toda a ajuda possível se quisesse ter alguma chance de recuperar os meus filhos. As chances já eram formidáveis, e uma mão mais firme com uma arma motivada faria uma diferença muito grande. De algum modo, de algum jeito, Debs tinha de aceitar Brian, e vice-versa. Eles tinham que trabalhar juntos, e comigo, ou simplesmente não haveria esperança

para qualquer um de nós, especialmente para as crianças.

E aquilo também tinha que ser feito de forma rápida. Olhei para meu relógio: era um pouco depois das duas da manhã. Se saíssemos agora, conseguiríamos chegar a Raul um pouco antes do amanhecer, a hora ideal para mim. Se nos atrasássemos discutindo a respeito de quem fez o que para quem, tantos anos atrás, amanheceria antes de chegarmos lá, e eles nos veriam chegando a quilômetros de distância.

— Não temos tempo para isso, Debs — falei com firmeza. — Se apronte. Estamos indo pegar você.

— Mas que diabo. *Nós* quem? — Ela gritou quando desliguei o telefone.

Guardei meu telefone e entrei de volta no guarda-móveis, e parei quando percebi o trabalho que tinha diante de mim agora. Era uma tarefa bem difícil e, se tinha pensado que seria difícil convencer Deborah, convencer Brian seria duas vezes mais. Para ter alguma esperança de persuadi-lo a trabalhar com ela, precisaria usar todas as línguas dos homens e dos anjos. No momento eu tinha apenas uma.

Suspirei fundo, e não meramente porque desejava ter mais línguas. De alguma forma, uma proposta simples e relativamente lógica como “*vamos fazer isso juntos*” tinha começado a parecer mais dura e perigosa do que a verdadeira tarefa que tínhamos, resgatar as crianças de um bando de traficantes muito bem armados. Mas é sempre bom cuidar dos trabalhos mais difíceis primeiro. Então caminhei corajosamente pelo guarda-móveis até chegar ao meu irmão.

Brian estava em pé ao lado de sua cadeira de trabalho, olhando com carinho para baixo, para a ruína que um dia foi Ivan. O homem-bomba ainda estava vivo, já que tínhamos que ter certeza de que ele nos contou tudo. Vivo, mas não parecia que ele estava completamente certo de que aquilo era uma boa coisa neste momento. Havia tantas partes pequenas dele que ele nunca mais voltaria a ver — partes insignificantes, talvez, se retiradas uma de cada vez. E, na verdade, elas foram tiradas, uma de cada vez, e com muito cuidado também. Mas havia um grande número delas que tinham ido para sempre, e, em algum momento, o querido menino teria que perguntar a si mesmo se valeria a pena ir em frente sem elas.

Teria sido muito agradável apenas parar ao lado de meu irmão e desfrutar o que tínhamos feito juntos, ou talvez desfeito fosse mais preciso, considerando o

estado de Ee-bahng enquanto ele estava deitado em seu fragmentado repouso. Mas havia muito a fazer, e a maioria das coisas eram muito sensíveis ao tempo, além de serem desagradáveis. Então andei firme até Brian e disse:

— Brian. Temos que ir encontrar alguém. Agora.

— Jura? — Ele falou com uma voz tão sem pressa e até mesmo suave que era quase indecente. — E quem seria, pode me dizer?

— Deborah — respondi.

Brian voltou a prestar atenção como se estivesse pendurado em cordas de fantoche e alguém as tivesse juntado de uma vez. Todos os traços de leve brilho tinham desaparecido como se nunca tivessem existido.

— O quê? Não, claro que não — ele falou balançando a cabeça vigorosamente. — Completamente fora de questão.

— Nós precisamos da ajuda dela — falei.

Ele não tinha parado de balançar a cabeça.

— Não, ridículo, ela vai me prender ou algo assim. E nós não precisamos da sua ajuda, já que temos o Ivan.

— Isto é muito diferente.

— O quê? O que é diferente? Quero dizer, diferente como? — Ele falou, empilhando palavra por palavra, sem demonstrar muita confiança de que teria sucesso em me convencer daquilo, e já bastante preocupado, como eu nunca tinha visto antes. — Não há nenhuma razão para... para... Ela é policial, Dexter, e não tem motivos para gostar de mim, você sabe. E ela seria completamente... Quero dizer, porque diabos precisamos dela? Ela não é realmente *um* de nós, você sabe.

— Brian — falei interrompendo seu monólogo de maniaco. — Você lembra por que estamos aqui? Com o Ivan?

— Mas isso não tem nada a ver com... Ah, sim, verdade, mas... sério, irmão. Mesmo assim, o que *ela* poderia fazer? Digo, que eu e você não possamos fazer melhor sem ela?

— Precisamos de cada arma que conseguirmos — respondi. — E não é como se tivéssemos algum outro voluntário para escolher.

— Mas ela é policial — ele repetiu, e no interesse da divulgação total da verdade devo dizer que ele parecia meio choroso. — E se fizermos isso vamos infringir todos os tipos de leis.

— Ela também atira muito bem — falei. — E são os filhos dela também. Ela fará o que for preciso para tê-los de volta. Incluindo atirar em alguns imigrantes ilegais que os sequestraram.

— Mas... Mas Dexter — ele falou completamente choroso agora. — Ela vai lembrar de mim.

— Quase certamente.

— E quando descobrir que tudo isso é por minha causa, quer dizer...

— Ela não precisa saber disso — respondi. E então eu acenei e dei tchau à minha resolução recente de ficar bem perto da verdade com a Debs. — Vamos dizer a ela que foi tudo culpa do Kraunauer.

— E ela vai acreditar nisso? — Ele perguntou em dúvida.

— Se eu conheço a Deborah, ela estará tão ansiosa para ir em frente e resgatar as crianças que não vai questionar isso até muito mais tarde — Dei de ombros para tranquilizá-lo. — E até lá, você já pode estar bem longe, se for o que quiser fazer.

— Ou morto — ele murmurou.

— Eu vou prepará-la primeiro. Você pode esperar no carro e, se as coisas não saírem como eu quero, você não precisa nem entrar.

Ele sacudiu a cabeça de novo, mas mais devagar dessa vez.

— Não tem como dar certo, Dexter — ele disse.

— Tem sim. É preciso.

Vinte minutos depois Brian estacionou seu Jeep de frente para a entrada da garagem da casa de Deborah. Ele dedilhou o volante e não fez menção de desligar o carro. Estiquei a mão para abrir a porta e ele falou:

— Dexter — e pareceu estar bem nervoso.

— Por favor, Brian. Isto nos dará nossa melhor chance.

Ele lambeu os lábios.

— Imagino que sim — falou de forma nem um pouco convincente. — Se ela não atirar em mim.

— Ela carrega um velho 38 Especial. Você não vai nem perceber.

Ele não pareceu apreciar meu comentário inteligente. Apenas olhou diretamente para frente e sacudiu a cabeça.

— Vou esperar aqui. Mas não vejo como...

— Ligo para você de qualquer forma — falei, saí do carro e caminhei até a

porta da Deborah.

Mais uma vez, Deborah abriu a porta quando eu estava apenas na metade do caminho até a entrada. Mas desta vez ela só a abriu e se afastou, e eu a fechei atrás de mim, quando entrei, e a segui de volta para a cozinha.

Ela aparentemente tinha estado lá por várias horas, porque tinha picado o descanso de mesa de vime velho na frente dela e começado a fazer o mesmo com o que estava à sua direita. Três xícaras estavam ao seu lado na mesa, uma delas ainda meio cheia de café, uma vazia e com a alça arrancada, e a outra deitada de lado e meio quebrada.

— Onde eles estão? — ela atirou para mim antes que eu pudesse sentar na cadeira oposta a ela. — Caramba, quem caralho é o Kraunauer, e quem porra somos nós, diabos?

— Por favor, Deborah — falei o mais calmo que consegui. — Uma pergunta de cada vez.

Deborah levantou as mãos da mesa e as flexionou como se estivesse pensando em me estrangular. Ela rangeu os dentes e fechou a mandíbula firmemente, sibilando e soltando o ar por entre eles.

— Dexter, me ajude aqui, porra — ela falou, baixando as mãos na mesa e fazendo um enorme esforço para controlar o que visivelmente parecia um desejo urgente de matar alguém. — Muito bem — ela continuou. Então pegou a velha colher de aço inoxidável, que estava ao lado do destruído descanso de mesa, e começou a batê-la rapidamente na mesa. — Onde estão as crianças?

— Isso não é maravilhoso? — Falei.

— Onde, caramba!

— Estão no iate de um chefão das drogas.

Algumas pessoas teriam ficado pálidas e desmaiariam com a notícia de que seus filhos estavam nas garras assassinas de um grande demônio. E outras talvez batessem na mesa e rugissem com uma raiva impotente. Deborah simplesmente cerrou seus olhos, e você pensaria que ela estava completamente calma, a não ser pelo fato da colher que ela segurava na mão agora estar dobrada em duas.

— Onde? — Ela falou docemente.

— Está ancorado fora de Toro Key.

Deborah soltou sua colher arruinada na mesa e flexionou os dedos.

— Quantos homens ele terá?

— Não sei — falei. — Mas ele tem três a menos agora.

— Três? — Ela perguntou. — Só acharam *dois* com o Kraunauer.

— Pegamos um vivo para interrogatório.

Deborah ficou completamente imóvel por um momento, com os olhos olhando nos meus.

— Quem somos *nós*? — Ela perguntou voltando a usar sua voz ameaçadora.

— E por que um chefe das drogas pegou as crianças? — Continuou ainda calma, mas obviamente aquele tipo perigosíssimo de calma.

É realmente impressionante como uma pergunta simples como essa pode derrubar você. Eu vinha caminhando, convencido de que meu cérebro estava operando em um nível realmente alto, preparado para todas as possibilidades bizarras e improváveis. E eu tinha certeza de que todas estavam cobertas... Mas então, uma questão tão óbvia como “por quê?” aparece, e percebi que não tinha pensado o suficiente naquilo. Por que um chefe de drogas pegaria nossos filhos? Bem, porque meu irmão o deixou puto, claro! E se eu dissesse isso a Deborah, a operação terminaria antes de começar. Tinha que dizer algo a ela, e tinha que ser convincente, mas tudo o que conseguia pensar era em como eu tinha sido totalmente estúpido em não me preparar para uma pergunta tão óbvia.

— Por que, Dexter? — Debs repetiu, e havia uma ponta de perigo em sua voz que ia bem além de raiva e frustração.

— É meio complicado — respondi enrolando, na esperança de que uma ideia brilhante me ocorreria ou, se não, de que a casa fosse atingida por um raio.

— *Simplifique* pra mim — ela falou raivosa.

— Bem — comecei, ainda esperando —, tudo começa com o Kraunauer. Um bom começo. Deborah assentiu com a cabeça.

— Certo.

— Um de seus clientes é um chefe de drogas mexicano chamado Raul.

— Tô pouco me fodendo pro nome dele — Debs estourou.

— Bom, há... o Raul descobriu que o Kraunauer estava me representando. E então... — fiz uma pausa para dar um efeito dramático. Aqui era aonde a coisa toda iria pelos ares, a não ser que eu tivesse um repentino lampejo de inspiração. Esperei por isso. Deborah esperou também, mas não com tanta paciência. Ela começou a bater novamente a colher dobrada, cada vez mais rápido. — Raul é muito paranoico. E ele, há, achou que, você sabe...

— Eu não sei, meu Deus — Ela disse. — E você não está me contando.

Fechei os olhos e pensei mais uma vez sobre os méritos relativos da honestidade. Me pareceu que a única coisa que você pode dizer sobre isso, na medida do que é uma boa coisa, era que, se você não disser a verdade, mais cedo ou mais tarde a história inventada vai dar meia volta, voltar e morder você na virilha. A outra coisa que eu poderia dizer sobre a honestidade é que qualquer outra coisa que você tente primeiro nunca funciona e a honestidade acaba como seu último recurso de qualquer maneira. E então você está em pé, lá, com uma virilha machucada, e tem que dizer a verdade do mesmo jeito, mas agora você tem que soltá-la em uma atmosfera de raiva e ressentimento. A vida é um jogo de cartas marcadas; não há realmente nenhuma maneira de vencer.

Aqui estava eu, ferrado até os ossos pelas minhas ficções débeis. E havia Debs, mais do que pronta e disposta a me morder e muito provavelmente a adicionar alguns pontapés na área lesada também.

Então respirei profundamente e abri meus olhos. Debs estava olhando para mim e ela não estava com uma expressão serena e paciente.

— Bem? — Ela disse. Um grande bloco de gelo se espatifou com sua voz e arremessou uma ponta afiada de frígida malícia até o lado da mesa onde eu estava. Ela jogou a colher mutilada, que saltou duas vezes sobre a mesa e, em seguida, deslizou para o chão. — Por que, porra?

*Muito bem então, pensei. Aqui vai.*

— Você se lembra do meu irmão, o Brian? — Falei, colocando tanto charme nas palavras quanto possível, tentando demonstrar despreocupação.

Não foi o bastante. Debs sibilou para mim e quase levantou-se da cadeira.

— O filho da puta psicopata que tentou me matar? Aquele Brian? — Não havia um único vestígio de tranquilidade ou calma em sua voz. — Por que ele não está morto?

— Sente-se, Debs, por favor — eu disse.

Ela permaneceu em seu meio agachamento um segundo a mais, me encarando ofegante de raiva, e, em seguida, ela se sentou novamente.

— Seu miserável de merda — ela falou para mim em meio a uma mandíbula travada. — Você se juntou a ele?

— Eu precisava de ajuda, Deborah — respondi. — Não havia mais ninguém.

Eu realmente não tinha a intenção de usar aquilo como uma arma contra Deborah, mas ela claramente levou para esse lado. Ela ficou vermelha e abaixou o tom da voz para um sussurro grave e perigoso.

— Você precisava de ajuda porque esperava que eu colocasse toda a porra da minha vida e carreira na lixeira por você! E você não é nada mais do que um maldito psicopata que finalmente teve o que merecia, e o seu irmão é ainda pior!

Foi realmente uma pena que Deborah tinha escolhido recuar e dizer as mesmas coisas dolorosas, bem quando estávamos a ponto de nos dar bem de novo, e o simples fato de que as coisas eram, em sua maioria, verdadeiras, não diminuía a dor da picada. Ainda mais a verdade, afinal, que pessoa justa poderia me chamar de “nada além de” um psicopata? Eu sou muito bom em jogos de tabuleiro, também.

— Ele me ajudou, Deborah — falei. — Quando eu estava sozinho, sem esperança de sair da cadeia, ele me ajudou — Eu abri minhas mãos. — Ele não precisava, mas... Eu não estou dizendo que ele é a Madre Teresa. Mas ele me ajudou. E contratou Kraunauer para me defender.

— Ele é a porra de um psicopata assassino — ela falou com uma voz que poderia rachar um granito.

— É claro que ele é — falei meio impertinente. — Mas ele é meu *irmão*. E ele me *ajudou*.

Ela me observou. Eu podia ver sua mandíbula movendo-se em um semicírculo e pensei que conseguia ouvir seus dentes raspando.

— O que ele tem a ver com isso? — Ela perguntou. — Com este Raul raptando os meus filhos?

— Brian pensou que Raul estava morto. Ele pegou uma grande quantia de dinheiro e fugiu.

— E Raul não estava morto.

— Não, ele não estava — disse. — E ele veio atrás de Brian.

— E Kraunauer colocou Raul atrás de você?

Concordei com a cabeça. A história ainda tinha alguns buracos, mas torci para termos terminado. Aquilo já soava ruim o bastante.

— E assim, Brian e eu atraímos os atiradores de Raul para uma armadilha e capturamos um, para que pudéssemos saber onde as crianças estavam — falei.

— E agora nós sabemos.

Eu assisti Deborah trabalhar sua mandíbula novamente. Pode ser que eu estivesse vendo apenas o que eu queria ver, mas ela parecia estar realmente pensando sobre aquilo e decidindo se aceitaria as coisas como elas eram. Em todo caso, ela não parecia ranger seus dentes tão firmemente.

— Deborah — falei. — Nós precisamos ir.

Ela olhou para mim e ainda havia raiva em seu rosto, mas não tanta, e estava misturada com outra coisa, determinação? Aceitação? Eu não sabia, mas continuei de qualquer maneira.

— Tudo o que você acha de Brian não vem ao caso agora — falei. — O que importa é que nós precisamos dele. — Debs abriu a boca e começou a se levantar da cadeira novamente, mas eu a impedi com: — As crianças precisam dele, Deborah.

Ela arregalou os olhos por um segundo, a boca semiaberta, e então sentou de volta.

— O que diabos isso significa? — Ela sussurrou.

— Faça as contas, Debs. Nós não temos ideia de quantas armas haverá contra nós quando chegarmos naquele barco, mas eu prometo que serão mais do que duas. Talvez uma dúzia — Eu me inclinei para frente e bati na mesa para dar ênfase, uma técnica dramática que eu tinha visto ser utilizada de forma eficaz muitas vezes na TV. — Precisamos de todo mundo que conseguirmos — concluí.

— Mesmo o assassino psicopata que você chama de irmão — rosnou.

Sacudi a cabeça impacientemente.

— Debs, vamos lá. Não estamos indo lá prender essas pessoas.

— Eu ainda sou uma policial. Não posso simplesmente deixar você...

— Você pode... você precisa... — Insisti. — Se você não quer sangue em suas mãos, ok, é escolha sua. Mas não podemos deixar o Raul vivo.

— Puta merda, Dexter, você quer *executar* ele!

— Ah, vê se cresce! — Explodi. — Ele é um chefe do tráfico de drogas, e enquanto estiver vivo não estaremos seguros, e as crianças não estarão seguras.

— Maldição...

— Deborah, você sabe que é verdade. Precisamos de Brian para isso — falei. — Tem alguém dos seus amigos da polícia que pode nos ajudar? Quer pedir a algum dos detetives? Talvez o Capitão Matthews? Acha que eles vão querer ir junto para uma operação completamente ilegal e, em seguida, uma execução?

Nós é que teremos de executá-lo, Debs — E então eu aponteí meu dedo direito para ela, outra técnica aprendida com a TV, e falei forçando a barra: — Se Raul viver, as crianças morrem.

Foi um momento maravilhoso, forte e lógico ao mesmo tempo, e Debs sabia disso. Ela mordeu os lábios, assobiou e rosnou, mas não disse mais nada, então eu repeti:

— Precisamos do Brian, Debs.

Olhei significativamente para o meu relógio.

— E precisamos fazer isso agora.

Ela olhou para mim, mas era um olhar um pouco mais humano. Então ela mirou os olhos ao longe, engoliu em seco e, finalmente, tornou a olhar para mim. Então assentiu com a cabeça uma vez, muito rapidamente.

— Tudo bem — disse ela. — Pelas crianças. — Ela se inclinou sobre a mesa em minha direção o tanto quanto conseguiu. — Mas quando terminarmos com isso...

— *Se terminarmos com isso, Debs* — falei de repente cansado de enrolar de acordo com o que Harry sempre chamava de *Sopa de Embromation*. — Ainda é uma possibilidade difícil. Mas se fizermos isso... Merda. Vamos nos preocupar com isso depois.

Ela olhou para mim, depois assentiu.

— Onde ele está?

— Estacionado em frente.

Ela mordeu com força, respirou fundo e disse:

— Chame ele.

— A sua palavra, Deborah...

— Pelo amor de Deus, traga ele aqui — ela rosnou. — Estamos com pressa, lembra?

Eu olhei para ela por um segundo a mais, e ela olhou para trás, mas balançou a cabeça uma vez.

— Traga ele — ela falou. — Vou me comportar.

Era o melhor que eu iria conseguir, e tinha sido melhor do que eu realmente esperava. Afastei-me de sua mesa raquítica e sai pela porta da frente.

Brian estava esperando onde eu o tinha deixado, o que foi um alívio. Seu carro ainda estava ligado, é claro, mas ele tinha esperado, o que foi maravilhoso.

Eu meio que esperava achar que ele tinha ido embora, correndo para longe em uma nuvem de fumaça de pânico. E quando eu abri a porta, ele certamente me olhou com algo muito próximo de pânico. Eu ouvi o motor roncar uma vez quando seu pé pisou por reflexo no pedal, mas ele não engatou a marcha.

— Está tudo bem — eu disse o mais mansamente possível. — A Linha Maginot<sup>[1]</sup> está segura, a trégua foi acordada e eu tenho a promessa dela de não invadir a Polônia.

Brian piscou para mim com grandes olhos de coruja.

— Isso é ainda pior do que Tocqueville — ele falou. — Às vezes, irmão, você se esforça demais.

Eu tinha certeza de que sua irritação não era mais que ciúme; ele não tinha conseguido dizer nada inteligente por horas. Mas o importante foi que tinha acreditado em mim, desligou o motor e saiu do carro. Ele deu a volta e ficou inseguro ao meu lado por um momento. Em seguida, se sacudiu, endireitou os ombros e disse:

— Era bom que fosse feito rápido<sup>[2]</sup>. — Ele me deu um olhar para se certificar de que eu tinha notado o Shakespeare, e, em seguida, entrou pelo portão da frente da casa de Deborah.

Segui logo atrás, mas Brian era mais rápido. Talvez ele realmente quisesse acabar logo com aquilo. Quando voltei para dentro, ele e Debs estavam de pé, frente a frente na cozinha, apenas alguns metros separados. Deborah usava sua carranca de trabalho, mas, pelo menos, seus punhos cerrados estavam vazios de armas. Brian apenas olhava para ela de forma neutra, de braços cruzados. Sob as circunstâncias, e considerando por que nos juntamos, teria sido descontroladamente inadequado chamar aquilo de Confronto Mexicano. Mas parecia que cada um estava esperando o outro atacar com uma faca para que pudesse abrir fogo com uma Uzi. Ainda assim, foi provavelmente a melhor reunião de família que eu poderia esperar.

Ali também ficou muito claro que era eu quem deveria manter as coisas em movimento e em um ritmo animado, tentando impedir, ao longo do caminho, que um matasse o outro. Por isso fiz uma introdução modesta e otimista.

— Deborah, Brian. Brian, Deborah. Ok? Agora — falei arrastando uma das cadeiras frágeis e me sentando —, eu acho que ambos concordam que nós precisamos chegar lá rapidamente e tentar dominá-los ainda no escuro, e de

surpresa?

— Surpresa — Debs falou amarga, ainda encarando Brian. — Ele está com nossos filhos e sabe que vocês dois estão matando seus homens. Como isso poderá ser uma surpresa?

— Ele não sabe que estamos indo — eu disse. — Ele nem sequer sabe que descobrimos onde ele está.

— As pessoas não costumam ir atrás dele — Brian falou solícito, ainda observando Deborah. — Eu realmente não acho que ele espere por isso.

— E se ele adivinhar? — Ela perguntou. — Então o que diabos é que vamos fazer?

— Poderíamos ficar aqui e tomar um café em vez disso — Brian falou.

Eu não teria imaginado que fosse possível, mas o olhar de Deborah ficou ainda mais cruel e mais irritado. Ela abriu a boca para dizer algo de volta, e eu tenho certeza que teria sido algo especialmente ruim.

Mas eu estava realmente mais interessado em impedir malvadezas e promover uma atmosfera de cooperação voluntária. Então, entrei no papo antes que ela pudesse dizer algo que geraria um colapso em nossa aliança, que nem sequer tinha começado.

— Não importa — eu disse. — Nós ainda temos que tentar, certo? Agora, o que você pode nos dizer sobre este iate, Brian?

Brian sentou em uma cadeira igualmente frágil, sem tirar os olhos de Deborah.

— Eu já estive a bordo dele uma vez — Ele olhou para mim, e em seguida, rapidamente, olhou de volta para Debs. — O *Nuestra Señorita*. É um barco muito agradável. Muito agradável.

Deborah bufou.

— Agradável. Obrigado, isso é realmente útil.

Como eu disse, precisava cuidar de tudo.

— Você poderia desenhar um mapa dele, Brian? — Perguntei. — Debs, talvez você pudesse pegar papel e lápis?

Ela claramente não queria olhar para qualquer outra coisa além de Brian, mas deu um passo para trás e virou-se rapidamente para uma gaveta do armário atrás dela. Brian ficou tenso quando ela enfiou a mão na gaveta, mas Debs se virou segurando apenas um caderno e uma caneta esferográfica mastigada.

Ainda observando Brian, ela os deixou cair sobre a mesa na frente dele e então, finalmente, sentou-se.

— Bem, obrigado — eu disse em minha melhor, mais brilhante e alegre voz do Sr. Rogers. — Brian?

Meu irmão pegou a caneta, abriu o caderno e, em seguida, lentamente e com relutância, baixou os olhos de Debs para o papel.

— Bem — disse ele, começando a esboçar linhas rápidas —, como eu disse, foi apenas uma vez. Mas o que me lembro é isto — As linhas formaram um grande barco, com a superestrutura aparecendo. — A parte de trás... — Ele olhou para mim. — A popa — falou alegremente. Então fez algumas linhas rápidas. — Eu acho que eles chamam esta parte de *stepped*... — Ele olhou para cima para confirmar. Eu balancei a cabeça positivamente. — Você sabe — disse ele, voltando-se para Debs —, fica bem abaixo da água, dos lados. Assim, você pode entrar e sair para nadar. E chegar ao bote... — há um belo bote preso nesses ganchos na parte de trás — Ele bateu no desenho com a caneta. — Essa é a maneira mais fácil de subir a bordo.

— Não é bom — Debs falou, cuspidando as palavras como se elas tivessem gosto ruim. — Se tem guardas, é onde eles vão estar.

— Oh, mas há guardas — disse Brian, apenas um pouco demasiadamente alegre. — Muitos deles.

— Muitos quantos, você acha, Brian? — Eu perguntei.

— Eu realmente não sei — ele respondeu.

— Maravilha — murmurou Deborah.

— Mas acho que podemos contar com dez ou doze — disse ele. — Além de Raul, seu capitão e provavelmente algumas *mujeres* de seu harém — Ele sorriu de novo, e foi inadequado. — Raul é realmente muito mulherengo.

— Eles não estarão todos no convés — falei. — Não se chegarmos lá antes do amanhecer.

— Mmm, nãããão — Brian disse, pensativo. — Tenho certeza de que a maioria deles vai estar dormindo. Quer dizer, eu espero que sim.

— Ótimo — Deborah bufou. — Você não sabe nos dizer quantos são ou onde eles estão e nem qualquer coisa, exceto que devemos torcer para que eles estejam tirando a sesta?

— Eu diria dois no convés, provavelmente na parte de trás — falei como se

estivéssemos tendo uma conversa razoável. — E talvez um em cima, na ponte. O que você acha, Debs?

Ela olhou para mim e mordeu o lábio inferior por um segundo. Em seguida, balançou a cabeça.

— Isso faz sentido — disse ela. — Isso é o que eu faria.

— É claro que, tecnicamente — Brian disse, pensativo —, você não é realmente um chefão do tráfico de drogas mexicano.

Suponho que Brian queria provar que também podia ser ácido, e funcionou. Debs se virou de volta para encará-lo e, de novo, eu consegui me intrometer de modo que as coisas seguissem na direção certa.

— Você saberia quão distante da água está a proa do barco, Brian? — Perguntei.

— Oh, bem, eu realmente não sei, creio que muito mais alta do que a popa — disse Brian — Mas eu fiquei a maior parte do tempo dentro da embarcação, na parte de baixo.

— Tudo bem — falei e acenei para o papel e a caneta. — Nos dê uma ideia de como é.

Ele pegou a caneta e, franzindo a testa, continuou a explicação:

— Acho que me lembro... tem um *lounge* muito grande, como uma sala de estar — Ele pegou uma nova página e desenhou um espaço amplo, com uma espécie de sofá longo, que ocupava os cantos da tal sala. — Tem uma imensa TV de tela plana. Bar, uma cozinha menor, só para o preparo de lanches... A cozinha principal fica mais embaixo.

Ele sorriu para mim, conspiratório.

— A galé.

— O que mais poderia ser? — Respondi solícito.

Brian bateu com a caneta no papel, pensativo.

— Bem — disse ele —, no outro extremo, em direção à frente do barco... — Eu esperei por um terrível sorriso e a palavra *proa*, dita com uma certa soberba, mas aparentemente ele não pensou nisso, e eu fui poupado. — As escadas descem para as cabines.

— Quantos degraus? — Deborah lançou.

— Oh, não muitos — disse Brian. — Cinco ou seis. Não muitos.

— E quantas cabines? — Perguntei.

Brian deu de ombros.

— Você tem que entender, eu não visitei todo o barco. Eu só olhei lá para baixo quando Raul estava subindo. Sua cabine, a principal, ocupa toda a parte da frente — Ele franziu a testa. — Eu vi quatro ou cinco portas ao longo do corredor. Uma é a cozinha... Eu acho, então, que tem mais três cabines.

— As crianças vão estar juntas em uma dessas cabines — Deborah falou.

— É bom você estar certa — falei. Pessoalmente, eu teria colocado as crianças no porão, especialmente no meu barco.

— Elas estarão em uma cabine — disse Debs positivamente. — E o mais longe possível de Raul.

Eu pensei que fazia sentido, então olhei para Brian. Ele assentiu.

— Isso provavelmente está certo — ele disse. — Raul gosta de crianças. Mas também gosta da sua privacidade, especialmente quando ele está com suas *mujeres*.

— Bem — falei, tentando soar dinâmico, enérgico e otimista, como se tivéssemos realmente conseguido algo —, então, como vamos fazer isso?

Os dois olharam para mim, e eu tive que suprimir uma risada, porque seus rostos tinham expressões idênticas de vaga dúvida. Ambos foram igualmente pegos de surpresa com a pergunta; nenhum deles tinha a menor ideia do que fazer a respeito da nossa pequena missão, e foi a única coisa que eles concordaram até agora. Mais uma vez, a única coisa que sempre pode ser invocada para unir absolutamente todos é a ignorância.

Deborah quebrou o encanto ao se colocar de pé abruptamente.

— Temos cerca de quatro horas até o amanhecer — disse ela. — Vamos embora e veremos como as coisas se desenrolam. Faremos o que for preciso.

Eu abri minha boca para protestar e indicar que um planejamento cuidadoso é a alma do sucesso, mas Brian já estava balançando a cabeça e se levantando.

— Vamos com o meu carro — ele falou olhando para mim. — Até o seu barco, e, depois disso, vamos ter que improvisar.

Ele se virou e saiu da sala, e com não mais do que um aceno para mim, Deborah o seguiu, e eu só podia dar de ombros e trilhar o caminho atrás deles.

Como eu disse, unidos pela ignorância.



**BRISCAYNE BAY, À NOITE, PODE SER UM LUGAR MUITO BELO. UM VENTO** quente costuma soprar em toda a superfície e a água brilha com uma ligeira luminescência, e se há algum luar e as ondas estão se comportando bem, aquilo pode lembrá-lo que, de vez em quando, estar vivo aqui na baía é uma coisa muito boa.

Eu guiei meu barco ao sul, a partir da minha doca alugada, em Coconut Grove, e me lembrei exatamente disso: eu estava feliz por estar vivo e na água, em uma bela noite enluarada. E eu realmente apreciava os encantos de uma viagem de barco predatória, antes do amanhecer e pelas águas do meu amado lar. Mas também pensei que gostaria de *permanecer* vivo, e eu teria uma chance muito maior disso se a lua não estivesse tão brilhante.

Não havia nenhuma maneira no mundo de nos aproximar do iate de Raul sem sermos vistos, com uma lua três quartos crescente radiante de alegria como a que brilhava sobre Miami naquela madrugada. Eu sempre senti um conforto refrigerante e bem-vindo do luar. Ele tinha sido meu amigo e aliado, a minha força e o meu refúgio. Hoje não era nada disso. Como tudo o mais que eu amava, tinha se voltado contra mim. A luz fria desta Lua traidora iria me matar, e eu não me alegrei nem um pouco ao vê-la. E ela brilhou sem piedade em um céu que estava quase completamente claro. Longe, no horizonte, na direção da ilha Bimini, havia uma linha escura de nuvens deslizando, baixas e rápidas, mas onde estávamos só havia um céu letalmente brilhante.

Por causa de um leve balanço do mar, viajávamos a uma velocidade boa, a pouco mais de 25 nós. Mesmo ao sul de Cape Florida, onde as ondas aumentam por causa do movimento do mar aberto, a água estava calma o suficiente para nos deixar manter o ritmo. Chegaríamos em nosso destino em cerca de meia

hora, e talvez aquilo tenha me feito apreciar o passeio ainda mais. Porque se a visibilidade continuasse boa quando chegássemos, eu estava certo de que este seria o último passeio de barco da minha vida. Raul teria sentinelas, e eles não podiam evitar nos ver, o que seria o fim de tudo. E de nós.

Tínhamos, inclusive, falado sobre isso, é claro. O passeio de carro da casa de Deborah até meu barco tinha sido cheio de conversa. Eu tinha listado o que poderia acontecer, o que poderíamos fazer sobre isso, e como maximizar o que era verdadeiramente uma chance muito pequena de sucesso. E mesmo que Debs e Brian permanecessem unidos em descartar todos os perigos que eu pudesse pensar, tenho que admitir que, pelo menos, as coisas estavam indo muito melhor do que eu poderia ter esperado no departamento de relações pessoais. Debs tinha, de algum modo, se controlado e não atirado em Brian, e ele não tinha cortado a garganta dela.

Antes de entrarmos no carro de Brian, maximizamos nosso poder de fogo. Debs pegou uma escopeta do porta-malas de seu carro, bem como seu kit de primeiros socorros, o que achei que era bastante pessimista. E ela trouxe sua pistola Glock, o que me deixou feliz. Ela tinha uma ligação sentimental com o 38 de Harry e eu tinha medo de que ela fosse trazê-lo, mesmo ele tendo metade do número de tiros e metade do poder de fogo da Glock. Brian e eu tínhamos nossas pistolas recarregadas e prontas, cada um de nós com um clipe de reposição.

Era apenas uma corrida de dez minutos da casa de Deb ao meu espaço alugado no cais, em uma área residencial e tranquila do Grove. A casa era de propriedade de um casal de idosos que vivia em New Jersey a maior parte do ano, por alguma razão. E ficaram muito felizes por ter alguém circulando pela mansão sulista deles de tempos em tempos, o que poderia desencorajar os assaltantes. Talvez por isso tenham me feito um preço muito bom. E meu barco, apesar de ficar sem uso por vários meses, estava em excelente forma. Só precisou de um tempinho para eu colocar a bomba de água do porão pronta para funcionar e partirmos.

Quando navegamos para fora do curto canal até a baía, abri o armário do meu barco e peguei umas boas facas de corte, que eram muito mais silenciosas do que armas de fogo, e poderiam preservar o nosso elemento surpresa por alguns minutos extras. O fato de que elas também eram muito mais divertidas do que pistolas não era realmente um fator. Brian ficou encantado com a que eu lhe

dei, é claro. Debs se recusou a pegar uma, o que também realmente não foi uma grande surpresa.

Além de todo esse hardware letal, meu irmão tinha insistido em trazer a sacola de lona que um dia fora de Ivan, o homem-bomba, convencido de que poderia precisar. Estava cheia de coisas sinistras que Brian insistiu em chamar de “brinquedos”.

— No mínimo — ele disse alegremente —, eles podem cobrir os nossos rastros depois.

E mais uma vez, surpreendentemente, Debs tinha concordado.

— Se uma dessas coisas pode destruir as provas — ela falou —, nós trataremos conosco.

Por isso, arrastamos conosco um par de bombas medonhas, dispositivos explosivos desconhecidos e provavelmente instáveis, só porque poderíamos ter a chance de usá-los. E talvez nós o fizéssemos. Mas primeiro tínhamos que entrar no iate de Raul silenciosamente e vivos, e para isso teríamos que abordá-lo sem sermos vistos. Até agora, não tínhamos pensado em nenhuma maneira de fazer isso, a não ser *ir-dar-uma-olhada-e-ver-o-que-rola*. Se fosse por mim, este plano ocasional de ataque não teria sido nem um plano B, e nem mesmo o C. Eu não gosto de improvisar. Quando vago pela noite com o propósito de fazer coisas do mal, eu preciso ter um plano, e preciso segui-lo. Começo, meio e fim, tudo pensado antes do tempo, e tudo executado na ordem. Muita coisa poderia dar errado, mesmo quando sou apenas eu e um companheiro de brincadeira cuidadosamente selecionado, aquele que nada suspeita até que seja tarde demais para as suspeitas ajudarem em algo.

Neste caso, estávamos nos aproximando de, talvez, uma dúzia de homens que esperavam problemas e foram muito bem pagos para evitar surpresas, e nós estávamos improvisando. Eu odiava isso, e odiava não ter escolha a não ser seguir em frente, e até mesmo em uma bela noite como esta eu não conseguia afastar a sensação de que as coisas poderiam não ir bem.

Havia apenas um resultado provável, e era um final violento para a Saga de Dexter, e bem quando as coisas estavam indo bem para mim, também. Com Anderson morto em um cenário tão tóxico, eu estava razoavelmente certo de que o caso contra mim seria resolvido, mesmo sem Kraunauer, e eu estaria livre mais uma vez para viver uma vida perfeitamente equilibrada entre a escravidão

assalariada e a Diversão Perversa. Mas, a menos que um verdadeiro milagre acontecesse, tudo estava prestes a terminar.

Eu fui deixado sozinho com meus pensamentos sombrios, não havia sentido em tentar ter uma conversa animadora com o ruído do motor e do vento, mas pelo que pude ver de Debs e Brian eles não estavam pensando em jardins ensolarados, cheios de rosas e repletos de gatinhos e sorvete. Deborah simplesmente se sentou e fez uma careta para seus pés, e Brian estava na proa, segurando a bolina e olhando ansiosamente à frente. Não me animou nem um pouco vê-los; nenhum de nós parecia ter algo que uma dúzia de mercenários bem armados acharia terrivelmente ameaçador.

Os meus pensamentos, deixados soltos, ficaram ainda mais nebulosos. Esta era uma missão impossível, condenada ao fracasso, e o fracasso significava morte certa. E a morte era algo que eu sempre tentei evitar, pelo menos, a minha própria. E por que, afinal de contas, nós realmente precisamos ter todo este aborrecimento? Para salvar as crianças? Por quê? Quando se pensa bem, quem realmente precisa de crianças? E, especialmente, *estas* crianças. A única coisa especial sobre elas era que Lily Anne e Nicholas carregavam o DNA de Debs e o meu, e se qualquer um de nós realmente sentisse a necessidade de replicar aquilo, havia muito mais de onde aquilo tinha vindo. Quanto a Cody e Astor, eles eram Criaturas Sombrias mirins esperando até crescer para se tornarem algo como eu. Certamente, nenhuma pessoa razoável poderia querer mais perseguidores noturnos infestados de Passageiros pelo mundo.

E, além disso, todos os especialistas em criação dos filhos não concordam que é realmente uma coisa *ruim* fazer muito para os seus filhos? Era sabido que, se você for protetor demais em torno deles, eles nunca aprenderão a cuidar de si mesmos. Eles iriam crescer para ser tutelados pelo Estado, vivendo permanentemente de bolsa-alimentos e da Previdência Social, detonando postos de gasolina nos fins de semana. Não estávamos realmente *melhorando* as expectativas dessas crianças ao empurrá-las para uma vida de crime e dependência servil de outros.

E se fôssemos para casa agora e o pior acontecesse com as crianças? Elas seriam facilmente substituídas, se não pela criação de animais, então, pela adoção. Há milhões de crianças de rua no mundo, o que provava mais uma vez que as crianças eram *commodities* com baixo valor, não? Quero dizer, há muito

poucos Bentleys desabrigados no mundo. Provavelmente perto de zero, exceto o do Kraunauer, e ele não seria desabrigado por muito tempo. As pessoas fariam fila em volta do quarteirão para reivindicá-lo. E, no mesmo quarteirão, poderia haver uma dúzia de crianças que ninguém queria, e ninguém iria levantar um dedo para ajudá-los. Aquilo não provava alguma coisa? Não seria razoável concluir que a única coisa lógica, justa e saudável para fazer era dar meia volta, ir para casa e dar às crianças a oportunidade de se desenvolverem cuidando de si mesmos?

Era lógica pura e inatacável. Mas, é claro, não havia nenhum ponto em tentar fazer outras pessoas entenderem. Os seres humanos nunca foram realmente influenciados pela lógica, não importando o que dizem a si mesmos e de si mesmos. E eu tinha quase certeza de que Deborah, pelo menos, não via as coisas sob essa luz racional e sensata. E Brian, com toda a sua louvável falta de emoção, parecia bastante determinado a pôr um fim em Raul. Se ele tinha que resgatar algumas crianças para fazer isso, não parecia se importar muito, desde que Raul fosse parte do negócio.

Como se tivesse me ouvido pensar sobre ele, Brian virou-se e olhou nos meus olhos. Ele acenou com a cabeça uma vez e soltou seu verdadeiramente terrível sorriso falso, e então virou para frente novamente. Não havia nenhuma ajuda lá. Certamente eu era o único de nós com a cabeça no lugar e querendo dar meia volta e ir para casa. E eu não podia deixar de pensar que, por uma coincidência maravilhosa, eu estava dirigindo um barco... O *meu* barco. Eu poderia fazer aquilo... Era apenas uma virada invisível e lenta no leme para nos colocar em um grande *loop* circular, de volta para casa e para a sanidade. Eu realmente *deveria* fazer isso e, um dia, Debs e Brian iriam perceber que eu tinha salvo suas vidas, e eles me agradeceriam por isso.

Algo tocou meu cotovelo; assustado, eu me virei e vi que Deborah estava ali parada. Ela não parecia estar pronta para me agradecer por nada. Ela simplesmente se inclinou perto do meu ouvido e disse:

— Quanto tempo?

Olhei para o meu GPS cartográfico. Estávamos apenas a umas duas milhas de Toro Key. Muito perto para virar e ir embora. Eu tinha enrolado demais.

— Nós devemos vê-lo em poucos minutos — eu disse a Debs. Ela assentiu com a cabeça e, por um momento, só ficou ali, em silêncio.

Em seguida, surpreendentemente, talvez mais surpreendente do que qualquer outra coisa que tinha acontecido ultimamente, ela colocou a mão no meu braço, apertou com força por um momento, e depois foi ficar ao lado de Brian.

Foi um momento muito comovente, tanto no sentido físico quanto sentimental da palavra. Minha irmã estava simbolicamente atravessando o grande espaço escancarado que tinha crescido entre nós e dizendo “estamos juntos nessa; você e eu, Dex, lado a lado, todo o caminho até a cortina se fechar; se nós vamos cair, cairemos juntos”. Muito reconfortante, muito humano, e realmente deveria ter me animado. Tenho certeza de que é o que normalmente acontece, pelo menos para aqueles de nós que têm emoções. Eu não, então não adiantou. E eu não quero cair, em conjunto ou isoladamente.

À minha frente eu podia ver o clarão brilhante do farol Fowey Rocks, que ficava a leste de Soldier Key, uma pequena ilha a poucas milhas ao norte de Toro. Nós estávamos cada vez mais perto, mas eu continuei dirigindo o barco para frente, sentindo cada vez mais a certeza de que eu estava nos levando diretamente ao nosso destino final.

Debs viu o iate primeiro. Observei-a inclinar-se sobre Brian e dizer algo, apontando para um ponto à frente e à esquerda. Brian olhou para onde ela apontou, balançou a cabeça e se voltou para mim.

— Deve ser ele — Brian falou, inclinando-se junto ao meu ouvido.

Diminuí a velocidade imediatamente, trazendo-nos de volta para um lento e, eu esperava, silencioso deslizar sobre a água. Virei o barco um pouco para a esquerda, e logo eu pude vê-lo também. A princípio não era mais do que uma mancha alta e silenciosa, brilhando acima da água. A luz de âncora exigida por lei estava um pouco mais escura do que deveria, provavelmente de propósito, mas passou no teste.

Brian voltou à proa e olhou fixamente para o local. Nós nos movemos lentamente para mais perto e uma silhueta começou a tomar a forma de um barco grande e caro. E quando essa forma se aproximou mais e mais, eu tive que me perguntar se eu tinha escolhido a profissão errada, porque o que nós estávamos olhando não era um mero iate. Era um superiate, do tipo que xeiques e traficantes de armas gregas compram para as suas férias de verão no Mediterrâneo, o tipo que pode deixar Atenas, enquanto uma refeição *gourmet* é

servida, e chegar em Veneza na hora de saborear a sobremesa. Este barco tinha apenas 60 pés de comprimento, mas suas linhas gritavam velocidade, classe e muito dinheiro. E por tudo isso que ostentava, e ele ostentava muita coisa, ninguém jamais poderia acusar Raul de ser muquirana. Comecei a me perguntar o quanto de dinheiro Brian tinha tirado dele. Tinha que ser um monte para Raul ainda notar que tinha sumido.

Eles tinham ancorado ao norte de Key, na única parte profunda o suficiente da baía para um barco desse tamanho. Mas, ao mesmo tempo, era protegido das ondas do mar e dos ventos predominantes nesta época do ano. E se o pequeno bote tivesse a mesma classe que o iate, Raul poderia fazer dali a Miami em cerca de 20 minutos. E, ainda, se ele precisasse de uma fuga rápida, o barco estava apontado diretamente para o Atlântico, e seria um pulo rápido de volta para o México em um iate tão rápido quanto este.

A 200 metros de distância, eu virei para o sul e acelerei um pouco, navegando agora em paralelo com o iate, e esperando que eles pensassem ser só um barco passando cheio de pescadores ansiosos pela manhã de pescaria. Fazia sentido; havia um recife ao sul da Toro, que oferecia boa pescaria. Mas isso não fazia sentido para Brian e Debs; eles se viraram e olharam para mim em uníssono perfeito.

— O que você está fazendo? — Disse Debs em um sussurro selvagem.

— Nós não conseguimos ver o suficiente — Brian falou no mesmo tom.

Eu balancei a cabeça.

— Nós não podemos ver — falei —, então eles também não podem nos ver. Isso é uma coisa boa — acrescentei, já que nenhum deles parecia entender isso.

Debs veio para meu lado novamente.

— Dexter, temos de saber sobre os vigias — disse ela. — Quantos são, onde eles estão, não podemos ir sem saber nada.

— Se eles nos detectarem nos aproximando, não vamos a lugar algum — respondi.

Brian se juntou a nós, em pé, ao lado do meu outro cotovelo.

— Irmão, seria bom se nós...

— Vocês dois perderam a cabeça, porra? — Falei alto. Eles me olharam com igual surpresa, e eu admito que estava sentindo surpresa também. Eu quase nunca uso palavrões, afinal, existem tantas palavras boas que ferem muito mais.

Mas, falando sério, eu parecia ser o único de nós interessado em me manter vivo. Brian e Debs estavam tratando isso como uma caçada com rifle a distância.

— Nós vamos passar como se estivéssemos indo para o recife para pescar. Então nos aproximamos pela proa — eu disse com firmeza. — Silenciosamente. Essa é a nossa melhor chance de ficar invisível — E eu acho que sou bastante imponente.

— É muito alto — disse Debs com petulância. — Eu não sou um chimpanzé, não podemos subir pela porra da âncora.

— Há uma escada de embarque no armário lá atrás — falei, acenando com a cabeça em direção à parte de trás do meu barco. — Vá buscá-la.

A primeira confirmação da minha nova autoridade veio quando Debs virou-se rapidamente e pegou a escada no armário. Ela voltou com a mesma rapidez e estendeu-a para mim.

A escada tinha seis degraus de madeira e dois ganchos na extremidade superior. Eu precisava disso, porque o meu barco tem amuradas altas para uso em alto-mar, e se eu quisesse nadar ou mergulhar, colocava a escada nela.

— Você tem um plano, irmão? — Perguntou Brian.

— Eu tenho — respondi, ainda soando muito responsável. — Nós avançaremos pela frente. Você... — acenei para Brian — sobe pela amurada deste barco e põe a escada na amurada do iate.

— Ainda é muito alto — disse Deborah.

— Então, você, Brian, e eu — falei ignorando Debs e sua negatividade —, subimos a escada até o convés. Debs, você espera no barco, e...

— Vá se foder, não vou esperar no barco como uma porra de uma animadora de torcida — ela disse.

Passei por cima do fato óbvio de que nem barcos e nem esquadrões de execução são geralmente equipados com animadoras de torcida e, em vez disso, apenas respondi:

— Deborah, temos que levar as crianças até a popa. Então você tem que levar o barco até lá depois que Brian e eu retirarmos a vigilância do *deck*, ok? — Ela fez uma careta feroz e sombria, e por isso mesmo eu não ia jogar limpo, então acrescentei: — Tem que ser feito silenciosamente, é um trabalho para facas, Debs.

Ela me encarou um pouco mais, mas então balançou a cabeça.

— Tudo bem — falou. — Mas você me chama pra lá imediatamente ou me ajuda a...

— Bem, isso está resolvido — falei.

Nos próximos minutos ninguém tinha nada a dizer. Eu tinha que pensar que aquilo era uma coisa boa, considerando as baboseiras que eles estavam despejando até agora. Eu não precisava de distração ou discussões, e nem de ninguém contestar que ainda era um plano insano e suicida. Porque era isso. Eu tinha certeza de que haveria alguém na ponte, e ele certamente estaria vigiando a proa de vez em quando. Mal era possível que poderíamos ser ridiculamente sortudos e acertar o tempo, de modo que ele estivesse olhando para longe quando nós subíssemos a bordo... Mas eu não me sentia com sorte. Nada a respeito desta expedição absurda parecia remeter à sorte. Eu tinha apenas uma sensação ruim de ameaça, um vazio no estômago e uma convicção inabalável de que todos nós estávamos prestes a morrer, ou pelo menos eu ia, o que era tão ruim quanto, até onde eu sabia.

Ainda assim, eu estava aqui, e tinha que ir até o fim. Então, naveguei para o sul até o iate ser apenas uma luz muito fraca novamente, e então virei, mudei a aceleração para marcha lenta, e voltamos direto para a pequena luz. E de volta, eu tinha certeza, para uma morte muito desagradável.

Bem no ponto onde eu mal podia ver a proa do iate e tinha começado a entrar em parafuso até o ponto de estar pronto a cometer suicídio pulando a bordo do iate, senti uma pequena gota de água fria no meu rosto. Eu ignorei em um primeiro momento, pensando que era apenas mais uma prova de que toda esta viagem era estúpida e condenada. Eu já estava morto; por que não ficar molhado também? Empurrei aquilo para longe; matar-se é um negócio sério e realmente a pessoa deve se concentrar totalmente. Mas senti outra gota, e depois mais duas, depois cinco, e eram realmente bem frias para serem apenas *spray* de sal e, finalmente, no meu primeiro momento brilhante de toda a noite, eu percebi o que poderia ser, e olhei para cima.

Vindo diretamente para nós uma centena de metros acima estava uma linha escura e baixa de nuvens, a tempestade que eu tinha visto sobre o oceano em direção a Bimini. E, como normalmente essas pequenas tempestades costumam fazer, esta tinha deslizado através da água e descido sobre nós, e eu não acho que já tenha estado tão feliz em ver algo relacionado ao clima como quando vi a

linha grossa de chuva se apressando pelo céu em direção ao meu barco.

Em poucos segundos estava sobre nós, um dilúvio gelado e furioso. E enquanto eu estava aplaudindo o fato de nós agora estarmos invisíveis, me ocorreu que o iate também estava invisível para nós, e se eu não quisesse bater no nosso alvo, eu tinha que ter cuidado.

Virei-me para Brian, que ainda estava de pé ao meu lado, ansiosamente segurando a escada de embarque.

— Vá até a proa — eu disse a ele. — Não nos deixe bater no iate — Ele balançou a cabeça, soltou a escada com cuidado, e foi em frente.

Bem quando eu estava começando a pensar que tínhamos perdido o ponto, Brian acenou para mim com urgência. Eu desliguei o motor, deixando-nos à deriva deslizando para frente, e um momento depois, aparecendo através do forte aguaceiro, eu vi a proa do iate se elevando sobre nós.

— Pegue o leme — falei para Debs. Ela só assentiu e o segurou, então peguei a escada e fui me juntar a Brian. Ele disse algo que não consegui ouvir por causa da chuva. Ele chegou perto do meu ouvido e repetiu:

— Segure meu cinto.

Concordei e, enquanto ele subia a amurada do meu barco, eu o segurei firme pelo cinto.

Quando consegui se equilibrar, Brian esticou a mão para mim e sacudiu os dedos. Levei um momento para entender: a escada, é claro. Passei para ele, que se esticou na ponta dos pés e esticou a escada para cima. Ele sacudiu, tremeu e se agachou para recuperar o equilíbrio, mas, em seguida, lentamente e com cuidado, se esticou novamente para cima. Eu não podia ver muito, estando mais ou menos embaixo dele, mas eu podia senti-lo se movendo lá em cima. Depois de alguns momentos, ele agachou novamente.

— Consegui — ele falou.

Eu balancei a cabeça e comecei a subir na amurada. Brian estendeu a mão para me impedir.

— Se você não se importa, irmão — ele falou —, eu vou primeiro.

Brian inclinou a cabeça para mim, como se esperasse uma objeção. Eu não ia fazer nenhuma. Ele sorriu, o mesmo horrível e falso escancarar de dentes sem emoção, e se endireitou. Então deu um pequeno salto, e depois desapareceu pela escada de embarque e para o convés do iate. Eu o segui o mais rápido que pude,

acenando com a mão para Debs e empurrando o barco para longe com meus pés enquanto subia.

Eu não ouvi nada quando subi no convés, o que parecia ser uma coisa muito boa. Abaixei-me; havia uma espécie de inclinação suave e curva na proa, pintada de um azul-escuro que se destacava no convés branco em torno dele. A intenção devia ser a de garantir mais espaço na cabine de Raul, que ficava logo abaixo, segundo a explicação de Brian. Subi ali e me agachei, esperando que minha roupa escura se misturasse à decoração. Raul estaria diretamente abaixo de mim agora, em sua cabine. Eu me perguntei se ele teria suas *mujeres* com ele. Eu esperava que elas fossem mantê-lo ocupado.

A chuva estava começando a amainar. Eu olhei para onde Brian tinha desaparecido. No começo eu não o vi. Olhei mais longe até onde o declive parava e subia em um ângulo mais agudo para a ponte. Havia uma mancha mais escura no meio dele, mais de metade do caminho até o abrigo contra o vento, que marcava onde era a ponte. Era Brian se rastejando com cuidado, mas rapidamente. Enquanto eu o observava, ele olhou para mim. Trazia sua faca apertada em seus dentes como um pirata. Era uma faca muito afiada, e se ele não fosse cuidadoso, iria conseguir um novo sorriso, provavelmente melhor do que o que tinha agora. Brian fez sinal para eu esperar, e então lentamente levantou a cabeça para olhar por cima do corta-vento.

Por um momento ele congelou naquela posição, não mais do que a metade de sua cabeça aparecendo acima do corta-vento. Em seguida, ele se recompôs e meio que se levantou, meio que pulou para cima e fora da minha vista.

E então eu estava sozinho, agachado na chuva, em um barco cheio de homens bem armados que queriam me matar.

## CAPÍTULO 25



**EU ESPEREI. É BEM MAIS DIFÍCIL DO QUE PARECE. EU PODIA IMAGINAR** umas mil coisas acontecendo na ponte, e apenas uma situação era boa. Por que estava demorando tanto? Havia um guarda lá? Deveria ter, senão Brian não teria pulado daquele jeito. Será que Brian o surpreendeu? Se sim, por que estava demorando tanto? Talvez estivesse se divertindo e fazendo aquilo durar mais do que deveria. Talvez o vigia tivesse surpreendido Brian. Talvez o barco estivesse para explodir em gritos e mais gritos, e eu aqui, agachado na proa como um idiota.

E, se isso tivesse acontecido, eu não estava pronto para oferecer nem mesmo uma resistência simbólica. Eu havia deixado minha faca na bainha, pois não queria me cortar ao subir. Ela ainda estava lá. Puxei-a para fora e a segurei. Não parecia muito perigosa, pelo menos não em comparação com seis ou sete homens com rifles de assalto. E por que o cabo parecia tão escorregadio? Quase como se minhas mãos estivessem suando, o que era ridículo. Eu era o Sombrio Dexter, assassino frio. Minhas mãos não suavam, mesmo agora, quando Brian estava realmente demorando muito e era quase certo que algo tinha dado drasticamente errado.

Bem quando eu tinha me persuadido a seguir Brian e dar uma olhada, ele apareceu novamente, acenando alegremente, a faca em sua mão ainda pingando vermelho. Ele me fez sinal para subir; agarrando minha faca ansiosamente, eu me arrastei até a ponta e subi para a ponte o mais rápido que pude, resmungando o caminho todo. Ele não deveria parecer tão satisfeito consigo mesmo. Um guarda, grande coisa... e claramente ele tinha feito aquilo devagar e se divertindo, enquanto eu ficava encolhido abjetamente.

Levantei-me acima do corta-vento da ponte de comando. E aquilo não

cortava quase nenhum vento, pra falar a verdade, pois tinha apenas uns 30 centímetros. Mas, pelo menos, tornou mais fácil subir ali, e eu subi. Brian estava a poucos passos de distância, olhando com ternura para baixo para um corpo amarrutado. Ele havia caído em uma área almofadada na altura do joelho, ali no convés, que ia até — espantosamente uma vez mais — uma verdadeira banheira de hidromassagem de tamanho... — por Deus! — grande o suficiente para quatro pessoas ao mesmo tempo. Eu ainda estava de boca aberta para aquilo quando Brian se inclinou e segurou meu cotovelo.

— Há apenas um guarda na parte externa abaixo de nós — ele sussurrou, apontando com a cabeça em direção à popa do iate. — Ele está em pé ao pé da escada.

Ele se ajoelhou e me fez sinal para abaixar com ele e, juntos, nos arrastamos até a borda da ponte, onde um lance de degraus moldados levava para o convés principal, três metros abaixo.

Eu deitei de bruços e espiei. A princípio, não vi nada. Talvez ele tivesse ido lá para dentro para fazer xixi ou algo assim. Em seguida, ele tossiu, arrastou os pés, e eu o vi, bem abaixo de mim, abraçando as sombras e olhando vigilante, em volta.

Eu me afastei e cheguei bem perto de Brian.

— Eu pensei que haveria *dois* — sussurrei.

Brian deu de ombros, o que é bem difícil de fazer quando você está deitado de bruços.

— Raul deve estar muito confiante — ele sussurrou de volta.

Dei uma olhada de novo. Ainda tinha apenas um vigia. Deslizei de volta e Brian levantou uma sobrancelha para mim. Meus olhos chegaram ao banco acolchoado ao lado da banheira de hidromassagem. Eu rastejei até lá, me levantei e agarrei uma das almofadas, uma coisa pesada coberta de lona de aproximadamente um metro quadrado. Eu acenei para Brian e entreguei a ele.

— Largue isso ali, no convés principal — eu sussurrei, apontando para minha esquerda.

Ele entendeu imediatamente, pegando a almofada e se movendo silenciosamente até a beirada. Ele olhou para mim com expectativa e mais uma vez deitei de bruços e deslizei para frente até os degraus. Segurei minha faca, respirei fundo e acenei para Brian.

Imediatamente ouvi o baque da almofada no convés embaixo. E foi seguido imediatamente por um abafado “*conyo*”, do vigia, diretamente abaixo de mim, tudo de acordo com o plano. E agora o plano dizia que o guarda andaria, saindo de perto da cabine e indo pelo convés até a balaustrada, e tentaria ver o que tinha feito aquele som, e eu desceria e estaria em cima dele.

Mas o idiota no convés principal claramente não sabia o roteiro; ele se inclinou para frente e olhou para cima, diretamente para mim, e eu me afastei para trás a tempo de escapar de ser visto.

— Tonio, *pendejo* — sussurrou um pouco alto o vigia. — *Qué es eso?*

“Tonio”, é claro, não respondeu, já que ele estava muito ocupado “estando” morto no momento. Esperei, sentindo minhas mãos suarem novamente. Nunca, até esta noite, eu tinha tido palmas das mãos suadas, e agora era a segunda vez. Eu não gostava disso, e eu não gostava de ser o tipo de “cagão”, nervoso, que vivia com as palmas das mãos suadas. Mas também não parecia ter escolha. Esperei, sentindo minhas mãos muito lisas e desgostando de mim mesmo. Finalmente ouvi “*conyo*” novamente, e, em seguida, um arrastar de pés se movendo para *longe* de mim.

Eu avancei. O local com uma sombra, logo abaixo, estava vazio. Levantei-me e fiquei agachado e logo em seguida deslizei escada abaixo o mais rápido possível, entrando na escuridão no canto da cabine. Um momento depois, ouvi mais algumas sílabas sussurradas que eram, provavelmente, palavras, e então a almofada que Brian tinha jogado veio virando a esquina do convés.

Em um clima de arrumação, o sentinela tinha pego a almofada, provavelmente para levá-la de volta para a hidromassagem e, no processo, repreender Tonio por seu desleixo. Mas, infelizmente, por um capricho do destino, ele não conseguiu subir as escadas. Porque segurando a almofada diante de si, como estava, tinha criado um ponto cego ideal para Dexter, e antes que o vigia pudesse fazer mais que piscar duas vezes, eu me coloquei atrás dele, e então eu já estava em cima dele, um braço apertado em torno de sua garganta e minha faca mergulhando em seu corpo.

Ele era muito forte, e quase se soltou, mas eu o segurei firme, torcendo a lâmina e mergulhando-a novamente em seu corpanzil. Ele deu um único coaxar, abafado pelo meu antebraço em sua garganta, e então ficou mole.

Segurei-o firme até estar muito certo de que ele estava absolutamente

morto. Então eu o abaixei com cuidado até o chão do convés e me endireitei lentamente, bastante satisfeito comigo mesmo. Eu tinha tido a minha vez, e tinha ido tão bem quanto meu irmão, aliás, um pouco melhor, já que não tinha levado tanto tempo para me divertir quanto ele. Não, tinha sido eficiência pura e letal, um exemplo brilhante de como essas coisas devem ser feitas.

Estava na metade do caminho de me endireitar e ainda me parabenizando quando a porta da cabine ao meu lado se abriu para fora e ouvi uma voz masculina sussurar:

— *Ah. Una meada buena es como... Qué?*

Uma vergonha eu nunca aprender que uma boa mijada era igual ao que quer que fosse. Mas quando o homem saiu da cabine e fechou a porta, ele me viu, e todos os pensamentos de rapsódia poética a respeito de mijar foram esquecidos. Para minha sorte, ele gastou dois segundos inteiros boquiaberto, o que seria tempo mais do que suficiente para que eu o silenciasse para sempre...

A não ser pelo fato de que, quando me movi para frente, tropecei no cadáver do amigo de Tonio e caí apoiado em um joelho, e só consegui assistir ao mijão pegar o rifle de assalto que estava pendurado em seu ombro.

Tudo o que o guarda tinha que fazer era mover o rifle na posição de tiro e puxar o gatilho, e Dexter estaria tão morto quanto um dodô<sup>[1]</sup>. Mas o tempo parece ter entrado em modo câmera lenta, arrastando-o para um cenário lamacento, e o sentinela parecia estar demorando uma eternidade nessa tarefa *oh-tão-simples*. Era como assistir a uma velha comédia muda em câmera lenta enquanto ele se atrapalhava com a correia, quebrava uma unha no cabo, e acertava a própria testa com o cano da arma, tremendo o tempo todo com uma ansiedade paralisante, mas frenética, com sua língua estendida em um lado da boca, e eu observando a tudo impotente até que ele, meio sem jeito, finalmente apontou a arma vagarosamente para frente e esticou o dedo para o gatilho. Mas uma forma escura despencou lá de cima e o derrubou no *deck*. Um momento depois, ele encontrou sua voz finalmente, só a tempo de dar um gorgolejo final, chutar as pernas e ficar imóvel.

— Bem — Brian sussurrou ainda agachado acima do vigia recém-morto —, aparentemente havia três guardas mesmo, a final.

— É o que parece — eu sussurrei de volta, irritado. — Você tem certeza de que não são quatro?

Ficamos agachados ali por um minuto, apenas para ter certeza de que ninguém tinha ouvido a *pancada* de Brian no *deck* e o vigia atingindo o chão. Aquilo tinha parecido terrivelmente alto, mesmo em minha estupefação em câmara lenta. Mas, aparentemente, Raul e o resto de sua tripulação dormiam profundamente. Não ouvimos gritos, batidas de pés no chão, som de trompetes nem nada parecido. Assim, deixamos mortos os três membros da vigília noturna, onde tinham caído, e demos um giro rápido e silencioso pelo convés, evitando as janelas, que eram grandes demais para chamarmos de escotilhas. Quando terminamos, subi na balaustrada e me inclinei para fora do barco. A pequena tempestade que tinha tornado tudo isso possível estava desaparecendo agora, e eu podia ver Deborah muito claramente, a alguns passos da proa e segurando a corrente da minha âncora. Acenei para ela e ela soltou a corrente, deixando a âncora deslizar para baixo. E então andou pelo barco de volta para a popa.

Eu dei um passo para baixo na plataforma de mergulho na extremidade traseira do barco. Brian estava logo atrás de mim no convés, observando se havia sinais de vida indesejada. O bote do superiate estava lá, amarrado a um grampo e balançando suavemente atrás de nós, então olhei para a cabine de comando. Parecia que custava mais do que um apê de três quartos. Nela havia um painel de controle que faria o Capitão Kirk se sentir em casa, com assentos de plumas e até mesmo uma pequena cabine fechada. As chaves estavam lá, penduradas na ignição ao lado do leme. Talvez Raul realmente estivesse confiante demais. Talvez ter um barco cheio de homens fortemente armados tivesse esse efeito nele.

Eu ouvi uma agitação suave de água e Debs chegando. Ela tinha trazido meu barco para perto do iate e eu agarrei a bolina que ela me jogou, amarrando-a para que o meu barco ficasse à deriva cerca de três metros atrás de nós, onde não bateria no iate e não enviaria um alarme indesejado.

Debs agarrou a escopeta e subiu ao convés do iate como se estivesse morrendo de fome e atrasada para o jantar.

— Por que diabos você demorou tanto? — Ela sussurrou ferozmente.

— Tráfego — eu disse a ela.

Ela não pareceu achar engraçado e manteve sua carranca. Mas antes que ela pudesse atacar o iate e começar a atirar em todos, Brian fez um som de *psst!* de seu lugar acima de nós no convés. Viri para ele e ele apontou.

— O saco — ele sussurrou.

Devo ter feito cara de nada, porque ele andou rapidamente para baixo e puxou o meu barco de volta. Então pulou dentro dele e pegou uma sacola de lona pesada da proa, ao lado de onde ele estava em pé, quando nos aproximamos do iate. Ele atirou-a sobre um ombro e passou por mim novamente, murmurando:

— Brinquedos de Ee-bahng.

Eu não tinha certeza do que ele queria com o saco-bomba de Ivan neste momento. Parecia-me que devíamos guardar as explosões para a limpeza, depois que tivéssemos encontrado as crianças. Como eu já sabia muito bem, as bombas eram barulhentas, bagunçavam as coisas e eu não gostava delas. E também não confiava nelas, pois podiam explodir a qualquer momento sem nenhum motivo racional, e parecia tolo levá-las em uma situação onde tiros poderiam muito bem ser disparados com raiva.

Mas Brian tinha se decidido, e, além disso, já tinha ido embora para o convés do iate. Então, eu encolhi os ombros e subi atrás dele, e Debs me seguiu de volta para a porta que dava para a cabine principal, onde Brian esperava impacientemente. Ele abriu a porta e entrou cuidadosamente no interior, e um momento depois, eu o segui.

O quarto estava iluminado com apenas um par de luzes muito fracas, mas, mesmo assim, eu tive uma sensação muito estranha. Parecia que eu tinha passado através de um buraco de minhoca e, em vez de uma porta, tinha acabado de chegar a milhas de distância na cobertura de um luxuoso hotel. Aquele cômodo parecia grande demais para se encaixar no barco, e era incrivelmente opulento. Exceto pela janela longa matizada que se estendia dos lados, as paredes eram revestidas com espelhos dourados. Como Brian tinha dito, havia uma pequena cozinha no canto da outra extremidade do compartimento e se podia ver as escadas até as cabines, ao lado dela. Mas havia também uma sala de jantar formal, com lustre tipo candelabro baixo e uma mesa de ouro pesada e suas cadeiras, e um número absurdo de sofás e cadeiras de couro estofado, além de uma TV grande de tela plana.

Havia mais mobiliário caro do que eu poderia observar em uma olhada rápida, e eu me virei lentamente para ver tudo. Brian me viu olhando estupidamente e agarrou meu braço, sacudindo a cabeça para mim com decepção. Nós andamos na ponta dos pés em direção à escada, Brian na

liderança, Debs me empurrando.

No topo da escada Brian fez uma pausa, olhando para baixo com atenção. Ele fez um sinal com a mão para nós esperarmos e colocou o saco de lona de brinquedos de lado. Em seguida, sacou a pistola e se esgueirou silenciosamente descendo os degraus. Havia apenas cinco ou seis degraus e eu podia ver a cabeça e os ombros do meu irmão muito claramente enquanto ele deu alguns passinhos à frente, fez uma pausa, e depois recuou novamente. Ele olhou para cima e acenou, e antes que eu pudesse me mover, Deborah passou por mim e desceu as escadas com sua arma sacada e pronta pra tudo.

Quando me juntei a eles no corredor, ao pé da escada, Debs e Brian estavam tendo uma discussão animada de mímica. Debs estava apontando para a porta à direita, e Brian estava fazendo gestos lentos e, aparentemente, pedindo cautela. Debs colocou em seu rosto uma careta determinada, baixou a cabeça e deu um passo para a porta lateral direita, mão esticada para abri-la. Andei rapidamente e agarrei o braço dela, que olhou para mim com feroz ressentimento. Mas eu só levantei um dedo e, em seguida, usei-o para tocar em meu ouvido. Ela olhou para mim com hostilidade e sem entender, até eu me inclinar para frente e colocar o ouvido na porta.

Enquanto ouvia atentamente algum tipo de som revelador, Debs colocou a própria orelha na porta ao meu lado. Como se aquilo tivesse sido a dica, nós fomos recompensados pelo som de um ronco estrondoso do outro lado da porta, seguido quase imediatamente por outro, mais suave e agudo.

Debs virou a cabeça de volta e eu me endireitei também, a tempo de vê-la atravessar o corredor e colocar seu ouvido na fechadura da porta oposta. Ela ouviu por apenas um segundo e, em seguida, se pôs ereta tão de repente que eu pensei que alguém tinha enfiado uma faca pelo buraco da fechadura. Mas seu rosto, ainda assustador, estava coberto com um enorme sorriso. Ela apontou animadamente para a porta e murmurou “*Nicholas!*”. E então, sem esperar para explicar o que tinha ouvido e que a fez pensar que seu filho estava no quarto, ela empurrou sua escopeta em minhas mãos, agarrou a maçaneta e abriu a porta.

Brian olhou para mim com o rosto cheio de pânico e saltou para frente para detê-la, mas era tarde demais. Debs já estava no quarto e movendo-se rapidamente através de um tapete felpudo e grosso. Meu irmão se afastou da porta, olhando ao redor descontroladamente. Segui Debs para o quarto.

As crianças estavam lá, todas elas. Cody e Astor estavam sobre a cama mais próxima, dormindo juntos e se aconchegando. Lily Anne e Nicholas, os bebês, estavam na outra cama. Nicholas estava mexendo seus pés e gorgolejando, o som que tinha dado a dica à sua mãe de que ele estava aqui.

E, deitada ao lado de dois bebês, também dormindo, estava uma jovem atarracada. Ela tinha cabelos escuros e usava uma camisola de flanela rosa, que eu pensei que era um modelito estranho para a babá de um traficante. Mas seria esperar demais que ela permanecesse dormindo por muito tempo. Eu só conseguia pensar em uma maneira certa de mantê-la quieta enquanto levávamos as crianças embora e corríamos para casa. Então, enquanto Deborah cuidadosamente pegava Nicholas, peguei minha faca da batinha e caminhei, até uma mão de ferro se fechar em meu braço.

— Não! — Disse Debs em um sussurro feroz. — Assim não!

Olhei para ela com exasperação. De todos os tempos para se ter empatia, este era um dos piores. Uma pequena espreitadela da mulher dormindo e estávamos todos mortos, mas não, eu não poderia deixá-la permanentemente tranqüila.

— Então como? — Eu sussurrei de volta.

Ela apenas balançou a cabeça e acenou para Cody e Astor.

— Acorde-os — ela falou baixinho.

Eu passei ao lado de Deborah até a cama onde Cody e Astor dormiam. Encostei a escopeta contra a parede ao lado da cama e coloquei a mão no ombro de Astor, balançando-a gentilmente. Ela resmungou, franziu a testa e, em seguida, abriu os olhos. Ela piscou para mim várias vezes e, em seguida, se levantou de uma vez.

— Dexter! — Disse Astor, animadamente.

Eu acenei freneticamente para ela ficar quieta, e ela mordeu o lábio e assentiu. Eu balancei Cody, apenas duas vezes, e ele sentou-se à direita e olhou para mim, totalmente acordado.

— Sabia que você viria — disse Cody, alto o suficiente para ser ouvido.

— O mais rápido que puderem — eu disse a eles, suave, mas com urgência. — E em silêncio! Subam as escadas e saiam, meu barco está amarrado na parte de trás. Vão!

Eles piscaram para mim, depois um para o outro, então eu disse novamente:

— Vão! Agora!

Astor pulou, agarrou a mão de Cody, e os dois se apressaram para fora.

Deborah estava impaciente no meio do quarto, com a pistola em uma mão e Nicholas na outra. Dei a volta nela de novo e retornei para a outra cama, onde Lily Anne dormia. Ela estava deitada em silêncio ao lado da babá dormindo, sugando ferozmente a sua chupeta. Inclinei-me com todo o cuidado que poderia reunir e deslizei a mão sob a cabeça do bebê, e então coloquei a outra sob sua parte inferior. Eu levantei-a lentamente, com cuidado, e já a tinha quase na metade do caminho quando ela resmungou e cuspiu a chupeta. Eu preendi minha respiração, mas Lily Anne resolveu voltar a dormir. Eu olhei para baixo, para a cama, para recuperar a chupeta caída, e vi logo que não seria possível.

A chupeta tinha caído bem em cima da babá.

E a babá agora estava acordando, olhando para mim com grandes olhos castanhos muito bem abertos.

E então seus olhos se abriram por completo e ela abriu a boca ainda mais. Eu joguei Lily Anne rapidamente para o meu braço esquerdo e apertei minha mão direita firmemente na garganta da babá.

— Silêncio — sussurrei, soando tão mortal quanto possível. — *No un sonido.*

Sua boca se fechou e ela balançou a cabeça vigorosamente. Eu dei um passo para trás, mantendo meus olhos sobre a babá, e entreguei Lily Anne para Deborah.

— Leve-os para o barco — falei.

Deborah segurou Lily Anne em seu outro braço, mas só deu um passo para trás. Olhei para ela e vi que estava querendo discutir sobre correr para o barco. Antes que qualquer um de nós pudesse dizer uma palavra, Brian enfiou a cabeça na porta.

— O que está prendendo vocês? — Ele sussurrou agressivamente. E então — Oh, mas que merda — quando viu a babá olhando para nós com olhos gigantes. — Ela vai gritar a qualquer momento — disse Brian, e deu um passo em direção a ela, puxando a faca.

Mas ele estava errado. A babá não gritou. Ela não disse uma palavra. Ela olhou para o meu irmão se aproximando com a faca na mão, e calmamente esticou a mão debaixo do travesseiro, tirou um revólver e disparou à queima-roupa em Brian.

Eu não podia ver onde, mas eu tinha certeza de que ele tinha sido atingido. Mesmo assim, ele saltou para frente com uma rapidez incrível. Antes que a senhora pudesse disparar de novo, a mão esquerda de Brian estava prendendo a arma na cama, e sua faca estava em sua garganta. Ela lutou brevemente; eu não podia ver o que Brian fez, mas seus ombros subiram com o esforço e a luta parou abruptamente. Brian se levantou, muito mais lento do que saltou contra ela, e havia sangue por toda parte, nas mãos, na frente de sua camisa, nas calças. Cortes na garganta podem esguichar sangue horrivelmente, e a maior parte da sujeira tinha que ser da babá. A maior parte, mas não toda.

Quando Brian se ajeitou, ele oscilou um pouco e colocou uma mão em seu abdômen, logo acima e à direita do umbigo.

É engraçado como a mente funciona, não é? Pode ter sido porque eu estava meio atordoado pelo estrondo incrivelmente alto do tiro neste quarto pequeno, mas qualquer que fosse a razão, minha cabeça estava girando. E por meio segundo passou pela minha mente que Raul precisaria de uma nova babá, e eu imaginei o que o anúncio diria. *Necessitamos de babá. Deve saber falar espanhol, inglês e usar armas de pequeno porte.* Mas Brian oscilou de novo e eu deixei o pensamento ir para longe.

— Brian — falei.

Isso foi tudo que consegui. Do lado de fora do quarto ouvi um grito, e depois outro. Um tiro em um quarto fechado é um despertador extremamente eficaz, e o tiro da babá tinha sido o suficiente para acordar os outros vigias.

— Debs, vai! — Falei, e desta vez ela não discutiu. Ela girou sobre seus calcanhares, um bebê em cada braço, e correu para o meu barco.

— Brian — falei, movendo-me para o seu lado —, você está bem? — Era uma pergunta estúpida, já que eu sabia que ele tinha sido baleado, o que não é “tudo bem”, não importa como você defina isso.

Mas Brian só me lançou um olhar de dor.

— Acredito que podemos ter perdido o elemento surpresa — disse ele, sorrindo meio sem graça, e eu estava preocupado o suficiente para não perceber o terrível esforço empreendido naquele sorriso.

— Você consegue correr? — Perguntei.

— Eu não vejo muita escolha — ele falou, deixou cair a faca no chão e puxou sua pistola. — Eu acho que nós vamos querer aquilo — ele disse,

apontando para a escopeta de Deborah. Eu a agarrei, armei uma bala no cano, e corremos para fora do quarto.

No momento em que entramos no corredor eu fiquei muito feliz pela escopeta estar pronta para disparar, porque a porta oposta, onde nós tínhamos ouvido os roncões, estava sendo cautelosamente aberta. Sem me preocupar em mirar, eu aponte a arma para a porta e atirei.

O barulho foi ensurdecedor, bem mais alto que o som da pistola da babá. Mas o resultado foi realmente gratificante. Um buraco do tamanho de uma bola de basquete rompeu a porta, que se abriu parcialmente e, em seguida, se fechou novamente. Virei e corri até as escadas.

Brian já estava lá, ajoelhado ao lado do topo da escada, vasculhando na bolsa de lona de brinquedos de Ee-bahng. Ele estava se movendo com dificuldade, obviamente com dor, mas fora isso parecia estar se divertindo.

— Eu sabia que isto viria a calhar — ele falou. Então pegou um pedaço de algo meio cinza e marrom, com o tamanho e a forma de um tijolo, e ergueu com expressão feliz — Ivan fez um trabalho muito bom — Ele apontou para o que parecia ser uma calculadora grudada ao lado com fita. — Simples de usar, e muito eficaz. — Ele cutucou a calculadora com um dedo. — Basta definir o timer, e...

Ouvi mais ruídos abaixo, as vozes altas e exortando claramente uns aos outros para levantar e resolver o problema.

— Brian — falei, mas ele me ignorou. Agachei-me, meio atrás do meu irmão, a escopeta pronta.

— Um, dois — disse Brian. Ele jogou o tijolo, com força, para baixo no corredor. Então virou a cabeça em minha direção, quase certamente para dizer, “três”. E ele poderia ter dito isso. Mas se tivesse, o som teria sido abafado pelo enorme rugido de uma explosão, uma enorme bola brilhante, barulho, fumaça, chamas e detritos que levantou Brian e o arremessou diretamente contra mim, e eu fui lançado para trás e em um lugar matizado de vermelho escuro, onde não havia luz e nenhum som, apenas um terrível ruído alto e doloroso que não parava.

E lá estava eu, caído. No começo eu não conseguia me mover, e então eu apenas não o fiz. Eu não conseguia pensar em nada, nem mesmo o pensamento mais simples. E, aparentemente, você precisa pensar a fim de se mover.

Então eu apenas fiquei deitado sem me mover. Eu não sei por quanto tempo.

Não poderia ter sido tanto quanto parecia. Eventualmente, me dei conta de algo pesado em cima de mim. Então eu tive meu primeiro pensamento, que era: *Não deveria estar em cima de mim*. Eu deixei aquilo soar por um tempo, e depois, lentamente, sílaba por sílaba, acrescentei: *Eu deveria tirar de cima de mim*.

E fiz isso. Empurrei a coisa pesada. Ela deslizou para um lado e eu me sentei. Isso fez minha cabeça doer muito. Por mais alguns momentos eu senti ali e apertei minha cabeça. Eu ainda não conseguia ouvir nada, mas se abrisse um olho poderia ver as coisas agora. Quando minha cabeça não parou de doer tanto, abri meus olhos.

Olhei para a coisa pesada. Ele parecia muito com o que costumava ser Brian. Não era Brian mais. Ele não se mexia e não respirava. Ele só estava caído onde eu o empurrei e olhava para o teto com os olhos serenos e bem abertos. Seu rosto estava fixo em um meio sorriso, o mesmo estranho, terrível e constrangedor sorriso falso congelado para sempre naquele rosto que se parecia tanto com o meu.

Eu só o observei até que a palavra me veio à cabeça. *Morto*. Brian estava morto. Meu irmão tinha partido e eu nunca iria ter outro. *Morto*.

Senti uma suave brisa no meu rosto e me virei para onde as escadas costumavam estar até há poucos minutos. Eu ainda não conseguia ouvir nada, apenas o barulho de campainha, e eu não podia ver mais as escadas. Em vez disso havia apenas um monte de fumaça. Algumas chamas minúsculas tremulavam sob elas, bem lá embaixo. Elas eram bonitas. Eu as assisti por um tempo. Minha cabeça latejava e parecia que estava cheia de lama espessa e escura, e eu não conseguia pensar em nada, não agora, então só fiquei observando as pequenas chamas sob a grande flor de fumaça.

Então, algo se moveu saindo da fumaça.

No início, era apenas uma forma escura no corredor abaixo, uma sombra ligeiramente mais escura na escuridão circundante. Ele se moveu lentamente em direção a mim, gradualmente assumindo a forma de uma pessoa. Lentamente, um passo grande e cuidadoso de gato de cada vez, a forma saiu da fumaça até que eu pudesse ver o que era.

E era um homem. De altura e compleição física medianas. Ele tinha cabelo escuro e pele lisa verde-oliva. Não fazia sentido, mas ele estava vestindo apenas uma samba-canção verde. Por que alguém se vestiria assim? Eu fiz uma careta e

balancei a cabeça para limpá-la, mas não deu certo, e isso não mudou o quadro. O homem ainda usava nada além da samba-canção verde, e ele ainda vinha caminhando. Ele tinha muito peso em correntes de ouro em volta do pescoço, algumas delas com pedras grandes e vistosas. Ele olhou para mim, e então sorriu. Isso não fazia sentido, nem um pouco. Eu não conheço esse homem. Por que ele iria sorrir?

Mas, lentamente, quando ele deu mais um passo suave de tigre em direção a mim, outra palavra se formou em meu cérebro: *Raul*.

Pensei naquilo. Era algo difícil de fazer, mas eu tentei, e pensei em algo sobre *Raul*. Essa palavra era um nome. Eu sabia de algo sobre esse nome, mas eu não conheço esse homem. Era o nome *dele*?

E então ele levantou a mão. Ele tinha uma pistola nela, e me lembrei, e sabia por que ele estava sorrindo. E eu estava certo, porque, quando ele apontou a pistola diretamente para mim, o seu sorriso ficou maior. Observei-o, tentando lembrar o que eu deveria fazer. Eu sabia que deveria fazer alguma coisa, mas com as batidas na minha cabeça eu não poderia pensar naquilo. Diga alguma coisa. Talvez pedir-lhe para não atirar em mim? Ou será que envolvia um movimento de algum tipo? Tão difícil pensar...

Pouco antes de o homem puxar o gatilho, me lembrei de outra coisa. *As armas podem machucar você. Fique longe delas*. E no último instante pensei: *Corra!*

Eu não podia correr. Eu ainda estava sentado. Mas rolei para o lado e em algum lugar muito longe, ouvi um pequeno *bang!* abafado!

Algo atingiu meu ombro com muita força, forte como se alguém tivesse me acertado com um taco de beisebol de metal. Senti minha boca ficar aberta, mas se eu soltei um som, não consegui ouvir. Mas a dor fez uma coisa. Ela fez o meu cérebro começar a trabalhar um pouco. Eu sabia que tinha de me mover novamente, fugir do homem com a arma, e comecei a engatinhar para longe da escada.

Foi muito difícil. O ombro que tinha sido atingido não funcionou. Nem o braço pendurado nele. Arrastei-me pelo chão com o outro braço bom, e meu cérebro começava a funcionar devidamente, porque eu lembrei que eu tinha armas também. Se eu pudesse encontrar uma, poderia atirar em Raul. Dessa forma, ele não poderia atirar em mim novamente.

Ergui a cabeça e olhei. A grande explosão tinha arremessado coisas pra todo lado, longe das escadas. Perto da porta que dava para o convés, eu vi a bolsa de lona pesada que tinha causado tantos problemas, e, ao lado dela, vi o que tinha que ser a escopeta. Se eu pudesse conseguir aquilo, eu poderia atirar no homem.

Arrastei-me com mais força, mais rápido. Mas eu não tinha ido muito longe quando alguma coisa agarrou meu tornozelo, me puxou e me virou de costas.

O homem com a arma estava em cima de mim, apontando para mim. Raul. Ele estava olhando para mim como se eu fosse uma mancha no tapete. Ele parecia muito perigoso para alguém vestindo apenas uma samba-canção verde e um monte de correntes de ouro. E então ele sorriu de novo. E se agachou ao meu lado. Eu podia ver sua boca se movendo, mas eu não conseguia ouvir nada. Ele inclinou a cabeça, esperando que eu dissesse alguma coisa. Quando eu não o fiz, ele franziu a testa e cutucou meu ombro ferido com sua arma.

A dor era enorme. Eu abri a boca e ouvi estranhos ruídos de animais vindos de longe, que combinavam com a forma da minha boca. Era um som horrível, desumano, mas o homem gostou. Ele me cutucou novamente, muito mais forte, e desta vez ele girou o cano da arma dentro do meu ombro e eu senti algo dentro de onde ele tocou se romper, então fiz o som novamente.

Mas Raul deve ter se cansado dos meus ruídos. Ele se levantou e olhou para mim com um olhar de completo desprezo. Então levantou a arma e me olhou como se pudesse me fazer desaparecer apenas olhando duro para mim.

Ele balançou a cabeça e apontou a arma diretamente em um ponto entre os meus olhos.

E então *ele* desapareceu.

Senti um enorme estrondo e um rugido vir de longe. Aquilo deslocou o ar na sala como uma grande colisão, e foi tão alto que eu consegui ouvir, pelo menos um pouco. E soprou uma vez mais, levando Raul para longe e, em seguida, parou. Fiquei imóvel por um momento, no caso daquilo acontecer novamente. Antes que eu pudesse decidir me mover, uma nova pessoa apareceu e se ajoelhou ao meu lado, e eu sabia quem era imediatamente.

Deborah.

Ela estava segurando a espingarda na dobra do braço, olhando para mim e movendo a boca freneticamente, mas eu ainda não a podia ouvir. Ela colocou a mão sob meu ombro e me ajudou a sentar, ainda movendo a boca e me olhando

com grande preocupação. Então, eu finalmente disse:

— Eu estou bem, Debs — Foi uma sensação estranha, saber que eu tinha dito algo, e sentir as vibrações na minha garganta e meu rosto, e ainda assim não ouvir minha própria voz. Então eu acrescentei: — Eu não consigo ouvir nada. A explosão.

Debs me olhou intensamente por mais um momento, mas depois assentiu. Ela moveu a boca de uma forma exagerada e eu tenho quase certeza que disse: “Vamos”, porque ela se levantou e me ajudou a levantar também.

Por alguns segundos, era quase tão ruim como quando me senti logo após a explosão. As ondas enormes e violentas de náuseas e tonturas tomaram conta de mim, acompanhadas de uma dor trovejante na minha cabeça e em meu ombro. Mas não durou muito desta vez. Debs me levou até a porta e eu conseguia andar bem. E por incrível que pareça, apesar de tudo dentro de mim parecer demasiadamente solto e minhas pernas parecerem curtas, meu cérebro começou a trabalhar como antes novamente. Eu vi o saco de lona ao lado da porta e me lembrei de uma última coisa importante.

— Evidências — falei. — Livrar-se da prova.

Deborah balançou a cabeça e puxou meu braço, e foi o braço errado, o que estava anexado ao ombro com a bala nele. Eu fiz uma espécie de som mudo e espasmódico *aaaakkkh* que nem consegui ouvir e ela pulou para trás.

A dor no ombro se tornou uma profunda agonia. Olhei para a ferida. Eu estava usando uma camisa preta, é claro, para me camuflar na noite, por isso não havia muito para ver a não ser um surpreendentemente pequeno buraco. Mas parecia haver uma enorme quantidade de camisa molhada em torno dele. Dei uma apalpada com a mão, delicadamente, e olhei. Minha mão estava muito, muito molhada de sangue.

O que era esperado, é claro. Ferimentos de bala sangram. E quando Raul o cutucou pela segunda vez, acho que pode ter rompido uma veia ou alguma coisa lá dentro. Mas parecia um monte de sangue, e eu não gosto de sangue. Mas isso podia esperar até mais tarde, e mesmo assim Debs estava puxando meu braço novamente. Eu sacudi a mão dela de mim.

— Temos que explodir tudo — eu disse. Senti as palavras saindo da minha boca sem ouvi-las.

Deborah ouviu. Ela balançou a cabeça e tentou me puxar para fora da porta,

mas eu me soltei e voltei para a cabine em ruínas.

— Há evidências demais, Debs — falei. — As crianças, as armas, o corpo de Brian. Tudo se conecta a você, Deborah. E a mim.

Ela ainda estava balançando a cabeça, olhando com mais medo do que raiva, mas eu sabia que estava certo.

— Temos que explodir tudo — repeti. — Ou nós dois vamos para a cadeia. As crianças ficarão sozinhas.

Eu sabia que estava falando muito alto, e as palavras estavam dando muito trabalho e pareciam erradas, como se eu não as estivesse modulando corretamente.

Mas Debs claramente me compreendeu, porque balançou a cabeça e me puxou em direção à porta, movendo a boca rapidamente e com urgência. Não importava. Eu não podia ouvi-la.

— Temos que explodir tudo — eu disse na minha inédita voz oca sem ruído. — Tenho que... — Eu me inclinei e peguei o saco de lona. Por um momento, tudo girou em círculos vermelhos brilhantes. Mas eu me endireitei finalmente. — Vá — eu disse a ela. — Com as crianças. Eu vou em seguida.

Sua boca ainda estava se movendo enquanto eu pegava a bolsa e cambaleava para trás em direção à escada, mas, quando estava no meio do caminho, eu me virei para olhar para trás. Deborah tinha ido embora.

Fiz uma pausa por um momento. A bomba que matou Brian tinha feito muito barulho, fumaça, fogo, mas não tinha feito um buraco no barco grande o suficiente para afundá-lo. Eu tinha que colocar a bomba em um lugar melhor. Em algum lugar onde detonaria todo o superiate. Talvez ao lado dos tanques de combustível? Mas eu não sabia onde estavam, e eu não tinha certeza se poderia me mover até encontrá-los. E a bolsa era muito mais pesada do que eu lembrava e eu estava muito cansado. E com frio. De repente eu estava me sentindo com muito frio. Por que isso? Era uma típica noite quente de Miami, e eu não acho que o ar-condicionado ainda poderia estar trabalhando. Mas um frio definitivamente caiu sobre mim, o corpo todo, e aquela tontura tingida de vermelho voltou. Fechei os olhos. Não foi embora, então eu abri os olhos de novo e olhei para a escada à frente. Eu poderia apenas colocar a bomba lá. Provavelmente faria o trabalho. E não poderia estar realmente tão longe quanto parecia. Eu provavelmente poderia chegar lá em apenas mais alguns passos.

Eu dei um passo. Foi mais difícil do que tinha sido um momento atrás. Na verdade, era quase impossível. E estava tão frio. E eu precisava descansar, apenas por um momento. Eu procurei um lugar para sentar. Nenhuma das cadeiras ou sofás tinha ficado de pé na explosão. Havia ainda um banco de pelúcia, preso na parede. Ele parecia muito distante. Eu não poderia realmente ir até lá apenas para me sentar, poderia? Não, claro que não. Mas eu queria me sentar, e ali mesmo aos meus pés, havia o chão. Ele ainda era plano. Eu poderia sentar lá.

E fiz isso. Sentei e fechei os olhos e tentei encontrar a força para me levantar e terminar aquilo. *Não é tão difícil, Dexter.* Basta levantar, armar a bomba em um lugar onde ela irá fazer o trabalho, e voltar para o meu barco. Simples.

Com exceção de que não era. Nada era simples agora. E pensando sobre isso, as coisas não tinham sido simples nos últimos dias e semanas. Pelo menos não para o Dumbo Dexter, o Nerd Ninja que deixava todo mundo próximo a ele ser morto, Rita, Jackie e agora Brian, e, provavelmente, Debs e as crianças em apenas um minuto ou dois. E, bem, quando as coisas estão quase todas bem resolvidas, ele é explodido e atiram nele. E agora ele não tem que fazer nada além de colocar uma bomba no lugar certo, definir o temporizador e ir para casa... e ele não consegue nem mesmo fazer isso. Parecia apenas tão difícil de levantar e fazer alguma coisa. Eu não conseguia mais fazer nem mesmo as coisas mais simples, não tinha sido capaz em todo este tempo, desde que deixei Jackie ser morta. E Rita também. Morta por minha causa, minha cabeça incompetente, vazia e desastrada. Morta, juntamente com toda a minha bela vida simples... morta como Brian. Morto pelas ilusões do cérebro borbulhante de que eu era inteligente e poderia fazer todas as coisas. Morto porque eu realmente não conseguia fazer mais nada. Não podia nem pensar. E agora eu não conseguia nem andar mais três ou quatro passos para armar a bomba para que eu pudesse ir para casa. E talvez encontrar alguém para fazer a ferida de bala parar de sangrar tanto. Porque realmente estava sangrando muito. Eu estava encharcado agora. Toda a parte da frente do meu corpo estava empapada, e eu não estava gostando.

*Tudo bem, chega. Levante e vamos lá, Dexter. E se não sobrou energia para "levantar", então basta se arrastar até lá e fazer. Armar o temporizador, jogar a*

*bomba escada abaixo e rastejar de volta para o barco. Um, dois, três. Tão simples que mesmo um idiota como eu poderia fazê-lo. Pronto?*

Um: eu alcancei a aba da bolsa de lona. Ela ainda estava aberta de quando Brian a tinha usado, então eu não precisei abrir o zíper, o que era uma coisa muito boa, já que eu não acho que conseguiria fazer isso. Tateei lá dentro e meus dedos se fecharam em torno de algo que parecia a coisa certa. Peguei-a, era brilhante, quadrada e grande. Ela tinha o mesmo tipo de temporizador que a bomba de Brian tinha, mas este tijolo era muito maior. Mais do que o suficiente para fazer o trabalho. Mas o cronômetro estava pulsando e fora de foco, e os números vermelhos se misturavam com o fundo vermelho que estava pulsando de volta para mim. Isso não era bom. Eu fiz uma careta e olhei para ele para que soubesse que eu estava falando sério, e então funcionou. Eu coloquei zero, zero, cinco. Cinco minutos. Muito tempo.

Etapa dois: Respirei fundo, e então me arrastei para frente com meu braço bom, empurrando a bomba na minha frente. Não era necessário um lugar específico para colocar, não com este grande bebê. E não iria acontecer de qualquer maneira, não com Dexter, o Tonto, fazendo o trabalho. Ainda assim, vários metros à frente eu senti o gás acabando. Isso não é bom. Tenho que guardar um pouco para a minha fuga. Escapar é muito importante. Tentei me levantar. Muito difícil, eu estava tão pesado! Eu realmente preciso fazer uma dieta quando isto acabar. Mas eu ainda estava segurando a bolsa de lona, outro erro estúpido. Eu a soltei e me esforcei para conseguir chegar a uma posição ereta. Descansei por um minuto. Apenas um pequeno minuto, apenas descansando e me lembrei da bomba. Agora eu só tinha quatro minutos. *Ainda tenho que escapar.*

Eu me inclinei para frente e joguei a bomba. Foi um lançamento muito débil. Claro. Mas ela caiu no primeiro degrau e, em seguida, felizmente para todos nós, tombou e rolou escada abaixo. Na parte inferior da escada ela bateu em algo que fez *bong*. Aquilo não pareceu certo. Eu cambaleei para frente mais um passo e olhei para baixo.

O fogo tinha crescido um pouco, mas isso significava que a fumaça não era tão espessa. Eu podia ver um grande buraco onde a plataforma acarpetada tinha estado. A primeira bomba tinha arrancado o convés, e abaixo dele havia algo de metal, algo que fazia *bong* quando você deixava cair uma bomba grande sobre

ele. Eu pisquei estupidamente por um momento, balançando um pouco. Então eu pensei, *tanque de combustível?* Deve ser. Os reservatórios de combustível fariam *bong*, e depois *buuum!* Bingo. *Muito bom, Dexter. Muito, muito bom.*

Fiquei ali me felicitando, e então eu pensei, *por que ficar comemorando em pé? Eu vou sentar aqui, relaxar e celebrar com mais prazer.*

E sentei. Não de forma tão graciosa como eu teria gostado. Foi muito rápido e desajeitado, verdade seja dita. Parecia que alguns elementos de controle de Dexter estavam desligados. Pernas bambas, visão indo e voltando, um braço apenas pendurado e outro feito de papelão... Mas eu me sentei, me sentindo satisfeito. Eu não tinha me machucado. E eu tinha colocado a bomba no tanque de combustível. Etapas um e dois concluídas. Bom trabalho, Dexter. Nada mau para um cabeçudo incompetente. Mas e o passo número três, *Oh, Rei da Escuridão.*

Três. É verdade. A etapa três envolvia ir a algum lugar, não é? Eu esperava que fosse um lugar mais iluminado do que aqui. Estava ficando muito escuro aqui, e ainda mais frio! Por que isso? Por que eu tenho que me sentar aqui em um lugar frio e com esta coisa vermelha nojenta em cima de mim? Eu podia sentir aquilo debaixo de mim também, uma espécie de meleca frígida que não me agradava em nada. Por que isso me lembrava de algo muito ruim? Quando tinha sentido tanto frio e estive coberto com algo vermelho pegajoso antes? Por que parecia como...

*A mamãe estava logo ali. Eu podia ver o rosto dela lá e ela estava, de algum modo, se escondendo e espreitando por cima das... coisas... apenas o rosto dela aparecendo, ela sem piscar, sem piscar mesmo, o rosto imóvel. E mesmo quando eu a chamei realmente alto, ela não respondeu...*

— Mamãe — falei. Eu não podia ouvir, mas eu senti a palavra em meus lábios.

Por que eu pensei na mamãe agora? Por que aqui, neste barco bilionário detonado e prestes a fazer “*Buum*”? Por que pensar na minha mãe, que eu não tinha nem conhecido, exceto por vê-la ali imóvel, e ela não tinha sequer me respondido ainda...

*Agora que eu a vi. Por que ela não pisca? Faça algum sinal de que me ouviu, que tudo isso era um truque, e em breve iria se levantar e sair daqui e ir para casa e estar com Biney. Mas a mamãe não fez nada disso, como se ela não estivesse lá,*

*e sem a mamãe eu estaria sozinho, sentado aqui nesta profunda poça de material desagradável, horrível, molhado, pegajoso e vermelho e eu não queria sentar aqui, não queria sentar naquilo, não aqui no tapete, de novo não, não esperar e esperar no frio pegajoso horrível até que finalmente a porta se abrisse e Harry iria entrar e me levantar e me levar embora e toda a coisa começaria novamente em seu ciclo interminável do desmiolado, sem pistas e sem esperanças Sombrio Dexter. Drogado Danado sangue sangue SANGUE...*

De novo não.

Abri os olhos. Eu ainda estava sentado no tapete molhado e destruído. E eu não queria estar, não apenas sentado, não aqui na poça profunda, pegajosa e molhada enquanto silenciosamente, em algum lugar perto, o temporizador funcionava...

Levanta. Levanta. Eu tinha que me levantar, sair dessa... e dessa vez eu não iria esperar por Harry. Gostaria de levantar e sair dessa sozinho. Fazer tudo diferente, melhor, à minha maneira, talvez assim, desta vez, a coisa não iria dar em merda. Desta vez tudo seria diferente, melhor, mais esperto, se eu pudesse me levantar, me afastar daquele lugar frio e ir para casa, onde as coisas eram melhores, mais bonitas, mais quentes, mais claras...

De alguma forma eu me levantei, balancei e tudo ficou muito claro. Então eu pensei: *Quanto tempo resta? Quanto tempo até o big bang?* Não poderia ser muito mais. Eu tinha que me apressar.

Mas a pressa não estava no menu, não esta noite, não no Delicioso Jantar de Dexter para os Descerebrados e os Sombrios. Eu tentei, mas realmente não parecia ser capaz de fazer mais do que ficar em pé e cambalear lentamente.

Andei pé ante pé fazendo meu caminho para o lado da sala e fui tropeçando em direção à porta, deslizando ao longo das paredes e janelas e móveis e ouvindo um terrível tique-taque insistente e suave do temporizador na minha cabeça, e finalmente sentindo a maçaneta da porta na minha mão, a maçaneta terrivelmente dura e impossível de girar. E de alguma forma, tão devagar, tão impossivelmente com dedos duros, eu a abri e senti a brisa da noite, agora frígida, no meu rosto, como uma explosão de vento frio punitivo, tão forte que eu quase fui para trás e tive que encostar ambos os braços na parede e de novo arquitetar meu caminho para fora dali. Em seguida, virei do canto para a balastrada, e me esgueirei por cima. Sei que peguei o caminho errado, indo pelo

lado em vez de ir diretamente de volta para o meu barco, mas não havia nada para me apoiar naquele caminho e eu precisava me apoiar. E então eu olhei para frente, olhei para trás. Procuo pelo meu barco e por Deborah e eu não a vejo.

Tento me virar para olhar para trás, mas não consigo. Minha cabeça gira e estou olhando para cima. Flutuando acima de mim está um brilho muito bem-vindo. Ai está. A última amiga de Dexter, o último familiar, a última cara conhecida. A Velha Dona Lua, que veio observar e sussurrar sons prateados, a música da Alegria Sombria, a trilha sonora da Vida de Dexter, a bela sinfonia das trevas que me segue em todas as minhas noites de necessidade, que me ilumina agora com seus raios suaves e urgentes como sempre fizera antes, cantando palavras doces para o iminente corta-corta...

Mas nesta noite está diferente. Notas diferentes e um coro que eu nunca tinha ouvido, aumentando sob a luz suave e brilhante de seu sorriso sábio e distante. Não tão distante agora, não esta noite. Está mais perto do que nunca. Muito mais perto, e cantando um novo refrão, não de encorajamento, mas de boas-vindas, me chamando em harmonias doces e claras: *Venha para casa, Querido Dexter, venha para casa...*

A bela canção prateada é abalada por um barulho horrível, um som mecânico e seco, cortando o efeito daquela melodia doce e acolhedora, e que de tão alto até eu posso ouvi-lo, e até mesmo na minha cabeça a meio caminho de casa eu sei o que é: uma buzina de barco. A buzina do *meu* barco. E num *insight* maravilhoso, eu percebo o que aquilo significa, Deborah está me chamando, me puxando para longe das acolhedoras e belas boas-vindas da escuridão prateada, tentando me trazer de volta para uma casa muito diferente...

Mas não. Casa não, não agora. Não, se eu não me mexer. A bomba, o barco... não devo relaxar e ficar apreciando a música errada. Tenho que me endireitar, mas não consigo. E ouço a buzina de novo e o terrível *tick-tick* macio e alto, me dizendo que a qualquer segundo a bola de fogo vai vir e me levantar, e me levar pra longe de tudo e para a escuridão profunda do nada para sempre. Mas eu não estou pronto para isso. Nem mesmo para a Lua cantando sua convocação de mãe. Ainda não, não agora. Não, Dexter. Não. E assim, lentamente, muito além do esforço e da dor, lentamente, eu me endireito. E lentamente, ainda segurando a balastrada, ponho um pé sobre ela e olho pra frente.

Eu posso ver o meu barco balançando tranquilamente ali, a uma distância quase segura e que parece muito longe. Eu olho para baixo. A água escura está ali, com a superfície ondulada pelo vento e zombando do luar. Se eu puder chegar lá, entrar na água, eu posso nadar até o barco e tudo vai ficar bem, e muito lentamente, cuidadosamente, me arrastando como se eu fosse puxado para trás por pesos de chumbo, de alguma maneira eu coloco os dois pés sobre o parapeito e aceno para Debs, e faço um som alto idiota para ela saber que deve vir me buscar e eu sei que ela vai vir porque a família é muito importante. E ela vê que agora eu tenho certeza disso. Então eu caio e mesmo caindo a água parece tão incrivelmente longe... e tão escura, tão profunda e escura...

Em seguida, vejo um quadro deformado e ondulado da Lua com a sua face selvagememente feliz que se transforma em mim, apressando-se para mim, e me despedaço sem som em um milhão de pedaços quebrados vermelhos e brilhantes do brilho da Lua que, lentamente, dobra seus feixes ao meu redor, enquanto eu caio por entre as centelhas de luz-escuro-luz, até que o último lampejo frio e prateado se vá, dando lugar às trevas. E agora há uma paz fria e reconfortante de um começar de novo, e sou recebido pelas boas-vindas do lado escuro da Lua, envolto pelo maravilhoso coro do silêncio... Sinto que estou em casa novamente, enquanto deslizo para baixo, para o belo silêncio sombrio da fria e acolhedora Lua-Mãe, finalmente...

<sup>1</sup> Expressão de tédio. (N.P.)

<sup>1</sup> Lixo, em espanhol. (N.T.)

<sup>1</sup> Sistema de ônibus elétricos elevados de Miami. (N. T.)

<sup>1</sup> *Mensa International*, associação que só aceita pessoas dotadas de um QI muito alto. (N. T.)

<sup>2</sup> Banana frita. (N. E.)

<sup>3</sup> Na sequência, sanduíche de presunto, queijo, carne de porco e pickles; prato feito com carne cozida, arroz e feijão; bisteca frita servida com feijão preto e arroz; milk-shake de mamey, fruto típico da América Central. (N. E.)

<sup>1</sup> *Afila de conga* é uma das maneiras de se dançar o típico ritmo cubano, no qual as pessoas se colocam em fila e saem dançando como um trenzinho humano. (N. E.)

<sup>1</sup> Marlin-azul, peixe de mar encontrado na parte subtropical e tropical dos oceanos Atlântico e Pacífico. (N. E.)

<sup>2</sup> Famosa marca de cerveja japonesa. (N. E.)

- <sup>1</sup> Produto químico criado no início do século XX, que, quando em contato com vestígios de sangue humano, provoca uma reação de quimioluminescência. Por essa razão é muito usado em investigações policiais. (N. E.)
- <sup>2</sup> Substância similar ao Luminol, porém mais eficiente. (N. E.)
- <sup>3</sup> Cântico da década de 1920, que se tornou popular em acampamentos religiosos e também no escoteirismo. (N. P.)

<sup>1</sup> Prato preparado com uma massa fina de milho (assada ou frita), enrolada e recheada de carne, frango ou peru e temperada com molho picante. (N.E.)

<sup>1</sup> Agência de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos, subordinada ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos. (N. E.)

<sup>2</sup> Departamento de Polícia da Flórida (N. E.)

<sup>1</sup> Apesar do nome, é uma torta típica dos Estados Unidos, preparada com musse de chocolate e creme chantilly. (N. E.)

<sup>1</sup> *Bong* é um tipo de cachimbo de água usado, na maioria das vezes, para se fumar maconha. (N. E.)

<sup>1</sup> Linha de fortalezas construída pela França, após a Primeira Guerra Mundial, ao longo de sua fronteira com a Alemanha. (N. P.)

<sup>2</sup> Trecho da tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare. (N. E.)

<sup>1</sup> Pássaro já extinto, que não podia voar. (N. P.)

Depois de sete livros, a saga do analista forense da Polícia de Miami, Dexter Morgan, chega ao fim. E a última história desse *serial killer* que só mata os bandidos – nunca os mocinhos – não começa nada bem. Ele está preso sob as acusações de duplo assassinato, incluindo o de sua mulher, Rita, e de pedofilia – crimes que, por incrível que pareça, desta vez ele não cometeu.

Para piorar o cenário catastrófico no qual se encontra o justiceiro, Dexter perde a guarda dos filhos, e sua irmã, a policial Deborah, que sempre o socorreu, rompe definitivamente com ele.

Só lhe resta contar com a ajuda de seu irmão, Brian, um sociopata como ele. Sob os cuidados de um ardiloso e competente advogado, Dexter consegue sair da cadeia. Finalmente livre, resolve investigar as mortes – como sempre, por conta própria.

Mas tudo se complica quando ele encontra dois corpos em seu quarto de hotel e percebe que alguém o persegue com um único propósito: matá-lo.



© HILARY HEMINGWAY

**JEFF LINDSAY** nasceu na ensolarada Miami e ficou conhecido no mundo inteiro como o criador do *serial killer* Dexter Morgan, protagonista de oito livros e da série homônima de TV que teve oito temporadas. Lindsay vive na Flórida com a mulher e os filhos.

**WWW.FACEBOOK.COM/JEFFLINDSAYAUTHOR**



PlanetaLivrosBR



planetadelivrosbrasil



PlanetadeLivrosBrasil



planetadelivros.com.br

O mundo de Dexter Morgan, o *serial killer* mais amado da literatura e da TV, está ruindo. Ele perdeu tudo: a mulher, os filhos e a lealdade da policial Deborah Morgan, sua irmã mais velha.

Acusado de crimes que, ironicamente, não cometeu, o analista forense da Polícia de Miami está preso. Para se livrar das grades e limpar sua ficha policial, ele terá a ajuda de Brian, seu irmão, que contrata um competente advogado para tirá-lo da cadeia.

No entanto, livre para investigar o que andam tramando contra ele, Dexter se mete em confusões mais complexas e que podem custar-lhe a vida.

Neste oitavo e último livro da cultuada saga do justiceiro – que inspirou a série de TV homônima –, a tensão e o suspense não dão descanso. Nem a morte.

Terá Jeff Lindsay a coragem de matar seu mais promissor e querido personagem? Abra este livro e descubra.

Leia a série completa:

**DEXTER – A MÃO ESQUERDA DE DEUS**

**QUERIDO E DEVOTADO DEXTER**

**DEXTER NO ESCURO**

**DEXTER – DESIGN DE UM ASSASSINO**

**DEXTER É DELICIOSO**

**DUPLO DEXTER**

**DEXTER EM CENA**

